



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA

Alice Ribeiro Dionizio

A metaforização do coronavírus no periódico Folha de São Paulo:
uma análise cognitiva, construcional e estatística

Florianópolis
2024

Alice Ribeiro Dionizio

A metaforização do coronavírus no periódico Folha de São Paulo:
uma análise cognitiva, construcional e estatística

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em
Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina
como requisito parcial para a obtenção título de Doutora
em Linguística.
Orientador: Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura

Florianópolis
2024

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Dionizio, Alice Ribeiro

A metaforização do coronavírus no periódico Folha de São Paulo : uma análise cognitiva, construcional e estatística / Alice Ribeiro Dionizio ; orientador, Heronides Maurílio de Melo Moura, 2024.

260 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Linguística, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Metáforas. 3. Construções. 4. Linguística de Corpus. 5. Análise Estatística. I. Moura, Heronides Maurílio de Melo. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Alice Ribeiro Dionizio

**A metaforização do coronavírus no periódico Folha de São Paulo:
uma análise cognitiva, construcional e estatística**

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, em 05 de junho de 2024, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Edwiges Maria Morato, Dra.
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Profa. Heliana Ribeiro de Mello, Dra.
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Profa. Morgana Fabiola Cambrussi, Dra.
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

Profa. Rosângela Gabriel, Dra.
Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof. Heronides Maurilio de Melo Moura
Orientador

Florianópolis, 2024.

*Para minha mãe.
Por tudo. Para sempre.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, como não poderia deixar de ser, gostaria de agradecer à minha mãe por todo cuidado e incentivo durante meu percurso escolar e acadêmico. Sem ela, nada disso seria possível. Perdê-la durante o processo de escrita foi uma das coisas mais difíceis que enfrentei até a conclusão deste trabalho. Ainda que ela não esteja mais aqui fisicamente, seu legado vive em mim. Gracias por tudo, mãe!

Gostaria de agradecer também aos meus amigos que estiveram comigo tornando a vida mais leve quando possível. Vocês são a família que eu pude ter a honra de escolher! Gracias pelo acolhimento, amor e parceria!

Agradeço também ao IFSC e às políticas públicas de incentivo à capacitação docente, uma vez que pude realizar metade desta pesquisa afastada integralmente de minhas atividades profissionais.

Gostaria de agradecer também ao meu orientador Heronides por ter me acompanhado desde a escolha do tema até a conclusão deste texto.

E, por fim, agradeço a mim por não desistir, apesar de tudo.

Cuando pierda todas las partidas/ Cuando duerma con la soledad/ Cuando se me cierren las salidas/ Y la noche no me deje en paz/ Cuando sienta miedo del silencio/ Cuando cueste mantenerme en pie/ Cuando se rebelen los recuerdos/ Y me pongan contra la pared/ Resistiré, erguido frente a todo/ Me volveré de hierro para endurecer la piel/ Y aunque los vientos de la vida soplen fuerte/ Soy como el junco que se dobla,/Pero siempre sigue en pie/ Resistiré, para seguir viviendo/ Soportaré los golpes y jamás me rendiré/ Y aunque los sueños se me rompan

en pedazos

¡Resistiré, resistiré!

(Calva; Montoro, 1988)

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa cujo objeto de estudo são as metáforas sobre o coronavírus veiculadas no periódico *Folha de São Paulo* (versão online) em três períodos distintos: 10 de maio a 10 de junho de 2020; 10 de maio a 10 de junho de 2021; e 10 de maio a 10 de junho de 2022. Dessa forma, as hipóteses que guiaram esta investigação foram as seguintes: (i) há uma predominância pela metaforização do coronavírus a partir da personificação no *corpus* MCM, o que resulta em um processo de focalização da agentividade atribuída ao vírus por meio dessas metáforas; (ii) é possível perceber uma preferência pelas construções transitivas nas formulações metafóricas sobre o coronavírus no *corpus* MCM, uma vez que essas são construções muito usuais nas línguas e explicitam as dinâmicas de forças envolvidas nas cenas básicas ilustradas. Nosso objetivo principal era o de investigar o processo de metaforização do coronavírus por meio das construções semântico-sintáticas que compõem o *corpus* MCM, de modo a analisar como essas construções exprimem linguisticamente a experiência e a conceptualização do vírus por meio dessas metáforas. Para a realização do trabalho, contamos com o *background* da Linguística Cognitiva, especificamente a Teoria Conceptual da Metáfora (Lakoff; Johnson, 2003), a perspectiva ecológica sobre a metáfora (Gibbs, 2012) e os estudos sobre a Gramática das Construções (Goldberg, 1992). Além disso, baseamo-nos nos estudos sobre os processos de referenciação e de metaforização de doenças, mais especificamente do coronavírus e da Covid-19 como Moura (2023), Musolff, (2022), Charteris-Black (2021) etc. A metodologia empregada no desenvolvimento desta pesquisa compreende uma análise quali-quantitativa dos dados e pode ser dividida em três momentos principais: (i) construção do *corpus* Metáforas do Coronavírus na Mídia (MCM) por meio de busca ativa das metáforas nos artigos do periódico *Folha de São Paulo* (versão *online*); (ii) categorização das variáveis a serem analisadas; (iii) análise e tratamento estatístico dos dados por meio do AntConc e do RStudio. Os resultados demonstraram que há um padrão bastante marcado no processo de metaforização nos dados, especialmente porque a categoria metafórica mais utilizada para se referir ao coronavírus no *corpus* MCM é a categoria Pessoa e a construção mais utilizada nessas metáforas é a Transitiva.

Palavras-chave: metáforas; construções; MCM; análise estatística.

ABSTRACT

This work presents research whose object of study is the metaphors about the coronavirus published in the newspaper Folha de São Paulo (online version) in three distinct periods: May 10th to June 10th, 2020; May 10 to June 10, 2021; and May 10 to June 10, 2022. (i) there is a predominance of metaphorization of the coronavirus based on personification in the MCM corpus, which results in a process of focusing on the agentivity attributed to the virus through these metaphors; (ii) it is possible to notice a preference for transitive constructions in the metaphorical formulations about the coronavirus in the MCM corpus, since these are very common constructions in languages and explain the dynamics of forces involved in the basic scenes illustrated. Our main objective was to investigate the process of metaphorizing the coronavirus through the semantic-syntactic constructions that make up the MCM corpus, in order to analyze how these constructions linguistically express the experience and conceptualization of the virus through these metaphors. To carry out the work, we relied on the background of Cognitive Linguistics, specifically the Conceptual Theory of Metaphor (Lakoff; Johnson, 2003), the ecological perspective on metaphor (Gibbs, 2012) and studies on Construction Grammar (Goldberg, 1992). Furthermore, we are based on studies on the processes of referencing and metaphorizing diseases, more specifically coronavirus and Covid-19 Moura (2023), Musolff (2022), Charteris-Black (2021) etc. The methodology used in the development of this research comprises a qualitative-quantitative analysis of the data and can be divided into three main moments: (i) construction of the Coronavirus Metaphors in the Media (MCM) corpus through active search for metaphors in articles from the newspaper Folha de São Paulo (online version); (ii) categorization of the variables to be analyzed; (iii) analysis and statistical processing of data using AntConc and RStudio. The results demonstrated that there is a very marked pattern in the metaphorization process in the data, especially because the metaphorical category most used to refer to the coronavirus in the MCM corpus is the Person category and the most used construction in these metaphors is Transitive.

Keywords: metaphors; constructions; MCM; statistical analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Código em PHP utilizado para baixar os arquivos em formato .txt.....	101
Figura 2 – Página do software AntConc com o recurso KWIC após busca pelo termo <coronavírus> nos arquivos de 10 de maio a 10 de junho de 2020	102
Figura 3 – Recurso Collocate com o termo de busca <coronavírus> nos dados de 10 de maio a 10 de junho de 2020	104
Figura 4 – Exemplo de criação de nuvem de palavras relacionadas ao termo <coronavírus> para os dados de 10 de maio a 10 de junho de 2020	105
Figura 5 – Código criado para a conversão do data.frame com os dados de 10 de maio a 10 de junho de 2020 no RStudio	109
Figura 6 – Exemplo de comando para a criação de tabela na análise univariada no RStudio	110
Figura 7 – Resultado do comando de criação de tabela na análise univariada no RStudio....	110
Figura 8 – Exemplo de comando no R Studio para cálculo do Intervalo de Confiança de porcentagens	111
Figura 9 – Fórmula para o cálculo da divergência de Kullback-Leibler	112
Figura 10 – Exemplo de comando adicionado no RStudio para o cálculo da H_{rel} para a variável Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	112
Figura 11 – Exemplo de resultado ao comando para o cálculo da H_{rel} para a variável Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020.....	112
Figura 12 – Equação para calcular o Qui-Quadrado de Pearson.....	113
Figura 13 – Exemplo de comando para o cálculo de Qui-Quadrado de Aderência no RStudio	114
Figura 14 – Exemplo de resultado do Teste Qui-Quadrado de Aderência no RStudio.....	114
Figura 15 – Exemplo de utilização da função <code>chisq.test</code> para o cálculo do Teste Qui-Quadrado de Aderência no RStudio.....	114
Figura 16 – Exemplo de resultado da função <code>chisq.test</code> para o cálculo do Teste Qui-Quadrado de Aderência no RStudio.....	115
Figura 17 – Exemplo de comando no R Studio para a verificação dos valores críticos de qui-quadrado	115
Figura 18 – Exemplo de construção de tabela de contingência no RStudio: variáveis Veículos e Tipos de Construção no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	116
Figura 19 – Resultado fornecido pelo RStudio com a construção da tabela de contingência das variáveis Veículos e Tipos de Construção no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	116
Figura 20 – Teste Qui-Quadrado de Independência com valor-p simulado em 2.000 repetições para as variáveis Veículos e Tipos de Construção no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	118

Figura 21 – Teste Exato de Fisher com valor-p simulado em 2.000 repetições para as variáveis Veículos e Tipos de Construção no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	118
Figura 22 – Resultado fornecido pelo RStudio do Teste Qui-Quadrado de Independência com valor-p simulado em 2.000 repetições para as variáveis Veículos e Tipos de Construção no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	118
Figura 23 – Resultado fornecido pelo RStudio do Teste de Fisher com valor-p simulado em 2.000 repetições para as variáveis Veículos e Tipos de Construção no ano de 2020	118
Figura 24 – Nuvem de palavras relacionadas ao termo <coronavírus> para os dados de 10 de maio a 10 de junho de 2020	128
Figura 25 – Nuvem de palavras relacionadas ao termo <coronavírus> para os dados de 10 de maio a 10 de junho de 2021	128
Figura 26 – Nuvem de palavras relacionadas ao termo <coronavírus> para os dados de 10 de maio a 10 de junho de 2022	129
Figura 27 – Mapa mental que sumariza as relações encontradas na análise univariada	140
Figura 28 – Nuvem de palavras com os dados das sete variáveis analisadas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	162
Figura 29 – Nuvem de palavras com os dados das sete variáveis analisadas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	163
Figura 30 – Nuvem de palavras com os dados das sete variáveis analisadas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	163

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição das frequências absolutas dos termos <pandemia>, <vírus>, <doença> e <covid> nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, 2021 e 2022	122
Gráfico 2 – Distribuição das frequências absolutas dos termos <vacina>, <vacinas>, <vacinação>, <imunizante>, <imunizantes> e <imunização> nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, 2021 e 2022.....	124
Gráfico 3 – Frequências dos níveis da variável Categorias Metafóricas nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, de 2021 e de 2022	131
Gráfico 4 – Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Tipos de Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	142
Gráfico 5 – Frequências dos níveis da Variável 2 - Veículos nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, de 2021 e de 2022	228
Gráfico 6 – Frequências dos níveis da Variável 3 - Tipos de Construções nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, de 2021 e de 2022.....	228
Gráfico 7 – Frequências dos níveis da Variável 4 - Classificação das Construções nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, de 2021 e de 2022	229
Gráfico 8 – Frequências dos níveis da Variável 5 - Papéis Temáticos nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, de 2021 e de 2022	229
Gráfico 9 – Frequências dos níveis da Variável 6 - Funções Sintáticas nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, de 2021 e de 2022	230
Gráfico 10 – Frequências dos níveis da Variável 7 - Categorias do Jornal nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, de 2021 e de 2022.....	230
Gráfico 11 – Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Tipos de Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	231
Gráfico 12 - Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Tipos de Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	231
Gráfico 13 - Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Classificação das Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020.....	232
Gráfico 14 – Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Classificação das Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	232
Gráfico 15 – Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Classificação das Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	233
Gráfico 16 – Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	233
Gráfico 17 – Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	234

Gráfico 18 – Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	234
Gráfico 19 - Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	235
Gráfico 20 – Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	235
Gráfico 21 – Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	236
Gráfico 22 – Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	236
Gráfico 23 – Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	237
Gráfico 24 – Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	237
Gráfico 25 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Classificação das Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	238
Gráfico 26 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Classificação das Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	238
Gráfico 27 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Classificação das Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	239
Gráfico 28 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	239
Gráfico 29 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	240
Gráfico 30 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	240
Gráfico 31 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	241
Gráfico 32 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	241
Gráfico 33 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	242
Gráfico 34 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	242
Gráfico 35 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	243
Gráfico 36 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	243

Gráfico 37 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	244
Gráfico 38 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	244
Gráfico 39 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	245
Gráfico 40 – Frequências dos níveis das variáveis Classificação das Construções e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	245
Gráfico 41 – Frequências dos níveis das variáveis Classificação das Construções e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	246
Gráfico 42 – Frequências dos níveis das variáveis Classificação das Construções e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	246
Gráfico 43 – Frequências dos níveis das variáveis Classificação das Construções e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	247
Gráfico 44 – Frequências dos níveis das variáveis Classificação das Construções e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	247
Gráfico 45 – Frequências dos níveis das variáveis Classificação das Construções e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	248
Gráfico 46 – Frequências dos níveis das variáveis Classificação das Construções e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	248
Gráfico 47 – Frequências dos níveis das variáveis Classificação das Construções e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	249
Gráfico 48 – Frequências dos níveis das variáveis Classificação das Construções e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	249
Gráfico 49 – Frequências dos níveis das variáveis Classificação das Construções e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	250
Gráfico 50 – Frequências dos níveis das variáveis Classificação das Construções e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	250
Gráfico 51 – Frequências dos níveis das variáveis Classificação das Construções e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	251
Gráfico 52 – Frequências dos níveis das variáveis Papéis Temáticos e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	251
Gráfico 53 – Frequências dos níveis das variáveis Papéis Temáticos e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	252
Gráfico 54 – Frequências dos níveis das variáveis Papéis Temáticos e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	252
Gráfico 55 – Frequências dos níveis das variáveis Papéis Temáticos e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	253

Gráfico 56 – Frequências dos níveis das variáveis Papéis Temáticos e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	253
Gráfico 57 – Frequências dos níveis das variáveis Papéis Temáticos e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	254
Gráfico 58 – Frequências dos níveis das variáveis Papéis Temáticos e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	254
Gráfico 59 – Frequências dos níveis das variáveis Papéis Temáticos e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	255
Gráfico 60 – Frequências dos níveis das variáveis Papéis Temáticos e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	255
Gráfico 61 – Frequências dos níveis das variáveis Funções Sintáticas e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	256
Gráfico 62 – Frequências dos níveis das variáveis Funções Sintáticas e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	256
Gráfico 63 – Frequências dos níveis das variáveis Funções Sintáticas e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	257
Gráfico 64 – Frequências dos níveis das variáveis Funções Sintáticas e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	257
Gráfico 65 – Frequências dos níveis das variáveis Funções Sintáticas e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	258
Gráfico 66 – Frequências dos níveis das variáveis Funções Sintáticas e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	258
Gráfico 67 – Frequências dos níveis das variáveis Categorias Metafóricas e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	259
Gráfico 68 – Frequências dos níveis das variáveis Categorias Metafóricas e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	259
Gráfico 69 – Frequências dos níveis das variáveis Categorias Metafóricas e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	260

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Exemplos de diáteses propostas por Perini (2008).....	78
Quadro 2 – Categorias e veículos das metáforas do coronavírus no MCM no ano de 2020....	95
Quadro 4 – Resumo valores do Teste Qui-Quadrado de Independência nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, de 2021 e de 2022 organizados por cores de classificação	150
Quadro 5 – Escala de significância dos cruzamentos bivariados com o Teste Qui-Quadrado de Independência.....	153
Quadro 6 – Resumo valores do Teste Qui-Quadrado de Independência nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, de 2021 e de 2022 organizados por cores de classificação	156
Quadro 7 – Escala de significância dos cruzamentos bivariados com o Teste Exato de Fisher	157
Quadro 8 – Esquema com as categorias mais repetidas nas sete variáveis analisadas, organizadas por períodos de análise, ou seja, 10 de maio a 10 de junho de 2020, de 2021 e de 2022	159
Quadro 9 – Ordem de frequência dos níveis de cada variável nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, de 2021 e de 2022	160

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Exemplo de apresentação tabular de variável em análise univariada.....	111
Tabela 2 – Distribuição de frequências absolutas dos termos <pandemia>, <vírus>, <doença> e <covid> e relação percentual nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, 2021 e 2022	122
Tabela 3 – Distribuição das frequências absolutas dos termos <vacina>, <vacinas>, <vacinação>, <imunizante>, <imunizantes> e <imunização> e da relação percentual nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, 2021 e 2022.....	124
Tabela 4 – Ferramenta Collocate no AntConc para dados do termo <coronavírus> no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	126
Tabela 5 – Distribuição de frequências e intervalo de confiança da Variável 1 – Categorias Metafóricas nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, 2021 e 2022.....	130
Tabela 6 – Distribuição de frequências e intervalo de confiança da Variável 2 – Veículos nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, 2021 e 2022.....	132
Tabela 7 – Distribuição de frequências e intervalo de confiança da Variável 3 – Tipos de Construções nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, 2021 e 2022	134
Tabela 8 – Distribuição de frequências e intervalo de confiança da Variável 4 – Classificação das Construções nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, 2021 e 2022.....	135
Tabela 9 – Distribuição de frequências e intervalo de confiança da Variável 5 – Papéis Temáticos nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, 2021 e 2022	136
Tabela 10 – Distribuição de frequências e intervalo de confiança da Variável 7 – Funções Sintáticas nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, 2021 e 2022.....	137
Tabela 11 – Distribuição de frequências e intervalo de confiança da Variável 7 – Categorias de Jornal nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, 2021 e 2022	138
Tabela 12 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Tipos de Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	141
Tabela 13 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Classificação das Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020.....	143
Tabela 14 – Resumo dos dados da Análise Bivariada nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, de 2021 e de 2022	149
Tabela 15 – Resumo do Teste Exato de Fisher na análise Bivariada para os períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, de 2021 e de 2022	154
Tabela 16 – Ferramenta Collocate no AntConc para os 100 primeiros elementos no entorno do termo <coronavírus> no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	190
Tabela 17 – Ferramenta Collocate no AntConc para todos os elementos no entorno do termo <coronavírus> no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021.....	193

Tabela 18 – Ferramenta Collocate no AntConc com todos os elementos no entorno do termo <coronavírus> no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022.....	194
Tabela 19 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Tipos de Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	196
Tabela 20 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Tipos de Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	197
Tabela 21 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Tipos de Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	197
Tabela 22 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Classificação das Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020.....	198
Tabela 23 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Classificação das Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021.....	199
Tabela 24 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Classificação das Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022.....	199
Tabela 25 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020.....	200
Tabela 26 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	201
Tabela 27 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022.....	202
Tabela 28 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	202
Tabela 29 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	203
Tabela 30 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	204
Tabela 31 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	204
Tabela 32 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	205
Tabela 33 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	206
Tabela 34 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Classificação das Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	207
Tabela 35 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Classificação das Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	207

Tabela 36 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Classificação das Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	208
Tabela 37 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	208
Tabela 38 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	208
Tabela 39 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	209
Tabela 40 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020.....	209
Tabela 41 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021.....	210
Tabela 42 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022.....	210
Tabela 43 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020.....	211
Tabela 44 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021.....	211
Tabela 45 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022.....	211
Tabela 46 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	212
Tabela 47 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	212
Tabela 48 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	213
Tabela 49 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Classificação das Construções e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	213
Tabela 50 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Classificação das Construções e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	214
Tabela 51 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Classificação das Construções e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	214
Tabela 52 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Classificação das Construções e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	215
Tabela 53 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Classificação das Construções e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	215

Tabela 54 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Classificação das Construções e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	216
Tabela 55 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Classificação das Construções e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020 ...	216
Tabela 56 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Classificação das Construções e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021 ...	217
Tabela 57 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Classificação das Construções e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022 ...	217
Tabela 58 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Classificação das Construções e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	217
Tabela 59 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Classificação das Construções e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	218
Tabela 60 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Classificação das Construções e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	218
Tabela 61 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Papéis Temáticos e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020.....	219
Tabela 62 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Papéis Temáticos e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021.....	219
Tabela 63 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Papéis Temáticos e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022.....	220
Tabela 64 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Papéis Temáticos e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020.....	220
Tabela 65 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Papéis Temáticos e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021.....	220
Tabela 66 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Papéis Temáticos e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022.....	221
Tabela 67 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Papéis Temáticos e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	221
Tabela 68 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Papéis Temáticos e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	222
Tabela 69 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Papéis Temáticos e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	222
Tabela 70 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Funções Sintáticas e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020.....	222

Tabela 71 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Funções Sintáticas e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	223
Tabela 72 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Funções Sintáticas e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022.....	223
Tabela 73 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Funções Sintáticas e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	224
Tabela 74 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Funções Sintáticas e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	225
Tabela 75 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Funções Sintáticas e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	225
Tabela 76 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Categorias Metafóricas e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020	226
Tabela 77 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Categorias Metafóricas e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021	226
Tabela 78 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Categorias Metafóricas e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022	227

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	24
1.1 PERGUNTAS DE PESQUISA	27
1.2 HIPÓTESES	27
1.3 OBJETIVOS	27
1.3.1 Objetivo Geral:	27
1.3.2 Objetivos específicos:	27
1.4 COMO A TESE ESTÁ ORGANIZADA	28
2 “CRESCER O ‘BOLSONAVÍRUS’, E APOSTAR NO TUMULTO NÃO É UMA GRIPEZINHA”: UMA REFLEXÃO SOBRE PANDEMIA, NECROPOLÍTICA E BOLSONARISMO	30
2.1 “ALGUNS VÃO MORRER? VÃO, UÉ, LAMENTO. ESSA É A VIDA”: NECROPOLÍTICA À BRASILEIRA E A GESTÃO SOBRE A MORTE E O MORRER NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19	30
2.2 NEGACIONISMO COMO UM SUPORTE IDEOLÓGICO AO BOLSONARISMO	43
2.3 FECHANDO O CAPÍTULO	55
3 REFERENCIAL TEÓRICO	56
3.1 OS ESTUDOS SOBRE A METÁFORA	56
3.1.1 A perspectiva conceptual	57
3.1.2 A perspectiva ecológica	65
3.2 A GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES	73
3.3 A METAFORIZAÇÃO DE DOENÇAS ENDÊMICAS COMO PADRÃO LINGÜÍSTICO DE REFERENCIAÇÃO	82
3.4 FECHANDO O CAPÍTULO	98
4 METODOLOGIA	100
4.1 ANTCONC	100
4.2 GOOGLE PLANILHAS (GOOGLE SHEETS)	105
4.3 R	107
4.3.1 Criação de data.frames no R	108
4.3.1 Análise Univariada e Teste Qui-Quadrado de Aderência	109
4.3.2 Análise Bivariada (Teste Qui-Quadrado de Independência e Teste Exato de Fisher)	116
4.4 FECHANDO O CAPÍTULO	119
5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	120
5.1 ANÁLISE DOS DADOS A PARTIR DO SOFTWARE ANTCONC	120

5.1.1 Análises de frequências de <i>hits</i> nos períodos de 10 de maio de 2020, 2021 e 2022	120
5.1.2 As nuvens de palavras com o termo <coronavírus>	126
5.2 ANÁLISE UNIVARIADA NO R	130
5.3 ANÁLISE BIVARIADA NO R	140
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	179
REFERÊNCIAS	183
APÊNDICE A - TABELAS GERADAS PELO ANTCONC	190
APÊNDICE B - DEMAIS TABELAS	196
APÊNDICE C - DEMAIS GRÁFICOS	228

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um estudo sobre as metáforas do coronavírus no periódico *Folha de São Paulo* (versão *online* - www.uol.com.br). A relevância desta investigação está relacionada à emergência pandêmica da Covid-19, a qual reformulou muitas das formas de organização da vida em sociedade, inclusive dentro do escopo linguístico. Dessa forma, foi possível observar empregos de termos e de construções sintáticas novas (como o adjetivo “quarentener” e a construção “testei positivo”), o que revela as particularidades no falar sobre a pandemia. No campo das metáforas não é diferente: a partir da emergência do novo coronavírus, muitas metáforas passam a ser usadas de maneira a explicitar as novas relações estabelecidas entre os falantes e a realidade que é transformada pela situação pandêmica. Essa expansão metafórica para a referência a novas doenças é bastante recorrente na história da humanidade, o que reflete as múltiplas formas de conceptualizar a experiência da relação entre os falantes e o mundo.

As metáforas despertam o interesse dos pesquisadores há tempos e em diferentes áreas de estudo. Como consequência, é possível observar essa disposição em estudar o fenômeno da metaforização também nos estudos em Linguística Cognitiva, sendo que os pioneiros na proposição relacional entre as metáforas e o sistema conceptual humano foram Lakoff e Johnson (2003), os quais ficaram conhecidos por proporem a Teoria Conceptual da Metáfora. A partir disso, muitas investigações buscam compreender como as metáforas estão relacionadas com o nosso sistema conceptual primário e como refletem nossas formas de experienciar e de conceptualizar diferentes situações e conceitos. No que se refere à pandemia de Covid-19, esse interesse também se faz presente.

Como as metáforas tendem a ser usadas para referenciar temas *hot*, ou melhor, temas que despertam a atenção e sobre os quais as pessoas desejam falar (como amor, sexo e doenças), o coronavírus, a Covid-19 e, de modo mais geral, a pandemia, foram muito metaforizados mundo afora. Essa situação já era esperada, uma vez que com as doenças endêmicas há um histórico amplo de metaforização que já conhecemos e sobre o qual já muito se discutiu (Sontag, 2007), (Nerlich; Halliday, 2007), (Nerlich; Koteyko, 2012) entre outros.

Nosso objeto de estudo, portanto, diz respeito às metáforas do coronavírus veiculadas no jornal *Folha de São Paulo* (versão *online*) em três períodos distintos, a saber: 10 de maio a 10 de junho de 2020, 10 de maio a 10 de junho de 2021 e 10 de maio a 10 de junho de 2022. Como forma de estabelecer um recorte mais direcionado, escolhemos nove categorias do jornal que publicam diferentes gêneros textuais e sob diferentes autorias. Essa escolha teve como

objetivo diversificar o *corpus* a ser construído, uma vez que os textos que compõem essas categorias são escritos por pessoas que possuem diferentes formações acadêmicas, posicionamentos políticos e visões de mundo. Além disso, dentro dessas categorias, visualizamos muitas citações diretas de outras personalidades, como políticos, economistas, artistas etc., o que reforça ainda mais o aspecto da língua em uso (Bybee, 2016). Dessa forma, as categorias do jornal escolhidas foram: Colunistas, Cotidiano, Equilíbrio e Saúde, Ilustrada, Ilustríssima, Mercado, Mundo, Opinião e Poder.

Importante mencionar ainda que, por questões metodológicas a serem descritas posteriormente, a busca inicial pelos artigos dentro das categorias analisadas nos períodos descritos se deu a partir do termo <coronavírus>, ou seja, selecionamos apenas os artigos que fizessem parte das categorias escolhidas dentro dos períodos analisados e que mencionassem pelo menos uma vez o termo <coronavírus> de maneira explícita. Como resultado, encontramos 2.228 artigos em 2020, 726 em 2021 e 241 em 2022, os quais compõem o *corpus* que nomeamos **Metáforas do Coronavírus da Mídia** (ou MCM, link de acesso: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/128jbtVOlr6Kr84Xel6Tg3VZKmRFdZypw/edit?usp=sharing&ouid=113985886457257000360&rtpof=true&sd=true>).

As sentenças contidas em (1) e (2), a seguir, são exemplos de metáforas que fazem parte de nosso *corpus*:

- (1) **O inimigo da economia não é a quarentena, é o vírus, o coronavírus**, a pandemia que é inimiga da economia, não a quarentena”, reforçou o governador (FSP, Cotidiano, 11/05/2020).
- (2) Os governadores, de seu lado, tomaram a si a tarefa de **proteger do coronavírus a população** que a ignorância e a incompetência do presidente deixaram ao deus-dará (FSP, Colunistas, 10/06/2020).

No caso de (1), o coronavírus é metaforizado como um inimigo. Contudo, é interessante observar como essa relação conflituosa não se dá no campo individual apenas, pois o coronavírus é metaforizado como um inimigo da economia. Esse aspecto é bastante reforçado em nossos dados, de modo que concordamos com Moura (2023) ao defender que essas metáforas bélicas que colocam o vírus nessa posição de “bandido” serviram, especialmente no início da pandemia, para chamar a atenção da população para a necessidade de uma postura pró-coletividade. A sentença contida em (2) segue o mesmo padrão, ou seja, coloca o coronavírus como um ser de quem a população deve ser protegida, especialmente pelos governadores.

A gestão política em meio a uma pandemia envolve inúmeros desafios para aqueles que ocupam cargos no governo, especialmente no campo legislativo e executivo. No caso do executivo federal, por exemplo, não houve nenhum planejamento claro e coeso em prol do cuidado com as pessoas (Teixeira; Silva, 2022), (Moura, 2023), o que repercutiu em uma prática necropolítica do “deixar morrer” (Mbembe, 2018), (Souza, 2021). Dessa forma, o processo de metaforização do coronavírus emerge em um contexto de muita insegurança política e de medo.

Além dessa padronização por meio das metáforas bélicas, o coronavírus é metaforizado como pessoa por meio de outros veículos, como Viajante, Aliado Político, Conductor/Motorista etc. Além disso, o *frame* Força da Natureza também se fez presente em nossos dados, conforme podemos observar nas sentenças (3) e (4), apresentadas abaixo:

(3) No encontro com os jornalistas, **Queiroga negou ver a possibilidade, neste momento, de uma terceira onda do coronavírus**. A declaração ocorre em um momento em que alertas divulgados pela Fiocruz apontam que estados que até então vinham tendo queda de casos já apresentam tendência de reversão ou aumento nos registros (FSP, Equilíbrio e Saúde, 21/05/2021).

(4) Há quem se preocupe que a decisão possa fazer do evento um **grande espalhador de coronavírus**, como acreditam que o Bafta, em Londres, foi para a indústria audiovisual há dois meses, mas o clima ensolarado na Riviera já parece ter abolido as máscaras, artigo que, como o álcool em gel, entrou em extinção nas ruas de cidades como Cannes e Nice. Comprovantes de vacina ou testes tampouco serão obrigatórios agora (FSP, Ilustrada, 16/05/2022).

Na sentença contida em (3), o coronavírus é metaforizado como uma onda, metáfora muito utilizada pela mídia para indicar que novas infecções poderiam acontecer. Dessa forma, enfoca-se o alto poder de “destruição” do vírus e sua característica de ser “imparável”, assim como as ondas do mar. O exemplo apresentado em (4), por sua vez, apresenta o coronavírus como uma “substância” que pode ser “espalhada”, indicando, mais uma vez, uma ideia de mobilidade. Dessa forma, o patógeno pode ser contido (como na metáfora do contêiner) e pode ser espalhado, jogado para fora, para outros locais.

Como forma de indicar ao leitor os caminhos trilhados nesta investigação, apresentamos a seguir as perguntas que orientaram a construção do trabalho, os objetivos a serem desenvolvidos e a organização da tese, de modo a situá-lo acerca do que encontrará nas próximas páginas.

1.1 PERGUNTAS DE PESQUISA

- (i) Considerando os processos conceituais, cognitivos, experienciais e sociais que envolvem a formulação e a interpretação das metáforas, quais são os processos de metaforização mais proeminentes acerca do coronavírus no *corpus* Metáforas do Coronavírus na Mídia?
- (ii) Tendo em vista que a metáfora é um fenômeno cognitivo, cultural, social e linguístico, quais são as construções gramaticais mais proeminentes nas metáforas sobre o coronavírus no *corpus* Metáforas do Coronavírus na Mídia?

1.2 HIPÓTESES

- (i) Há uma predominância pela metaforização do coronavírus a partir da personificação no *corpus* MCM, o que resulta em um processo de focalização da agentividade atribuída ao vírus por meio dessas metáforas.
- (ii) É possível perceber uma preferência pelas construções transitivas nas formulações metafóricas sobre o coronavírus no *corpus* MCM, uma vez que essas são construções muito usuais nas línguas e explicitam as dinâmicas de forças envolvidas nas cenas básicas ilustradas.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral:

Investigar o processo de metaforização do coronavírus por meio das construções semântico-sintáticas que compõem o *corpus* MCM, de modo a analisar como essas construções exprimem linguisticamente a experiência e a conceptualização do vírus por meio dessas metáforas.

1.3.2 Objetivos específicos:

- (i) Refletir sobre os aspectos políticos e sociais que estiveram presentes durante a pandemia de Covid-19 no Brasil, de modo a relacionar esse contexto à metaforização do coronavírus.
- (ii) Construir um *corpus* com as metáforas sobre o coronavírus encontradas no jornal *Folha de São Paulo* (versão *online*) em três períodos distintos: 10 de maio a 10 de junho de 2020, 10 de maio a 10 de junho de 2021 e 10 de maio a 10 de junho de 2022.
- (iii) Analisar o comportamento de determinados *hits* presentes no *corpus* por meio do software livre AntConc, examinando dados de frequência, efeito, probabilidade etc.
- (iv) Fornecer um tratamento quantitativo e estatístico das variáveis analisadas no trabalho por meio do RStudio, especialmente por meio dos testes de significância (Qui-Quadrado e Teste Exato de Fisher).
- (v) Compreender os padrões mais proeminentes nas metáforas analisadas, especialmente quanto à categoria metafórica acionada por meio dos veículos, o tipo de construção utilizada para compor linguisticamente a metáfora, o papel temático e a função sintática ocupada pelo termo <coronavírus>.

1.4 COMO A TESE ESTÁ ORGANIZADA

Além desta Introdução, que teve como objetivo apresentar ao leitor uma reflexão inicial sobre o objeto de estudo, bem como os objetivos, perguntas de pesquisa e hipóteses, esta tese possui mais quatro capítulos desenvolvidos com diferentes objetivos. O capítulo 2 – “*Cresce o ‘Bolsonavírus’, e aposta no tumulto não é uma gripezinha*”: uma reflexão sobre pandemia, necropolítica e bolsonarismo –, por exemplo, apresenta uma discussão acerca da gestão sobre a pandemia de Covid-19 no Brasil, uma vez que a falta de organização por parte do governo gerou na população um sentimento de insegurança, o que pode justificar as escolhas por certos *frames* metafóricos, como é o caso das metáforas que personificam o coronavírus ora como um Causador de uma Guerra, ora como um Inimigo/Bandido, ora como uma Força da Natureza (um Desastre Natural), casos que enfocam o poder “devastador” do vírus.

Já o capítulo 3, *Referencial Teórico*, apresenta a base teórica que embasa esta investigação e algumas discussões acerca da relação entre metáforas e doenças. Inicialmente, o foco recai no processo de metaforização de outras doenças (como a Febre Aftosa) para, na sequência, abranger os estudos já realizados acerca da metaforização do coronavírus durante a pandemia de Covid-19. Conforme o leitor observará, muitos dos padrões visualizados em

outros países acerca da metaforização do coronavírus também se fazem presentes nas metáforas do MCM, ao mesmo passo que há particularidades no processo de conceptualização observado no Brasil. O capítulo 4, *Metodologia*, trata do percurso metodológico escolhido para desenvolvimento da pesquisa, uma vez que utilizamos alguns softwares que nos ajudaram a desenvolver os objetivos traçados.

As análises quali-quantitativas são apresentadas no capítulo 5, *Descrição e Análise dos Dados*: neste caso, as análises são apresentadas em quatro subseções: (i) análise de *hits* por meio do AntConc; (ii) análise univariada por meio do RStudio; (iii) análise bivariada a partir do RStudio; e (iv) análise qualitativa dos dados, de modo a relacionar os resultados ao referencial teórico abordado no capítulo 3 e aos aspectos sociopolíticos da pandemia de Covid-19 no Brasil abordados no capítulo 2. Finalizamos a tese apresentando as Considerações Finais no capítulo 6.

2 “CRESCER O ‘BOLSONAVÍRUS’, E APOSTA NO TUMULTO NÃO É UMA GRIPEZINHA¹”: UMA REFLEXÃO SOBRE PANDEMIA, NECROPOLÍTICA E BOLSONARISMO

Este capítulo tem como objetivo apresentar ao leitor reflexões acerca da gestão da pandemia de Covid-19 no Brasil e seus desdobramentos políticos, sociais e econômicos. Dessa forma, recorreremos a autores que têm discutido e teorizado sobre conceitos como necropolítica, necropoder e bolsonarismo, de modo a refletir como as ações governamentais funcionaram como práticas necropolíticas durante a crise sanitária da Covid-19. Argumentaremos que as ações do ex-presidente foram orientadas por uma prática necropolítica de “deixar morrer” os que mais precisavam ser preservados, considerando as desigualdades sociais que estruturam o Brasil.

2.1 “ALGUNS VÃO MORRER? VÃO, UÉ, LAMENTO. ESSA É A VIDA²”: NECROPOLÍTICA À BRASILEIRA E A GESTÃO SOBRE A MORTE E O MORRER NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

O conceito de necropolítica, amplamente utilizado no campo teórico das ciências humanas e sociais, foi cunhado primeiramente pelo filósofo camaronês Achille Mbembe, a partir das discussões feitas por Michel Foucault. Dessa forma, Mbembe (2018) relaciona o conceito foucaultiano de biopoder à noção de soberania e a de estado de exceção. Segundo Bertoloni (2018, p. 87), podemos entender o biopoder como “uma técnica de poder que busca criar um estado de vida em determinada população para produzir corpos economicamente ativos e politicamente dóceis”. Em outras palavras, é graças ao biopoder que as pessoas são direcionadas a uma postura de passividade dentro de suas comunidades, de maneira que não haja grandes revoltas nem oposições individuais ou coletivas. Trata-se, portanto, de um direcionamento que indica como as pessoas devem viver suas vidas.

No caso da soberania nacional, segundo Mbembe (2018), a sua expressão máxima é justamente o poder de decidir quem deve morrer e quem pode viver, ou seja, a soberania reside no biopoder e, mais especificamente, no necropoder. Com isso, os cenários de guerra são

¹ Título da coluna de Marcelo Coelho no periódico Folha de São Paulo no dia 26 de maio de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marcelocoelho/2020/05/cresce-o-bolsonavirus-e-nao-e-gripinha.shtml>. Acesso em: 04 abr. 2023.

² Fala do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro em entrevista ao jornalista Datena no dia 27 de março de 2020.

espaços nos quais as ações de matar são exercidas como um direito pelo Estado, o qual tem o necropoder como um direito que lhe é conferido pela própria soberania (Mbembe, 2018).

Contudo, existem outros conceitos de soberania sobre os quais Mbembe (2018) tece críticas, especialmente ao que faz alusão à soberania como mecanismo de produção de normas por homens e mulheres considerados livres e iguais e que firmam um acordo entre si a partir de uma comunicação aberta e de um reconhecimento coletivo. Essa definição de soberania preconiza que é a partir da razão que o indivíduo exerce a sua autonomia pessoal, controlando o significado da própria soberania. Como consequência dessa capacidade racional do sujeito, criam-se instituições que têm como função exercer um processo de “autoinstituição” e “autolimitação”: em si residem os limites para si. Dessa forma, a soberania é exercida por meio da criação de instituições que controlarão a si mesmas e que possuem suas próprias acepções sociais (Mbembe, 2018). No entanto, o autor explicita que sua preocupação não diz respeito a esse conceito de soberania, mas sim a uma forma de soberania como direito de matar.

Para que possamos compreender a relação da necropolítica com a gestão da pandemia de Covid-19 no Brasil, é fundamental que tenhamos em mente que

[...] o poder (e não necessariamente o poder estatal) continuamente se refere e apela à exceção, à emergência e a uma noção ficcional de inimigo. Ele também trabalha para produzir a mesma exceção, emergência e inimigo ficcional.[...] Operando com base em uma divisão entre os vivos e os mortos, tal poder se define em relação a um campo biológico — do qual toma o controle e no qual se inscreve. Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma cesura biológica entre uns e outros. Isso é o que Foucault rotula com o termo aparentemente familiar ‘racismo’ (Mbembe, 2018, p. 17).

Em outras palavras: o *poder* pode tomar situações de exceção, como conflitos armados entre nações ou uma situação de crise sanitária, como argumentos para justificar suas ações dentro do escopo do necropoder. Dessa forma, decisões políticas são respaldadas pela emergência do cenário vivido, de modo que pouco se questione o caráter racista ou controlador que essas deliberações possam apresentar.

Nesse sentido, Melo e Rodrigues (2021) argumentam que a ideia difundida no Brasil, desde o início da pandemia de Covid-19 (a de que o Coronavírus atingiria a todos de igual maneira e com a mesma intensidade) não se sustenta quando reconhecemos as ações necropolíticas e racistas tomadas pelo governo Bolsonaro — como a defesa da imunidade de rebanho, por exemplo. Diante disso, defendem que estivemos diante de uma conjuntura necroliberal, na qual as más ações de gestão tomadas pelo Estado são ligadas ao autoritarismo, ao neoliberalismo e ao profascismo, marcas que delimitam a face do bolsonarismo no Brasil.

Essa relação entre a necropolítica e o racismo é estabelecida em primeira instância pelo próprio Mbembe (2018, p. 18), para quem, retomando as reflexões da filósofa Hannah Arendt e do já citado Michel Foucault, “o racismo é, acima de tudo, uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder”. Como resultado, temos uma divisão entre os sujeitos que cria um “Outro” que deve ser aniquilado para que a segurança do “Eu” (e dos “meus”) seja reforçada. Segundo Mbembe (2018), esse é um dos imaginários da soberania que se faz presente tanto na primeira quanto na última modernidade. Sobre essa questão, é importante ressaltar que Mbembe (2018) dedica-se a refletir sobre três modelos políticos distintos: a ocupação colonial moderna, a ocupação colonial tardia e as guerras contemporâneas (Santos, 2021).

Ao tratar dessas relações entre necropolítica e racismo, Mbembe (2018) também resalta como os processos de industrialização e de mecanização da morte funcionam como suporte técnico ao necropoder, pois a execução em massa passa a ser possível de maneira relativamente simples e rápida. Ainda sobre essa questão, é fundamental reconhecer que a escravidão (dentro da ocupação colonial moderna) foi uma das primeiras manifestações da biopolítica, uma vez que havia ali uma esfera de estado de exceção constante dentro da organização das colônias e das plantações, de modo que o sujeito escravizado não possuía mais um lar, nem direito ao seu corpo e nem era considerado um sujeito político, ou seja, não era reconhecido como um ser livre, igual e racional (Mbembe, 2018).

É nessa esfera de terror e sob a jurisdição do regime de apartheid que as colônias apresentam uma forma particular de terror. Segundo Mbembe (2018, p. 31), “a característica mais original dessa formação do terror é a concatenação entre o biopoder, o estado de exceção e o estado de sítio”. Dessa forma, as leis aplicadas e seguidas dentro das colônias seguem um direcionamento próprio, uma vez que a normalidade (e pacificidade) passa a ser entendida como um estado de guerra constante e regular³. Por outro lado, a Europa passava por um processo de regulamentação e de criação de uma ordem jurídica que dava aos Estados o direito de fazer guerra e o direito à territorialização. Como consequência, “uma guerra legítima é, em grande medida, uma guerra conduzida por um Estado contra outro, ou mais precisamente, uma guerra entre Estados ‘civilizados’” (Mbembe, 2018, p. 34).

Tais concepções acabam por atribuir às colônias um lugar à margem dessa ordem estatal e legalizada: como não há cidadãos dentro do ambiente colonial, nem mesmo uma organização

³ Na literatura, temos um exemplo bastante conhecido dessa relação aparentemente paradoxal com a obra 1984 de George Orwell. A distopia narrada na obra é construída a partir de um estado de exceção constante, sendo que o Partido (responsável pela segurança dos sujeitos e detentor da soberania nacional) possui alguns lemas que sempre são lembrados aos cidadãos: “Guerra é paz; Liberdade é escravidão; Ignorância é força”.

que permita uma relação civilizada entre os envolvidos, a guerra é uma constante e não se vislumbra outra forma de relacionamento por parte dos Estados “civilizados” europeus e as colônias. Em outras palavras, como há apenas selvageria e ausência de soberania e de civilidade, “as colônias são o local por excelência em que os controles e as garantias de ordem judicial podem ser suspensos — a zona em que a violência do estado de exceção supostamente opera a serviço da ‘civilização’” (Mbembe, 2018, p. 35). Os indivíduos encontrados nas colônias possuem o mesmo status e o mesmo valor dos animais da vida selvagem, logo o direito de matar sem o crivo da legalidade europeia é permitido, sendo que, como menciona Mbembe (2018), todas as práticas consideradas não civilizadas e hostis pelas leis europeias são permitidas nos territórios coloniais.

Além disso, Mbembe (2018) discute também como o necropoder se relaciona diretamente com a ocupação colonial tardia, na qual a soberania passa a ser considerada um direito à invasão e à ocupação, de maneira que o colonizado não possui o status de sujeito, nem de objeto e, portanto, fica no limiar entre essas duas posições. Como consequência, o Estado soberano segue tendo o direito de determinar quais vidas importam e quais vidas são descartáveis, utilizando recursos de alta precisão para matar aqueles que considera que devem morrer. Exemplo dessa nova forma de soberania seria o conflito em curso na Palestina, no qual a narrativa do direito de existência é reforçada pela ideia de determinação divina: há dois Estados, duas divindades e um território.

Como ilustra o caso palestino, a ocupação colonial contemporânea é um encadeamento de vários poderes: disciplinar, biopolítico e necropolítico. A combinação dos três possibilita ao poder colonial a dominação absoluta sobre os habitantes do território ocupado. O ‘estado de sítio’ em si é uma instituição militar. Ele permite uma modalidade de crime que não faz distinção entre o inimigo interno e o externo (Mbembe, 2018, p. 48).

Essa diluição da diferenciação entre os inimigos internos e externos pode ser observada também nos espaços nos quais o fascismo marca a separação entre aqueles que estão ao seu serviço — e, portanto, merecem viver e terem seus direitos preservados — e aqueles que estão contra o regime — ou seja, os indesejados, os que estão à margem, os que podem ser eliminados.

No caso do conflito da Faixa de Gaza, tem-se, segundo Mbembe (2018), uma espécie de tríade do terror, na qual observa-se: (i) a fragmentação territorial, com a construção de assentamentos de modo a impor uma disciplina e uma vigilância dos corpos; (ii) a tática de “terra arrasada” aliada à apropriação de recursos, resultando em uma “guerra infraestrutural”; e (iii) o uso da tecnologia em prol da implementação do terror nos inimigos, especialmente no

campo bélico. É importante mencionar também que as ações de Israel contra a Palestina são “justificadas” pela necessidade de eliminação de um inimigo (o Hamas). Tal situação, contudo é muito mais complexa e se apresenta como um verdadeiro genocídio a partir dos crimes de que estão sendo diariamente realizados (especialmente neste ano de 2024). Como consequência, percebe-se na verdade um desejo de eliminação de um outro inimigo – o povo palestino, não um grupo específico.

Mbembe (2018) dedica-se também a refletir acerca da estruturação das guerras contemporâneas, as quais, segundo Santos (2021), possuem como elo o objetivo de forçar o inimigo a uma status de submissão. Dessa forma, Mbembe (2018) ressalta que podemos separar esses conflitos entre o que ele chama de “guerras de alta e de baixa tecnologia”. No caso das guerras de alta tecnologia, entram em jogo recursos bélicos robustos e de alto valor tecnológico e financeiro. Exemplo disso é a Guerra do Golfo, na qual foram utilizadas ferramentas bélicas de alta complexidade, como bombas inteligentes, sensores eletrônicos, mísseis guiados a laser etc. Já em Kosovo, temos o exemplo do emprego do recurso de “terra arrasada” presente também nas guerras infraestruturais, como já mencionado anteriormente. Essa técnica é, muitas vezes, aliada à imposição de sanções para desestabilizar e enfraquecer o inimigo. Ainda sobre essas guerras contemporâneas, Mbembe (2018) salienta que o direito de matar se alarga e passa a não ser mais uma exclusividade do Estado, sendo que outras organizações, como milícias e exércitos privados, tomam para si também o direito ao necropoder.

Sob o objetivo de analisar o discurso bolsonarista na esteira da pandemia de Covid-19 no Brasil, de modo a demonstrar a política de morte levada a cabo pelo governo, Paula e Siani (2020) utilizam como objeto de análise as próprias declarações do ex-presidente e as respostas a essas declarações veiculadas na mídia. Dessa forma, Paula e Siani (2020, p. 477) defendem que nas falas de Bolsonaro é possível perceber aspectos eugenistas, uma vez que há um menosprezo por determinadas pessoas, “em sua maioria, aquelas pertencentes a grupos mais vulneráveis e já subalternizados na pirâmide social da população brasileira (a partir de marcadores sociais da desigualdade, como raça, gênero, classe, faixa etária etc), o que caracteriza uma prática de necropoder [...]”.

No caso da necropolítica à brasileira, segundo Paula e Siani (2020), é preciso entender a relação e a concatenação que existe entre três esquemas de dominação e exploração, ou seja, o patriarcado, o racismo e o capitalismo — gênero, raça e classe⁴. Dessa forma, a necropolítica

⁴ “Mulheres, Raça e Classe” é o título da obra da filósofa, escritora, professora e ativista pelos direitos civis dos Estados Unidos, Angela Davis. No livro, a autora discute a importância de tratar essa interseccionalidade que abarca diferentes formas de exploração.

brasileira no governo Bolsonaro já podia ser observada antes mesmo do início da pandemia em 2020, de modo que para a eleição de seu projeto de poder foi fundamental a “criação ficcional de um inimigo do Estado (no caso, o PT, o Lula, o comunismo, os professores, a ciência e os artistas) [...]” (Paula; Siani, 2020, p. 479). Além disso, o necropoder exercido no bolsonarismo pode ser observado também na inação, ou seja, nas “políticas de descaso sob o estatuto de ‘normalidade’ (caso da pandemia no Brasil, pelos discursos do presidente)”. Em outras palavras, em um país como o Brasil, reconhecidamente desigual e diverso, a escolha do governo pela inércia atingiu diretamente os sujeitos que já são socialmente desprivilegiados e, por isso mesmo, considerados descartáveis (o que se relaciona também com o conceito de eugenia e com o próprio racismo), resultando em uma postura abertamente necropolítica.

Como consequência, as ações necropolíticas por parte do Estado não são apenas aquelas em que há uma ação direta de matar, como é o caso observado em conflitos armados e guerras entre países, mas também na ação de deixar morrer. No caso específico da pandemia, o posicionamento do ex-presidente de negar a emergência pandêmica e sua gravidade, bem como de não reconhecer as desigualdades estruturais que influenciariam a maneira pela qual a população seria atingida pela pandemia, configuram uma postura necropolítica, na qual a inércia foi o carro-chefe. Dessa forma, é impossível que não haja por parte da população um descontentamento com o agente público que não cumpre seu papel como o esperado. Nas palavras de Moura (2023, p. 9), “a questão é que é muito difícil para um líder político fazer a comunidade aceitar uma posição de inércia e de recusa, quando o corpo social se sente ameaçado por um agente externo poderoso e letal”.

No terreno do discurso e da linguagem, o enfrentamento à pandemia é marcado por diferentes posicionamentos por parte da esfera política nacional. Ou seja, as narrativas não são as mesmas e acabam por expressar diferentes pontos de vista dos agentes públicos (como prefeitos, secretários de saúde, governadores etc.). No Brasil, isso ficou evidente com os ataques do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro a governadores que, segundo ele, eram verdadeiros inimigos da economia e da população por adotarem ações mais assertivas, como o isolamento social, o fechamento do comércio e o uso obrigatório de máscaras. Mais tarde, já com a vacina disponível à população, esses conflitos continuaram e até se intensificaram⁵.

⁵ O caso mais expressivo desse conflito foi o de Bolsonaro com o ex-governador de São Paulo, João Doria. À época, esse conflito já era considerado por muitos como uma pré-eleição presidencial, o que não se concretizou porque Doria não foi escolhido por seu partido para ser candidato à presidência em 2022.

No campo linguístico, Paula e Siani (2020) destacam que as falas de Bolsonaro evocam um campo semântico cujos itens lexicais utilizados expressam um desprezo e o não reconhecimento da importância pandêmica. Ou seja,

a mobilização de unidades lexicais como “histeria”, “neurose”, “gripezinha”, “resfriadinho”, tomadas em suas potenciais valorações atribuídas ao coronavírus, semiotizam uma tentativa de amenização da crise pandêmica (marcada pelo uso do diminutivo em “gripezinha” e “resfriadinho”, que denota tom emotivo-volitivo de desprezo), banalização do discurso científico (nomeado pelo exagero e pelo excesso – “histeria” e “neurose”) e priorização da economia (até com tentativa de deflagração de que a pandemia seria um “golpe” para prejudicar o seu governo e a nação) (Paula; Siani, 2020, p. 488).

Em outras palavras, além da negligência nas ações, o necropoder bolsonarista manifesta-se no discurso do ex-presidente que busca minimizar a relevância da pandemia ao mesmo passo que tenta justificar sua própria inércia e apatia como governante, ou seja, como um agente público cuja função é agir em benefício da população e não apenas daqueles que comungam de seus ideais.

É importante mencionar ainda que os mais frágeis na hierarquia social e econômica do país sofreram na pandemia por diversas frentes: pelo impacto da pandemia no Sistema Único de Saúde (SUS); pela impossibilidade de distanciamento social dentro de suas residências – muitas vezes superlotadas; pela falta de saneamento básico e de materiais de higiene pessoal para manterem-se distantes do vírus; pelas demissões e consequente aumento do desemprego; pela impossibilidade de realizarem seus trabalhos de maneira remota; pelas dificuldades burocráticas e tecnológicas para acessarem o auxílio financeiro do governo etc. Como relembra Morel (2021, p. 9), a condição de habitação e de acesso à água nas favelas, por exemplo, dificultaram muito o processo de distanciamento social indicado pelas organizações de saúde: “a habitação nas favelas é de uma densidade demográfica muito maior do que em outras áreas da cidade, o que dificulta bastante as medidas de distanciamento físico recomendadas”. Além disso, “outros fatores como a dificuldade de acesso à água, de acesso à saúde e as condições de trabalho também devem ser considerados.”

Dessa forma, a ausência de políticas públicas efetivas por parte das diferentes esferas do Estado, mais especificamente do governo federal, funcionam também como uma forma de necropolítica, na qual os indivíduos são deixados à sua própria sorte. Por outro lado, não queremos com isso afirmar que apenas esses grupos sociais sofreram com a pandemia, mas seria no mínimo ingênuo sustentar o discurso inicial de que diante da pandemia todos sofreriam da mesma forma, pois isso não ocorreu. Concordamos com Teixeira e Silva (2022) quando

afirmam que de um ponto de vista biológico, não há uma “escolha” por parte do vírus, ou seja, ele pode atingir a todos, pois todos são possíveis “alvos” dentro de um contexto pandêmico. Por outro lado, as “condições de trabalho, moradia, de mobilidade urbana, de acesso ao lazer etc. determinam a possibilidade de realizar o distanciamento social e de receber atendimento médico adequado” (Teixeira; Silva, 2022, p. 169).

Ao discutirem sobre as relações entre pandemia e desigualdade social, Teixeira e Silva (2022) relembram que a Covid-19 é uma doença importada, ou seja, os primeiros casos confirmados no Brasil foram de pessoas que contraíram a doença em viagens internacionais e, ao voltarem para suas casas, geralmente localizadas em regiões mais centralizadas, fizeram com que o vírus começasse a circular no Brasil. Como não houve políticas públicas efetivas para que o vírus não se disseminasse, logo chegou nas regiões mais periféricas e de maior vulnerabilidade social, nas quais o distanciamento social muitas vezes não é uma realidade possível de ser alcançada, resultando no chamado efeito-território.

Segundo Teixeira e Silva (2022, p. 170), o efeito-território não significa que a localização sozinha determinará a condição dos sujeitos, mas “trata-se de se pensar múltiplas relações que se articulam a partir de um determinado espaço urbano cuja localização resulta em benefícios ou prejuízos para os grupos sociais que ali habitam.”. Nesse sentido, a profissão também pode ser entendida como um elemento que influencia na possibilidade de o sujeito ficar doente e morrer devido a complicações pela doença (Teixeira; Silva, 2022).

Além das condições de moradia e trabalho, há ainda outros fatores que potencializam a vulnerabilidade dos sujeitos diante do adoecimento, como é o caso das questões de raça e gênero. Segundo dados disponíveis no Inogripe/Datusus de 2020, Teixeira e Silva (2022) observaram que

A taxa de letalidade tanto para brancos como para amarelos foi de 32%, subindo para 34% para pardos, 37% para indígenas e 38% para pretos; a proporção de casos que evoluíram para óbito sem internação na UTI em relação ao total de óbitos é a seguinte para cada um dos grupos analisados: 9% para os de cor amarela, 10% para os de cor branca, 11% para os de cor parda, 12% para os de cor preta e 16% para os indígenas. Esses dados revelam que sobretudo os indígenas estão submetidos a um pior atendimento à saúde pelo poder público (Teixeira; Silva, 2022, p. 184).

Relacionado a isso, Paula e Siani (2020) defendem que essa postura de “deixar morrer” adotada pelo antigo governo federal carrega em si traços eugenistas na perspectiva do darwinismo social. Dessa forma, a responsabilização por tantas mortes não recai exclusivamente nos ombros daqueles que governam e que são responsáveis pelas políticas

públicas de mitigar os efeitos do coronavírus, pois a culpa é do patógeno que gera a infecção nos indivíduos e os leva à morte. Dessa forma, ao ignorar a pandemia, há uma “estratégia de necropoder, uma vez que nada precisa ser feito, basta deixar que o vírus faça a parte dele: ‘higienizar’ a sociedade pelo extermínio em massa dos mais fragilizados, entendidos por Bolsonaro, por sua equipe e por seus seguidores como ‘inferiores’ e ‘fracos’ (Paula; Siani, 2020, p. 495). Ainda que tenha tomado outras proporções com a situação da pandemia de Covid-19, é importante lembrar que a necropolítica está em curso em terras brasileiras há muito mais tempo, ou seja, desde a invasão da terra pelos europeus em detrimento de muitas vidas dos povos originários. Contudo, como afirmam Paula e Siani (2020), o bolsonarismo dá novos contornos a esse necropoder, ressaltando os interesses dos grupos privilegiados e que são a base de apoio ideológico de Bolsonaro.

A pandemia de Covid-19 foi declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no dia 11 de março de 2020⁶ e desde lá orientou os Estados a organizarem e direcionarem seus esforços para a mitigação dos efeitos sobre suas populações. No caso do Brasil, contudo, ficou evidente a falta de direcionamento e de organização dentro do governo e, mais especificamente, do Ministério da Saúde. Um exemplo dessa desorganização foi a troca de ministros da saúde em tempo recorde: no início da pandemia, o ministro era o médico sul-mato-grossense Luiz Henrique Mandetta, que ocupava o cargo desde o ano de 2019 e que, entre outras coisas, defendia o isolamento social. Bolsonaro, por outro lado, sempre se colocou em posição de negativa ao isolamento, de modo que em 16 de abril de 2020 demitiu o então ministro. O substituto de Mandetta foi Nelson Teich, também médico, mas que ficou no cargo menos de um mês, pedindo demissão no dia 15 de maio de 2020. A saída de Teich também se deu por divergências com Bolsonaro, especialmente relacionadas à falta de autonomia e indicação do uso de cloroquina⁷. Depois dele, assumiu, de maneira interina, Eduardo Pazuello, um general do exército que não é da área da saúde, mas que comungava das posições defendidas pelo ex-presidente, rendendo-lhe uma permanência considerável no cargo.

⁶ O primeiro caso registrado da doença no Brasil foi em 26 de fevereiro, sendo que a transmissão comunitária foi reconhecida no dia 20 de março de 2020 (Barreto *et al.*, 2021).

⁷ A primeira referência ao que depois ficou conhecido como “kit covid” foi feita no dia 19 de março de 2020 em uma das lives semanais de Bolsonaro. Ainda que sob resistência dos primeiros ex-ministros da saúde, o ex-presidente sempre buscou a aprovação da utilização desses medicamentos para o tratamento da Covid-19, inclusive nos casos considerados leves e no chamado “tratamento precoce”. A aprovação do protocolo de utilização veio apenas no dia 20 de maio, quando Eduardo Pazuello já ocupava o cargo de ministro da saúde. O Conselho Regional de Medicina pronunciou-se contrário à utilização do kit covid apenas em abril de 2021, revelando uma certa inércia diante da situação; já o Conselho Nacional de Saúde (CNS) se posicionou logo depois da mudança do protocolo pelo Ministério da Saúde, no dia 22 de maio de 2020 (Teixeira; Silva, 2022).

Esse é apenas um exemplo da má gestão durante a pandemia, na qual o discurso pró-economia serviu para relativizar o descaso com as políticas públicas para a população, especialmente para aqueles que dependiam mais do Estado. Dessa forma, o bolsonarismo acaba por utilizar da emergência pandêmica para justificar sua própria ineficiência: “dentre as dez maiores economias mundiais, o Brasil mobilizou o percentual mais baixo de seu PIB (11,2%) no enfrentamento a Covid-19. Mesmo frente aos países emergentes, o Brasil ainda figura atrás de Chile, Peru, República Dominicana, Coreia do Sul, entre outros” (Melo; Rodrigues, 2021, p. 144).

Outro exemplo da necropolítica bolsonarista é o descaso com situação dos Yanomami, o qual reflete a visão dos sujeitos que podem ser deixados à própria sorte, mesmo em um momento de crise tão complexo quanto uma pandemia. Segundo Santos (2021), considera-se os Yanomami um povo relativamente isolado, uma vez que há em seu território um grupo totalmente isolado, os Moxihatetea. É salutar relembrar que a questão indígena no Brasil é atravessada por diferentes complicadores, como o desmatamento, o garimpo ilegal, a falta de políticas públicas em diferentes áreas e a própria inércia nos processos de demarcação de terras, repercutindo também em um silenciamento das necessidades específicas de saúde dos povos indígenas.

No caso específico dos Yanomami, cuja tradução apresentada pelo antropólogo Bruce Albert (1995) é “povo da terra” ou “povo da floresta”, observamos um descaso que já vem se arrastando há algum tempo mas que se intensificou e tomou proporções ainda mais desastrosas com a pandemia de Covid-19. A demarcação do Parque Yanomami foi realizada no ano de 1992, sendo que à época os garimpos presentes dentro das terras foram destruídos, com a promessa de que não ocorreria mais a exploração desses recursos dentro das terras demarcadas. A realidade, contudo, demonstrou que essa promessa não se concretizou e que, por outro lado, a exploração se intensificou e tomou proporções ainda mais violentas.

O posicionamento do ex-presidente frente às demarcações sempre foi muito claro: não apoiou nenhuma demarcação, tentando, inclusive, interferir nas terras já demarcadas. Nesse cenário de descaso e de impunidade para crimes ambientais, a partir da qual a “boiada” foi passando – referência à fala do ex-ministro do Meio Ambiente, Ricardo Sales, em reunião ministerial de 22 de abril de 2020 –, o projeto de lei (PL) 490 de 2007 do então deputado Homero Pereira (PSD-MT) e relatado atualmente pelo deputado Marcos Rogério (PL-RO) voltou à luz e a ser amplamente discutido⁸. O principal ponto debatido do projeto (e que

⁸ No dia 30 de maio de 2023 o PL foi aprovado na Câmara de Deputados com 283 votos favoráveis, 155 contrários e 1 abstenção. O projeto seguiu para a o Senado onde foi também aprovado no dia 27 de setembro de 2023 (43 a

representa também uma tentativa de desterritorialização dos povos originários) é o que prevê um Marco Temporal para a demarcação das terras indígenas, atribuindo o direito à demarcação apenas aos povos que já ocupavam as terras no dia em que foi promulgada a Constituição Federal vigente, ou seja, 05 de outubro de 1988. Nas palavras de Teixeira e Silva (2022, p. 104-105), “no Brasil ‘bolsonarista’ as populações indígenas foram as maiores atingidas, com a paralisação dos processos de demarcação de terras, o descontrole das queimadas na região amazônica, recordes de devastação ambiental e assassinato de lideranças”.

Dessa forma, fica claro que a violência contra os povos originários não é apenas uma violência física, mas é também do campo do simbólico, da retirada, da invisibilidade, do não respeito para com suas crenças e de seus saberes tradicionais, o que resulta também em uma postura necropolítica. O caso dos Yanomami tomou proporção nacional quando, no início de 2023, a mídia tradicional e a internet começaram a veicular imagens bastante impactantes – especialmente de idosos e de crianças Yanomami claramente desassistidos pelo poder público. Ademais, denúncias sobre o descaso do antigo governo (como a não resposta a diferentes ofícios que alertavam sobre o agravamento da situação dos Yanomami) também começaram a circular. O atual presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva, chegou a realizar uma visita à terra indígena Yanomami no início de 2023 e a publicar em suas redes sociais a preocupação com a situação encontrada.

Como mencionamos em momento anterior, a prática estatal necropolítica adotada pelo bolsonarismo é marcadamente a postura do “deixar morrer”. Dessa forma, a demora pela compra das vacinas (o que acabou por resultar em escândalos e investigação via CPI da Covid) pode ser entendida também como uma frente necropolítica. Os que mais sofreram com esse descaso foram justamente os mais vulneráveis dentro da escala de risco para a Covid, como os idosos. E aqui, mais uma vez, há de se considerar que estamos diante de um grupo que muitas vezes sofre de desassistências múltiplas, seja por questões familiares ou pelo próprio Estado. Não há políticas públicas efetivas que tratem do envelhecimento, apenas um incentivo desenfreado (e até ingênuo) ao “envelhecer bem”, como se isso fosse possível para todos e em todas as situações.

É fundamental reconhecer que o processo de envelhecimento é uma extensão do processo de vida do indivíduo, mas isso não significa que devamos romantizar o

favor e 21 contra). Contudo, no dia 21 de setembro o Supremo Tribunal Federal encerrou o julgamento iniciado em 11 agosto de 2023 e derrubou a tese do marco temporal. Em outubro de 2023, o presidente Lula vetou parcialmente o projeto aprovado e utilizou como argumento para esses vetos o julgamento de inconstitucionalidade feito pelo supremo em setembro. Por fim, o congresso derrubou os vetos do presidente em dezembro de 2023.

envelhecimento ou demonizá-lo. Como consequência, a questão ambiental atinge diretamente os que envelhecem e, por extensão, as famílias e os cuidadores: aqueles e aquelas que tiveram vidas baseadas no trabalho e, por consequência, na exploração, são os que, geralmente, envelhecem com problemas crônicos que os incapacita e os tornam suscetíveis a diferentes patologias, como a Covid-19. Trata-se, portanto, de um desamparo crônico: desamparo na juventude e esquecimento na velhice. Se na juventude essas pessoas apresentavam uma força de trabalho, ao envelhecerem perdem esse “valor de troca”⁹, o que os torna pessoas que podem ser descartadas e desprotegidas em momentos de crise.

Ainda sobre essa questão, Caponi (2020) ressalta que muitas das escolhas tomadas durante a pandemia são revestidas de justificativas fundamentadas na emergência pandêmica, resultando em um processo de naturalização e de banalização de decisões sobre a vida e a morte que em outros momentos poderiam ser amplamente questionadas, uma vez que contrariam anos de discussões sobre direitos humanos e dignidade humana. Dessa forma, o estabelecimento de critérios como “mais chances de sobrevivência”, favorecendo os mais jovens para a utilização de respiradores, resulta na adoção de “uma perspectiva utilitarista simplista baseada na máxima de atingir o maior benefício para o maior número de pessoas” (Caponi, 2020, p. 213). Teixeira e Silva (2022, p. 46) parecem comungar desse posicionamento, pois ao proporem um diálogo entre Deleuze e Mbembe, afirmam que “a ordem neoliberal reduz a decisão sobre quais vidas são descartáveis a mero procedimento administrativo, pautado por estatísticas e projeções de mercado futuro que legitimam desigualdades sociais”.

Finalmente, não é possível deixar de mencionar que entre as práticas necropolíticas adotadas pelo governo do ex-presidente está o incentivo à imunidade de rebanho, o que demarca, mais uma vez, o princípio do “deixar morrer”. O caso mais emblemático dessa postura foi o do estado do Amazonas, mais especificamente na cidade de Manaus. Segundo Teixeira e Silva (2022), nunca houve um pronunciamento oficial ou reconhecimento por parte do governo de que as duas práticas adotadas e defendidas pelo ex-governo eram o “isolamento vertical” e a “imunidade de rebanho”, mas a população foi diretamente impactada por essas escolhas.

Dessa forma, pode-se observar uma tríade da inércia bolsonarista diante da pandemia – omissão, negacionismo e negligência – de modo que a imunidade de rebanho (uma espécie de

⁹ Nesse sentido, a reforma da previdência também pode ser entendida como uma prática necropolítica de “deixar morrer”: sem força de trabalho e sem a oportunidade de aposentadoria justa, as possibilidades de um envelhecimento digno e satisfatório ficam bastante reduzidas. Esse posicionamento parece também ser defendido por Teixeira e Silva (2022, p. 46): “Aí a diferença entre guerra neocolonial e as reformas que retiram direitos é apenas de método, o resultado é praticamente o mesmo, as populações consideradas excedentes são condenadas a levar uma morte em vida, aguardando serem executadas sumariamente ou perecerem devido à fome e à miséria”.

seleção darwinista baseada na ideia de que “os mais fortes sobrevivem”) foi tomada como uma estratégia de (não) enfrentamento, pois a escolha é não impedir que as pessoas se contaminem (a partir do isolamento social, por exemplo), direcionando os recursos aos hospitais e as instituições de saúde para que possam “receber” essas pessoas infectadas, o que claramente não funcionou. No caso de Manaus, a saúde pública e privada colapsou entre dezembro de 2020 e janeiro de 2021, sendo que esse colapso foi resultado de uma falta de assertividade por parte do poder público diante da necessidade do distanciamento social.

Ainda antes do Natal em 2020, no dia 23 de dezembro, o governador do Amazonas emitiu um decreto (Decreto nº 43.234) que proibia o funcionamento do comércio não essencial e as reuniões comemorativas durante o período de 15 dias. Pressionado pelos comerciantes e empresários via protestos articulados, o governador voltou atrás e emitiu novo decreto (Decreto 43.236) liberando o funcionamento do comércio, estipulando apenas algumas restrições no funcionamento. Dias depois, em 2 de janeiro de 2021, a Justiça do Amazonas interveio e determinou a suspensão de todas as atividades consideradas não essenciais por 15 dias. Diante do aumento de casos e da situação nos hospitais públicos e privados na cidade de Manaus, o próprio governador emitiu o Decreto nº 23.283 proibindo que as pessoas circulassem na cidade entre as 19h às 06h, entrando em vigor no dia 15 de janeiro com prazo de 10 dias. Diante do agravamento da situação, o prefeito da cidade e a secretária da saúde foram presos no dia 27 de janeiro (Barreto *et al.*, 2021).

Não bastasse toda essa situação, as pessoas seguiam morrendo – nos 31 dias de janeiro de 2021 morreram em Manaus 2.195 pessoas, enquanto no período de abril a dezembro de 2020, 270 dias, haviam morrido 3.380 –, pois o sistema colapsou por completo. O ápice desse colapso foi observado no dia 14 de janeiro, quando dezenas de pacientes morreram por falta de oxigênio no sistema público de saúde da cidade e essa situação acabou por se repetir dias depois em cidades do interior do Amazonas (Barreto *et al.*, 2021). Segundo Barreto *et al.* (2021, p. 1113), “o Ministério da Saúde e o governo do Estado do Amazonas acompanharam a aceleração de casos, mas não tomaram medidas eficazes a tempo”.

A situação vivenciada por Manaus reflete um posicionamento pró-economia levado ao extremo e que resultou em mortes totalmente evitáveis. O colapso de Manaus ocorreu porque, alicerçados em uma política neoliberal (ou necroliberal, para usar um termo do próprio Mbembe), os agentes públicos responsáveis se recusaram a tomar decisões mais concretas para diminuir a circulação de pessoas e a disseminação do vírus. Essa prática, segundo Caponi (2020, p. 219), revela que “a oposição não é cuidar da vida ou cuidar da economia, trata-se, pelo contrário, de uma escolha biopolítica entre proteger a vida ou expor à morte”. Dito de outra

forma, a escolha dá-se entre uma política de vida ou uma política de morte; entre preservar a vida ou deixar morrer. Bolsonaro escolheu, abertamente, a economia e a morte. Nas palavras de Teixeira e Silva (2022, p. 25-26), “ao definir a economia como prioridade de seu governo, Bolsonaro deixa subentendido que o direito à vida está condicionado ao crescimento econômico, tanto que em suas projeções morreriam muito mais pessoas devido à crise do que por Covid-19”.

As práticas necropolíticas do ex-presidente foram respaldadas por uma postura primária de negação da pandemia e de seus impactos sobre a população. Os impactos que importam ao bolsonarismo são os que advêm das políticas de distanciamento social, como o fechamento do comércio, mas não o número de mortes ou colapso da saúde. Para o discurso bolsonarista, as mortes por complicações resultantes da infecção por coronavírus eram inevitáveis e esperadas e não havia mesmo o que ser feito, era preciso “deixar morrer”. Se retomamos o título desta subseção, obtemos um resumo do que discutimos até aqui: “Alguns vão morrer? Vão, ué, lamento. Essa é a vida”.

2.2 NEGACIONISMO COMO UM SUPORTE IDEOLÓGICO AO BOLSONARISMO

Desde o seu surgimento, a ciência encontra resistência por diferentes frentes, sendo que os embates entre ciência e religião marcaram a passagem da Idade Média para a Idade Moderna e esses embates resultam, muitas vezes, da falta de compreensão acerca do funcionamento da ciência, ou seja, da sua possibilidade de falseamento, da necessidade de investimentos, da construção e da testagem de hipóteses etc. Para muitos, o saber científico soa contraintuitivo, uma vez que questiona conhecimentos compartilhados coletivamente e tomados como verdades para diferentes sujeitos e em diferentes épocas¹⁰.

No campo da Linguística, o objeto de estudo (a língua) pode ser estudado sob diversas perspectivas¹¹, de modo que as possibilidades de análise e de investigação são bastante distintas dentro das subáreas da ciência da linguagem. Contudo, em comum essas diferentes perspectivas comungam a compreensão de que a língua é um sistema passível de ser sistematizado, de modo

¹⁰ Atualmente, uma das discussões levadas a cabo dentro do campo científico é a crítica à busca pela neutralidade cega, uma vez que se reconhece que a ciência é feita por indivíduos que foram formados a partir de uma constituição social e ideológica que não deixam de existir simplesmente porque o sujeito se tornou cientista. Além disso, discute-se também como a ciência não é neutra e pode servir a objetivos políticos e ideológicos em determinadas épocas, como é o caso da eugenia no início do século XX que serviu de base ao racismo.

¹¹ Impossível não fazer menção ao pensamento saussuriano de que é o ponto de vista que cria o objeto a ser analisado. Na Linguística, isso fica visível quando pensamos nas diferentes concepções de Língua, por exemplo.

que é possível estudá-la e buscar compreendê-la a partir do emprego de um método científico que não permite julgamentos de valor por parte do linguista. Como consequência, a Linguística sofre também ataques (especialmente as áreas ligadas à educação) porque há os que consideram que os estudos levados a cabo dentro de nossa área não conseguem dar conta do fenômeno da língua. Em outras palavras, ao não demonstrar um caráter prescritivista ou baseado nos conceitos de “certo” e “errado”, a Linguística torna-se também contraintuitiva para alguns indivíduos, pois parece não corresponder ao esperado pelo conhecimento coletivamente compartilhado, o qual, nesse caso, está muito mais próximo de uma perspectiva que se alinha à gramática tradicional. Além disso, a Linguística não se preocupa em estabelecer uma hierarquia entre os falantes e os falares, ao mesmo passo que busca estudar e valorizar os grupos minorizados e suas comunidades de fala, o que repercute em um estranhamento por parte daqueles que estão fora da área.

É evidente que posturas de negacionismo diante da ciência são datadas de muito antes do advento da pandemia de Covid-19, deixando marcas em diferentes momentos da história e em muitos cientistas que foram confrontados por defenderem questões que iam na contramão do conhecimento considerado verdadeiro em suas épocas. Como recordam Marques e Raimundo (2021, p. 68-69), é bastante conhecido “o caso de Copérnico ou de Galileu Galilei, cientistas que foram forçados a falsear as suas próprias conclusões científicas naturais por causa da contradição doutrinal impelida pelo poder da igreja, na medievalidade”.

Esses exemplos introdutórios são trazidos à baila para demonstrar como a ciência – com suas diversas áreas – é questionada em diferentes campos, épocas e contextos. No campo da saúde, em especial, a questão toma proporções ainda mais alarmantes porque, em muitos casos, esse questionamento significa uma postura irresponsável diante do bem comum e da saúde coletiva, o que pode repercutir na morte ou na aquisição de patologias que poderiam ser facilmente evitadas. Nesse sentido, “é possível afirmar que, no curso da pandemia de Covid-19, o impacto do negacionismo científico se materializou em perdas de vidas e assumiu proporções desumanas e, provavelmente, inusitadas na história do país” (Cassiani; Selles; Ostermann, 2022, p. 7).

Nosso objetivo com esta subseção, portanto, é o de refletir como o negacionismo científico se fez presente na pandemia de Covid-19 no Brasil, funcionando também como uma base ideológica à política bolsonarista. Contudo, é preciso compreender primeiramente como esse negacionismo surgiu e como opera no campo ideológico dos sujeitos, alterando e ditando comportamentos. No caso do Brasil, por exemplo, o negacionismo científico tem alterado os níveis de vacinação (especialmente em crianças) que por muito tempo serviram de exemplo

para o mundo. Os últimos anos têm revelado uma mudança nas práticas preventivas por vacinação no Brasil, resultando em uma queda considerável nos índices do Programa Nacional de Imunização (doravante, PNI)¹²: no primeiro ano do governo Bolsonaro, 2019, o índice geral de vacinação estava em 73%; um ano depois, em 2020, esse índice passou a 67%; em 2021, chegou a 59%. No caso das crianças, a situação é também bastante complexa: em 2019, o índice era de 93,1%, caindo para 71,5% em 2021¹³ (Moura, 2023).

Por outro lado, gostaríamos de salientar que no caso da Covid-19, a postura de vacinar-se e vacinar os seus parece ter prevalecido, talvez por um senso de emergência e de gravidade mais acentuado – muitos dos que optam por não vacinarem seus filhos para doenças como a paralisia infantil ou o sarampo não vivenciaram surtos epidêmicos dessas doenças, de modo que as consideram “doenças fantasmas” ou “doenças do passado”, eliminadas pelo simples poder do acaso (e não pela eficácia das vacinas). Nesses casos, parece que está em curso um esquecimento coletivo, no qual se ignora a importância das campanhas de vacinação que resultaram, até pouco tempo, na erradicação dessas doenças. Sobre essa questão, Domingues *et al.* (2020, p. 3) afirmam que vivemos um verdadeiro paradoxo, pois “muitas doenças tornaram-se desconhecidas, fazendo com que algumas pessoas não tenham noção da gravidade representada por elas, com conseqüente risco de reintrodução ou recrudescimento de doenças controladas ou já erradicadas no país”.

A Covid-19, a seu turno, apresenta-se como uma doença mais “concreta”, mais “palpável”, pois a pandemia é comparada a uma verdadeira “guerra” a ser travada contra um “inimigo invisível”, o que talvez nos ajude a compreender os altos índices de aceitabilidade da vacina entre a população geral no Brasil¹⁴, até mesmo entre o eleitorado do ex-presidente que

¹² O Programa Nacional de Imunização (PNI) é coordenado de maneira compartilhada pelo Ministério da Saúde e as secretarias estaduais e municipais. Foi criado em 1973 – no ano de 2023 completou 50 anos – e é internacionalmente conhecido por ser um dos programas de vacinação gratuitos mais amplos. É inegável a eficácia do programa enquanto política pública, mas atualmente vem sofrendo com a diminuição de adeptos às campanhas de vacinação. O PNI segue os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) quanto à universalidade e à equidade da atenção, além de ser articulado a partir de uma organização descentralizada com uma direção única (Domingues *et al.*, 2020).

¹³ Cruz (2017) apresenta dados reveladores acerca dessa diminuição na cobertura vacinal das crianças: com base nos dados disponíveis no site do próprio PNI, a autora constrói um quadro bastante elucidativo apresentando os dados de 2012 a 2016. No caso da vacina de Poliomelite, por exemplo, temos os seguintes dados: 96,55 em 2012; 100,71 em 2013; 96,76 em 2014; 98,29 em 2015; e 84,09 em 2016, não atingindo a meta esperada para o ano.

¹⁴ Segundo dados coletados no site do governo federal (<https://infoms.saude.gov.br/>), até o dia 01 de junho de 2023, haviam sido aplicadas 514.404.554 doses da vacina monovalente, sendo 183.948.852 para a 1ª dose; 166.495.138 para a 2ª; e 2.354.232 para a 3ª. No caso da dose de reforço, foram 105.393.411 vacinas o total, sendo que para a 1ª dose de reforço foram 1.424.345; para a 2ª dose de reforço, 43.724.450; e para a 3ª dose de reforço, 1.023.121. Há ainda dados sobre a dose adicional, com 4.988.926 e para a dose única, com 5.052.079. No caso da vacina bivalente, foram 21.350.110 doses aplicadas até primeiro de junho de 2023.

sempre se posicionou contrário à vacinação¹⁵. Segundo Moura (2023, p. 10), a metáfora do vírus como um ser maléfico e que poderia prejudicar a todos parece ter influenciado no processo de não aceitação total do negacionismo bolsonarista. Segundo o pesquisador, “no Brasil, apenas um grupo minoritário embarcou completamente na ideologia negacionista de Bolsonaro, mas este número foi consideravelmente menor que o número de eleitores dele. [...] O vírus bandido foi encarado como uma ameaça contra todos”. Dessa forma, é possível afirmar que o maior problema frente à vacinação contra a Covid-19 no Brasil não foi o movimento antivacina, mas sim a incapacidade e a ineficiência do governo federal em ofertar a vacina à população. Segundo Carla Domingues, ex-coordenadora do PNI, citada por Teixeira e Santos (2022, p. 83), “o Brasil poderia ter alcançado esta cobertura vacinal em julho de 2021, devido a capacidade do SUS de vacinar 3 milhões de pessoas diariamente, nunca alcançada durante a pandemia por falta de vacinas”.

Outro aspecto que precisa ser considerado dentro do chamado movimento antivacina é a ideia de sacralidade, uma vez que muitos adeptos a esse movimento acreditam que seus corpos são puros e saudáveis e, por isso, não podem ser violados pelas vacinas. Dessa forma, segundo Moura (2023), o movimento antivacina consegue agregar indivíduos de diferentes posicionamentos políticos (pessoas da extrema-direita e da esquerda, dos movimentos naturalistas e hippies etc.), organizados sob o mesmo argumento de que seus corpos devem ser preservados e não poderão ser violados com um processo de vacinação compulsória.

Ademais, a pandemia trouxe à tona uma questão bastante discutida nas ciências humanas e que diz respeito ao embate entre as liberdades individuais e o bem comum. A linha que separa a liberdade do indivíduo e o que ele pode fazer com essa liberdade parece ser muito tênue: a compreensão de que vivemos sob um acordo coletivo que nos coloca certas obrigações sociais para o bem comum precisa ser considerada, ainda que pareça ter sido um pouco vilipendiada durante a pandemia de Covid-19. Esse descaso se torna ainda mais grave quando são os agentes públicos que no lugar de incentivarem o distanciamento social, organizam aglomerações¹⁶ e ignoram as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS). Dessa forma, discutiremos como a defesa de um distanciamento vertical e, em muitos casos, de um

¹⁵ No dia 17 de dezembro de 2020, quando participava de um evento na Bahia, Bolsonaro mais uma vez atacou a ciência ao questionar os efeitos da vacina Pfizer/BioNtec afirmar que “Lá no contrato da Pfizer, está bem claro nós (a Pfizer) não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral. Se você virar um jacaré, é problema seu”. A notícia completa pode ser acessada no link: <https://istoe.com.br/bolsonaro-sobre-vacina-de-pfizer-se-voce-virar-um-jacare-e-problema-de-voce/>.

¹⁶ Bolsonaro nunca respeitou as orientações de não criar aglomerações ou usar a máscara. Em matéria publicada no site A Gazeta (<https://www.agazeta.com.br/es/politica/covid-19-14-vezes-em-que-bolsonaro-apareceu-sem-mascara-em-aglomeracoes-0521>) no dia 10 de maio de 2021, logo após o dia das mães, constam pelo menos 14 dessas situações de aglomerado, especialmente em viagens e manifestações criadas por seus apoiadores.

não distanciamento, pode ser entendida também como uma prática necropolítica adotada não apenas pelo Estado propriamente dito, mas pelas pessoas que, em certa medida, também compõem esse corpo político.

Para tanto, faz-se necessária a compreensão do que viemos chamando de “negacionismo” e, mais especificamente, o “negacionismo científico”. É importante fazer essa distinção porque são muitos os negacionismos que permeiam a nossa sociedade, sendo que todos estão de alguma forma relacionados e funcionam na lógica de relativizar fatos históricos, sociais, econômicos, políticos e científicos. Segundo Morel (2021, p. 2), ainda que sejam heterogêneos, os negacionismos se articulam ao ponto de formarem um sistema complexo. Dessa forma,

Há o negacionismo científico, que tem como principais expoentes atualmente o movimento antivacina e o terraplanismo. Há o negacionismo climático, ancorado na negação do colapso ecológico em curso. Observamos também um crescente negacionismo histórico, baseado na negação de acontecimentos históricos amplamente conhecidos, como a ditadura militar no Brasil e o holocausto. Poderíamos acrescentar ainda outro negacionismo bastante presente na realidade brasileira, até mesmo constituinte do projeto de Estado-Nação no Brasil: o negacionismo do racismo, ancorado no mito da democracia racial.

Como consequência, o negacionismo científico, “vale-se de versões discursivas fragmentadas e anacrônicas para alavancar o antagonismo a fim de explicar qualquer fato [...] como tendo igual poder explicativo, pondo o senso comum, na maioria das vezes, como argumento de igual valor para contradizer o conhecimento científico” (Marques; Raimundo, 2021, p. 68). Em outras palavras, diante de um fenômeno que é explicado pela ciência, o negacionista científico tentará relativizar a explicação, de modo que a explicação por ele ofertada seja considerada com o mesmo grau de relevância. No caso da pandemia de Covid-19, o negacionismo científico é a gênese de todas as outras negações e teorias da conspiração.

Sobre essa questão, Wilson (2020) desenvolveu uma investigação na qual examinou diferentes declarações veiculadas em grupos de Telegram da extrema-direita europeia. A escolha pelo Telegram se deu pela “liberdade” que os usuários possuem, permitindo que manifestem seus posicionamentos sem tanto medo de “represálias” e “sanções” por parte do aplicativo (como o apagamento de posts como o Twitter e o Instagram fazem). Além disso, os participantes desses grupos são dificilmente identificados graças à política de uso do próprio Telegram.

Ao contrário do que esperava ao iniciar a pesquisa, o autor não identificou uma preferência tão significativa às teorias da conspiração, uma vez que dos 209 enunciados encontrados entre fevereiro e abril de 2020, apenas 20 faziam alusão a esse contexto, resultando

no *framing* menos ativado. Os *framings* encontrados foram: (i) migração, com 48 ocorrências; (ii) globalização, 54 ocorrências; (iii) governança, 51 ocorrências; (iv) liberdade, 22 ocorrências; (v) resiliência, 83 ocorrências; e (vi) conspiração, 20 ocorrências. O *framing* mais ativado foi, portanto, o de resiliência, a partir do qual, segundo o autor, as publicações incluíam indicações para o cuidado com os mais vulneráveis à doença (especialmente idosos e sujeitos economicamente desfavorecidos); apoio às empresas e aos trabalhadores; apoio aos profissionais da saúde e incentivo ao voluntariado na Cruz Vermelha etc. (Wilson, 2020).

O termo “negacionismo”, como conhecemos hoje, foi utilizado pela primeira vez pelo historiador Henry Rousso em 1990 para se referir à prática de negação histórica do holocausto empreendido pela Alemanha Nazista. Já o negacionismo científico contemporâneo também tem um surgimento aproximado – segunda metade do século XX – e se relaciona com o início das pesquisas acerca da relação entre o tabagismo e a incidência de câncer. Como tal relação surpreendeu a todos, as grandes empresas, com medo de perderem seus ganhos com a venda de cigarros, começaram a pagar “cientistas” para afirmarem que essa relação não era um fato conclusivo, ou seja, que haveria um outro lado na história. Da mesma forma, outros negacionistas foram pagos por outras empresas, como os negacionistas das questões ambientais que foram financiados pelas indústrias de combustíveis fósseis para negarem a emergência ambiental (Morel, 2021).

Essa relativização dos achados científicos reflete também a falta de compreensão acerca da chamada “falseabilidade científica”¹⁷, uma vez que acostumados com a transmissão de verdades dogmáticas, parece inaceitável aos negacionistas que a ciência assuma uma postura de autoquestionamento e autofalseamento. Como consequência, esses negacionistas tomam para si o direito de questionar o fazer científico, ainda que sem repertório ou argumentos minimamente sólidos. Em outras palavras, “as dúvidas e incertezas, próprias do processo de produção científica, são interpretadas radicalmente como fragilidade e inconsistência da ciência que produz desconfiança e alimenta as teorias conspiratórias, apresentando-as como certezas factíveis para esses grupos” (Cassiani; Selles; Ostermann, 2022, p. 7) e, portanto, “os negacionistas se arrogam o direito de também duvidar do conhecimento científico, entretanto, sem passar pelos mesmos processos que dialogam com a empiria produzida em laboratórios e centros de estudo [...]” (Cassiani; Selles; Ostermann, 2022, p. 8).

¹⁷ Esse conceito foi criado na década de 1930 pelo filósofo Karl Popper e diz respeito à essência da ciência, ou seja, uma teoria só deve ser considerada científica se puder ser falseada e/ou refutada. Caso contrário, não estamos diante de uma teoria científica, mas sim de uma teoria dogmática, a qual que não permite questionamentos e nem pode ser contestada.

Como já afirmamos, o negacionismo científico não é um fenômeno que surgiu em 2020, mas tomou diferentes proporções com a pandemia de Covid-19. No caso do Brasil, mais especificamente, foi endossado pelo discurso do antigo chefe do executivo, o qual, por diversas vezes e em diferentes situações, colocou em xeque pesquisas científicas, desvalorizando os profissionais e o trabalho da ciência. Em suas *lives* semanais em suas redes sociais, por exemplo, destilou inúmeras inverdades acerca da transmissão da doença, de sua periculosidade, do seu tratamento e de sua própria origem. Essa prática negacionista, contudo, já era observada desde muito tempo em Bolsonaro, o que, inclusive, o ajudou no processo eleitoral em 2018 e consequente vitória nas urnas.

A questão basilar do negacionismo científico durante a pandemia é que ele foi instigado por líderes políticos e religiosos que, entre outras posturas, dedicaram tempo a minimizar o grau de abrangência da doença a partir do compartilhamento de informações falsas (*fake news*), além de não seguirem as normas estabelecidas de distanciamento social. Além disso, em muitos casos, mesmo sem comprovação científica, incentivaram a utilização de medicamentos sem a devida comprovação científica de eficácia, como a cloroquina¹⁸ (Marques; Raimundo, 2021).

Outro aspecto que torna o negacionismo científico vivenciado durante a pandemia de Covid-19 tão particular foi o fato de ter atingido tantas pessoas que compõem diferentes bolhas sociais. Esse negacionismo chegou a influenciar até mesmo pessoas da área da saúde, como é o caso de Nise Yamaguchi, a médica que ficou nacionalmente conhecida por defender o uso da cloroquina. Além disso, a extrema-direita brasileira utilizou também desse negacionismo para minimizar a necessidade de políticas públicas efetivas em saúde, sendo que “a consequência mais perversa dessa equação é a intensificação de uma política de morte voltada para grupos mais vulnerabilizados” (Morel, 2021, p. 4).

Ao estabelecer essa relação entre o negacionismo e a política de morte (necropolítica), Morel (2021, p. 4) defende ainda que

Ao negar a gravidade da pandemia e, conseqüentemente, os cuidados quanto a ela, intensificou-se a ‘política de morte’, descrita por Mbembe, voltada contra aqueles que sofrem com a precarização das suas vidas – negros, pobres, idosos, povos indígenas, mulheres. Essas populações seriam, portanto, um contingente de corpos descartáveis dentro da lógica do sacrifício inerente ao neoliberalismo, também chamado pelo autor de necroliberalismo.

Quando discutimos os processos de negação da história, das ciências, dos fatos sociais e políticos etc., é impossível não observar como a utilização massiva das redes sociais na

¹⁸ Como já discutimos anteriormente, essas questões serviram de combustível para os desencontros entre Bolsonaro e seus dois primeiros ex-ministros da saúde durante a pandemia (Mandetta e Teich).

contemporaneidade – e a transmissão das chamadas *fake news* – auxiliam diretamente nesse contexto. O negacionismo, portanto, tem nessas ferramentas tecnológicas e midiáticas um modo de operacionalização que articula o que é dito, como é dito e por onde é dito. Como consequência, as informações são processadas e transmitidas cada vez mais rápidas, por mecanismos que muitas vezes não permitem uma checagem e uma regulamentação correta, sendo que os receptores, influenciados pelo funcionamento da cultura da pós-verdade, nem questionam o teor dessas informações.

A palavra “pós-verdade” foi eleita a palavra do ano em 2016 ao ser incluída como um verbete do Dicionário Oxford¹⁹, mas já havia sido utilizada pela primeira vez ainda no ano de 1992 pelo cineasta Steve Teisch e em 2004 constava em um título de livro, a obra “*The Post-Truth Era: Dishonesty and Deception in Contemporary Life*” (“A era da pós-verdade: desonestidade e decepção da vida contemporânea), de Ralph Keyes (Araújo, 2021). O conceito de pós-verdade congrega elementos que refletem a contemporaneidade, ou seja, está diretamente relacionada com o que chamamos hoje de *big data* – uma quantidade quase inesgotável de dados que circulam diariamente a partir de aparatos tecnológicos cada vez mais desenvolvidos e de banco de dados gigantescos – ao mesmo passo que repercute o fenômeno da criação de notícias falsas que são usadas para manipular a compreensão das pessoas diante de diferentes temas – especialmente em relação à política.

Ao discutirem o fenômeno da pós-verdade, Siebert e Pereira (2020, p. 242) argumentam que a pós-verdade coloca os sujeitos em uma situação muito particular de reconhecimento sobre a própria verdade, pois “acreditar na informação ou classificá-la como mentirosa de imediato representa um reforço de posicionamento possibilitado pelo caráter ideológico do processo de interpretação”. Como consequência, é fundamental compreender que o fato de as pessoas não verificarem a veracidade das informações não pode ser simplesmente atribuído a um processo de exclusão de possibilidade (o que de fato existe, considerando a situação econômica e social de muitos), mas sim de um desejo de acreditar na informação recebida como uma verdade por se aproximar de suas crenças e opiniões. Como consequência, as pessoas “aceitam como real, repassam, compartilham e se apropriam de informações sem se preocuparem em verificar. É esse desdém, esse desinteresse pela verdade, numa realidade com tanto acesso à informação, que é o fato novo que a expressão ‘pós-verdade’ busca abarcar” (Araújo, 2021, p. 15).

¹⁹ Definição do dicionário britânico: “Pós-verdade: relativo a ou que denota circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influenciadores na formação da opinião pública do que apelos à emoção ou à crença pessoal”. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/1479308638_931299.html. Acesso em: 10 jun. 2023.

Em outras palavras, se em outros momentos da história a verdade era uma premissa para que as informações fossem levadas a sério e consideradas dignas de serem repassadas, com a fluidez das mídias sociais, em especial dos aplicativos de mensagens instantâneas, a questão agora passa a ser outra, ou seja, a informação precisa ratificar meu posicionamento diante do tema a ser tratado. Se isso é respeitado, posso e devo compartilhar essas informações com aqueles e aquelas que comungam dessa forma de pensar e perceber a realidade. Como consequência, essas notícias falsas corporificam a pós-verdade, formando uma espécie de eco dentro de bolhas sociais que funcionam como espaços de livre transmissão de informações falsas. Em resumo, “o avanço do negacionismo se vale de novos modos de sociabilidade disseminados pelas redes sociais, as quais favorecem discursos acusatórios, muitas vezes, sem espaço para respostas e com consequências imediatas” (Cassiani; Selles; Ostermann, 2022, p. 6).

Importante mencionar ainda o fato de que a construção e a disseminação das *fake news* apresenta-se como uma verdadeira profissão para alguns, os chamados *clickbaits*, os caçadores de cliques, grupos de pessoas que, reconhecendo o potencial de visualização de certas notícias falsas, empregam forças para que isso aconteça, de modo a chamar a atenção de líderes e de pessoas que poderão pagar-lhes para que sigam distribuindo informações falsas que passarão a ser tomadas como verdades quando distribuídas aos grupos que ecoam aquela forma de pensar, nas diferentes bolhas ideológicas existentes (Marques; Raimundo, 2021).

Por tudo isso é que podemos pensar na situação da pós-verdade como uma “cultura de pós-verdade”, ou seja, há um aspecto que diz respeito às tecnologias que são suporte e dinamizam a transmissão de informações falsas, mas há também um lado humano, um *ethos*²⁰, que permite que essas *fake news* possam circular livremente. Ou seja, há um terreno comum que possibilita que essas informações sejam criadas, processadas e repassadas sem maiores constrangimentos, pois estão em sintonia com o acordado como verdade pelos sujeitos organizados em seus grupos onde ressoam os ecos das informações transmitidas. Além disso, segundo Araújo (2021, p. 16), é preciso compreender essa situação não apenas no campo do indivíduo, pois “não são apenas decisões individuais, escolhas idiossincráticas, mas há, também, um conjunto de práticas, hábitos, situações e falas que promove, direta ou indiretamente, uma determinada relação das pessoas com a informação e com a verdade”.

²⁰ Sob o aspecto etimológico, a palavra *ethos* tem origem no grego e significa algo como “modo de ser”. Por consequência, segundo o dicionário Oxford, *ethos* compreende um “conjunto dos costumes e hábitos fundamentais, no âmbito do comportamento (instituições, afazeres etc.) e da cultura (valores, ideias ou crenças), característicos de uma determinada coletividade, época ou região”.

A criação e a transmissão de mentiras não é algo novo ou que surgiu com as novas tecnologias e mídias sociais. Contudo, o contexto que circunda a pós-verdade atribui a essas mentiras características muito particulares, pois há um conjunto de condições cognitivas, tecnológicas e culturais em funcionamento. Dessa forma, a ascensão de líderes populistas, como é o caso de Bolsonaro, funciona como um exemplo de utilização da pós-verdade no campo da política. Não podemos nos esquecer de todas as informações falsas que foram veiculadas durante o ano de 2018 durante as eleições, as quais auxiliaram a vitória de Bolsonaro. Nesses casos, a pós-verdade funciona também como um catalisador de um ódio e de um ressentimento guardado por grupos que não se sentem representados por determinados modelos de governo, construindo entre esses sujeitos insatisfeitos um espaço de livre circulação de informações que, mesmo não sendo verdadeiras, refletem uma forma de ver e de experienciar o mundo.

Ao estudar a ligação entre a pós-verdade e o nacional-populismo, Eatwell e Godwin (2019), citados por Araújo (2021), destacam quatro elementos fundamentais que ajudam a explicar o funcionamento dessa relação: “a desconfiança dos políticos e das instituições democráticas, o temor da destruição das comunidades e da identidade histórica, o medo da privação com a globalização e o desalinhamento entre os partidos tradicionais e o povo” (Araújo, 2021, p. 17). No caso do Brasil, esses temores parecem bastante vívidos e latentes entre os eleitores do ex-presidente, chegando ao ponto de não aceitarem os resultados das eleições. Como consequência, no dia 08 de janeiro essas pessoas protagonizaram cenas de desrespeito, destruição e ódio por espaços físicos que representam as instituições democráticas do país em Brasília, apresentando um verdadeiro desprezo pela ordem que tanto dizem defender²¹. Além do desprezo por essas instituições, a pós-verdade acaba por imbuir nos sujeitos uma espécie de quebra de confiança, a qual, segundo Marques e Raimundo (2021, p. 74), “cria uma tendência à crença em teorias conspiratórias, tendo, assim, um campo favorável para a desinformação”.

Esse desprezo pelas instituições democráticas parece ter sido ampliado e aplicado a outras instituições durante a pandemia, como é o caso das instituições de ciência e de pesquisa e das próprias universidades (o que já era visualizado antes mesmo da pandemia). Nesses casos, pouco interessavam os achados científicos sobre a doença, pois a circulação de teorias de conspiração que responsabilizavam a China pelo vírus, ou que demonizavam a criação das

²¹ O dia 08 de janeiro de 2023 ficará marcado na história do Brasil como um dia triste e revoltante: milhares de bolsonaristas inconformados com a posse de Lula no dia 1, invadiram e depredaram o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e a sede do Supremo Tribunal Federal. Além dos danos ao patrimônio, trata-se de um exemplo do bolsonarismo levado ao extremo, resultando em atos de terrorismo contra as instituições democráticas do país. Nesse caso, fica claro que o princípio “patriota” do bolsonarismo só funciona quando lhes convém.

vacinas em tão pouco tempo, pareceu sempre muito mais interessante e condizente com a forma de pensar de muitos.

Araújo (2021) destaca cinco outros elementos que se correlacionam com a pós-verdade, ou seja, elementos que, quando juntos, constituem um campo muito propício para o seu surgimento. São eles: (i) o negacionismo científico – sobre o qual já discutimos amplamente; (ii) o viés de confirmação ou de dissonância cognitiva, ou seja, o fato de o ser humano ter uma tendência a ignorar e recusar informações ou ideias que contradigam a sua própria forma de pensar; (iii) a desintermediação da informação, uma vez que os meios de comunicação tradicionais perderam o monopólio de divulgação das notícias; (iv) o surgimento e ampla utilização das redes sociais como fonte de informações; e (v) a defesa por parte de grupos políticos e econômicos de que não há uma única verdade, relativizando o conceito de verdade no contexto da pós-modernidade.

Nesse contexto, a transmissão de notícias falsas sob o viés da pós-verdade parece seguir um padrão marcadamente comum, interligando, especialmente, um apelo emocional às crenças compartilhadas entre os sujeitos, facilitando a formação de bolhas sociais (Tobias; Corrêa, 2019). Essas bolhas sociais servem para identificar os sujeitos que compartilham o mesmo posicionamento político, uma vez que sob o regime da pós-verdade, como mencionam Siebert e Pereira (2020), não há meio-termo, ou se acredita ou não se acredita, ou seja, ou se está dentro do grupo ou fora dele.

A negação da pandemia perpassa também pela ordem de prioridades estabelecida pelo bolsonarismo, na qual a economia está acima das vidas e da preservação da saúde da população. Dessa forma, ao negar a gravidade da pandemia, justificou sempre sua posição afirmando estar ao lado dos trabalhadores e dos que precisavam sair de suas casas para garantir a sua sobrevivência e a de suas famílias. Contudo, como sabemos, o ex-presidente sempre representou os interesses de uma elite, dos grandes empresários. Segundo Teixeira e Silva (2022), essa postura de defender que a economia não poderia parar é um reflexo do ultraliberalismo com quem o bolsonarismo mantém uma relação íntima. Além disso, “o clamor para continuarem trabalhando em meio às ondas de contaminação veio daí, a exposição à contaminação pelo novo coronavírus atualizou para nosso contexto o lema dos portões de Auschwitz, ‘o trabalho liberta’” (Teixeira; Silva, 2022, p. 108).

Essa valorização da economia em detrimento da população pode ser pensada também a partir do desinteresse do governo federal em criar uma renda mínima para os que mais precisavam e estavam de fato sofrendo com as consequências econômicas da pandemia. Não podemos esquecer que a proposta inicial do governo, ainda sob as orientações do então ministro

da economia Paulo Guedes, era a de oferecer um auxílio emergencial de R\$200,00 por pessoa, um valor extremamente baixo considerando a atual situação inflacionária do país. Graças às articulações políticas, especialmente da oposição, foi que o congresso nacional aprovou o auxílio no valor de R\$600,00, um valor ainda baixo, mas muito melhor que o valor proposto pelo governo.

Como pautamos até aqui, o negacionismo bolsonarista em relação à pandemia tomou diferentes formas, desde a negação da gravidade da doença até a negação e a desvalorização da ciência com as orientações para evitar o contágio e o desenvolvimento de vacinas. Contudo, há ainda um aspecto fundamental a ser considerado nesse processo negacionista que diz respeito ao acesso às informações. Como sabemos, vivemos atualmente no que muitos chamam de “era da informação”, graças aos avanços tecnológicos que nos permitem um acesso cada vez mais rápido a diferentes fontes de informação. Na contramão dessa realidade, esteve o governo tentando esconder os dados sobre a pandemia. O ex-presidente chegou a declarar “Acabou matéria do Jornal Nacional²²”, resumindo a intenção de não divulgar os dados de maneira ampla.

A subnotificação dos casos confirmados, inicialmente pela baixa testagem e depois pela articulação e mudança na divulgação dos dados, funciona como uma “maquiagem” da situação real, repercutindo em um direcionamento tortuoso das políticas públicas necessárias. O ápice da investida do governo em maquiar essas informações foi quando passou a apresentar as informações da pandemia de maneira diferente do que fazia: passou a não contabilizar os óbitos nem os casos confirmados no dia, além de demorar para divulgar os dados no site oficial. Como resposta a esse apagão das informações, os veículos de imprensa se organizaram e criaram o “Consórcio de Veículos de imprensa” – encerrado no dia 28 de janeiro de 2023 – para que pudessem receber as informações sobre a situação da pandemia sem a mediação do governo federal. Dessa forma, passaram a coletar os dados diretamente das secretarias de saúde.

A tentativa de esconder os dados sobre a Covid-19 caracteriza-se por ser uma ação negacionista ao mesmo passo que fere um dos princípios da Administração Pública previstos pelo artigo 37º da Constituição Federal. Esses princípios são cinco, a saber: Legalidade, Impessoalidade, Moralidade, Publicidade e Eficiência. Poderíamos argumentar que Bolsonaro feriu a todos esses princípios quando resolveu mascarar os dados sobre a pandemia, mas é

²² Declaração do ex-presidente Jair Bolsonaro no dia 06 de junho de 2020 ao ser questionado por jornalistas acerca das mudanças no horário e na forma de divulgação dos dados sobre a pandemia pelo Ministério da Saúde. À época, o governo foi bastante criticado por essa postura. Exemplo disso pode ser encontrado na matéria do Jornal da Globo divulgada no mesmo dia da declaração. Essa matéria pode ser acessada pelo seguinte link: <https://globoplay.globo.com/v/8607370/>.

inegável que o princípio da Publicidade foi o mais atacado, uma vez que não houve mais transparência na disponibilização das informações, sendo que “a subnotificação de casos e óbitos legitimam escolhas políticas duvidosas, proporcionando que a flexibilização do isolamento social se estabelecesse como objetivo principal do poder público” (Teixeira; Silva, 2022, p. 149). Dessa forma, há nessa tentativa de esconder os dados uma prática necropolítica, pois se não há informação que comprove a real situação, não há a necessidade de ações e políticas públicas por parte do governo.

2.3 FECHANDO O CAPÍTULO

Os debates sobre o gerenciamento da pandemia de Covid-19 no Brasil ainda estão no começo, especialmente porque somente agora conseguimos refletir sobre o que vivemos com um pouco mais de “neutralidade” e “distância”, considerando que a Organização Mundial da Saúde declarou o fim da pandemia. Contudo, são inegáveis as marcas que deixou em todos e todas que vivenciaram esse momento histórico, seja pelas perdas de vidas, pelas dificuldades econômicas enfrentadas, pelos conflitos emocionais vivenciados, pela defasagem educacional resultante do ensino remoto ou por um misto disso tudo.

No aspecto político, a questão é ainda mais complexa, pois não houve uma articulação eficiente por parte do governo federal em prol da população. O que visualizamos, e sobre o que tentamos escrever neste capítulo, foram práticas de inércia e orientadas para a morte. Ainda que o ex-presidente não tenha utilizado deliberadamente de seu cargo para matar a população, a exemplo do que já visualizamos em regimes coloniais e em situações de estado de exceção como os discutidos por Mbembe, há sim uma proximidade com a necropolítica. No caso de Bolsonaro, essa necropolítica é orientada para o “deixar morrer”: deixar que morram aqueles a quem deveria proteger.

No próximo capítulo, propomos uma discussão acerca das metáforas, com foco nas metáforas utilizadas para a referência a doenças epidêmicas e em especial as metáforas utilizadas para referenciar o coronavírus. Além disso, apresentaremos ao leitor a Gramática das Construções sob o viés de Goldberg, pois essa articulação teórica servirá de base para nossas futuras análises.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, discutiremos sobre os aspectos teóricos e conceituais da metáfora, de modo a ilustrar o uso dessas metáforas conceituais em contextos epidêmicos, especialmente no processo de metaforização do coronavírus. Além disso, trataremos dos aspectos teóricos da Gramática das Construções, uma vez que desejamos apresentar ao leitor a possibilidade de uma aproximação teórica entre essas perspectivas linguísticas (a Gramática das Construções e os estudos sobre a metáfora), a qual guiará nossas análises neste trabalho.

3.1 OS ESTUDOS SOBRE A METÁFORA

Esta subseção tratará da discussão teórica sobre a metáfora. Não desejamos, contudo, aprofundarmo-nos em dicotomias e perspectivas conflitantes, uma vez que nosso interesse é propor aproximações teóricas que possibilitem a compreensão do fenômeno de metaforização do coronavírus por meio de diferentes abordagens, especialmente por considerarmos a metáfora um fenômeno conceptual, linguístico, cultural e, por isso mesmo, ecológico e social. Dessa forma, é mister que reconheçamos a complexidade da metáfora para que possamos analisar as múltiplas faces que a compõem.

Contudo, antes de adentrarmos especificamente nos estudos sobre a metáfora e na utilização das metáforas para a referenciação do coronavírus durante a pandemia de Covid-19, é fundamental que compreendamos o que é uma metáfora. Ainda que essa definição possa sofrer alterações a depender da perspectiva teórica utilizada, podemos compreender uma metáfora “como o uso de uma palavra em um contexto que não é o contexto habitual da palavra metaforizada. Portanto, a metáfora seria o processo pelo qual uma palavra expande a sua potencialidade de uso e aparece em um contexto inesperado e aparentemente equivocado” (Moura, 2023, p. 53).

A partir do processo de associação que a metáfora proporciona, é possível criarmos novos significados para determinados conceitos que fazem parte da nossa vida cotidiana, uma vez que a partir dessas metáforas conseguimos revelar conexões que construímos em nosso pensamento. Alguns temas são amplamente metaforizados, como amor, sexo, doenças e pandemias, e em certas ocasiões, são as metáforas que conseguem sintetizar ideias e conceitos complexos em imagens poderosas e impactantes (Moura, 2023).

3.1.1 A perspectiva conceptual

A metáfora desperta o interesse de muitos estudiosos há séculos. Poderíamos mesmo dizer que há milênios, considerando que Aristóteles já se debruçava sobre esse tema (Aristóteles, 1996). Contudo, as percepções sobre a metáfora foram sendo alteradas e recebendo novas roupagens dentro dos estudos sobre a linguagem. Uma das abordagens mais conhecidas e amplamente difundidas dentro da Linguística é, sem dúvidas, a abordagem conceptual, a qual considera a metáfora um fenômeno conceptual e cognitivo que determinaria nossa forma de pensar e de ver o mundo (Lakoff; Johnson, 2003). Essa abordagem conceptual proposta por Lakoff e Johnson em 1980, conhecida como Teoria Conceptual da Metáfora (doravante TCM), defende que nosso sistema conceptual é fundamentalmente metafórico, pois “a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza²³” (Lakoff; Johnson, 2003, p. 3, tradução nossa).

Ao discutirem o processo de construção e de entendimento das metáforas conceptuais (ou metáforas primárias), os autores defendem que, essencialmente, a metáfora se dá na ação de compreender uma coisa em termos de outra. Além disso, as metáforas não são estritamente linguísticas, pois o sentido metafórico não fica circunscrito às palavras que usamos, mas sim à forma como compreendemos esse conceito de maneira metafórica – a partir de nosso sistema conceptual primário. Um exemplo clássico disso seria a metáfora conceptual TEMPO É DINHEIRO, pois o processo de sistematização dos sentidos metafóricos compreende também uma sistematização da linguagem empregada para se referir ao conceito. Em outras palavras, não é a linguagem que determina a construção da metáfora, mas sim a metáfora que sistematiza os usos linguísticos para a expressão dos sentidos. No caso de TEMPO É DINHEIRO, teríamos expressões como “*Você está gastando seu tempo.*”, “*Essa coisa vai te poupar algumas horas.*”, “*Isso vale o seu tempo?*” etc., as quais revelariam nossa forma de compreender o tempo como um bem precioso que pode, em algumas circunstâncias, ser mal gasto ou mal empregado, como o próprio dinheiro (Lakoff; Johnson, 2003).

A sistematicidade das metáforas, segundo Lakoff e Johnson (2003), reside no fato de que a partir dela podemos compreender um conceito em termos de outro, como já mencionamos. Contudo, para que isso ocorra é preciso que ao ressaltarmos certos aspectos,

²³ Tradução nossa, no original: “metaphor is pervasive in everyday life, not just in language but in thought and action. Our ordinary conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature.” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 3).

outros sejam “escondidos”. Em outras palavras, no processo de metaforização, os aspectos que aproximam o conceito metaforizado daquele que serve de “base” são ressaltados, enquanto os aspectos que os afastam são ignorados ou suprimidos. Dessa forma, como ressaltam os autores, a estrutura metafórica é parcial, pois se fosse total, um conceito seria de fato outro, e não entendido em termos de outro. Dessa forma, “quando dizemos que um conceito é estruturado metaforicamente, nós queremos dizer que ele é parcialmente estruturado e que isso pode ser ampliado de algumas maneiras, mas não de outras²⁴” (Lakoff; Johnson, 2003, p. 13, tradução nossa). Essa formulação metafórica dos conceitos diz respeito às chamadas metáforas estruturais.

Contudo, há casos em que não apenas um conceito é estruturado em termos de outro, mas todo um sistema, como é o caso das metáforas orientacionais. Elas são assim chamadas porque estão relacionadas às orientações espaciais, como para cima e para baixo, para dentro e para fora, para frente e para trás etc. Lakoff e Johnson (2003) alertam para o fato de que mesmo sendo essas metáforas relacionadas a aspectos físicos e da natureza, podem variar de cultura para cultura. Exemplos dessas metáforas seriam: FELIZ É PARA CIMA/TRISTE É PARA BAIXO; CONSCIENTE É PARA CIMA/INCONSCIENTE É PARA BAIXO; SAÚDE E VIDA SÃO PARA CIMA/DOENÇA E MORTE SÃO PARA BAIXO. Em certas línguas, como no inglês, essa relação fica ainda mais clara, como “*I’m feeling down*”, cuja tradução literal para o português seria “Estou me sentindo baixo”, mas que por força da coerência contextual, poderíamos traduzir como “Estou me sentindo mal” ou “Eu estou me sentindo para baixo”.

Diante disso, os autores elencam algumas conclusões importantes acerca das metáforas orientacionais, a saber: (i) a maioria de nossos conceitos fundamentais são organizados a partir das metáforas orientacionais; (ii) as metáforas orientacionais possuem suas sistematizações internas; (iii) há uma sistematicidade externa e geral que relaciona diferentes metáforas de espacialização, o que resulta em uma coerência que as interliga; (iv) as metáforas espacializadas são construídas a partir de uma base física e cultural; (v) existem diferentes bases físicas e culturais possíveis para uma metáfora, sendo que a escolha por uma dessas bases parece ser motivada pela coerência com o processo de sistematização geral; (vi) há casos em que as metáforas orientacionais são tão essenciais que se torna quase impossível conceber um outro tipo de metáfora para estruturar determinados conceitos; (vii) os conceitos intelectuais puros são frequentemente baseados em metáforas de base física e/ou cultural; (viii) a experiência humana proporciona diversas bases possíveis para as metáforas orientacionais e, por isso, a

²⁴ Tradução nossa, no original: “when we say that a concept is structured by a metaphor, we mean that is partially structured and that can be extended in some ways but not others” (Lakoff; Johnson, 2003, p. 13).

escolha por elas ou o grau de importância dedicado a elas varia conforme a cultura; (ix) é difícil estabelecer uma separação entre a base física da base cultural de uma metáfora, uma vez que a escolha da base física dá-se em função de uma coerência cultural almejada (Lakoff; Johnson, 2003).

Uma consequência bastante clara da última conclusão elencada por Lakoff e Johnson é que não podemos ignorar a base cultural na construção das metáforas, uma vez que, conforme os autores, “[...] nenhuma metáfora pode ser compreendida ou até mesmo formulada de maneira adequada, independentemente de sua base experiencial²⁵” (Lakoff; Johnson, 2003, p. 19, tradução nossa). Da mesma forma, a influência da cultura não pode ser ignorada, uma vez que as formulações metafóricas serão coerentes com os valores fundamentais elencados em cada cultura. Dito de outra maneira, os valores culturais e os conceitos metafóricos organizam entre si um sistema coerente, de maneira que os sistemas culturais individuais de diferentes grupos e subgrupos refletem e estabelecem uma coerência com as metáforas orientacionais da cultura predominante (Lakoff; Johnson, 2003).

Além das metáforas estruturais e orientacionais, Lakoff e Johnson (2003) destacam também as metáforas ontológicas, cuja característica principal é a possibilidade de a partir delas conceber eventos, atividades, emoções e ideias como entidades e/ou substâncias. Dessa forma, servem a diferentes propósitos, como referir, quantificar, identificar causas, traçar objetivos e motivar ações e, assim como acontece com as metáforas orientacionais, muitas vezes nem chegam a ser percebidas como metáforas. Exemplos de metáforas ontológicas seriam: MENTE É UMA MÁQUINA (“Você pensa muito rápido, teu “processador” é bom”); MENTE É UM OBJETO QUEBRADIÇO (“Eu quase quebrei a cabeça tentando resolver aquela questão”) etc. As metáforas ontológicas mais fáceis de serem identificadas são as de personificação, a partir das quais objetos do mundo físico são conceptualizados como seres humanos. Contudo, como mencionam os autores, a personificação não ocorre de uma única maneira, podendo variar a partir dos diferentes aspectos humanos que se deseja selecionar e ressaltar.

Para exemplificar essa questão, Lakoff e Johnson (2003) trazem uma possibilidade de personificação da inflação: “A inflação atacou os alicerces de nossa economia”; “A inflação nos colocou contra a parede”; “Nosso maior inimigo agora é a inflação” etc., cujo aspecto ressaltado não é simplesmente a inflação ser uma “pessoa”, mas sim um “inimigo”, um “adversário”. Nas palavras dos autores:

²⁵ Tradução nossa, no original: “[...] no metaphor can be comprehended or even adequately represented independently of this experiential basis.” (Lakoff; Johnson, 2003, p. 19).

Aqui, a inflação é personificada, mas a metáfora não é apenas INFLAÇÃO É UMA PESSOA. É muito mais específica, ou seja, INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO. Ela não fornece somente uma maneira específica de pensar sobre a inflação, mas também uma forma de agir em relação a ela. Nós pensamos na inflação como um adversário que pode nos atacar, nos ferir, roubar de nós, até mesmo nos destruir. A metáfora INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO, portanto, gera e justifica ações econômicas e políticas por parte do governo: declarar guerra à inflação, estabelecer metas, pedir sacrifícios, instalar uma nova cadeia de comandos etc. (Lakoff; Johnson, 2003, p. 33-34, tradução nossa)²⁶.

Isso ocorre também com o coronavírus, cujo processo de personificação não ocorre apenas com a metáfora CORONAVÍRUS É UMA PESSOA, mas sim como CORONAVÍRUS UM INIMIGO/BANDIDO; CORONAVÍRUS É UM VIAJANTE; CORONAVÍRUS É UM ALIADO POLÍTICO²⁷ etc. As sentenças contidas em (5), (6) e (7), a seguir, fazem parte do *corpus* MCM e exemplificam essas metáforas específicas:

(5) Até o momento, o BNDES já aprovou R\$13 bilhões em crédito para **enfrentar o coronavírus** — a maior parte desse volume em suspensão de pagamentos. (FSP, Mercado, 15/05/2020). [CORONAVÍRUS É UM INIMIGO/BANDIDO].

(6) O presidente desdenha dos riscos à saúde da população desde **a chegada do coronavírus ao país**. (FSP, Colunistas, 30/05/2020). [CORONAVÍRUS É UM VIAJANTE].

(7) **Bolsonaro se aliou ao coronavírus** e qualquer gestor, por pior que seja, não supera Bolsonaro. (FSP, Equilíbrio e Saúde, 15/05/2020). [CORONAVÍRUS É UM ALIADO POLÍTICO].

No caso de (5), como fica explícito pelo verbo empregado – enfrentar – o coronavírus é metaforizado como um inimigo a ser enfrentado e vencido. Dessa forma, um conceito mais concreto é utilizado como domínio-fonte para a compreensão de algo mais abstrato, ou melhor, desconhecido – o coronavírus. O mesmo acontece com a metáfora apresentada em (6), na qual o coronavírus é metaforizado como uma pessoa em movimento, um viajante. Aqui poderíamos analisar essa metáfora também a partir da perspectiva da metáfora do contêiner, mas é evidente que a característica mais ressaltada pelo criador da metáfora é o fato de o coronavírus ser um

²⁶ Tradução nossa, no original: “Here inflation is personified, but the metaphor is not merely INFLATION IS A PERSON. It is much more specific, namely INFLATION IS AN ADVERSARY. It not only give us a very specific way of thinking about inflation but also a way of acting toward it. We think about inflation as an adversary that can attack us, hurt us, steal from us, even destroy us. The INFLATION IS AN ADVERSARY metaphor therefore gives rise to and justifies political and economic actions on the part of our government: declaring war on inflation, setting targets, calling for sacrifices, installing a new chain of command, etc.” (Lakoff; Johnson, 2003, p. 33-34).

²⁷ Foi pensando nisso que optamos por separar as metáforas do coronavírus em quatro categorias mais gerais e em veículos, subcategorias dentro das categorias mais amplas. Explicaremos mais sobre isso na seção de metodologia e na seção de descrição e análise dos dados.

patógeno “importado”, por isso mesmo vindo de outro país, a exemplo do que viajantes e imigrantes fazem. No caso da terceira metáfora, a sua compreensão depende de aspectos de conhecimento mínimo acerca da constituição da política brasileira no ano de 2020, ano em que o Brasil tinha como presidente Jair Bolsonaro, e do sistema político como um todo, especialmente a importância e funcionamento das alianças entre os agentes políticos institucionalizados.

Esses três exemplos apresentam metáforas ontológicas, uma vez que o coronavírus é conceptualizado como uma pessoa. Em cada caso, algumas características humanas são ressaltadas em detrimento de outras. No exemplo contido em (5), o coronavírus é um bandido/inimigo e, por isso, é considerado um ser maldoso, ardiloso e que deve ser evitado. Já no exemplo (6), o coronavírus é um viajante que atravessou as fronteiras do Brasil, assim como imigrantes, turistas e brasileiros fazem ao voltar para o país. O último exemplo, contido em (7), apresenta o coronavírus como um aliado de Bolsonaro, como se o vírus pudesse realizar esse tipo de aliança.

Essa possibilidade de aproximar o domínio-alvo de alguns elementos do domínio-fonte é o que dá às metáforas o aspecto parcial mencionado acima: sempre algumas características serão escolhidas em detrimentos de outras, uma vez que a comparação e a aproximação nunca ocorrem de maneira total. Além disso, a sistematicidade metafórica reflete o léxico semântico e frasal presentes em diferentes línguas, sendo que todas as expressões metafóricas, como qualquer expressão linguística, são fixadas por convenções (Lakoff; Johnson, 2003). Esse entendimento é o que levou Lakoff e Johnson a defenderem que as metáforas fazem parte da nossa vida cotidiana. Nas palavras dos autores: “Expressões como perder tempo, atacar posições, seguir caminhos separados etc. são reflexos de conceitos metafóricos sistemáticos que estruturam nossas ações e pensamentos. Eles estão ‘vivos’ da maneira mais fundamental: são metáforas da vida cotidiana²⁸” (Lakoff; Johnson, 2003, p. 55, tradução nossa).

Segundo Lakoff e Johnson (2003), os conceitos que emergem da nossa relação com a experiência espacial, com o ambiente físico, são os mais fundamentais. Dessa forma, a experiência tem muita importância no processo de conceptualização, assim como a cultura, uma vez que nossas experiências sempre ocorrem dentro de um *background* cultural, o que nos leva a compreender toda experiência como cultural em sua essência. Em outras palavras, ao

²⁸ Tradução nossa, no original: “Expressions like wasting time, attacking positions, going our separate ways, etc., are reflections of systematic metaphorical concepts that structure our actions and thoughts. They are ‘alive’ in the most fundamental way: they are metaphors we live by” (Lakoff; Johnson, 2003, p. 55).

experimentarmos o mundo, o fazemos com a cultura já constituída e orientando nossa experiência.

Nas metáforas estruturais, alguns conceitos podem ser metaforizados por mais de uma estrutura metafórica. Quando isso ocorre, geralmente há uma coerência entre as diferentes estruturas metafóricas, sendo que a coisa mais importante com relação à coerência diz respeito ao propósito, ao objetivo: a metáfora “funciona” quando consegue satisfazer a um propósito, nomeando, compreendendo um aspecto de um conceito (Lakoff; Johnson, 2003).

Em resumo, as metáforas permeiam nosso sistema conceitual. Como muitos de nossos conceitos são abstratos (como amor, ideias, tempo), nós os compreendemos em termos de outros conceitos que são mais definidos pela nossa experiência (como orientações espaciais, objetos etc.). O argumento de Lakoff e Johnson (2003) é o de que o entendimento da experiência pelas pessoas envolve princípios gerais de compreensão e esses princípios abarcam tanto sistemas de conceitos, quanto palavras e conceitos individuais. Além disso, esses domínios de experiência são organizados a partir de dimensões naturais, as quais, segundo os autores, parecem ser “tipos naturais de experiência” que são frutos de: (i) nossos corpos (sistema sensorio-motor, capacidades mentais etc.); (ii) nossas interações com o ambiente físico (andando, manipulando objetos, comendo etc.); e (iii) nossas interações com outras pessoas dentro de nossa cultura (relações sociais, políticas, econômicas e instituições religiosas). Esse entendimento se parece muito com o que discutiremos posteriormente na perspectiva ecológica, especialmente a relação entre cérebros, corpos e mundo. Segundo Lakoff e Johnson (2003, p. 119, tradução nossa), “o tipo de sistema conceitual que temos é produto do tipo de seres que somos e da maneira como interagimos com nossos ambientes físicos e culturais²⁹”.

Os conceitos que são definidos metaforicamente são aqueles que correspondem a esses tipos naturais de experiência – amor, tempo, ideias, compreensão etc. Eles requerem definições metafóricas porque, em uma acepção literal, não são tão delimitados de maneira a satisfazer a todos os propósitos de nosso funcionamento do dia a dia. Dessa forma, Lakoff e Johnson (2003) defendem também que os conceitos que são utilizados para definir metaforicamente outros conceitos – como orientações físicas, objetos, substâncias etc. – também correspondem a tipos naturais da experiência. A diferença, segundo os autores, é que eles são melhor definidos e, por isso mesmo, podem servir para o processo de definição daqueles que são mais abstratos.

Outra questão importante no processo de metaforização é a relação entre a forma e o sentido. A compreensão de que a mudança na forma reflete diretamente no sentido não é algo

²⁹ Tradução nossa, no original: “The kind of conceptual system we have is product of the kind of beings we are and the way we interact with our physical and cultural environments” (Lakoff; Johnson, 2003, p. 119).

novo dentro dos estudos sobre o significado (Bloomfield, 1984), (Goldberg, 1995), (Culicover; Jackendoff, 2005) etc. Nos termos de Moura (2018, p. 10), trata-se do Princípio da Uniformidade, o qual pode ser observado em diferentes concepções teóricas, uma vez que “recebeu diferentes nomes em diferentes teorias, mas a ideia básica é que uma forma deve estar associada a um único sentido, e que diferenças da forma implicam diferenças de sentido”. Moura (2018, p. 12), contudo, faz uma crítica a essa concepção, defendendo que “a gramática de uma língua é um sistema que funciona, mas que não é maximamente funcional e econômico. Usamos muitos meios para dizer a mesma coisa e também muitas redundâncias: não somos econômicos na relação entre forma e sentido”.

É importante considerarmos esse aspecto quando pensamos na formulação das metáforas a partir de construções linguísticas. Dessa forma, o interesse por esse princípio diz respeito ao reconhecimento da possibilidade de aproximação teórica vislumbrada aqui: a mudança na forma linguística que corporifica as metáforas também pode repercutir em diferentes significados que expressam distintas formas de conceptualizar e de experienciar a pandemia e a relação com o novo patógeno. Em outras palavras, a construção utilizada na estruturação metafórica traduz diferentes relações entre os participantes do enquadre, ou da cena básica, revelando diferentes formas de compreender a relação de forças entre o coronavírus e a sociedade.

Assim como o léxico dentro das línguas é um sistema que possibilita novas entradas, as metáforas também funcionam como um sistema aberto, por isso novas e criativas metáforas podem surgir, funcionando da mesma forma que as metáforas convencionalizadas. Dito de outra forma, novas metáforas podem surgir ofertando um sistema coerente de significado, de modo a ressaltar alguns aspectos e esconder outros. Com isso, é importante ter em mente que: (i) metáforas ressaltam algumas características e escondem outras; (ii) as metáforas não envolvem meramente outros conceitos, mas envolvem aspectos muito específicos desses conceitos; (iii) as metáforas podem adquirir características de “verdade” e acabar por orientar nosso futuro e nossas ações; (iv) metáforas podem ser consideradas apropriadas por sancionar ações, justificarem certas inferências e nos auxiliarem a definir metas; e (v) o significado das metáforas é parcialmente cultural e parcialmente relacionado às experiências do passado (Lakoff; Johnson, 2003).

Lakoff e Johnson (2003) discorrem ainda sobre um aspecto bastante importante para que possamos compreender o processo de metaforização do coronavírus e as implicações políticas e sociais do uso dessas metáforas: trata-se da relação entre metáfora, verdade e ação. Segundo os autores, “em todos os aspectos da vida, não apenas na política e no amor, definimos

nossa realidade em termos de metáforas e então passamos a agir com base nessas metáforas³⁰” (Lakoff; Johnson, 2003, p. 158, tradução nossa) e, como consequência, “fazemos inferências, estabelecemos metas, assumimos compromissos e executamos planos, tudo com base em como estruturamos, em parte, nossa experiência, consciente e inconscientemente, por meio de metáforas³¹” (Lakoff; Johnson, 2003, p. 158, tradução nossa).

Esse entendimento de que nossas ações são direcionadas a partir das metáforas às quais temos acesso demanda uma discussão mais aprofundada, a qual faremos quando abordarmos o processo de metaforização das doenças endêmicas e, especialmente, do coronavírus durante a pandemia de Covid-19. Contudo, já podemos adiantar que há aqueles que defendam que o poder das metáforas em nossas ações é tão relevante que algumas metáforas deveriam ser evitadas. Esse seria o caso das metáforas bélicas em referência às doenças, uma vez que o cenário de guerra levaria a sentimentos de medo e de impotência diante da situação e até mesmo de culpabilização dos doentes (Sontag, 2007), (Olza *et al.*, 2021), (Semino, 2020) etc.

Não desejamos argumentar em favor do uso ou não de metáforas bélicas no contexto da Covid-19 ou de qualquer outra doença, mas é fundamental que entendamos o papel que as metáforas desempenham na organização da sociedade e de sua estruturação política. Nesse sentido, Lakoff e Johnson (2003) ressaltam que as críticas que as metáforas recebem por não corresponderem a uma “verdade” do mundo real não se sustentam, pois estão baseadas em uma visão objetivista da verdade, a qual é um perigo em termos sociais e políticos. Segundo os pesquisadores, a relação entre o processo de metaforização e a verdade é o mesmo que acontece no processo de categorização, pelo qual identificamos tipos de objetos e de experiências a partir do realce de algumas características em detrimento de outras. A diferença reside no fato de que com a categorização nós estabelecemos a comparação dentro de um mesmo domínio, enquanto na projeção metafórica a comparação se dá entre diferentes tipos de coisas (um vírus e uma pessoa, por exemplo, e não dois tipos de pessoas).

Essa discussão entre metáfora e verdade sempre foi um campo profícuo dentro da tradição objetivista, uma vez que o objetivismo considera que assim como os mitos, as metáforas não podem ser consideradas porque não são fruto de uma verdade objetiva. Dessa forma, as metáforas estariam dentro do campo do subjetivo, do que não pode ser controlado, do campo da imaginação. Segundo Lakoff e Johnson (2003, p. 191, tradução nossa), “o medo da

³⁰ Tradução nossa, no original: “In all aspects of life, not just in politics and love, we define our reality in terms of metaphors and then proceed to acts on basis of the metaphors” (Lakoff; Johnson, 2003, p. 158).

³¹ Tradução nossa, no original: “We draw inferences, set goals, make commitments, and execute plans, all on the basis of how we in part structure our experience, consciously and unconsciously, by means metaphor” (Lakoff; Johnson, 2003, p. 158).

metáfora e da retórica na tradição empirista é o medo do subjetivismo – o medo da emoção e da imaginação³²”.

Como consequência, Lakoff e Johnson (2003) argumentam que o pensamento metafórico é uma espécie de imaginação, uma racionalidade imaginativa. Contudo, os autores fazem uma ressalva importante: compreender a metáfora como racionalidade imaginativa não significa ignorar a existência da verdade, mas sim compreender que “a verdade é relativa ao nosso sistema conceitual, que é fundamentado e constantemente testado por nossa experiência e a de outros membros de nossa cultura em nossas interações diárias com outras pessoas e com nossos ambientes físicos e culturais³³” (Lakoff; Johnson, 2003, p. 193, tradução nossa).

Diante do exposto até aqui, passamos agora a abordar uma outra perspectiva de compreender as metáforas que, a nosso ver, dialoga bastante com a perspectiva conceptual, especialmente porque considera a metáfora, antes de tudo, conceptual e ecológica, ou seja, fruto de nosso sistema conceptual e de nosso sistema social e cultural, assim como já propunham Lakoff e Johnson com outros termos.

3.1.2 A perspectiva ecológica

A perspectiva conceptual da metáfora, ainda que muito usual dentro da linguística, tem recebido algumas críticas e propostas de revisão e de ampliação, especialmente por duas razões fundamentais: por ser uma abordagem dualista, ou seja, separa o que seria do campo cognitivo e do que seria do campo social/comunicacional (Gibbs, 2013) e pela falta de dados robustos que forneçam sustentação à teoria (Moura, 2008), (Schröder, 2011), (Silva; Leite, 2015). Gibbs (2013) lembra que os críticos da TCM não desacreditam na possibilidade de ela fazer parte do pensamento humano, mas reconhecem que as metáforas estão profundamente interligadas às ações sociais humanas. Como consequência, outras abordagens da metáfora vão surgindo, como é o caso da Teoria da Análise da Metáfora (Kittay, 1987) e, mais recentemente, da Teoria Ecológica da Metáfora (Jensen; Greve, 2019), (Gibbs, 2012) entre outros.

Para que possamos compreender a metáfora sob o prisma ecológico, é fundamental que entendamos primeiramente o que ecológico significa nesse campo de estudos. Segundo Jensen e Greve (2019), o termo “ecológico” tem sido empregado em diferentes áreas do conhecimento,

³² Tradução nossa, no original: “The fear of metaphor and rhetoric in the empiricist tradition is a fear of subjectivism - a fear of emotion and the imagination” (Lakoff; Johnson, 2003, p. 191).

³³ Tradução nossa, no original: “Truth is relative to our conceptual system, which is grounded in, and constantly tested by, our experience and those of other members of our culture in our daily interactions with other people and with our physical and cultural environments” (Lakoff; Johnson, 2003, p. 193).

mas um elo entre esses usos é o fato de que em todos os casos há uma ênfase na característica relacional entre os seres, as entidades e o mundo. Dito de outra forma: trata-se do estudo das relações entre organismos e ambientes, e no caso da metáfora, busca compreender a relação dela com outros ambientes, como a cultura, a intenção, o contexto³⁴ etc. (Jensen; Greve, 2019). Dessa forma,

A virada ecológica nesses campos de estudo compartilha um foco na natureza relacional entre significado, cognição e ambiente, partindo do pressuposto de que qualquer tipo de fenômeno ou atividade é sempre limitado – restrito e permitido – pelo material, bem como por **aspectos socioculturais** de seu ambiente imediato e extenso³⁵ (Jensen; Greve, 2019, p. 7, tradução nossa, grifos nossos).

Essa compreensão ecológica, portanto, não corresponde à defesa de um determinismo biológico, mas busca lançar luz sobre a relação complexa que existe entre os seres sociais (humanos) e o ambiente físico-biológico-social-linguístico que os envolve. No caso específico da metáfora, ela passa a ser vista como uma ação que responde a um conjunto de fatores (como o próprio corpo, a língua, o ambiente imediato e as demandas socioculturais).

É importante mencionar que o interesse pela relação entre cognição, indivíduos e mundo (ambiente) também é enfatizada por outras teorias, como é o caso da perspectiva sociocognitivista (Salomão, 1999, 2003, 2007), (Morato *et al.*, 2016), (Morato; Bentes, 2017), (Tomasello, 2008, 2019). Segundo Tomasello (2019), quando observamos a mudança cognitiva e comportamental da espécie, percebemos que o tempo transcorrido foi muito curto em termos evolucionários (algo entre 250 mil e 6 milhões de anos). A explicação apresentada pelo autor é que isso foi possível graças a um recurso biológico, a transmissão social ou cultural, uma vez que “uma hipótese razoável seria, portanto, que o incrível conjunto de habilidades cognitivas e de produtos manifestado pelos homens modernos é resultado de algum tipo de modo ou modos de transmissão cultural únicos da espécie” (Tomasello, 2019, p. 5). Além disso, as diferentes aprendizagens observadas (por imitação, instrução e colaboração) são possíveis graças à cognição social, ou seja, graças “a capacidade de cada organismo compreender os co-específicos como seres *iguais a ele*, com vistas mentais e intencionais iguais às dele” (Tomasello, 2019, p. 7).

³⁴ A visão ecológica prefere o termo “nicho”. Discorreremos sobre isso adiante.

³⁵ Tradução nossa, no original: “The ecological turn in these fields of study share a focus on the relational nature between meaning, cognition, and environment starting with the assumption that any type of phenomenon or activity is always constrained - restricted and enabled - by the material as well as socio-cultural aspects of its immediate and extended environment” (Jensen; Greve, 2019, p. 7).

Além disso, conforme menciona Salomão (2003, p. 73), a perspectiva sociocognitiva é uma abordagem ecológica que reconhece a face cognitiva e discursiva do indivíduo. Nas palavras da autora, a dimensão sociocognitivista “é a do trabalho ecológico do sujeito cognitivo, do sujeito discursivo: tal trabalho caracteriza-se como ecológico por orientar sua ação numa específica moldura (física, mental, social) e por movimentar contínuas semioses para a construção do sentido como entendimento localmente validado” (Salomão, 2003, p. 73). Outro aspecto importante dentro da perspectiva sociocognitiva é a compreensão da própria cognição, a qual é vista “como processo emergente das interações entre corpo, cérebro e ambiente sócio-físico.” (Morato *et al.*, 2016, p. 579).

Da mesma forma, a perspectiva ecológica propõe uma visão diferenciada sobre a cognição e a metáfora. No caso da cognição, ela passa a ser entendida a partir de quatro eixos (4E), ou seja, é compreendida como corporificada, incorporada, enativa e estendida³⁶. Dito de outra forma, a cognição não é uma propriedade individual, mas sim uma propriedade de um organismo-ambiente-sistema – resultado da relação entre um agente e o ambiente, não apenas de um processo interno que ocorre dentro da cabeça do indivíduo, pois a mente é relacional.

Essa compreensão se aproxima também da perspectiva sociocognitiva, uma vez que a mente é compreendida “como sistema dinâmico materializado no mundo antes que como uma rede neural, ‘na cabeça’ [...]” (Morato *et al.*, 2016, p. 579). Como consequência, “a relação mente-mundo não é de ‘espelhamento’, mas de interferência recíproca: a experiência não é, pois, mero epifenômeno da vida mental, mas dimensão fundadora da mente e de sua fenomenologia” (Morato *et al.*, 2016, p. 579). Ainda sobre essa questão, Salomão (2003, p. 83) salienta que

Na perspectiva sociocognitiva não há cesura entre linguagem e mundo. O realismo cognitivista (não-metafísico) reconhece que o mundo existe e que a mente é inseparável do mundo, em sua materialidade e em sua história: de fato, a mente é parte do mundo e, nesta condição, não o representa, mas atua nele, e o transforma ao transformar-se.

Diante disso, fica claro que uma visão de cognição corporificada é contrária à perspectiva neurocognitiva tradicional, uma vez que entende que o corpo faz parte dos processos cognitivos. Nesse sentido, segundo Alonso e Ramos (2022), podemos encontrar versões fracas e fortes que versam sobre o grau de importância e de envolvimento desses elementos fisiológicos na cognição. No caso das versões fracas, compreende-se que “os fenômenos cognitivos têm sua realização localizada unicamente na matéria neuronal,

³⁶ Tradução nossa, no original: 4E cognition: as distributed, enacted, embedded, and extended cognition.

constituindo então a base de tais processos. Nessa perspectiva, o corpo tem o papel de dar forma, por restringir, oportunizar, ou influenciar os fenômenos cognitivos” (Alonso; Ramos, 2022, p. 32). Já no caso das versões fortes, a cognição é compreendida como algo que ultrapassa as fronteiras neuronais de maneira que os elementos corporais extraneuronais são vistos como constituintes que podem exercer influência nos processos cognitivos.

A visão incorporada da cognição, por sua vez, a compreende como um fenômeno que ocorre dentro dos limites corporais ao mesmo passo que a reconhece como incorporada a um ambiente que pode ter uma relevância cognitiva. Da mesma forma que ocorre com a cognição corporificada, há adeptos e defensores de versões fracas, cujo entendimento é de que “os elementos presentes no ambiente servem como mera entrada para processos e estados cognitivos” (Alonso; Ramos, 2022, p. 35), e de versões fortes, nas quais alguns processos cognitivos dependeriam do ambiente para que possam ocorrer.

As discussões envolvendo a existência ou não de “mente” estão no escopo da perspectiva enativa³⁷, pois para essa abordagem não há mente e a consciência e a cognição são vistas como propriedades que emergem da relação entre o sistema nervoso, o corpo e o ambiente. Em outras palavras, trata-se de uma visão forte da cognição corporificada. Nesse sentido, o “cérebro corporificado em interação com o ambiente dá origem aos processos emergentes e esse todo sistêmico é o que constitui a cognição, em outras palavras, é o que compõe sua estrutura” (Alonso; Ramos, 2022, p. 37). Por fim, há a perspectiva de cognição estendida, segundo a qual não há como entender os processos cognitivos se ficamos restritos ao que ocorre dentro do crânio das pessoas. Nesse sentido, há uma visão externalista da cognição, compreendendo o ambiente como um elemento basilar na constituição dos processos cognitivos.

Contudo, é importante relembrar que a questão da externalidade da mente é discutida há bastante tempo. Segundo Clark e Chalmers (1998), é possível compreender o externalismo da mente como um processo ativo, ou seja, o ambiente exerce um papel fundamental sobre o processo cognitivo e não é apenas um “suporte” para o corpo-cérebro existir. Em resumo, a perspectiva adotada pelos autores é a da cognição estendida, considerando que o processo cognitivo não ocorre de todo dentro da cabeça. Essa perspectiva ficou conhecida como a teoria da “mente estendida”, a partir da qual defende-se que “as crenças podem ser constituídas em parte por características do ambiente, quando essas características desempenham o tipo certo

³⁷ A abordagem enativa compreende que a cognição é resultado de uma exploração realizada pelo indivíduo. Não é um termo tão usual, mas dentro da perspectiva ecológica é bastante utilizado. Para mais informações, ver Rolla (2021).

de papel na condução do processo cognitivo. Se assim for, a mente se estende para o mundo³⁸” (Clark; Chalmers, 1998, p. 12, tradução nossa). Nesse sentido, a linguagem exerce um papel muito relevante no processo de “extensão” de nossas mentes, uma vez que “sem linguagem, poderíamos ser muito mais parecidos com mentes ‘interiores’ cartesianas discretas, nas quais a cognição de alto nível depende amplamente de recursos internos³⁹” (Clark; Chalmers, 1998, p. 18, tradução nossa).

Além disso, a abordagem ecológica da cognição e da linguagem compreende que os usos linguísticos são resultado da relação estabelecida entre o organismo e o ambiente, constituindo assim um sistema complexo, dinâmico e adaptativo. Dito de outra forma: o ambiente influencia diretamente os usos linguísticos. Duque (2016) exemplifica essa ideia fazendo menção à atividade de empilhar caixas e de categorizar objetos a partir de suas características: segundo o autor, esse é um exemplo de como um sistema físico (empilhar caixas/categorizar objetos) pode servir de plataforma para sistemas menos físicos (como a linguagem que também categoriza seus elementos a partir de suas características). Dessa forma, a perspectiva de linguagem defendida é a de um sistema que, graças ao processo de interação com o ambiente, consegue constituir-se e sofre alterações continuamente. Segundo o autor:

A visão de linguagem como sistema que emerge de um processo de auto-organização contínua nos obriga a admitir que a diversidade é crucial para a sua capacidade criadora e que, paradoxalmente, a desordem é condição necessária para a sua organização e reorganização constante. [...] Além disso, entender a linguagem como um sistema fechado nos impede de enxergar as perturbações oriundas do ambiente físico e social influenciando nossas práticas linguísticas (Duque, 2016, p. 169).

Ainda sobre essa questão, Duque (2016) defende que os seres vivos conseguem resolver problemas complexos porque interagem com o ambiente. Dessa forma, as relações entre organismo-ambiente e organismo-organismo possibilitam a emergência da cognição, ou seja, de “um sistema complexo, dinâmico e adaptativo” (Duque, 2016, p. 32). Essa relação do organismo com o ambiente (e do próprio organismo com outro organismo) é mediada pela linguagem e, graças a ela, constituímos novos sentidos. Ou seja, “dentro da abordagem ecológica, portanto, a linguagem é o meio cognitivo que possibilita o fluxo da informação linguística através de um meio físico (ar, água etc.) do ambiente (meio-ambiente) de modo a promover o compartilhamento de atenção” (Duque, 2016, p. 35).

³⁸ Tradução nossa, no original: “beliefs can be constituted partly by features of the environment, when those features play the right sort of role in driving cognitive process. If so, the mind extends into the world” (Clark; Chalmers, 1998, p. 12).

³⁹ Tradução nossa, no original: “Without language, we might be much more akin to discrete Cartesian ‘inner’ minds, in which high-level cognition relies largely on internal resources” (Clark; Chalmers, 1998, p. 18).

Quanto à metáfora, a visão ecológica a compreende como um fenômeno cognitivo por emergir também da relação do indivíduo com o seu ambiente. Como consequência, o significado metafórico também é relacional, assim como a própria cognição. Dessa forma, o processo de expansão metafórica dos sentidos é resultado do emprego da metaforicidade, um valor escalar que é fruto de experiências vivenciadas a partir do ambiente – físico e social – e que representa a duplicidade potencial dos próprios conceitos. Em outras palavras, a metáfora é entendida como um recurso que compõe nossas ações e que ocorre dentro de um sistema auto-organizado (Jensen; Greve, 2019). Além disso, “nessa perspectiva, a metáfora primária não é concebida como o mapeamento de domínios mentais abstratos, mas sim como um processo que envolve a própria emergência do conceito a ser emulado a partir da integração organismo-ambiente” (Rodrigues; Medeiros; Duque, 2020, p. 204).

O conceito de “contexto” para se referir ao ambiente assume um sentido novo dentro da perspectiva ecológica, uma vez que essa abordagem teórica o compreende de maneira bastante singular: segundo Jensen e Greve (2019), enquanto o contexto revela uma separação entre processos que ocorrem dentro dos corpos (cognitivos) e daqueles que ocorrem fora (sociais e culturais), o “nicho ecológico” revela a relação fundamental entre os seres e o ambiente, pois este é fundamental para a constituição de nossas ações e, por consequência, de nossas metáforas (metáfora é ação). Em resumo, o ambiente é parte fundante de todas as ações que realizamos em nosso dia a dia, inclusive o emprego da metaforicidade na constituição e na compreensão de metáforas. Em outras palavras, o ambiente não é compreendido como uma ferramenta externa, pois forma parte de todos os processos do cotidiano.

A compreensão da cognição como relacional e corporificada resulta em uma abordagem da metáfora que considera os processos internos e externos de maneira bastante próxima. Sobre isso, Gibbs e Macedo (2010) discutem como a percepção, as imagens mentais, os conceitos, a capacidade de resolução de problemas, a memória e o próprio processamento da linguagem se conectam às metáforas. Com isso, tem-se uma visão de metáfora corporificada em que esses sistemas são fundamentalmente importantes. No caso da percepção, por exemplo, os autores defendem que não há uma passividade no processo de perceber as coisas do mundo por meio de nossos sentidos, mas sim uma atividade corporificada da percepção na qual ao mesmo passo que percebemos o mundo, agimos e nos movimentamos diante do que percebemos. Da mesma forma, “nossa capacidade de interpretar a linguagem metafórica depende de nossa capacidade de imaginar agindo de maneiras relevantes no mundo real⁴⁰” (Gibbs; Macedo, 2010, p. 682,

⁴⁰ Tradução nossa, no original: “our ability to interpret metaphoric language rests on our abilities to imagine acting in relevant real-world ways” (Gibbs; Macedo, 2010, p. 682).

tradução nossa). O mesmo ocorre com a criação de imagens mentais, pois elas surgem a partir da nossa capacidade de imaginar nossas ações diante do mundo real⁴¹.

No que diz respeito aos conceitos, Gibbs e Macedo (2010) salientam que a perspectiva ecológica busca demonstrar a sua natureza corporificada, sejam eles concretos ou abstratos. Essa busca leva em consideração que existe uma dinamicidade na definição dos conceitos – pode ocorrer uma diversificação na definição de certas categorias a depender da situação, o que revela uma forte ligação com o contexto (ou nicho ecológico). Além disso, o processamento conceitual está ligado aos processos sensório-motores (por isso mesmo, corporificados) que dão suporte para o processamento conceitual. Em resumo, o ato de conceituar é resultado das ações do indivíduo diante do objeto e “os conceitos não são entidades estáticas e pré-codificadas na mente, mas surgem no contexto de uma ligação estreita de processos cognitivos e motores que são mais relevantes naquela situação⁴²” (Gibbs; Macedo, 2010, p. 686, tradução nossa).

A compreensão da capacidade humana na resolução de problemas é abordada também pela perspectiva ecológica e corporificada. Para Gibbs e Macedo (2010), todo pensamento humano é permeado por um cérebro, um corpo e um mundo que se relacionam de maneira dinâmica. Dessa forma, a mente que consegue resolver problemas não está “dentro” do corpo (como uma metáfora do contêiner), mas emerge dessa relação. Da mesma forma, a memória e o processamento da linguagem são compreendidos como fenômenos corporificados. A experiência corporal, portanto, é fundamental para a constituição de memórias e, também, para o processamento da linguagem.

Nesse sentido, é possível compreender como as metáforas primárias são revestidas pela experiência corporificada daqueles que as constroem e as interpretam, como é o caso de DISCUSSÃO É GUERRA – *Destrua seu argumento*: a compreensão dessa metáfora passa pelo entendimento de que é preciso “destruir” o argumento de uma outra pessoa, conceptualizando-o como um objeto real (corporificado) que deixará de existir se for “aniquilado” no decurso da discussão. Ou seja, as experiências corporais evocam cenas básicas – de uma guerra, nesse caso – que resultam na possibilidade de entender um objeto por outro, ou, mais especificamente, compreender um argumento como um “inimigo” dentro de uma “guerra” que é uma discussão. Em outras palavras, não se trata de negar o caráter conceptual desse processo, mas sim

⁴¹ Essa capacidade imaginativa é permeada pela compreensão de como o mundo funciona, ou melhor, de quais são os frames de cenas básicas de nosso cotidiano. Voltaremos a essa questão quando abordarmos a Gramática das Construções.

⁴² Tradução nossa, no original: “concepts are not static, pre-coded entities sitting in mind, but arise in context from a tight coupling of cognitive and motoric processes that are most relevant in that situation” (Gibbs; Macedo, 2010, p. 686).

reconhecer que a experiência e o entendimento de como uma guerra funciona agem diretamente na construção da expansão metafórica, pois o pensamento e a linguagem estão situados dentro da relação entre cérebros, corpos e mundo (Gibbs; Macedo, 2010).

Dito de outra forma, é na intersecção entre cérebros, corpos e mundo que encontramos a resolução de problemas, a capacidade de pensamento, a capacidade de construir e de interpretar metáforas etc. Além disso, essa visão está de acordo com a perspectiva de Duque (2016, p. 42), para quem

mais do que considerar o corpo e o ambiente como meros coadjuvantes da cognição, passamos a admitir que a interação organismo-ambiente constitui, na verdade, o estado inicial de uma cognição emergente. E essa emergência parece estar diretamente vinculada ao desenvolvimento da linguagem.

Ainda sobre a concepção de metáfora corporificada, há um entendimento de que o domínio-fonte é oriundo do sistema sensório-motor do corpo. Dessa forma, as metáforas conceptuais emergem em dois sentidos, segundo Gibbs e Macedo (2010, p. 697-698, tradução nossa): “O primeiro, em um estágio muito inicial de desenvolvimento cognitivo, no qual os mapeamentos neurais perceptuais / conceituais são estabelecidos, e um segundo no qual esses mapeamentos são dinamicamente e continuamente aprimorados por influências socioculturais⁴³”.

Para Gibbs (2013), a metáfora está ligada aos padrões sociais não apenas por seu caráter comunicacional, mas especialmente porque nossa cognição é intrinsecamente social. Sendo assim, o pesquisador se volta à famosa distinção entre o que seria pertencente ao campo cognitivo, social e comunicacional, revelando que essa separação reforça a crença de que cada um desses elementos pertenceria a um domínio diferente da experiência humana, o que a visão ecológica rechaça. Como consequência, o autor defende que não há um sistema específico e isolado em nossa cognição responsável pela constituição das metáforas conceptuais. Essa tese pode ser entendida sob duas vertentes: a forte, que defende que não há mesmo nenhum sistema responsável pelas metáforas dentro dos cérebros humanos; e uma fraca, que considera que mesmo existindo esse sistema, ele não seria o único responsável pela significação metafórica.

Esse entendimento resulta na apreensão de que muitas são as forças envolvidas na experiência linguística metafórica, a saber: forças evolutivas (corporais, culturais, cognitivas e linguísticas); condições culturais; contexto social (ou nicho ecológico como já discutiremos

⁴³ Tradução nossa, no original: “The first, at a very early stage of cognitive development in which perceptual/conceptual neural mappings are established, and a second one in which these mappings are dynamically and continuously enhanced by socio-cultural influences” (Gibbs; Macedo, 2010, p. 697-698).

anteriormente); conhecimento linguístico; processos neurais etc. O tempo de ação de cada uma dessas forças é bastante distinto, variando entre velocidades bastante lentas (como as transformações culturais através da história) ou muito rápidas (como o processamento neural). Contudo, as forças de velocidade mais lenta sempre necessitarão das forças de velocidade mais rápida para que possam se efetivar e é a partir dessa relação que temos um processo dinâmico e auto-organizado de forças que gera a construção das metáforas (Gibbs, 2013).

A concepção de uma cognição intrinsecamente social revela uma visão diferenciada do processo comunicativo como um todo, pois uma vez que se compreende que até o ato de pensar individualmente é social, o ato de interpretar metáforas também o é. Para Gibbs (2013), quando um indivíduo se envolve no processo de julgamento de uma metáfora, o faz a partir da consideração de que há uma autoria (ainda que desconhecida) com objetivos e intencionalidade social⁴⁴ e comunicacional. Como consequência, a compreensão do sentido metafórico é, como a linguagem num aspecto mais geral, sempre social (Gibbs, 2013).

Esse reconhecimento de que há uma autoria com intencionalidade no processo comunicativo se relaciona diretamente com a capacidade humana de reconhecer seus co-específicos como seres intencionais iguais a si mesmo, conforme mencionado anteriormente. Segundo Tomasello (2019), é essa possibilidade que dá base para a cognição social. Ao tratar desse aspecto, Salomão (2003) menciona que o evento comunicativo em que o participante considera as ações e/ou intenções de seu interlocutor ocorrem nesse universo de reconhecimento cognitivo e social. Dessa forma, a comunicação é efetivada por meio das intenções, expectativas, pré-condições, moldura e construções linguísticas.

A relevância da experiência corporal para a perspectiva ecológica pode ser reconhecida também na importância que a Gramática das Construções atribui às chamadas cenas básicas. Para essa perspectiva teórica, todos os enunciados de todas as línguas se estruturam a partir dessas cenas básicas. Esse é um ponto importante e de aproximação entre essas perspectivas teóricas, uma vez que as cenas básicas podem ser comparadas, de certa forma, ao contexto ecológico em que estamos inseridos. A seguir discutiremos com mais detalhes a chamada Gramática das Construções.

3.2 A GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES

⁴⁴ O reconhecimento da intencionalidade do outro forma parte, segundo Tomasello (2009, 2019), do que nos diferencia das outras espécies. Esse reconhecimento deságua na construção de uma intencionalidade compartilhada.

Goldberg (1995) propõe a seguinte definição de construção: “C é uma construção se C é um par forma-significado <F,S,>no qual nenhum aspecto de F, ou de S, seja estritamente previsível a partir das partes componentes de C ou de outras construções previamente estabelecidas⁴⁵” (Goldberg, 1995, p. 4, tradução nossa). Nesse sentido, a Gramática das Construções (doravante GC) concebe que as sentenças são instâncias de construções, compostas pelo par forma-significado (relação entre sintaxe e semântica⁴⁶), e cujo sentido independe do significado específico dos verbos que compõem as sentenças. Em outras palavras, a construção possui seu significado próprio e ao estudar a grade argumentativa dos verbos, a perspectiva construcional interpreta que as diferenças de sentido resultantes do uso do mesmo verbo em diferentes situações podem ser entendidas a partir desse significado específico da construção. Ou seja, o significado inerente do verbo é flexível e pode sofrer alterações quando empregado em construções particulares. Além disso, mesmo que as construções tenham diferentes sentidos, são organizadas e interligadas a partir de famílias de construções (Goldberg, 1995).

Goldberg (1995) discorre sobre as “sentenças básicas” – chamadas de “sentenças simples” por Perini (2008) –, as quais estão associadas diretamente às cenas básicas do cotidiano. Essa perspectiva é oriunda da Semântica de Frames (Fillmore, 1982) e revela uma visão bastante conhecida dentro dos estudos da Linguística Cognitiva: dentro de uma cena – ou de um evento – há diferentes participantes que desenvolvem diferentes ações/papéis. Essas atribuições de responsabilidade, ou de grau de envolvimento no evento, refletem relações comuns das ações como COMPRAR, COMER, CORRER etc., o que remonta a processos de conceptualização, de conhecimento de mundo e de experiência. Ademais, reconhece-se que o significado holístico da construção é a somatória do significado da construção *stricto sensu* e dos elementos que a compõem em diferentes instâncias. Exemplos de construções na perspectiva de Goldberg seriam: (i) construção bitransitiva (X faz com que Y receba Z); (ii) construção de movimento causado (X causa Y para mover Z); (iii) construção resultativa (X causa Y para se tornar Z); (iv) construção de movimento intransitivo (X move Y); (iv) construção conativa (X dirige a ação para Y).

Ao discorrer sobre as vantagens da abordagem construcional, Goldberg (1995) salienta que a partir dessa perspectiva, os significados improváveis dos verbos são evitados, uma vez

⁴⁵ Tradução nossa, no original: “C is a construction if C is a form-meaning pair <F,, S,> such that some aspect of F, or some aspect of S, is not strictly predictable from C’s component parts or from other previously established constructions” (Goldberg, 1995, p. 4)

⁴⁶ Perini (2008) chama essa relação de simbólica.

que não é necessário definir *a priori*, e de maneira *ad hoc*, o que os verbos significam⁴⁷. Em outras palavras, o significado da construção acaba por influenciar na definição do significado do verbo. Além disso, como menciona Moura (2018, p. 18), “enquanto as construções possuem uma estrutura semântica mais esquemática, os verbos possuem uma semântica muito mais rica, associada aos *frames* nos quais cada verbo se insere”.

Outro benefício do uso da perspectiva construcional é que a composicionalidade da construção é preservada. Ou seja, “uma construção é posta na gramática se, e somente se, algo sobre sua forma, significado ou uso não for estritamente previsível de outros aspectos da gramática, incluindo construções previamente estabelecidas⁴⁸” (Goldberg, 1995, p. 13, tradução nossa). Em outras palavras, não haverá duas construções que signifiquem exatamente a mesma coisa, pois é contraintuitivo a criação de uma nova construção linguística para significar o mesmo que outra. Além disso, não podemos esquecer que qualquer mudança na forma, por mais sutil que seja, implica em uma mudança de sentido, por isso, no caso das construções, ainda que se assemelhem ou se avizinhem, não serão iguais. Outro aspecto relevante na composicionalidade diz respeito aos verbos, o núcleo semântico da sentença, por isso o interesse tão comum em estudar a grade argumentativa dos verbos dentro da GC.

Por outro lado, o entendimento de que as construções possuem seus significados próprios não retira a importância dos significados específicos dos verbos, uma vez que, como salienta Goldberg (1995), a análise construcional precisa considerar como esses significados resultam em um sistema interativo. Dessa forma, Goldberg (1995) filia-se à compreensão de Fillmore (1982, 1985) acerca dos enquadramentos e das cenas básicas que definem os significados, pois “os verbos, assim como os substantivos, envolvem significados frame-semânticos; ou seja, sua designação deve incluir referência a um quadro de fundo rico em conhecimento cultural e de mundo⁴⁹” (Goldberg, 1995, p. 27, tradução nossa).

Como já mencionado, a perspectiva de Goldberg (1995) não assume a divisão clássica entre léxico e sintaxe e, por isso, a compreensão acerca de determinados fenômenos linguísticos não é a mesma que a da tradição clássica. Um exemplo dessa diferença é o conceito de polissemia: uma vez que as construções são consideradas da mesma forma que os morfemas, espera-se que a polissemia encontrada nos morfemas também possa ser observada nas

⁴⁷ Trata-se de uma matemática do sentido, na qual o significado dos verbos se dá a partir de equações e variáveis: na sentença X o verbo significa (vale) Y; já na sentença Y, o verbo significa (vale) X etc.

⁴⁸ Tradução nossa, no original: “A construction is posited in the grammar if and only if something about its form, meaning, or use is not strictly predictable from other aspects of the grammar, including previously established constructions” (Goldberg, 1995, p. 13).

⁴⁹ Tradução nossa, no original: “Verbs, as well as nouns, involve framesemantic meanings; that is, their designation must include reference to a background frame rich with world and cultural knowledge” (Goldberg, 1995, p. 27).

construções linguísticas, especialmente porque estas estabelecem relações de sentido entre si a partir de famílias de sentidos (Goldberg, 1995). Segundo Salomão (2008), dentro da CG podemos encontrar três principais abordagens sobre herança das construções, a saber: (i) perspectiva de redes de herança completas (ou monotônicas), adotada principalmente por Fillmore (1999); (ii) perspectiva de redes de herança radiais (também chamadas de *by default*), adotada por Goldberg (1995); e (iii) perspectiva de redes de herança de construções especificadas totalmente, adotada por pesquisadores como Langacker (1987). A perspectiva de Goldberg (1995), a qual considera a radialidade das construções (com base na teoria de categorização proposta por Rosch (1977)) é a que adotaremos neste trabalho.

Goldberg (1995) exemplifica a polissemia das construções a partir do caso das construções bitransitivas do inglês: o sentido básico desse tipo de construção assume que o argumento na posição de agente efetive uma transferência de um objeto ao destinatário. Ainda que esse seja o sentido central (no português isso fica claro com verbos como “dar”, “entregar”, “enviar” etc.), a autora argumenta que não é o único, pois o mesmo tipo de construção pode resultar em um sentido de não efetivação da transferência (como nos casos em que verbos como “recusar” e “negar” estão presentes), revelando que “a forma bitransitiva está associada a um conjunto de sentidos sistematicamente relacionados. Assim, o bitransitivo pode ser visto como um caso de polissemia construcional: a mesma forma é emparelhada com sentidos diferentes, mas relacionados⁵⁰” (Goldberg, 1995, p. 33, tradução nossa).

Sobre a estrutura das construções, Goldberg (1995) chama a atenção para o fato de que não devemos confundir os papéis dos participantes de uma construção com os argumentos dos verbos, uma vez que os argumentos das construções são mais gerais e estão relacionados aos chamados papéis temáticos, como agente, paciente etc. Dessa forma, os verbos determinam lexicalmente quais serão os aspectos frame-semânticos que estarão em jogo e, por consequência, quais serão os argumentos que deverão estar presentes. Isso resulta, por exemplo, em diferenças de significado e de atribuição de papéis temáticos em construções com verbos que, aparentemente, possuem significados parecidos (Goldberg, 1995).

Para exemplificar essa questão, Goldberg (1995) discorre sobre as diferenças entre o verbo *rob* (roubar) e o verbo *steal* (furtar) no inglês: enquanto roubar envolve uma afetação da vítima, o verbo furtar foca no objeto que foi expropriado. O mesmo acontece com os substantivos *robbery* (roubo) e *theft* (furto): enquanto o roubo designa um crime mais violento

⁵⁰ Tradução nossa, no original: “the ditransitive form is associated with a set of systematically related senses. Thus the ditransitive can be viewed as a case of constructional polysemy: the same form is paired with the different but related senses” (Goldberg, 1995, p. 33).

e perigoso, porque ocorre contra à vítima que está presente durante o crime, o furto designa um crime no qual o foco recai no objeto furtado e, por isso, é considerado mais brando e menos violento.

Além disso, existem alguns princípios de integração que organizam a forma pela qual certos verbos integrarão as construções. Sobre isso, Goldberg (1995, p. 49, tradução nossa) defende que

as construções devem especificar de que forma os verbos se combinarão com elas; elas precisam ser capazes de restringir a classe de verbos que podem ser integrados a elas de várias maneiras [...], e elas também devem especificar a maneira pela qual o tipo de evento designado pelo verbo é integrado ao evento tipo designado pela construção⁵¹.

Ainda que exista uma diferença entre a grade argumental dos verbos e os argumentos das construções, há casos em que esses papéis podem se fundir semanticamente. Contudo, Goldberg (1995) salienta que essa fusão segue dois princípios: o Princípio da Coerência Semântica e o Princípio da Correspondência. Segundo o Princípio da Coerência Semântica, apenas papéis que são semanticamente compatíveis podem ser fundidos. Por exemplo: dois papéis, r1 e r2, são considerados semanticamente compatíveis se tanto r1 puder ser construído como instância de r2 quanto r2 puder ser construído como instância de r1 (Goldberg, 1995). Além disso, os princípios gerais de categorização são os que determinam se é possível ou não esse intercâmbio. Já o Princípio da Correspondência define que “cada papel de participante que é lexicalmente perfilado e expresso deve ser fundido com um papel de argumento perfilado da construção⁵²” (Goldberg, 1995, p. 50, tradução nossa).

Um exemplo de investigação que envolve o português brasileiro, a grade argumental (ou valências verbais) e a GC é o estudo de Perini (2008). Nessa investigação, o pesquisador discorre primeiramente sobre a importância do trabalho descritivo em linguística, ressaltando que tratar da aceitabilidade e da inaceitabilidade de construções nas línguas naturais é um dos objetivos fundamentais da ciência da linguagem. Como seu estudo se propõe a ser descritivo, o autor menciona que “baseia-se, como não poderia deixar de ser, em pressupostos teóricos, mas não faz grandes esforços no sentido de construir uma teoria otimizada, nem de encaixar os dados observados em uma tal teoria” (Perini, 2008, p. 58).

⁵¹ Tradução nossa, no original: “Constructions must specify in which ways verbs will combine with them; they need to be able to constrain the class of verbs that can be integrated with them in various ways [...], and they must also specify the way in which the event type designated by the verb is integrated into the event type designated by the construction” (Goldberg, 1995, p. 45).

⁵² Tradução nossa, no original: “Each participant role that is lexically profiled and expresses must be fused with a profiled argument role of the construction” (Goldberg, 1995, p. 50).

Essa descrição envolve muitos pressupostos teóricos, mas sempre buscando a relação entre sintaxe e semântica, uma vez que Perini (2008) advoga por uma descrição simbólica (com base na relação entre sintaxe e semântica). Nesse sentido, a perspectiva do autor se aproxima muito à de Goldberg (1995), como ele mesmo admite: “A notação de Goldberg, como a minha, é simbólica, incluindo traços sintáticos e semânticos” (Perini, 2008, p. 177). A proposta do autor é a de estudar as valências verbais a partir das construções, o que o aproxima também da perspectiva goldberguiana ao considerar que o significado da construção é resultado da soma entre o significado específico do verbo (e, por consequência, de sua valência) e do sentido da própria construção.

Em sua proposta de análise, o autor se vale de conceitos e de categorias sintáticas e semânticas – o que está de acordo com a perspectiva simbólica de análise. No campo sintático, por exemplo, emprega os conceitos de sintagma nominal (SN), verbo (V), sintagma adjetivo (SAdj), sintagma adverbial (SAdv), sintagma preposicionado (SPrep) e sufixo de número-pessoa ou/e SN identificado como sujeito da sentença (H). Quanto aos aspectos semânticos, Perini (2008) utiliza a teoria dos papéis temáticos (Fillmore, 1968). Ainda que a lista do autor não seja muito extensa⁵³, não a indicaremos de forma completa aqui, mas alguns exemplos de papéis temáticos utilizados são: agente, paciente, lugar, tema, ponto de vista, instrumento etc. E é com base nesses elementos que o autor construiu uma lista (que ele mesmo chama de inicial) de diáteses do português brasileiro (doravante, PB).

Esse catálogo é composto por 90 diáteses e organizado a partir de seis subgrupos de construções. O Quadro 1, a seguir, apresenta uma sistematização com um exemplo de construção para cada categoria.

Quadro 1 — Exemplos de diáteses propostas por Perini (2008)

Categoria	Nome da Construção	Representação⁵⁴
Construções da forma H V SN ⁵⁵	C. 1.: Transitiva	Zezé comeu a pizza Definição: H V SN Ag ⁵⁶ Paciente
Construções da forma H V ⁵⁷	C.3.: Intransitiva	Zezé sorriu. Definição: H V

⁵³ Sabemos que a definição dos papéis temáticos varia a depender das escolhas e perspectiva teórica adotada pelo pesquisador. Em nossas análises, optamos por utilizar os papéis temáticos mais usuais e conhecidos, como agente/causa, paciente e tema.

⁵⁴ Na primeira linha da definição encontraremos as convenções relacionadas às questões sintáticas e na segunda, os papéis temáticos.

⁵⁵ Em outras palavras, Sujeito Verbo Objeto.

⁵⁶ Convenção adotada pelo autor para o papel temático de agente.

⁵⁷ Em outras palavras, Sujeito Verbo.

		Ag
Construções da forma H V SN SPrep	C.30.: Dativa	Carminha deu 200 reais a sua neta. Definição: H V SN Prep SN Ag Beneficiário Fonte Tema Meta
Construções da forma H V SPrep	C.14.: de Objeto indireto	José confiava em Marília. Definição: H V Sprep Exp CausaExp
Outras construções	C.26.: Estativa de lugar	O hotel fica na praça. Definição: H V PrepSN Localizando Lugar
Construções complexas	C.65.: Transitiva de troca	Esaú trocou seu direito de primogenitura com Jacó por um prato de lentilhas. Definição: H V SN PrepSN PorSN Ev.1: Fonte Tema Meta Ev.2: Meta Fonte Meta

Fonte: a autora (2024) com base em Perini (2008).

Esse catálogo proposto pelo autor usa sempre essas convenções de representação e cita exemplos de possíveis verbos que podem estar presentes naquelas construções. Neste trabalho, optaremos por utilizar algumas das nomenclaturas de Perini (2008), mas não sua forma de representar as construções. Além disso, os tipos de construções que analisaremos serão mais gerais, considerando sempre as relações dentro das cenas básicas. Contudo, o trabalho de Perini (2008) é relevante no estudo da GC dentro do PB, especialmente porque dialoga com as perguntas fundamentais que traduzem a relação dos verbos com as construções, como, por exemplo, a natureza do significado dos verbos e das construções, bem como as limitações ou possibilidades de determinados verbos ocorrem em determinadas contextos e não em outros. Em resumo, “os significados das construções e dos verbos interagem de maneiras não triviais e, portanto, algumas referências cruzadas entre verbos e estruturas argumentativas serão necessárias⁵⁸” (Goldberg, 1995, p. 24, tradução nossa).

Ainda sobre a questão dos significados das construções, Goldberg (1995) argumenta que estes são apreendidos a partir de cenas básicas, ou *frames*, que estruturam nossa percepção, memória, experiência e ação diante do objeto. Como consequência, a autora menciona também que esses *frames* podem ser organizados a partir dos Modelos Cognitivos Idealizados (doravante, MCI), conforme proposto por Lakoff (1987). Em outras palavras, as construções

⁵⁸ Tradução nossa, no original: “the meanings of constructions and verbs interact in nontrivial ways, and therefore some cross-reference between verbs and argument structures will be necessary” (Goldberg, 1995, p. 24).

espelham nossa forma de experienciar o mundo e nossa forma de fazê-lo é através de cenas básicas ou dos enquadramentos (*frames*), os quais possuem a determinação de papéis e podem ser organizados de maneira sistemática nos MCI.

Além dessas questões de sentido e da relação com os *frames*, as construções possuem características que estruturam o próprio significado. Segundo Goldberg (2019), há características sintáticas (como a posição dos elementos dentro da construção); semânticas (características intrínsecas do sujeito, por exemplo); estruturação da informação nas sentenças (relação de tópico e foco, por exemplo); fonológicas (como o tamanho dos itens que compõem as sentenças) e contexto social (ou nicho, nos termos da perspectiva ecológica).

Para exemplificar essas características em uma construção, a autora discute a construção de duplo objeto no inglês, que pode ser sistematizada como:

Sujeito	Verbo	Objeto ₁	Objeto ₂
<i>She</i>	<i>gave</i>	<i>him</i>	<i>something.</i>

No campo sintático, há de se considerar os seguintes aspectos: a valência do verbo *give* que abarca três argumentos, a relação de agentividade do sujeito, bem como a característica de recipiente do primeiro objeto (é a ele que se destina a “coisa” a ser dada ou transferida) e a característica de mudança do segundo, por isso ele é o tema. No que se refere à semântica, temos uma transferência de posse efetivada, não há dúvidas de que o objeto₂ passa a pertencer ao objeto₁. Para tanto, o recipiente (objeto₁) precisa ser animado para dispor, efetivamente, do poder de posse. Quanto à estruturação da informação, o recipiente funciona como tópico, a informação dada, e o tema (objeto₂) como foco, ou informação nova. No que se refere à fonologia, a construção de duplo objeto no inglês aceita os verbos de origem germânica em detrimento dos de origem latina⁵⁹, sendo que a explicação para essa preferência está relacionada com aspectos fonológicos: palavras de origem germânica tendem a ser menores do que as de origem latina. Como consequência, esse tipo de construção tende a preferir verbos mais curtos, como *give*, *buy*, *show* etc. (Goldeberg, 2019).

Além dessas características que podem ser observadas e diferenciadas em cada construção, há ainda as propriedades gerais. Segundo Goldberg (2019), as construções são semi-produtivas (semi-produtividade) porque há muitas restrições que agem na aceitabilidade de certas estruturas, especialmente a partir do julgamento dos falantes. Além desse julgamento,

⁵⁹ Por isso mesmo a autora brinca no título da obra com a construção “Explain me this”, que em um primeiro momento parece funcionar bem, mas que devido à origem do verbo, não é usual em inglês.

a presença de outras construções mais comuns e produtivas serve também como bloqueio para outras. Outra propriedade geral das construções é a possibilidade de extensão metafórica: uma construção com um uso restrito no início pode ter seu sentido ampliado a partir de extensões metafóricas. No caso da construção de duplo objeto do inglês, uma sentença como *She told me a story* é um exemplo disso, pois a transferência de posse nesse caso é metafórica: ao ouvir uma história, o indivíduo torna-se “possuidor” dela. Além disso, o significado das construções é abstrato, pois não depende de um verbo específico, por isso há casos em que os falantes atribuem significado à construção mesmo com palavras inventadas – caso do *moop* em “*She mooped him something*”, sentença testada empiricamente e a partir da qual as pessoas foram levadas a atribuir o mesmo sentido do verbo *give* para a palavra “*mooped*” que, em realidade, não existe na língua inglesa (Goldberg, 1995), (Ellis; Ferreira-Junior, 2009) etc. Em resumo, portanto, verificamos que sentido não é oriundo apenas do significado verbo, mas sim da construção.

Quando há a possibilidade de mais de uma construção ocupar o mesmo domínio conceitual, ocorre uma competição entre as candidatas. A preferência por uma ou outra é associada ao nível da familiaridade dos falantes com a própria construção. Essa competição entre as construções é o que faz com que construções antigas desapareçam ao mesmo passo que novas construções surjam e comecem a ser utilizadas (Bybee, 2016), (Poll; Moura, 2023). Em um campo mais específico, temos ainda a possibilidade da competição entre palavras, isso porque a competição tende a restringir o significado delas: em um primeiro momento, observa-se um processo de generalização (toda forma arredondada, como a lua, por exemplo, pode ser chamada de *ball* por uma criança em processo de aquisição da língua inglesa); depois que a criança conhece o significado de *moon*, *ball* deixa de ser tão geral e passa a ser aplicada em contextos mais específicos. Como consequência, essa competição é o que determina o significado das palavras e impede a existência de sinônimos perfeitos, pois sempre há uma disputa entre significados similares (Goldberg, 2019).

A subseção que segue apresentará uma discussão acerca de como o processo de metaforização de doenças, mais especificamente do novo coronavírus e da Covid-19, foi possível durante a pandemia de 2020-2022. Com isso, desejamos encaminhar nossa discussão para uma aproximação teórica que faça convergir os estudos sobre metáforas e os estudos sobre as construções, uma vez que consideramos que a metaforização é possibilitada pelos significados das construções em que ocorrem, além dos aspectos cognitivos, experienciais e culturais em jogo.

3.3 A METAFORIZAÇÃO DE DOENÇAS ENDÊMICAS COMO PADRÃO LINGUÍSTICO DE REFERENCIAÇÃO

Segundo Moura (2023, p. 13), “entender a linguagem usada para falar da Covid-19 pode ser um meio bastante rico para compreender o modo como as pessoas pensaram e sentiram a pandemia”. Dessa forma, é preciso reconhecer primeiramente que a linguagem utilizada para se referir à pandemia foi fortemente metafórica (Olza *et al.*, 2021), sendo que o universo das metáforas sobre o coronavírus e a Covid-19 (doença infecciosa causada pelo patógeno) é circundado por padrões já conhecidos no que se refere a outras doenças. Dito de outra forma, no processo de conceptualização do coronavírus, encontramos alusões ao domínio bélico, ao vírus como mistério, como assassino, bem como entidade invisível e, ao menos a princípio, com nacionalidade especificada – “o vírus chinês”⁶⁰, “o coronavírus de Wuhan” etc. (Craig, 2020).

Contudo, ademais desses padrões já conhecidos, observamos no caso do coronavírus um processo de personificação bastante peculiar, uma vez que o patógeno é metaforizado como um bandido, um ser malévolo que se apossou e destruiu muitas vidas (Moura, 2023). Essa intencionalidade e agentividade atribuída ao vírus caracteriza a sistematicidade metafórica destacada por Lakoff e Johnson (2003), ou seja, escolhe-se uma característica humana (neste caso, a capacidade de fazer o mal, por assim dizer) e atribui-se tal qualidade ao vírus. Com isso, há um “apagamento” de outras características que também fazem parte do comportamento humano e que não são destacadas nesse tipo de metáfora.

Além disso, é preciso reconhecer que a pandemia de Covid-19 foi um evento bastante complexo e que envolveu diferentes esferas da sociedade, despertando uma forte carga emocional. Tal situação contribuiu diretamente para a criação e a circulação de diferentes metáforas sobre a doença e sobre o coronavírus. Segundo Moura (2023), temos três motivações para o uso de metáforas em pandemias: motivações emocionais, morais e sociais. O apelo moral é bastante intenso quando do surgimento de uma doença, uma vez que há um processo de agressão à dignidade moral, resultando na busca por um culpado e intensificando os conflitos

⁶⁰ Encontramos também na Folha de São Paulo esses usos, como, por exemplo, “O fato é que o vírus de Wuhan estreia uma epidemia 4.0, na qual os maiores fantasmas dos nossos tempos pontificam, a começar pela estupidez que se espalha na velocidade de um tuíte. Parece pouco provável, mas seria bom se ela acabasse do mesmo jeito, num clique.” (FSP, COLUNISTAS, 05/02/2020) e “Novo vírus chinês leva a corrida a farmácias e falta de máscaras em SP” (FSP, FOTOFOLHA, 31/01/2020). Contudo, depois do avanço nas discussões sobre a xenofobia empregada nesses usos, o periódico adotou uma postura diferenciada e passou a criticar esses usos, especialmente quando oriundos de figuras políticas – “Ao politizar o coronavírus, desde seu aparecimento tratado como vírus chinês, o governo Bolsonaro tenta, ao custo de vidas, suprimir e ignorar a realidade.” (FSP, Colunistas, 22/06/2020).

de ordem social já existentes. Como consequência, “as metáforas permitem encapsular em imagens todo o medo e ansiedade que nos acoissam durante a proliferação de uma doença” (Moura, 2023, p. 16). Além disso, “as metáforas sintetizam o medo, a moral e a política de uma forma que é difícil fazer de forma literal” (Moura, 2023, p. 22).

Assim como ocorreu na Inglaterra com o surto de Gripe Suína em 2005 (Nerlich; Halliday, 2007), a cobertura da mídia no Brasil acerca da pandemia de Covid-19 (mais especificamente da *Folha de São Paulo*) ao início enfocava o que estava lá fora, ou seja, o vírus que afetava a outros povos – “*Chineses tentam voltar ao trabalho em meio a epidemia de coronavírus*” (FSP, Mercado, 10/02/2020). Depois, há um “quase aqui”, pois se compara o que acontecia nos outros países e que estava acontecendo dentro das fronteiras brasileiras – “*Resultado de exame em brasileiros que vieram de Wuhan dá negativo para coronavírus*” (FSP, Equilíbrio E Saúde, 10/02/2020). E, por fim, o foco recai totalmente na perspectiva local, ressaltando o número de mortos diários, os abalos econômicos, sociais e políticos da pandemia – “*Coronavírus mata mais de uma pessoa por minuto no Brasil*” (FSP, Equilíbrio e Saúde, 04/06/2020).

A construção de diferentes metáforas em diferentes fases de uma epidemia/pandemia pode ajudar a compreender os processos de conceptualização e de entendimento da nova doença. A título de exemplo, podemos comparar dois enunciados publicados no jornal *Folha de São Paulo* acerca do coronavírus. Ambos foram publicados no dia 10 de maio de 2020, nas categorias Mundo e Ilustrada, respectivamente.

(7) Em menos de uma semana, o México foi da comemoração por supostos **avanços na luta contra o coronavírus** ao temor de que os dados oficiais na verdade estão subestimando o problema (FSP, Mundo, 10/05/2020).

(8) Figura central e incontornável da literatura brasileira, Sant'Anna morreu na madrugada deste domingo (10), no Rio de Janeiro, aos 78 anos, em decorrência do coronavírus. **A peste que nos assola** interrompeu assim a vida e a obra de um escritor obcecado pelo seu ofício e que, depois de meio século de carreira, continuava em pleno domínio de seus poderes criadores (FSP, Ilustrada, 10/052020).

No caso de (7), o campo bélico é enunciado a partir da construção destacada em negrito. Ou seja, o país (México) está imerso em uma luta contra um inimigo, o *coronavírus*. No caso de (8), a questão é construída de outra forma: há a utilização da palavra **peste** para se referir ao vírus, o que acaba por aproximar a doença contemporânea a doenças que assolaram a

humanidade em outros momentos históricos, como é o caso da peste bubônica. Além disso, o termo *peste* enfatiza o aspecto negativo em relação à doença, algo como uma maldição.

Essas comparações entre novas e antigas doenças são bastante recorrentes e, de certo modo, refletem nossos modelos culturais (Quinn; Holland, 1987), (Quinn, 1997), (Quinn, 1991) e formas de enfrentamento da doença: é preciso usar como base o que já conhecemos e vivenciamos como humanidade para “lutar” contra uma doença recém-surgida, como é o caso da Covid-19. Nerlich, Hamilton e Rowe (2002), ao discutirem as metáforas veiculadas em periódicos do Reino Unido relacionadas à febre aftosa, defendem que os mitos e as metáforas sobre a guerra e a doença foram pontos fortes de referência no processo de conceptualização da doença à época, especialmente quando aliados a imagens de morte e de destruição. Nesse sentido, a imagem veiculada mais frequente foi a de inimigo de guerra, mas não só, pois foi apresentada também como: rival em uma luta, competidor com os humanos em uma corrida, um bandido que vitimiza humanos, uma entidade maléfica e misteriosa ou, ainda, como uma praga e sinônimo de morte.

Segundo Wallis e Nerlich (2003), é possível observar que a linguagem influencia a construção do imaginário sobre o impacto de doenças epidêmicas. Sobre isso, Sontag (2007) discute a formulação de metáforas estereotipadas sobre o câncer e, posteriormente, sobre a AIDS no surto epidêmico que revelou ao mundo a existência da doença. De maneira geral, a autora defende que a forma de se referir à doença como praga, ou como “doença dos gays”, “câncer dos gays”, gerou nos pacientes um processo de vergonha e de culpabilização. Nesse sentido, a autora defende que as metáforas e os mitos, em certa medida, podem matar. Nas palavras da autora, “[...] as modernas metáforas de doença são todas indelicadas. As pessoas que sofrem da doença real em nada se beneficiam ao ouvir o nome da sua doença constantemente mencionada como síntese do mal” (SONTAG, 2007, p. 73).

No caso da Covid-19, por outro lado, o processo parece ser o inverso: os acometidos pela doença não são necessariamente responsabilizados ou criticados por sua maneira de viver ou por suas práticas de higiene (com exceção do início da doença, no qual se criticou muito as formas de alimentação dos chineses), pois eles são vítimas da doença. Ao discutir essa diferenciação entre a AIDS e a pandemia de Covid-19, Craig (2020) relembra que no dia 24 de maio de 2020, o *The New York Times* publicou uma lista de 1.000 nomes de vítimas da nova doença com os dizeres “*Eles não são simplesmente nomes em uma lista. Eles são nós*”⁶¹. Por outro lado, como menciona o autor, essa abordagem jamais seria realizada para homenagear os

⁶¹ Tradução nossa, no original: “They were not simply names on a list. They are us.”

vitimados pela AIDS, pois “*Eles' não eram comemorados como nomes em uma lista, e 'eles' definitivamente não eram 'nós'*”. Aqui é importante refletir sobre o peso moral da AIDS (Sontag, 2007)⁶², o que não parece ser tão forte com o coronavírus.

No que se refere ao surgimento do primeiro coronavírus, Wallis e Nerlich (2003) defendem que a cobertura jornalística sobre o vírus no Reino Unido em 2003 foi construída a partir de duas perspectivas principais: de um lado o assassino e do outro as respostas para controlar a doença. Nesse sentido, as referências à peste e à guerra não estiveram tão evidenciadas, ainda que muitos comentários preconceituosos e racistas tenham sido feitos em relação à Ásia e aos asiáticos. Com a emergência do novo coronavírus, a situação é bem parecida com a da SARS, pois acusações racistas e conspiratórias marcam e definem a localização inicial do vírus (Moura, 2021), (Moura; Silva, 2021) ao mesmo passo que fortalecem os estereótipos que circundam a alimentação dos chineses⁶³ (Silva, 2020).

A marcação de nacionalidade do vírus, ainda que não carregue uma natureza metafórica tão evidente, precisa ser analisada a partir dessa visão de “um problema de lá”, ou seja, se é chinês ou, mais especificamente, de Wuhan, não é um problema “nosso”. Esses termos eram empregados com relativa frequência, inclusive na *Folha de São Paulo*, enquanto ainda se falava em epidemia, porque a partir do momento em que a ONU declara uma pandemia mundial, o vírus é de todos e está em todos os lugares. Salientamos isso porque, em termos literais e da realidade, um vírus não possui nacionalidade, ainda que possa apresentar uma origem. Dessa forma, podemos perceber já um processo de metaforização se iniciando sob a influência das teorias conspiratórias: primeiro porque estão relacionadas ao negacionismo primário, ou seja, aquele que nega a existência do problema (se o vírus é o chinês, o problema é da China e não nosso); segundo porque reforça o negacionismo que dá base a essas teorias que propunham que a China havia inventado o vírus como forma de destruir o mundo, ou melhor, os seus concorrentes econômicos.

Sobre isso, Craig (2020) nos revela que há um perfil relativamente comum de repetição no processo de nomeação da culpa, ou nacionalização do vírus: segundo o autor, na conhecida mundialmente como “gripe espanhola” de 1918, os espanhóis se referiam à doença como “gripe italiana”, ou “gripe dos soldados de Nápoles” enquanto os alemães chamavam a doença de

⁶² Em seu primeiro livro, “A doença como metáfora”, Sontag faz reflexões sobre como o câncer era metaforizado ao mesmo tempo que defende a tese de que as doenças não deveriam ser referenciadas por meio das metáforas. No segundo livro, “A Aids e suas metáforas”, o foco da autora é a epidemia de HIV dos anos 80, relacionando também as metáforas surgidas e usadas para indicar o vírus como letal e a doença como declaração inquestionável de morte.

⁶³ No caso do novo coronavírus, muitos chineses, ou descendentes, espalhados pelo mundo se mobilizaram a partir da campanha #ImNotAVirus, ou, em português, #EuNãoSouUmVirus.

“gripe russa” e os russos de “gripe chinesa”. Essa última referência revela como a Ásia vem sendo caracterizada há anos como um verdadeiro centro de pandemias globais. “No The New York Times (1968), a manchete dizia ‘gripe de Hong Kong agora epidemia nos EUA’, como se os vírus carregassem passaportes⁶⁴” (Craig, 2020, p. 1028, tradução nossa).

Burgman *et al.* (2022) desenvolveram uma pesquisa que buscou investigar a relação entre a percepção do público em relação às metáforas acerca da Covid-19 em diferentes países e sob diferentes contextos. Dessa forma, eles investigaram primeiramente de qual forma os múltiplos *frames* metafóricos descreviam a pandemia na percepção dos participantes em termos de gosto, adequação, complexidade, convencionalidade e credibilidade. A hipótese dos investigadores era a de que diferenças no processo interpretativo e de recepção das metáforas podem estar relacionadas à experiência dos sujeitos com o domínio-alvo. Como consequência, a pesquisa também buscou compreender se o país de origem dos participantes poderia influenciar na percepção dos *frames* metafóricos acerca da pandemia. A pesquisa foi realizada com 216 participantes (48 alemães, 89 italianos e 79 holandeses), em três línguas diferentes e com dez *frames* para a análise (nove eram metafóricos e um era literal).

Em resumo, os resultados dos pesquisadores demonstram que a percepção metafórica acerca da pandemia de Covid-19 difere entre os domínios-fonte e o contexto dos países.

Por exemplo, o quadro de guerra foi geralmente percebido como menos adequado que a média, o que está de acordo com a quantidade de críticas que recebeu em debates públicos e acadêmicos (por exemplo, Semino, 2021; Serhan, 2020). No entanto, ao levar em conta o contexto do país, descobrimos que apenas nossos participantes alemães consideraram o quadro menos adequado do que a média e que esse padrão não estava presente em nossas amostras italianas e holandesas⁶⁶ (Burgman *et al.*, 2022, p. 110, tradução nossa).

Além disso, devemos reconhecer que assim como o proposto inicialmente por Lakoff e Johnson (2003), e posteriormente pelos defensores da perspectiva ecológica, é preciso considerar a relevância da cultura na formulação e no processo interpretativo das metáforas. Dessa forma, o estudo de Musolff (2022) demonstra como a cultura e as referências a aspectos históricos foram relevantes nos periódicos ingleses no início da pandemia de Covid-19. O

⁶⁴ Tradução nossa, no original: “In The New York Times (1968), the headline read ‘Hong Kong flu now U.S. epidemic’, as if viruses carried passports” (Craig, 2020, p. 1028).

⁶⁵ Essa ideia de movimento, já presente na marcação da nacionalidade do patógeno, é uma das metáforas que iremos discutir adiante – CORONAVÍRUS É PESSOA: Coronavírus é viajante/pessoa em movimento.

⁶⁶ Tradução nossa, no original: “For instance, the war frame was overall perceived as less apt than average, which is in line with the amount of criticism it has received in public and academic debates (e.g., Semino, 2021; Serhan, 2020). However, when taking country context into account, we found that only our German participants considered the frame less apt than average and that this pattern was not present in our Italian and Dutch samples” (Brugman *et al.*, 2022, p. 110).

pesquisador utilizou um *corpus* de 157 artigos publicados na mídia do Reino Unido, sendo que destes, 60 faziam alguma referência à metáfora bélica e/ou alusão a guerras históricas. Segundo o pesquisador, os jornalistas utilizaram esse campo semântico antes ainda que os políticos, sendo que jornais ingleses fizeram muitas referências ao “espírito blitz ou espírito bulldog mostrado pela população do Reino Unido nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial e simbolizado pelo líder britânico em tempos de guerra, Winston Churchill⁶⁷” (Musolff, 2022, p. 79, tradução nossa).

No caso da pandemia de coronavírus, as metáforas de guerra são largamente utilizadas. Exemplos desses usos na linguagem cotidiana são “linha de frente no combate ao coronavírus”, os “heróis” (profissionais da saúde), “enfrentamento a coronavírus”, “hospital de campanha” etc. Sem dúvidas, esse universo bélico é o mais utilizado. As metáforas mais convencionais tendem a refletir as experiências mais básicas vivenciadas com nossos corpos e nossas experiências sensoriais. Dessa forma, as experiências humanas com guerras permitem que estabeleçamos relações entre os domínios conceituais GUERRA e PANDEMIA, de modo a comparar o vírus a um inimigo, os profissionais de saúde a soldados da linha de frente etc. (Semino, 2020).

Para Semino (2020), as metáforas de guerra relacionadas à Covid-19 podem permitir que as pessoas compreendam a urgência dos problemas, de modo a modificar suas atitudes em prol de uma questão de saúde pública. Como consequência, a autora defende que esse tipo de metáfora é bem-vinda no início da pandemia, uma vez que ajuda a sensibilizar as pessoas para o problema. Por outro lado, autores como Sontag (2007) defendem que essas metáforas de guerra podem ser prejudiciais, como é o caso do câncer, no qual se percebe a exacerbação de um ambiente hostil de limitação de comportamentos e, até, de culpabilização dos doentes (pacientes com câncer são corriqueiramente chamados de “lutadores”, e aqueles que acabam morrendo, são, muitas vezes, definidos como “perdedores” porque “perderam a batalha para o câncer”). Essa perspectiva também é defendida por Brunette *et al.* (2022, p. 87, tradução nossa), para quem a “[...] retórica médica focada na guerra pode vir com custos de saúde mental, pois evoca estados emocionais relacionados à guerra e uma sensação de impotência⁶⁸”. O trabalho de Brunette *et al.* (2022) propõe então que as metáforas de mudança, como “achatar a curva” e “quebrar a corrente de transmissão”, promoveriam uma perspectiva de crescimento e de

⁶⁷ Tradução nossa, no original: “blitz spirit or bulldog spirit shown by the UK populace in the early years of WW II and epitomized by Britain’s war-time leader Winston Churchill” (Musolff, 2022, p. 79).

⁶⁸ Tradução nossa, no original: “[...] war-focused medical rhetoric may come with mental health costs, as it conjures up war-related emotional states and a sense of powerlessness” (Brunette, 2022, p. 87).

possibilidade de mudança diante do contexto pandêmico, pois aumentariam a confiança das pessoas ao mesmo passo que as incentivaria para o engajamento em ações que promovem mudanças na situação de crise.

Em resumo, nem sempre as metáforas de guerra e doença são bem vistas. Sontag (2007), por exemplo, foi uma das primeiras a refletir e a tecer críticas sobre o emprego de metáforas dentro da clínica. No caso da pandemia de Covid-19, as metáforas relacionadas à guerra foram utilizadas desde o início e, para Semino (2020), essa personificação do patógeno como um vírus maléfico cria um ambiente de bastante ansiedade e insegurança, especialmente quando essas metáforas são utilizadas por líderes políticos. Segundo a pesquisadora, doenças – físicas ou mentais – funcionam como uma experiência subjetiva e sensorial que validam a utilização de construções metafóricas. Além disso, a autora parece concordar com Wallis e Nerlich (2003), pois ressalta que as metáforas não são neutras, uma vez que na formulação dessas construções, opta-se sempre por “iluminar” certos elementos e características ao mesmo passo que se “esconde” uma outra parte. Dessa forma, “na comunicação, as metáforas são importantes dispositivos retóricos, especialmente quando o objetivo é a explicação ou a persuasão⁶⁹” (Semino, 2020, p. 51, tradução nossa). Segundo a autora, as metáforas

expandem muito nossas habilidades conceituais e comunicativas, pois podemos extrair do conhecimento e da linguagem associados a um rico domínio de origem para raciocinar e comunicar sobre um domínio de destino para o qual poderíamos ter pouco vocabulário e estrutura conceitual. Da mesma forma que podem ser usadas para enganar e prevaricar, também podem ser usadas para iluminar e confortar. A questão não é se elas devem ou não ser usadas, mas como elas devem ser usadas (Semino, 2020, p. 52, tradução nossa)⁷⁰.

Essa compreensão acerca das metáforas do coronavírus resultou no projeto #ReframeCovid, no qual linguistas da área da Linguística Cognitiva e da Análise Crítica do Discurso se juntaram, inicialmente de maneira informal por meio da plataforma Twitter, para construir um banco de dados que compilasse metáforas alternativas às metáforas de guerra em diversas línguas. Trata-se de um banco de dados aberto e que recebe colaborações de ocorrências metafóricas multimodais acerca do coronavírus e da Covid-19 desde final de 2020 (Olza *et al.*, 2021).

⁶⁹ Tradução nossa, no original: “in communication, metaphors are important rhetorical devices, especially when the aim is explanation or persuasion” (Semino, 2020, p. 51).

⁷⁰ Tradução nossa, no original: “They greatly expand our conceptual and communicative abilities, as we can draw from the knowledge and language associated with a rich source domain to reason and communicate about a target domain for which we may otherwise have little vocabulary and conceptual structure. In the same way as they can be used to deceive and prevaricate, they can also be used to enlighten and comfort. The issue is not whether or not they should be used, but how they should be used” (Semino, 2020, p. 52).

Por outro lado, Moura (2023) defende a tese de que as metáforas sobre o coronavírus e a Covid-19 que circularam no Brasil durante a pandemia de Covid-19 influenciaram os brasileiros a se prevenirem contra o coronavírus e, também, a tomarem a vacina quando ela começou a ser disponibilizada para a população. Isso acontece, segundo o autor, porque no caso do coronavírus, a questão individual e pessoal é colocada em segundo plano, uma vez que o vírus é visto como um inimigo da sociedade e da população em geral. Dessa forma, as metáforas bélicas reforçam um apelo ao cuidado e ao senso de comunidade, como o uso de máscaras, o respeito aos “heróis” de saúde etc.

Em síntese, muitas são as doenças que por seu caráter novo geram a utilização de diferentes metáforas. Contudo, as doenças epidêmicas parecem ser ainda mais facilmente metaforizadas. Nesse sentido, poderíamos citar ainda o caso da gripe aviária que, segundo Nerlich e Halliday (2007), foi metaforizada a partir da metáfora conceptual PREPARAÇÃO PARA UMA DOENÇA EMERGENTE É PREPARAÇÃO PARA A GUERRA; da gripe suína, na qual empregou-se muitos recursos linguísticos com objetivo de culpabilizar pessoas e instituições por algo que seria “natural” (Nerlich; Koteyko, 2012); do Zika vírus, que quando analisado a partir de seus *frames*, pode ser compreendido a partir de dois sub-frames: um focado na transmissão da doença a partir de seus vetores e outro na microcefalia, colocando o ônus da prevenção sob a responsabilidade das mulheres grávidas (Ribeiro *et al.*, 2018) entre outras.

Além disso, é preciso considerar que a linguagem utilizada para se referir ao novo coronavírus e a pandemia de Covid-19 é uma espécie de resposta a uma carga emocional oriunda do medo e da insegurança que atravessa a nossa relação com a nova doença ao mesmo passo que responde a uma necessidade de racionalidade acerca da pandemia. Como consequência, temos uma mescla entre o emocional e o racional como uma das características da linguagem utilizada para se referir ao coronavírus e a Covid-19 (Moura, 2023).

O trabalho de Charteris-Black (2021) traz uma visão bastante ampla e completa acerca das metáforas do coronavírus durante a pandemia de Covid-19. Além de abordar os aspectos morais que circundam a metaforização do coronavírus, assim como também faz Moura (2023), o autor reflete sobre os aspectos mais amplos da pandemia, como a própria definição de liberdade e da repercussão acerca da tomada de decisão individual que afeta o coletivo em uma situação de crise como uma pandemia.

Com base na Teoria dos Fundamentos Morais, de Haidt, Charteris-Black (2021) analisa como os fundamentos morais estão presentes no processo de conceptualização do coronavírus e da Covid-19. Esses fundamentos são organizados em seis pares de oposição, a saber: (i) cuidado e danos; (ii) justiça e trapaça; (iii) lealdade e traição; (iv) autoridade e subversão; (v)

santidade e degradação; e (vi) liberdade e opressão. Quanto à questão do primeiro fundamento moral (cuidado e danos), o pesquisador salienta que ele serviu de base moral muito destacada na pandemia, uma vez que as ações deveriam ser pensadas e executadas em prol do cuidado e da diminuição de danos. Dessa forma, esse cuidado motivou o uso de máscaras, o isolamento social, o uso de álcool em gel etc. Já o segundo quadro (justiça e trapaça) está baseado em sentimentos altruístas para com desconhecidos e, em alguns casos, serviu de base para a construção de metáforas baseadas no aspecto punitivo (como o caso do movimento #WeAreTheVirus) ou discursos que evocavam o Antigo Testamento e propunham que o coronavírus seria uma punição divina – o que dá base para a metáfora da peste (a peste do coronavírus, a peste da covid, a peste bubônica etc.).

O terceiro fundamento (lealdade e traição) traz à baila as percepções de traição ao coletivo, uma vez que a pandemia impunha certos comportamentos, como a necessidade de isolamento social, aqueles e aquelas que não seguiam o esperado para esse momento foram julgados como traidores do bem comum. Dessa forma, como salienta Charteris-Black (2021), houve casos de vizinhos denunciando outros vizinhos por suas condutas que foram consideradas imorais e desrespeitosas diante da crise. Segundo o autor, “a traição é sempre uma poderosa intuição moral em tempos de perigo; aqueles que não observam as regras podem ser vistos como traidores do resto da sociedade⁷¹” (Charteris-Black, 2021, p. 12, tradução nossa).

O fundamento de autoridade e subversão, por sua vez, é oriundo da crença de que uma sociedade funciona a partir da organização hierárquica. Dessa forma, durante a pandemia os governantes buscaram apoio em autoridades de saúde e da área científica para justificarem suas ações políticas. Por outro lado, nem todos aceitaram essas autoridades morais, especialmente quando aquilo que era proposto vinha de encontro a suas próprias crenças. Um exemplo bastante claro desse descompasso é o movimento antivacina, como já discutido anteriormente (Charteris-Black, 2021).

A perspectiva de santidade e de degradação, quinto fundamento moral, se relaciona bastante com a perspectiva de subversão e de liberdade, especialmente no movimento antivacina, o qual considera que os corpos são verdadeiros templos e as vacinas instrumentos de degradação desse ambiente sagrado. Por outro lado, alguns dos movimentos ambientalistas utilizaram essa mesma lógica para defenderem que o surgimento do novo coronavírus, e

⁷¹ Tradução nossa, no original: “Betrayal is always a powerful moral intuition in times of danger; those who do not observe the rules could be viewed as betraying the rest of society” (Charteris-Black, 2021, p. 12).

consequente pandemia, seria um reflexo da degradação ambiental. O movimento #WeAreTheVirus⁷² é um exemplo disso.

Por fim, quanto ao fundamento liberdade e opressão, Charteris-Black (2021, p. 18, tradução nossa) salienta que “durante a pandemia de Covid-19, esse fundamento moral às vezes estava em conflito direto com outros quadros morais, como cuidado e dano e lealdade e traição⁷³”, uma vez que havia uma tensão moral contínua entre as reivindicações de liberdade econômica do setor privado e a necessidade de evitar danos a terceiros, permitindo a propagação do vírus⁷⁴. Além disso, a questão da vacinação e das tentativas governamentais para que as pessoas se vacinassem (como o passaporte da vacina) colocam em jogo essa relação de liberdade que é permeada pelas relações hierárquicas e constitutivas do viver em sociedade. Para aqueles e aquelas que se opunham à vacinação, tratava-se de uma opressão e ataque a suas liberdades individuais.

Quanto às metáforas do coronavírus e da Covid-19, Charteris-Black (2021) organiza sua discussão a partir de quatro *frames* principais: o enquadramento de guerra, o enquadramento de fogo, o enquadramento de força da natureza e o enquadramento de apocalipse zumbi. Segundo o autor, além das questões envolvendo guerras entre nações, as metáforas de guerra são amplamente utilizadas para descrever o que acontece dentro de nossos corpos quando estamos doentes:

Podemos assistir a animações que descrevem nossos “exércitos azuis” desviando o “exército vermelho” alienígena de se prender em nossas células “azuis” nativas. Pode haver outras formas mais técnicas e sofisticadas de descrever como a imunidade se desenvolve, mas, pelo menos por enquanto, parece que “lutar contra uma invasão” é provavelmente a mais cognitivamente acessível⁷⁵ (Charteris-Black, 2021, p. 38, tradução nossa).

⁷² Movimento surgido nas redes sociais que defendia, entre outras coisas, que a pandemia revelava como nós, humanos, somos prejudiciais à natureza. A partir do uso dessa *hashtag*, muitas imagens do planeta se “regenerando” foram circuladas, especialmente porque os humanos estariam “presos” dentro de casa sem poderem agir diretamente contra a natureza.

⁷³ Tradução nossa, no original: “During the Covid-19 pandemic this moral foundation was sometimes in outright conflict with other moral frames such as Care and Harm and Loyalty and Betrayal” (Charteris-Black, 2021, p. 18).

⁷⁴ Tradução nossa, no original: “There was an ongoing moral tension between claims for the economic freedom of the private sector and the need to prevent harm to others by allowing the spread of the virus” (Charteris-Black, 2021, p. 18).

⁷⁵ Tradução nossa, no original: “We might watch animations depicting our ‘blue armies’ deflecting the alien ‘red army’ from latching onto our native ‘blue’ cells. There may be other more technical and sophisticated ways of describing how immunity develops but, at least for now, it seems that ‘fighting an invasion’ is probably the most cognitively accessible” (Charteris-Black, 2021, p. 38).

A pesquisa de Charteris-Black (2021) teve uma abordagem empírica que, inicialmente, investigou o tema “coronavírus” em uma base de dados chamada Nexis⁷⁶. Nessa base de dados, o pesquisador se deteve na seção de jornais do Reino Unido, *UK National Newspapers*, no período compreendido entre 1º de fevereiro de 2020 até 28 de fevereiro de 2021. Segundo o pesquisador, o campo lexical relacionado à guerra aumentou exponencialmente a partir do início da pandemia. Da mesma forma, o pesquisador investigou como o enquadramento de fogo, força da natureza e apocalipse zumbi foram retratados na mídia. Segundo o autor, o apelo do fogo é um apelo emocional, com base na comparação do nível de intensidade entre os aspectos emocionais e um incêndio; quanto ao enquadramento de força da natureza, Charteris-Black (2021) menciona o fato de que a crise pandêmica foi muito metaforizada a partir desse enquadramento, especialmente fazendo referência à água, como é o caso de ondas e tsunamis. Essa preferência teria a ver com o fato de que nos gráficos utilizados para apresentar o número de infecções e/ou mortes há aumentos e quedas, o que se aproxima da imagem de ondas no mar. Contudo, como menciona Charteris-Black (2021, p. 80, tradução nossa), “[...] a metáfora convencional também carrega noções de irresistibilidade e inevitabilidade. Há um foco nos fenômenos em si como uma força natural, e não causada pela ação humana⁷⁷”.

Quanto ao enquadramento da pandemia como um apocalipse zumbi, Charteris-Black (2021) salienta que na realidade pandêmica, onde muitos morrem e os que permanecem vivos acabam por viverem vidas imobilizadas pela realidade, o mundo da ciência e o da ficção científica acabaram por agrupar-se. É nesse contexto de estranheza e de surrealidade que memes como #WeAreTheVirus surgem, sob a perspectiva de um verdadeiro apocalipse zumbi, como aqueles que já vimos várias vezes em filmes e séries de TV (Charteris-Black, 2021).

A pesquisa de Wicke e Bolognesi (2020) buscou descrever como o discurso acerca da Covid-19 foi enquadrado na plataforma do Twitter, de modo a observar quais eram os principais temas relacionados e se os discursos acerca da doença também eram empregados de modo figurativo. A plataforma do Twitter é amplamente utilizada por jornalistas, os quais são conhecidos por utilizarem o enquadramento de guerra para se referirem à Covid-19, mas é utilizada principalmente por usuários que não são especialistas nem atuam na área da comunicação. Com isso em mente, os pesquisadores se propuseram a investigar se esses

⁷⁶ Além dessa investigação em *corpus*, Charteris-Black realizou uma pesquisa com participantes que foram convidados a lerem e analisarem diferentes vinhetas com diferentes tipos de metáforas acerca da pandemia. Para mais informações, ver Charteris-Black (2021).

⁷⁷ Tradução nossa, no original: “[...] the conventional metaphor also carries notions of irresistibility and inevitability. There is a focus on the phenomena itself as a natural force rather than one caused by human agency” (Charteris-Black, 2021, p. 80).

comunicadores “comuns” também utilizariam o enquadramento de guerra ou outros enquadramentos figurativos para se referirem à Covid-19 e ao coronavírus.

Os pesquisadores utilizaram uma metodologia quantitativa robusta e automatizada para a construção e a análise do *corpus*, especialmente a técnica de modelagem de tópicos⁷⁸ que compreende a aplicação de linguagem de programação para a mineração dos dados. Os resultados encontrados pelos pesquisadores permitiram categorizar os dados em quatro enquadramentos figurativos (guerra, tempestade, monstro e tsunami), além de utilizarem um enquadramento literal como controle (o de família).

No caso de guerra, a metáfora acionada é TRATAMENTO DE UMA DOENÇA É GUERRA, na qual diferentes mapeamentos são observados, ou seja, fala-se das células doentes que são derrotadas pelos patógenos invasores, considera-se os profissionais da saúde como integrantes do exército responsável por lutar na guerra contra o vírus, metaforiza-se o corpo como um verdadeiro campo de batalha etc. Segundo os pesquisadores, o quadro figurativo de guerra é com certeza convencional, utilizado com muita frequência e, possivelmente, por vezes de maneira inconsciente. Segundo os dados apresentados pelos pesquisadores, cerca de 10.846 tweets continham pelo menos um termo relacionado ao enquadramento bélico, o que corresponde a um total de 5,32% de todos os tweets analisados.

Como forma de verificar se o enquadramento de guerra era relevante, os pesquisadores investigaram também três enquadramentos figurados alternativos (tempestade, monstro e tsunami) e um enquadramento literal (família). Segundo os pesquisadores, o *frame* literal família acaba por ocorrer em mais tweets que os *frames* figurativos, o que não representa um dado tão significativo, uma vez que, como estudos anteriores já demonstraram, o uso do discurso literal é predominante (Wicke; Bolognesi, 2020).

Por fim, os autores sintetizam sua pesquisa nas seguintes palavras:

No nosso estudo mostramos que esta tendência se aplica também ao discurso sobre o Covid-19, como a literatura anterior teria previsto, dado o uso frequente deste enquadramento em discursos sobre doenças e vírus. No entanto, também descobrimos que esse *frame* é usado para falar sobre aspectos específicos da epidemia atual, como seu tratamento e diagnóstico⁷⁹ (Wicke; Bolognesi, 2020, p. 22, tradução nossa).

⁷⁸ Segundo Wicke e Bolognesi (2020), trata-se de um modelo estatístico utilizado para elencar os tópicos mais proeminentes de um determinado banco de dados. A construção desses tópicos se dá pela frequência e número de ocorrências de palavras que são semanticamente relacionadas. Contudo, o título do tópico não é dado pelo algoritmo, cabe ao pesquisador analisar o campo semântico presente no tópico e classificá-lo a partir disso.

⁷⁹ Tradução nossa, no original: “In our study we show that this tendency applies also to the discourse on Covid-19, as previous literature would have predicted, given the frequent use of this frame in discourses on diseases and viruses. However, we have also found that this frame is used to talk about specific aspects of the current epidemic, such as its treatment and diagnostics” (Wicke; Bolognesi, 2020, p. 22).

Outro estudo que buscou investigar o enquadramento da pandemia de Covid-19 em um escopo específico foi o de Wilson (2020). De maneira geral, a pesquisa buscou identificar os principais *frames* utilizados pela extrema-direita europeia para se referir à crise pandêmica do coronavírus. Contrariamente ao que se esperava no início, a investigação revelou uma preferência por *frames* que enfatizavam a resiliência da comunidade, além de apresentar mudanças de perspectiva a depender do estágio da pandemia.

Para o desenvolvimento do trabalho, Wilson (2020) utilizou a plataforma Telegram, mais especificamente seis grupos da extrema-direita europeia, e analisou 209 declarações feitas nesses grupos durante dois meses (de 22 de fevereiro de 2020 até 22 de abril de 2020), período que correspondeu a um aumento significativo no número de casos e mortes na Europa. Segundo a análise realizada, seis *frames* de crise foram utilizados nas declarações desses grupos: (i) migração (disseminação da Covid-19 como resultado da migração para países europeus); (ii) globalização (disseminação da Covid-19 como resultado da “globalização” e do “multiculturalismo”); (iii) governança (disseminação da Covid-19 como resultado de má governança dos países); (iv) liberdade (a Covid-19 como um motivo para o aumento do estado de segurança e perda das liberdades individuais); (v) resiliência (práticas de resiliência frente à Covid-19); e (vi) conspiração (Covid-19 como uma distração e reflexões acerca de teorias da conspiração – a favor ou contra).

Segundo Wilson (2020), os dados encontrados em cada *frame* de crise revelam algumas inferências significativas, entre elas a de que as respostas dos grupos de extrema-direita nos grupos investigados focalizaram mais o aspecto das práticas das autoridades, de maneira a proporem práticas de ativismo e de uma abordagem mais responsável diante da periculosidade do vírus – como lavar as mãos, sair somente quando necessário, higienizar os alimentos depois das compras etc.; há a presença de uma abordagem “pró-social”, na qual destaca-se o incentivo a uma resiliência diante da crise; ainda que o *frame* com a presença de teorias da conspiração tenha sido usado, foi menos significativo que *frames* que enfatizaram a construção de práticas resilientes e coletivas.

As categorias metafóricas envolvidas na conceptualização das doenças refletem nossas experiências vivenciadas em outros campos ou mesmo dentro do universo da saúde e da doença. Contudo, não estamos diante de um simples processo de comparação, uma vez que “a metáfora é uma ampliação de nossa capacidade de comparar. A grande diferença é que a metáfora compara duas coisas muito diferentes, estabelece uma analogia entre elas e, de certa forma, as insere numa mesma categoria, criada pela própria metáfora. [...]” (Moura, 2012, p. 25).

Essas categorias criadas pela metáfora são fundamentais para que possamos aproximar coisas que estão afastadas na realidade cotidiana. Em outras palavras,

A metáfora **cria** essa categoria. Essa é a grande diferença entre metáfora e comparação: a metáfora cria uma categoria que junta as coisas que, no mundo real, estão bem separadas. Na comparação, as semelhanças identificadas são entre coisas que estão próximas, segundo nossa percepção corriqueira do mundo real (Moura, 2012, p. 25).

A construção dessas categorias pelo processo de metaforização é o que, como salientam Lakoff e Johnson (2003), especifica quais características do domínio-fonte serão comparadas e ressaltadas no domínio-alvo. No caso de nossa pesquisa, categorizamos as metáforas do coronavírus de nosso corpus a partir de quatro categorias gerais e seus respectivos veículos.

O Quadro 2, a seguir, apresenta essas categorias e veículos do período de 10 de maio a 10 de junho de 2020, bem como exemplos de cada veículo.

Quadro 2 – Categorias e veículos das metáforas do coronavírus no MCM no ano de 2020

Categorias	Veículos	Exemplo
Pessoa	Causador de uma guerra	“A medida travaria reajustes também para médicos e enfermeiros que atuam no combate ao novo coronavírus. ” (FSP, Mercado, 12/05/2020).
	Indivíduo	“Em menos de 5 meses, coronavírus escreve sua biografia em 181 países ” (FSP, Mundo, 13/05/2020).
	Viajante	“ O novo coronavírus já chegou a 78 dos 252 povos indígenas ”, segundo a Apib (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil) (FSP, Cotidiano, 03/06/2020).
	Inimigo/Bandido	“Até o momento, o BNDES já aprovou R\$ 13 bilhões em crédito para enfrentar o coronavírus —a maior parte desse volume em suspensão de pagamentos” (FSP, Mercado, 15/05/2020).
	Aliado Político	“ Bolsonaro se aliou ao coronavírus e qualquer gestor, por pior que seja, não supera Bolsonaro” (FSP, Equilíbrio e Saúde, 15/05/2020).
	Condutor/Motorista	“ Brasil está capotando com Bolsonaro e coronavírus , afirma Sidarta Ribeiro” (FSP, Ilustríssima, 15/05/2020).
	Esportista	“Para o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanum Ghebreyesus, quarentenas e lockdowns funcionam como um bloqueio rodoviário, em que se procura reduzir a velocidade do coronavírus para tomar a dianteira e ser capaz de abafar a transmissão assim que ela acontecer”

		(FSP, Equilíbrio e Saúde, 25/05/2020).
Força da Natureza	Onda	“Europa deve estar preparada para 2ª onda de coronavírus , diz agência de controle de doenças” (FSP, Mundo, 11/05/2020).
	Desastre Natural	“Depois de atuarem na Lombardia, epicentro do coronavírus na Itália , os profissionais cubanos foram chamados por outros mandatários, como o presidente francês, Emmanuel Macron, que requisitou reforço para atender a emergência na Guiana Francesa e nas ilhas de Martinica e Guadalupe” (FSP, Mundo, 15/05/2020).
	Montanha	“O ministro Paulo Guedes (Economia) planeja uma desoneração emergencial de impostos aplicados sobre salários por um ou dois anos com objetivo de estimular empresas a contratarem trabalhadores após o pico do coronavírus no país ” (FSP, Mercado, 20/05/2020).
	Explosão/Fogo	“ Antes da explosão do coronavírus , o brasileiro planejava uma viagem oficial à Hungria neste ano” (FSP, Mundo, 26/05/2020).
	Água/Líquido/Substância	“Agora, pela primeira vez, o que se passa aqui dentro ficou da conta do mundo. O Brasil está sendo visto como uma bomba prestes a explodir e despejar o coronavírus por toda parte ” (FSP, Colunistas, 14/05/2020).
Objeto	Objeto	“O objetivo é não apenas limitar os contatos, mas criar comunidades fechadas. Se um dos membros for identificado como portador do coronavírus , será fácil rastrear e isolar os contatos” (FSP, Mundo, 11/05/2020).
	Meio de Transporte/Carro	“ Cidades paulistas freiam coronavírus com limpeza de ruas, isolamento e máscaras” (FSP, Cotidiano, 24/05/2020).
Outros	Causa	“ Coronavírus condena práticas insustentáveis do mundo da arte , diz galerista” (FSP, Ilustríssima, 10/05/2020).
	Dívida	“Até hoje estamos conseguindo, mas não sabemos qual será o custo do coronavírus . É para isso que precisamos do recurso” (FSP, Mercado, 14/05/2020).
	Monstro	“ Ainda bem que natureza criou esse monstro do coronavírus , diz Lula ao atacar Bolsonaro” (FSP, Poder, 20/05/2020).

Fonte: a autora (2024).

Como mencionamos em momento anterior, as metáforas que compõem o MCM revelam padrões já conhecidos na prática de metaforização de doenças ao mesmo passo que apresentam

algumas particularidades interessantes. Uma dessas idiossincrasias é a metáfora que compara o coronavírus a um Inimigo/Bandido: neste caso, o campo semântico ativado não é exclusivamente o bélico, mas sim o da própria pandemia em que há um “bandido” roubando nossa liberdade e nossa vida e que, portanto, precisa ser enfrentado. Segundo Moura (2023, p. 95), “a conceptualização do vírus como um bandido revela bastante sobre o modo como nós brasileiros encaramos a pandemia”. Abordaremos com mais detalhes essas questões no capítulo cinco desta tese, dedicada à descrição e à análise de nossos dados.

Outro aspecto interessante a ser observado é que o coronavírus também pode servir de domínio-fonte no processo de metaforização. Isso é o que o estudo de Gurnham (2022) revela: a característica do vírus de poder se espalhar pode ser tomada como uma metáfora para outras questões, especialmente ligadas ao movimento das pessoas e à quebra de regras durante a pandemia. Dessa forma, o estudo retoma o preceito básico de Lakoff e Johnson (2003) acerca da compreensão de que nossos movimentos corporais oferecem a base cognitiva para o entendimento de conceitos mais abstratos, como as próprias leis.

Gurnham (2022) dedica-se a discutir como a percepção de movimento do coronavírus é confundida e não dissociada do movimento das pessoas, especialmente no discurso político. Dessa forma, “essa contiguidade entre humano e vírus pode, em alguns casos, dar origem a uma substituição metafórica muito direta de um pelo outro⁸⁰” (Gurnham, 2022, p. 144, tradução nossa). Uma consequência política e social dessa metáfora é a prática de legitimação do controle de populações em movimento. Segundo Gurnham (2022), a partir da definição de medidas adotadas por governantes para o impedimento da propagação do vírus, as “pessoas em movimento”, mais especificamente as “populações marginalizadas em movimento”, são discriminadas nesse processo de contenção. Essa questão também é discutida por Wilson (2020) quando menciona a compreensão negativa dos grupos de extrema-direita sobre o processo migratório, traduzidas especialmente por discursos como: “*No Borders, No defense*” (Sem fronteiras, sem defesa); “*migrants accepted, now we are infected*” (migrantes aceitos, agora nós estamos infectados); e “*Closed Borders: The Best Vaccine*” (Fronteiras fechadas, a melhor vacina). Como menciona Gurnham (2022), a necessidade de controlar o coronavírus durante a pandemia, um vírus móvel, foi usada para legitimar a prática de controle e contenção de populações móveis, especialmente nas fronteiras europeias, as quais sofrem com essa crise humanitária há bastante tempo.

⁸⁰ Tradução nossa, no original: “This contiguity between human and virus can in some instances give rise to very direct and straightforward metaphorical substitution of one for the other” (Gurnham, 2022, p. 144).

Diante do exposto até aqui, percebemos que as metáforas do coronavírus parecem se aproximar mais das metáforas utilizadas para doenças epidêmicas – com exceção da AIDS – e, também do câncer. Essa aproximação é resultante do processo de conceptualização das doenças como inimigos de guerra, especialmente, e dos enfermos como “heróis”, “lutadores” que precisam vencer a batalha – que é a própria doença. Porém, uma diferença é crucial: no caso do câncer, a luta é mais individualizada, pois ainda que existam ferramentas que podem ser comparadas a armas (como o próprio tratamento empregado), não há um caráter epidêmico que inspire uma força-tarefa na prevenção. No caso do coronavírus e de outras doenças epidêmicas, a luta é mais direta, ou seja, demanda de ações mais incisivas, tanto de instituições da sociedade – como governos – quanto das pessoas com seus atos individuais.

3.4 FECHANDO O CAPÍTULO

Ao final deste capítulo, esperamos ter demonstrado ao leitor alguns dos principais aspectos que aproximam os estudos da metáfora com a perspectiva construcional. Como mencionamos ao início, acreditamos que é possível uma aproximação teórica entre essas duas linhas de investigação porque ambas consideram o papel fundamental da experenciação com o ambiente: no caso da metáfora, considerando a importância da experiência, da cultura, dos pressupostos da ecologia e das relações entre cérebros, corpos e mundo; e no caso da GC, a partir da relação com as cenas básicas do cotidiano que determinam a estruturação das construções.

Nossa hipótese é a de que podemos efetivar as análises das metáforas do coronavírus com base nessa aproximação teórica, uma vez que ocorrem por meio de construções linguísticas (o que revela o caráter linguístico da metáfora), refletindo os processos de conceptualização e de emergência dos sentidos metafóricos a partir da relação com o nicho ecológico. As metáforas, portanto, são instâncias cognitivas, culturais, experienciais e linguísticas que são estruturadas por construções linguísticas que dão corpo à metáfora. Ou seja, é pela linguagem que os processos de significação são estruturados, de modo a refletirem as relações do sistema-organismo-ambiente e das cenas básicas do cotidiano que organizam a vida e os processos de experenciação/conceptualização dos falantes.

O capítulo seguinte discorre sobre a metodologia utilizada na coleta e na análise dos dados de nossa pesquisa. Com isso, desejamos mostrar ao leitor os caminhos da investigação, especialmente as escolhas pelos softwares que utilizamos para possibilitar a execução do

estudo. É importante salientar que a utilização desses programas ocorreu desde a construção do corpus MCM até a organização e a análise quantitativa dos dados obtidos.

4 METODOLOGIA

A metodologia empregada no desenvolvimento desta pesquisa compreende uma análise quali-quantitativa dos dados e pode ser dividida em três momentos principais: (i) construção do *corpus* Metáforas do Coronavírus na Mídia por meio de busca ativa das metáforas nos artigos do periódico *Folha de São Paulo* (versão *online*); (ii) categorização das variáveis a serem analisadas; (iii) análise e tratamento estatístico dos dados. Esses momentos distintos da investigação compreendem também a utilização de diferentes abordagens metodológicas e softwares para a realização dessas etapas, desde o emprego de linguagens de programação (PHP e R) à organização dos dados por meio de aplicativo de planilhas. Diante disso, este capítulo descreve como esses programas foram utilizados para constituir nosso caminho investigativo.

Contudo, gostaríamos de ressaltar o que Gries (2019) aponta acerca da abordagem matemática na investigação científica: uma pesquisa quantitativa não é apenas a apresentação dos resultados de maneira numérica, ela nos permite perceber quais são os dados que merecem, de fato, uma discussão qualitativa. Além disso, uma discussão quantitativa mais apurada, com testes de significância como o Teste Qui-Quadrado, por exemplo, pode evitar que façamos generalizações que não representam de fato os dados ou, ainda, que defendamos relações entre as variáveis que não existem ou que podem ser atribuídas ao acaso.

As subseções que seguem possuem como títulos os nomes dos programas utilizados, mas não tratam apenas dos programas em si, mas também discutem a maneira pela qual eles foram utilizados no desenvolvimento do trabalho.

4.1 ANTCONC

O AntConc é um software comumente empregado nas investigações dentro da Linguística de Corpus. Ele foi criado pelo linguista Laurence Anthony, professor da Waseda University, e por ser um software livre, pode ser baixado gratuitamente pelo site <http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>⁸¹. Nele, o usuário pode, a partir de *corpus* em formato .txt (utilizado nos arquivos de Bloco de Notas), realizar buscas por palavras ou ocorrências específicas, de modo a gerar lista de palavras com suas respectivas frequências. As principais funcionalidades desse programa são: KWIC (KeyWord In Context), Plot, File View,

⁸¹ Para este trabalho, utilizamos a versão AntConc 4.2.4 (Windows).

Clusters, N-Gram, Collocate, Word, Keyword e Wordcloud. Neste trabalho, utilizamos especialmente os recursos de Collocate, Word e Wordcloud.

Para a utilização do AntConc é necessário que, primeiramente, os arquivos estejam no formato .txt. Essa conversão foi feita por nós por meio de um algoritmo na linguagem PHP. Esse código permitiu que, a partir da determinação de filtros de pesquisa e logados em nossa conta no site *Folha de São Paulo* (www.folha.uol.com.br), pudéssemos baixar os arquivos selecionados pelo código no formato desejado. Os filtros utilizados foram: (i) período (10 de maio a 10 de junho de 2020; 10 de maio a 10 de junho de 2021; e 10 de maio a 10 de junho de 2022); (ii) categorias do jornal: Mundo, Mercado, Cotidiano, Colunistas, Opinião, Equilíbrio e Saúde, Ilustrada e Poder; (iii) menção explícita ao termo <coronavírus>. Diante dessa determinação, tivemos como resultado os seguintes números de artigos nos três anos: em 2020, 2.228 arquivos; em 2021, 726 arquivos; e em 2022, 241 arquivos. Esses arquivos foram listados por título, categoria do periódico e data de publicação no recurso Google Planilhas (Google Sheets) e falaremos mais sobre isso na subseção 4.2 desta tese. A Figura 1, a seguir, apresenta parte deste código que possibilitou baixar esses arquivos no formato aceito pelo AntConc:

Figura 1 – Código em PHP utilizado para baixar os arquivos em formato .txt

```
<?php
require 'vendor/autoload.php';

use GuzzleHttpClient;
use SymfonyComponentDomCrawlerCrawler;

$config = (object) [
    'email' => 'alicedionizio@hotmail.com',
    'password' => 'metaforacorona12',
    'dateStart' => "10/05/2022",
    'dateEnd' => "10/06/2022",
    'categories' => ["Colunistas", "Cotidiano", "Mundo", "Mercado", "Equilíbrio e Saúde", "Poder", "Ilustrada", "Ilustríssima", "Opinião"],
    'pageNumber' => 1,
    'articleQtde' => 1,
    'resultCount' => 303,
    'saveDirName' => "artigos"
];

$client = new Client();
$loginPage = "https://login.folha.com.br/login";
$client->get($loginPage);

$response = $client->post($loginPage, [
    'json' => [
        'email' => $config->email,
        'password' => $config->password
    ],
    'headers' => [
        'Accept' => 'text/html,application/xhtml+xml,application/xml;q=0.9,image/avif,image/webp,image/apng,*/*;q=0.8,application/signed-exchange;v=b3;q=0.9',
        'Accept-Encoding' => 'gzip, deflate, br',
        'Accept-Language' => 'pt-BR,pt;q=0.9,en-US;q=0.8,en;q=0.7',
        'Cache-Control' => 'no-cache',
        'Connection' => 'keep-alive',
        'Cookie' => 'FOLHA_LANGUAGE=pt_BR; PHPSESSID=rvv44j3euomtqkddtjrlb2q; _ga=GA1.3.223383729.1635458375; _gid=GA1.3.1358608466.1635458376; nav23947=f0ecd14336d6263f8d0772c7e09j2_302_12:4:1:11:10:7:14:9:3:8:5:17:15:2_222567-222473-222474-222451-222359:1:2:41:BR:3:2433-68-71-91-95:26:2:1000871:1:1263-1237-1267-1238-1269:1878-71-66-1693-183:4; _sp_ses.e932=*; _matheriSegs=MATHER_U9_INSTANTMET2_20200701; _matherSegments=MATHER_U9_INSTANTMET2_20200701; _gat_uolMain=1; _sp_id.e932=2eb927567543fbae.1635458378.1.1635459334.1635458378',
        'Host' => 'login.folha.com.br',
        'Origin' => 'https://login.folha.com.br',
        'Pragma' => 'no-cache',
        'Referer' => 'https://login.folha.com.br/login?service=paywall%2Ffrontend&done=https%3A%2F%2Fwww.folha.uol.com.br%2F%3Forigin%3Dfolha'
    ],
]);
```

Fonte: a autora (2024).

A partir disso, utilizamos o AntConc para a busca ativa das metáforas do coronavírus: em cada conjunto de arquivos (2020, 2021 e 2022), buscamos pelo termo <coronavírus> no recurso KWIC, o qual fornece o número de *hits* encontrados, bem como o hit no contexto de ocorrência (direita e esquerda). A Figura 2, a seguir, é um exemplo de como esses dados aparecem no AntConc, recurso KWIC:

Figura 2 – Página do software AntConc com o recurso KWIC após busca pelo termo <coronavírus> nos arquivos de 10 de maio a 10 de junho de 2020

The screenshot shows the AntConc software interface. The search query is 'coronavírus'. The results are displayed in a table with the following columns: File, Left Context, Hit, and Right Context. The table contains 15 rows of results, each showing a file name, a snippet of text from the file, the word 'coronavírus', and another snippet of text from the file.

File	Left Context	Hit	Right Context
1 Argentina ...	shtml Apesar de seguir bem avaliado no combate ao novo	coronavírus,	o governo da Argentina vem sendo questionado por economistas
2 Casal abre ...	para-respeitar-isolamento.shtml Desde o começo da pandemia de	coronavírus,	o governo da Suécia adotou uma abordagem mais permissiva
3 Governo cria ...	medicos-e-hospitais.shtml Em meio à pandemia do novo	coronavírus,	o governo de Jair Bolsonaro (sem partido) criou uma
4 Pernambuco ...	era de 100 pessoas. Desde o início da pandemia do novo	coronavírus,	o governo de Pernambuco abriu 614 novas vagas de UTI
5 Governo ...	para se tornar o novo epicentro da pandemia do novo	coronavírus,	o governo Jair Bolsonaro trabalha para tentar minimizar notícias
6 Governo projet...	efeitos econômicos provocados até o momento pela pandemia do novo	coronavírus,	o governo Jair Bolsonaro já projeta um recuo de
7 Comércio no ...	serão distribuídos à pessoas em situação vulnerável. Em razão do	coronavírus,	o governo aceitará apenas doações de itens novos, para
8 Coronavírus, o...	foi tomada para conter o avanço da pandemia do novo	coronavírus.	O governo americano diz que pessoas que tenham estado
9 Governo inclui ...	na-camara-ate-junho.shtml Em meio à pandemia do	coronavírus,	o governo apresentou a líderes do chamado centrão uma
10 Governo vai us...	para pequenos e médios empresários durante a pandemia do novo	coronavírus,	o governo Bolsonaro lançou um programa que permite o
11 Rombo nas ...	publicas-em-abril.shtml Sob influência da crise do novo	coronavírus,	o governo federal registrou um rombo recorde de R\$ 92,9
12 Veículos de ...	de casos testados e com resultado positivo para o novo	coronavírus.	O governo federal, por meio do Ministério da Saúde,
13 Caixa promete ...	cadastro foram consideradas elegíveis. Com o agravamento da crise do	coronavírus,	o governo não descarta prorrogar o pagamento, mas avalia
14 Por coronavírus...	para-alistamento-militar-obrigatorio.shtml Devido à pandemia do novo	coronavírus,	o governo prorrogou o prazo de apresentação obrigatória para
15 Etiópia controla...	vistas como únicas responsáveis pelo baix o número de mortos pelo	coronavírus.	O governo respondeu com eficiência, sob alguns aspectos, reconhece
16 Empresário ...	contratações emergenciais voltadas para o combate à pandemia do novo	coronavírus,	o que motivou as prisões preventivas. É atribuída a

Fonte: a autora (2024).

Como o leitor pode observar, o software apresenta na primeira coluna à esquerda todos os títulos dos artigos que compõem a pasta de arquivos de 2020 (totalizando 2.228) e o número total de tokens (1.589.318). Quanto ao número de ocorrências do termo <coronavírus>, temos 4.407 no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020. A partir dessa resposta dada pelo programa, pudemos identificar quais ocorrências eram metafóricas ou não. Essa identificação das metáforas ocorreu por meio do julgamento de introspecção da autora e seu orientador. Cada metáfora encontrada foi adicionada em outra página do Google Planilhas para ser classificada a partir das variáveis analisadas (mais informações serão dadas na subseção 4.2).

Outro recurso interessante para pesquisas dentro da Linguística e que o AntConc fornece é a contagem de palavras, bem como de dados estatísticos relacionadas a essas frequências (rank, frequência e frequência relativa, alcance, efeito etc.). Na nossa investigação, interessava saber qual era a posição do termo <coronavírus> nos dados analisados. No recurso Word, por

exemplo, é possível verificar quais são as palavras mais frequentes no corpus. No caso de 2020, o coronavírus ocupa a 33ª posição, com 4.407 ocorrências⁸².

O recurso Collocate é bastante útil porque nos revela quais as principais palavras que ocorrem no entorno de uma palavra que escolhemos para analisar. Tomemos como exemplo o termo <coronavírus>: segundo os dados de 2020, a palavra que mais aparece no entorno de <coronavírus>, se consideramos 5 palavras à esquerda e 5 palavras à direita, é a palavra <novo>, o que é facilmente justificável, pois funciona como um determinante de <coronavírus>. A segunda posição é ocupada pelo termo <pandemia>, o qual também se aproxima diretamente do campo semântico de <coronavírus>. A terceira posição é ocupada por uma conjunção, “do”, a quarta pelo termo <crise>, a quinta pela junção “pelo”, a sexta pelo substantivo <combate> e assim sucessivamente.

Esse recurso (Collocate) oferece ao usuário as seguintes informações: (i) rank da palavra em referência ao termo pesquisado (Rank); (ii) frequência da palavra no corpus (Freq(Scaled)); (iii) o número de vezes que o termo apareceu à esquerda do termo pesquisado (FreqL); (iv) o número de vezes que o termo apareceu à direita do termo pesquisado (FreqR); (v) o número de arquivos em que a “combinação” do termo ranqueado e do termo pesquisado apareceram juntos (Range); (vi) a probabilidade dos termos aparecem juntos (Likelihood); e (viii) o efeito, outra unidade estatística que serve para ranquear os dados (Effect). A Figura 3, abaixo, é um exemplo de como esses dados são fornecidos ao usuário.

⁸² Importante mencionar que as palavras que ocupam até a 28ª posição são na maioria determinantes, como artigos, conjunções de artigos e preposições etc.: de, a, o, que, e, do, da, em, para, com, no, não, um, os, na, é, uma, por, se, as, mais, dos, como, ao, à, foi, mas e das. A 29ª posição, por outro lado, é ocupada por um substantivo, trata-se da palavra pandemia.

Figura 3 – Recurso Collocate com o termo de busca <coronavírus> nos dados de 10 de maio a 10 de junho de 2020

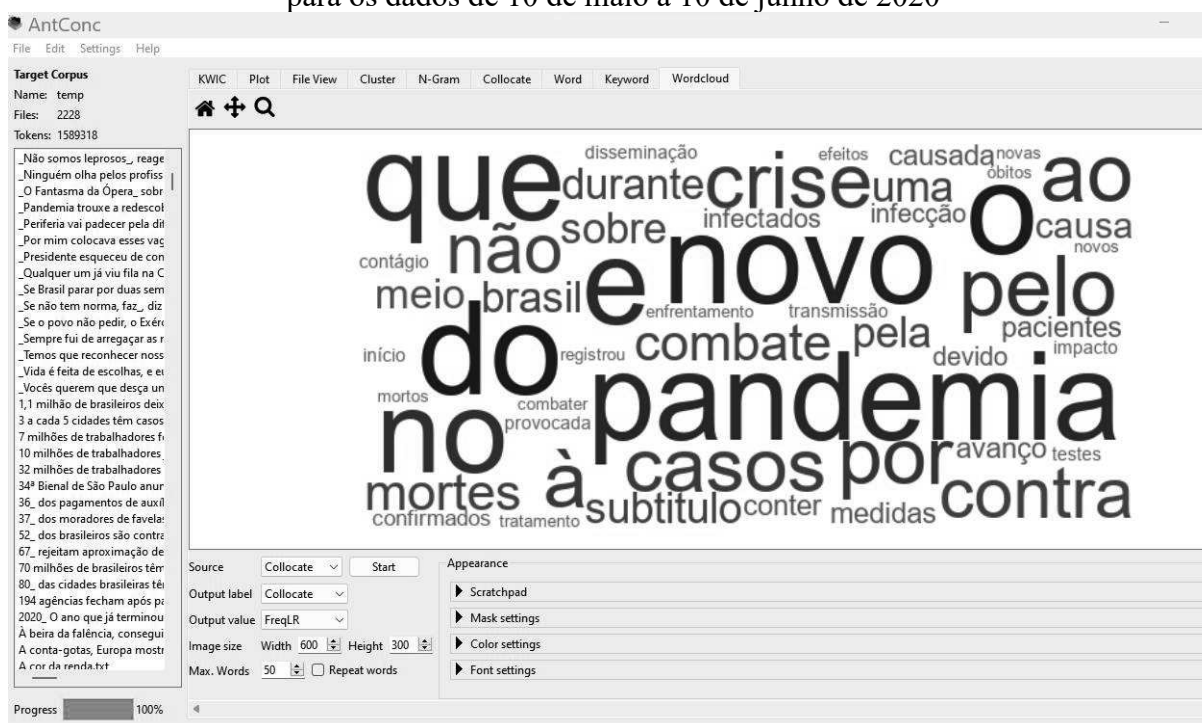
The screenshot shows the AntConc software interface. On the left, the 'Target Corpus' section lists several files, including 'Não somos leprosos_', 'Ninguém olha pelos profiss', 'O Fantasma da Ópera_ sobr', 'Pandemia trouxe a redescol', 'Periferia vai padecer pela dit', 'Por mim colocava esses vaç', 'Presidente esqueceu de con', 'Qualquer um já viu fila na C', 'Se Brasil parar por duas sem', 'Se não tem norma, faz_', 'diz', 'Se o povo não pedir, o Exér', 'Sempre fui de arregaçar as r', 'Temos que reconhecer noss', 'Vida é feita de escolhas, e ei', 'Vocês querem que desça un', '1,1 milhão de brasileiros deix', '3 a cada 5 cidades têm casos', '7 milhões de trabalhadores fi', '10 milhões de trabalhadores', '32 milhões de trabalhadores', '34ª Bial de São Paulo anur', '36_ dos pagamentos de auxil', '37_ dos moradores de favela:', '52_ dos brasileiros são contr', '67_ rejeitam aproximação de', '70 milhões de brasileiros têr', '80_ das cidades brasileiras tê', '194 agências fecham após p', '2020_ O ano que já terminou', 'À beira da falência, consegui', 'A conta-gotas, Europa mostr', 'A cor da renda.txt'. The main window displays the 'Collocate' tool results for the search term 'coronavírus'. The table shows 19 hits, with 'novo' having the highest likelihood (6161.613) and 'provocada' having the lowest (187.700). The search query is 'coronavírus', and the results are sorted by Likelihood. The progress bar at the bottom indicates 100% completion.

	Collocate	Rank	Freq(Scaled)	FreqL	FreqR	Range	Likelihood	Effect
1	novo	1	21530	1331	11	939	6161.613	4.631
2	pandemia	2	43800	821	36	736	2049.722	2.960
3	do	3	277140	1857	234	1347	1863.851	1.585
4	crise	4	15740	320	5	287	804.966	3.037
5	pelo	5	41670	435	53	403	742.256	2.219
6	combate	6	5620	198	1	174	689.914	3.816
7	casos	7	25110	223	33	192	333.375	2.019
8	causada	8	1250	70	2	70	317.193	4.518
9	contra	9	19320	196	17	177	302.870	2.132
10	durante	10	14760	169	14	175	294.130	2.302
11	mortes	11	17620	164	34	151	287.392	2.160
12	conter	12	2320	76	3	77	267.840	3.759
13	ao	13	68170	318	94	332	243.687	1.265
14	avanço	14	2140	68	3	70	237.225	3.722
15	o	15	485390	990	759	1025	209.222	0.519
16	subtítulo	16	22280	20	172	192	202.298	1.777
17	infecção	17	2520	62	6	61	201.031	3.424
18	causa	18	5750	83	10	87	190.341	2.685
19	provocada	19	880	44	1	44	187.700	4.346

Fonte: a autora (2024).

Por fim, outro recurso do AntConc que utilizamos na construção de nosso trabalho foi o de criação de nuvens de palavras. É possível determinar como fonte dos dados as próprias ferramentas do programa, como KWIC, Collocate, Word etc. Dessa forma, optamos por utilizar, principalmente, a ferramenta Word (para criar nuvens com as palavras mais repetidas e frequentes no corpus) e a ferramenta Collocate, estabelecendo o termo de pesquisa e o número máximo de 50 palavras na nuvem. A Figura 4, a seguir, apresenta a nuvem de palavras relacionadas ao termo <coronavírus> para os dados de 10 de maio a 10 de junho de 2020.

Figura 4 – Exemplo de criação de nuvem de palavras relacionadas ao termo <coronavírus> para os dados de 10 de maio a 10 de junho de 2020



Fonte: a autora (2024).

A utilização deste software, como demonstramos aqui, foi muito importante para a construção da pesquisa, sendo que os dados serão discutidos na seção 5 desta tese. A subseção que segue trata de outro programa utilizado por nós e que serviu, principalmente, para a organização dos dados dos artigos e das metáforas encontradas.

4.2 GOOGLE PLANILHAS (GOOGLE SHEETS)

Outra ferramenta muito utilizada por nós para a construção de nosso trabalho foi o Google Planilhas (Google Sheets), especialmente para a organização do corpus. Como nosso objetivo é disponibilizar o corpus para que outros pesquisadores possam utilizá-lo em suas pesquisas, o Google Planilhas se apresentou como uma opção que corresponde às nossas necessidades, pois permite a disponibilização de *link* para o acesso ao banco de dados.

Além disso, utilizamos essa ferramenta para organizar e classificar as ocorrências encontradas. Inicialmente, tínhamos como proposta metodológica a de utilizar o GoldeVarbX para nossas análises estatísticas. Contudo, percebemos a necessidade de rever essa escolha, o que nos levou a utilizar o software R, mais especificamente a interface do RStudio. Por outro lado, a codificação inicial que havíamos feito para a utilização do GoldVarbX não foi de toda

eliminada, pois a partir dela conseguimos construir os data.frames no R (explicaremos essa conversão com mais detalhes na próxima seção).

Como forma de exemplificar o que estamos descrevendo até agora, o Quadro 3, a seguir, apresenta a categorização construída por nós para a análise das ocorrências:

Quadro 3 – Classificação das variáveis por códigos para serem usados no GoldVarbX

Variável 1 - Categorias Metafóricas	Códigos
Pessoa	P
Força da Natureza	F
Objeto	O
Outros	H
Variável 2 – Veículos	Códigos
Causador de uma Guerra	g
Indivíduo	l
Viajante	v
Inimigo/Bandido	b
Aliado Político	a
Esportista	e
Onda	t
Desastre Natural	m
Montanha	k
Explosão/Fogo	f
Água/Líquido/Substância	s
Objeto	x
Meio de Transporte/Carro	y
Causa	i
Divida	k
Monstro	H
Variável 3 - Tipo das Construções	Códigos
Verbal	5
Verbal.Passiva	0
Nominal	6
Variável 4 - Classificação das construções	Códigos
Transitiva	Y
Intransitiva	X
Estativa	Z
Passiva	P
De existência	E
Comitativa	W
Ditransitiva	D
Variável 5 - Papéis Temáticos	Código
Agente/Causa	1
Paciente	2
Tema	4
Locativo	6
Variável 6 - Funções Sintáticas	Código
Sujeito	S
Objeto direto	O
Objeto indireto	I
Agente da passiva	A
Complemento nominal	C
Predicativo do sujeito	P
Aposto	M
Variável 7 - Categorias do Jornal	Código
Mundo	N

Mercado	M
Cotidiano	C
Colunistas	T
Opinião	O
Equilíbrio e Saúde	E
Ilustrada	I
Ilustríssima	S
Poder	P
Transitiva	Y
Intransitiva	X

Fonte: a autora (2024).

A definição dessas categorias é fruto da natureza dos dados em análise e da perspectiva teórica que embasa nossa pesquisa, uma vez que evidencia aspectos relacionados à estruturação das metáforas por meio das construções linguísticas. Além disso, pensamos ser interessante considerar a Variável 7 em nosso trabalho porque acreditamos que ela possa revelar aspectos interessantes acerca de nossos dados, especialmente por evidenciar diferentes formas de escrita de diferentes autores e sob diferentes gêneros do discurso veiculados no periódico *Folha de São Paulo*. A partir dessa categorização, como o leitor observou, temos as sete variáveis categóricas em análise. Esses códigos foram transformados em nomes de categorias no RStudio para que pudéssemos trabalhar com o data.frame completo. Trataremos dessa etapa na subseção a seguir.

4.3 R

Além da formulação de hipóteses, a consciência acerca da natureza de nossas variáveis em análise é também muito importante, isso porque quando compreendemos a essência desses dados, percebemos com mais nitidez o caminho metodológico e analítico que deverá ser percorrido. A escolha por utilizar o R veio justamente dessa compreensão e do reconhecimento de nossos limites enquanto pesquisadores da área da Linguística e não da Estatística, uma vez que a linguagem R permite a automatização de diferentes cálculos estatísticos que seriam muito difíceis de levar a cabo manualmente.

O R não é apenas um programa de estatística, ele é também uma linguagem de programação e assim como o Python, por exemplo, é bastante empregado na análise de dados. A larga utilização do R por pesquisadores de diferentes áreas atualmente é justificada pelas inúmeras funcionalidades que o programa oferece, desde a construção de tabelas e gráficos, a exemplo de um software de planilhas, até funcionalidades de programas de banco de dados (Gries, 2019).

Para que o programa funcione, é preciso que seja inicialmente baixado e instalado no computador pelo link (<https://www.r-project.org/>) e indica-se a imediata instalação de pacotes que foram sendo criados por diferentes usuários para a melhoria do programa, uma vez que ele é um software livre. Além disso, é imprescindível que o usuário crie e/ou carregue um `data.frame` para que possa trabalhar com esses dados. Importante mencionar ainda que utilizaremos dois termos, R e RStudio, para nos referirmos ao mesmo programa. Isso ocorre porque o RStudio é uma interface que oferece mais possibilidades de layouts para a visualização, o que, a nosso ver, facilita a utilização do programa.

4.3.1 Criação de `data.frames` no R

Mencionamos em momento anterior que inicialmente tínhamos o desejo de trabalhar com o GoldVarbX e, por isso, codificamos nossas variáveis para que pudéssemos utilizar esse software. Contudo, para a utilização do R percebemos que seria mais interessante o nome da variável e não esses códigos. Portanto, primeiramente construímos um código que transformou todos os códigos prévios (construídos para o GoldVarbX) em nomes para as variáveis. A Figura 5, a seguir, apresenta parte do código criado para a conversão do `data.frame` com os dados de 2020:

Figura 5 – Código criado para a conversão do data.frame com os dados de 10 de maio a 10 de junho de 2020 no RStudio

```

1 dados2020=read.table(choose.files(), header=T, sep="\t", quote="", comment.char="")
2 dados2020
3 str(dados2020)
4 categoria.metafórica2020=factor(rep(dados2020$CATEGORIA.METAFÓRICA))
5 categoria.metafórica2020
6 veículo2020=factor(rep(dados2020$VEÍCULO))
7 veículo2020
8 tipo.de.construção2020=factor(rep(dados2020$TIPO.DE.CONSTRUÇÃO))
9 tipo.de.construção2020
10 classificação.da.construção2020=factor(rep(dados2020$CLASSIFICAÇÃO.DA.CONSTRUÇÃO))
11 classificação.da.construção2020
12 papel.temático2020=factor(rep(dados2020$PAPEL.TEMÁTICO.OCUPADO.PELO.TERMO.CORONAVÍRUS))
13 papel.temático2020
14 função.sintática2020=factor(rep(dados2020$FUNÇÃO.SINTÁTICA.DO.TERMO.CORONAVÍRUS))
15 função.sintática2020
16 categoria.jornal2020=factor(rep(dados2020$CATEGORIA.JORNAL))
17 categoria.jornal2020
18
19 levels(categoria.metafórica2020)[1]="Força da Natureza";
20 levels(categoria.metafórica2020)[2]="Outros";
21 levels(categoria.metafórica2020)[3]="Objeto"
22 levels(categoria.metafórica2020)[4]="Pessoa"
23 categoria.metafórica2020
24
25 levels(veículo2020)[1]="Aliado Político";
26 levels(veículo2020)[2]="Inimigo/Bandido";
27 levels(veículo2020)[3]="Condutor/Motorista";
28 levels(veículo2020)[4]="Esportista";
29 levels(veículo2020)[5]="Explosão/Fogo"
30 levels(veículo2020)[6]="Causador de uma guerra";
31 levels(veículo2020)[7]="Monstro";
32 levels(veículo2020)[8]="Causa";
33 levels(veículo2020)[9]="Dívida";
34 levels(veículo2020)[10]="Montanha"
35 levels(veículo2020)[11]="Indivíduo";
36 levels(veículo2020)[12]="Desastre Natural";
37 levels(veículo2020)[13]="Água/Líquido/Substância";
38 levels(veículo2020)[14]="Onda";
39 levels(veículo2020)[15]="Viajante";
40 levels(veículo2020)[16]="Objeto";
41 levels(veículo2020)[17]="Meio de Transporte/Carro"
42 veículo2020

```

Fonte: a autora (2024).

Tanto para a análise univariada quanto bivariada, o carregamento do data.frame é imprescindível. Por isso, antes de cada código adicionado, o data.frame respectivo daqueles dados foi adicionado.

4.3.1 Análise Univariada e Teste Qui-Quadrado de Aderência

Neste trabalho, optamos por descrever e analisar primeiramente cada uma das sete variáveis nos diferentes períodos de coleta dos dados, ou seja, no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020, de 10 de maio a 10 de junho de 2021 e de 10 de maio a 10 de junho de 2022. Dessa forma, a primeira apresentação tabular fornece os dados de cada variável nos diferentes períodos. Dessa forma, iniciamos nossa descrição com a chamada Análise Univariada dos

Dados, a qual toma como princípio a descrição e a análise de apenas uma variável. Para uma variável categorial, a forma mais básica de apresentar e organizar os dados é a partir de tabelas de distribuição de frequências (Bussab; Morettin, 2017). O R Studio possui a função `table` que nos retorna com os dados de frequência dos níveis da variável e a função `prop.table`, a qual nos fornece as frequências relativas. No caso da variável *Categorias Metafóricas* (10 de maio a 10 de junho de 2020), utilizamos o comando exemplificado na Figura 6, abaixo:

Figura 6 – Exemplo de comando para a criação de tabela na análise univariada no RStudio

```
7      #Construção da tabela para a primeira variável
8      #Variável 'Categorias Metafóricas' ano 2020
9      table(categoria.metafórica2020)
10     prop.table(table(categoria.metafórica2020))
11     prop.table(table(categoria.metafórica2020))*100
```

Fonte: a autora (2024).

A Figura 7, por sua vez, apresenta os resultados fornecidos quando o comando expresso na Figura 6 é adicionado:

Figura 7 – Resultado do comando de criação de tabela na análise univariada no RStudio

```
> #Construção da tabela para a primeira variável
> #Variável 'Categorias Metafóricas' ano 2020
> table(categoria.metafórica2020)
categoria.metafórica2020
Força da Natureza      Outros      Objeto      Pessoa
                43              51              13             363
> prop.table(table(categoria.metafórica2020))
categoria.metafórica2020
Força da Natureza      Outros      Objeto      Pessoa
    0.09148936    0.10851064    0.02765957    0.77234043
> prop.table(table(categoria.metafórica2020))*100
categoria.metafórica2020
Força da Natureza      Outros      Objeto      Pessoa
    9.148936    10.851064    2.765957    77.234043
```

Fonte: a autora (2024).

Outro dado interessante que optamos por adicionar na organização de nossas tabelas da análise univariada foi o intervalo de confiança das porcentagens. Para a obtenção desses dados, utilizamos também um comando no R Studio. A Figura 8, abaixo, ilustra um exemplo de como esse comando foi adicionado:

Figura 8 – Exemplo de comando no R Studio para cálculo do Intervalo de Confiança de porcentagens

```

27      #Cálculo do Intervalo de Confiança para porcentagens
28      #Pessoa
29      prop.test(14,19,conf.level = 0.95)
30      pchisq(1.8947,1,lower.tail = FALSE)
31      #Força da Natureza
32      prop.test(3,19,conf.level = 0.95)
33      pchisq(5.2632,1,lower.tail = FALSE)
34      #Outros
35      prop.test(2,19,conf.level = 0.95)
36      pchisq(10.316,1,lower.tail = FALSE)
37

```

Fonte: a autora (2024).

Com base nesses dados, construímos as tabelas de frequência de nossas variáveis para os diferentes anos. A Tabela 1, a seguir, é um exemplo dessas tabelas, sendo que a variável em análise é a Categorias Metafóricas.

Tabela 1 – Exemplo de apresentação tabular de variável em análise univariada

Categorias Metafóricas	2020			2021			2022		
	Frequências	Frequências Relativas	Intervalo de confiança	Frequências	Frequências Relativas	Intervalo de confiança	Frequências	Frequências Relativas	Intervalo de confiança
Pessoa	363	0,77	0,73 0,80	59	0,82	0,71 0,90	14	0,74	0,48 0,90
Outros	51	0,10	0,08 0,14	3	0,04	0,01 0,1	2	0,10	0,02 0,34
Força da Natureza	43	0,09	0,07 0,12	10	0,14	0,07 0,24	3	0,16	0,04 0,40
Objeto	13	0,03	0,01 0,05	-	-	-	-	-	-
Total	470	1	-	72	1	-	19	1	-

Fonte: a autora (2024).

Para a análise de nossos dados, optamos por calcular uma medida de tendência central (a moda) e uma medida de dispersão simples (a divergência de Kullback-Leibler). No caso da moda, quando os dados são quantitativos, ela se torna representativa apenas quando o conjunto de dados é relativamente grande ($n > 30$). Por outro lado, ela é também útil para descrever os

dados categóricos e, nesse caso, ela corresponde à categoria da variável mais frequente. No caso que estamos utilizando de exemplo, a moda é Pessoa nos três períodos descritos.

Já a divergência de Kullback-Leibler, também chamada de entropia relativa (ou H_{rel}), é uma medida de dispersão simples que podemos aplicar para dados categóricos. Segundo Gries (2019, p. 114), “a H_{rel} é igual a 1 quando os níveis da variável analisada possuem frequências aproximadas e “é igual a 0 quando todos os dados pertencem ao mesmo nível”. Quando há diferentes níveis nas categorias metafóricas, podemos calcular a entropia relativa a partir da seguinte fórmula:

Figura 9 – Fórmula para o cálculo da divergência de Kullback-Leibler

$$H_{rel} = -\frac{\sum_{i=1}^n (p_i \ln p_i)}{\ln n}$$

Fonte: Gries (2019, p. 115).

Esse cálculo pode ser realizado facilmente no RStudio. A Figura 10, abaixo, apresenta um exemplo de comando adicionado no software para o cálculo da Entropia Relativa da variável Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020.

Figura 10 – Exemplo de comando adicionado no RStudio para o cálculo da H_{rel} para a variável Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020

```
30 #Cálculo da Medida de Dispersão Entropia Relativa
31 perc=table(categoria.metafórica2020)/sum(table(categoria.metafórica2020))
32 hrel2020.categoria.metafórica=-sum(perc*log(perc))/log(length(perc));
33 hrel2020.categoria.metafórica
```

Fonte: a autora (2024).

O resultado fornecido pelo RStudio a esse comando pode ser observado na Figura 11, abaixo:

Figura 11 – Exemplo de resultado ao comando para o cálculo da H_{rel} para a variável Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020

```
> #Cálculo da Medida de Dispersão Entropia Relativa
> perc=table(categoria.metafórica2020)/sum(table(categoria.metafórica2020))
> hrel2020.categoria.metafórica=-sum(perc*log(perc))/log(length(perc));
> hrel2020.categoria.metafórica
[1] 0.547176
```

Fonte: a autora (2024).

Para verificar a relevância (significância estatística) de nossos dados é fundamental submetê-los a testes de significância que variam a depender do tipo de variável que está sendo analisada. Neste trabalho, estamos diante de 7 variáveis categóricas (ou nominais) e, portanto, o teste mais recomendado é o teste Qui-Quadrado de Pearson (χ^2). No caso de uma análise univariada, trabalhamos com o teste Qui-Quadrado de Aderência, o qual busca comparar se os dados observados são significativos em comparação com uma distribuição hipotética esperada. A equação matemática que calcula esse valor pode ser observada na Figura 12, a seguir:

Figura 12 – Equação para calcular o Qui-Quadrado de Pearson

$$\text{Qui-quadrado de Pearson} = \chi^2 = \sum_{i=1}^n \frac{(\text{observado} - \text{esperado})^2}{\text{esperado}}$$

Fonte: Gries (2019, p. 155).

Antes da realização do teste, é fundamental a criação da hipótese nula (H_0) e da hipótese alternativa (H_1):

H_0 : as frequências observadas na variável em análise aproximam-se das frequências esperadas – $\chi^2 < p_{\text{bilateral}} 0,05$ para gl da variável⁸³;

H_1 : as frequências observadas na variável em análise são significativamente diferentes das frequências esperadas – $\chi^2 > p_{\text{bilateral}} 0,05$ para gl da variável.

Os valores observados correspondem às frequências dos níveis da variável, ou seja, Pessoa (363 ocorrências), Outros (51 ocorrências), Força da Natureza (43 ocorrências) e Objeto (13 ocorrências). Já os valores esperados são fruto de um cálculo simples: total de ocorrências dividido pelo número de níveis da variável⁸⁴. No caso que estamos analisando, trata-se de 470/4, ou seja, 117,5⁸⁵.

Para que possamos efetivamente realizar o teste Qui-Quadrado de Pearson, alguns pressupostos precisam ser considerados: (i) as observações são independentes; (ii) 80% das frequências esperadas são maiores que 5; e (iii) todas as frequências observadas são maiores

⁸³ Em outras palavras, a hipótese nula não poderá ser rejeitada se o valor encontrado no teste qui-quadrado for menor que o p-valor crítico de significância de 0,05 para o número de graus de liberdade da variável em análise.

⁸⁴ Como o leitor deve ter observado, trata-se da média aritmética.

⁸⁵ Optamos por utilizar esse comando em nosso trabalho, mas o R também conta também com a função `chisq.test` para realizar esses cálculos. Esta função exige três argumentos: (i) um vetor com as frequências observadas; (ii) um vetor com os percentuais esperados (ou seja, 1 dividido pelo número de níveis da variável); (iii) a opção de correção, ou seja, `correct=TRUE` ou `correct=FALSE` (GRIES, *et.al.*, 2019). A opção pela função `sum` e não a opção `chisq.test` em nosso trabalho justifica-se pelo fato de que nossas tabelas não são do tipo 2X2, o que dificulta a divisão de 1 pelos níveis da variável.

que 1 (Gries, 2019). A Figura 13, a seguir, apresenta um exemplo de comando adicionado no R Studio para a realização do `chisq.test`:

Figura 13 – Exemplo de comando para o cálculo de Qui-Quadrado de Aderência no RStudio

```
40 #Cálculo do qui-quadrado de aderência
41 categoria.metafórica2020.observado=c(363,51,43, 13)
42 categoria.metafórica2020.observado
43 categoria.metafórica2020.esperado=c(117.5,117.5,117.5,117.5)
44 categoria.metafórica2020.esperado
45 sum(((categoria.metafórica2020.observado-categoria.metafórica2020.esperado)
46      ^2)/
47      categoria.metafórica2020.esperado)
```

Fonte: a autora (2024).

A Figura 14, abaixo, apresenta o resultado fornecido pelo software quando recebe o comando do exemplo anterior:

Figura 14 – Exemplo de resultado do Teste Qui-Quadrado de Aderência no RStudio

```
> sum(((categoria.metafórica2020.observado-categoria.metafórica2020.esperado)
+      ^2)/
+      categoria.metafórica2020.esperado)
[1] 690.7489
```

Fonte: a autora (2024).

Uma forma mais prática de realizar esse cálculo do Qui-Quadrado de Aderência é a partir da função `chisq.test`, a qual exige: (i) um vetor com as frequências observadas; um vetor com os percentuais das frequências esperadas (1 dividido pelo valor de níveis da variável); e `correct=TRUE` ou `FALSE` para a correção de Yates, utilizada quando o tamanho da amostra é pequeno ou não corresponde totalmente aos pressupostos do teste, cuja configuração padrão é `CORRECT`. A Figura 15, a seguir, apresenta um exemplo dessa função no RStudio e, na sequência, a Figura 16 apresenta o resultado desse comando oferecido pelo software (Gries, 2019).

Figura 15 – Exemplo de utilização da função `chisq.test` para o cálculo do Teste Qui-Quadrado de Aderência no RStudio

```
55 #Outra opção para o cálculo de Qui-quadrado de Aderência é a função chisq.test
56 teste.categoria.metafórica.2020=chisq.test(categoria.metafórica2020.observado,
57                                           correct=T,
58                                           p=c(0.25,0.25,0.25,0.25))
59 teste.categoria.metafórica.2020
```

Fonte: a autora (2024).

Figura 16 – Exemplo de resultado da função `chisq.test` para o cálculo do Teste Qui-Quadrado de Aderência no RStudio

```
> teste.categoria.metafórica.2020

Chi-squared test for given probabilities

data: categoria.metafórica2020.observado
X-squared = 690.75, df = 3, p-value < 2.2e-16
```

Fonte: a autora (2024).

Com esses dados em mãos, podemos seguir para a próxima etapa, que é a comparação do valor χ^2 encontrado com os valores tabelados. Para isso, é fundamental eleger um valor de corte para rejeitar a hipótese nula. No nosso caso, optamos por utilizar o valor padrão de 0,05. Se não estivéssemos utilizando o R, teríamos que recorrer à tabela que relaciona esses valores, mas como estamos no R, a função utilizada é `qchisq`, a qual exige três argumentos: (i) um vetor com os valores de corte, ou seja, 0,05, 0,01 e 0,001; o número de graus de liberdade; e (iii) `lower.tail` FALSE ou TRUE, sendo que o padrão é F. A Figura 17, a seguir, apresenta um exemplo de como esse comando pode ser adicionado no R Studio:

Figura 17 – Exemplo de comando no R Studio para a verificação dos valores críticos de qui-quadrado

```
52 #verificação dos valores críticos de qui-quadrado para 3 graus de liberdade
53 qchisq(c(0.05),3,lower.tail = FALSE)
```

Fonte: a autora (2024).

Como podemos observar, o valor de qui-quadrado encontrado é maior que o valor tabelado para 5%, ou seja, $690,75 > 7,81$. Diante disso, retornamos às nossas hipóteses iniciais: H_0 = as frequências dos níveis da variável são as mesmas, sendo que em caso de haver alguma variação entre os valores observados e esperados, esta é atribuída ao acaso; H_1 = há uma diferença significativa entre as frequências encontradas e as frequências esperadas. Como o valor encontrado é maior que o valor crítico escolhido, podemos rejeitar a hipótese nula.

Para cada uma das sete variáveis analisadas (categorias metafóricas, veículos, tipos de construção, classificação das construções, funções sintáticas, papéis temáticos e categorias de jornal) essa análise foi realizada (considerando os diferentes períodos analisados, ou seja, 10 de maio a 10 de junho de 2020, 10 de maio a 10 de junho de 2021 e 10 de maio a 10 de junho de 2022).

4.3.2 Análise Bivariada (Teste Qui-Quadrado de Independência e Teste Exato de Fisher)

A análise bivariada considera a relação entre duas variáveis, ou seja, é possível “testar se a distribuição de uma variável categórica depende da distribuição de outra variável categórica” (Gries, 2019, p. 163). Neste estudo, optamos pela análise bivariada de modo a comparar e verificar se a relação entre as variáveis era significativa. O primeiro passo aqui também é a representação tabular dos dados, por isso construímos tabelas de dupla entrada, também chamadas de tabelas de contingência (Bussab; Morettin, 2017). A Figura 18, a seguir, apresenta o código fornecido ao RStudio para a construção da primeira tabela de contingência com as variáveis Veículos e Tipos de Construção para o período de 10 de maio a 10 de junho de 2020.

Figura 18 – Exemplo de construção de tabela de contingência no RStudio: variáveis Veículos e Tipos de Construção no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020

```

7      #Construção da primeira Tabela de Contigência
8      #Variáveis: Veículo e Tipos de Construção 2020
9      tabela.contingencial=table(veículo2020,tipo.de.construção2020)
10     tabela.contingencial

```

Fonte: a autora (2024).

O resultado⁸⁶ fornecido pelo software pode ser observado na Figura 19, abaixo:

Figura 19 – Resultado fornecido pelo RStudio com a construção da tabela de contingência das variáveis Veículos e Tipos de Construção no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020

⁸⁶ É possível também utilizar a função `prop.test`, assim como no caso da análise univariada.

```

> #Construção da primeira Tabela de Contigência
> #Variáveis: Veículo e Tipos de Construção 2020
> tabela.contingencial=table(veículo2020,tipo.de.construção2020)
> tabela.contingencial

```

veículo2020	tipo.de.construção2020		
	Verbal.Passiva	Verbal	Nominal
Aliado Político	0	1	1
Inimigo/Bandido	5	45	59
Condutor/Motorista	0	2	0
Esportista	0	5	2
Explosão/Fogo	0	3	1
Causador de uma guerra	0	32	134
Monstro	0	1	0
Causa	10	38	0
Dívida	0	2	0
Montanha	0	3	0
Indivíduo	0	4	2
Desastre Natural	10	8	5
Água/Líquido/Substância	0	3	1
Onda	0	9	0
Viajante	1	37	33
Objeto	2	3	5
Meio de Transporte/Carro	0	2	1

Fonte: a autora (2024).

Assim como no caso da análise univariada, a ideia inicial era a de utilizar o teste qui-quadrado para verificar a significância estatística, mas nesse caso estaríamos utilizando o Teste Qui-Quadrado de Independência. Para isso, como já mencionamos anteriormente, o primeiro passo é a construção das hipóteses:

H_0 : a distribuição da variável dependente não é influenciada e, portanto, não depende da distribuição da variável independente – $\chi^2 < p_{\text{bilateral}} 0,05$ para gl^{87} da tabela de contingência;

H_1 – a distribuição da variável dependente é influenciada e, portanto, depende da distribuição da variável independente: $\chi^2 > p_{\text{bilateral}} 0,05$ para gl da tabela de contingência.

Contudo, nossos dados não possibilitam a simples aplicação do teste, pois em algumas situações as frequências esperadas são muito pequenas e/ou há ocorrências menores que 1. Como forma de resolver essa questão, utilizamos o valor-p simulado na fórmula de `chisq.test` e, também, na fórmula `fisher.test`, a qual faz referência ao Teste Exato de Fisher. Dessa forma, a Figura 20 e a Figura 21, apresentadas a seguir, exemplificam a realização do Teste Qui-Quadrado de Independência e o Teste Exato de Fisher (ambos com p-valor simulado com base

⁸⁷ Para o cálculo dos graus de liberdade com tabelas de dupla entrada, ou tabelas de contingência, devemos utilizar a fórmula: $gl = (\text{número de linhas} - 1) * (\text{número de colunas} - 1)$.

em 2.000 repetições) na análise bivariada das variáveis Veículos e Tipos de Construção no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020.

Figura 20 – Teste Qui-Quadrado de Independência com valor-p simulado em 2.000 repetições para as variáveis Veículos e Tipos de Construção no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020

```
14      #Cálculo do Qui-quadrado (Teste de Independência)
15 test.tabela.de.contingência.veículo.tipo.de.construção2020=chisq.test(
16   tabela.contingencial, correct=TRUE, simulate.p.value = TRUE)
17 test.tabela.de.contingência.veículo.tipo.de.construção2020
```

Fonte: a autora (2024).

Figura 21 – Teste Exato de Fisher com valor-p simulado em 2.000 repetições para as variáveis Veículos e Tipos de Construção no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020

```
21      #Teste exato de Fischer
22 fisher.test(tabela.contingencial,
23             alternative = "greater",|
24             simulate.p.value=TRUE,
25             conf.int = TRUE,
26             conf.level = 0.95)
```

Fonte: a autora (2024).

Dessa forma, os resultados do Teste Qui-Quadrado de Independência e do Teste Exato de Fisher podem ser observados na Figura 22 e Figura 23, respectivamente:

Figura 22 – Resultado fornecido pelo RStudio do Teste Qui-Quadrado de Independência com valor-p simulado em 2.000 repetições para as variáveis Veículos e Tipos de Construção no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020

```
>      #Cálculo do Qui-quadrado (Teste de Independência)
> test.tabela.de.contingência.veículo.tipo.de.construção2020=chisq.test(
+   tabela.contingencial, correct=TRUE, simulate.p.value = TRUE)
> test.tabela.de.contingência.veículo.tipo.de.construção2020

      Pearson's Chi-squared test with simulated p-value (based on 2000 replicates)

data:  tabela.contingencial
X-squared = 214.89, df = NA, p-value = 0.0004998
```

Fonte: a autora (2024).

Figura 23 – Resultado fornecido pelo RStudio do Teste de Fisher com valor-p simulado em 2.000 repetições para as variáveis Veículos e Tipos de Construção no ano de 2020

```
> #Teste exato de Fischer
> fisher.test(tabela.contingencial,
+            alternative = "greater",
+            simulate.p.value=TRUE,
+            conf.int = TRUE,
+            conf.level = 0.95)

      Fisher's Exact Test for Count Data with simulated p-value (based on 2000 replicates)

data:  tabela.contingencial
p-value = 0.0004998
alternative hypothesis: greater
```

Fonte: a autora (2024).

Com base nesses resultados, podemos interpretar que a hipótese nula pode ser rejeitada, pois o valor de χ^2 é altamente significativo, pois é maior que todos os valores críticos para gl 32 e o p-valor encontrado nos dois testes é menor que 0,05.

4.4 FECHANDO O CAPÍTULO

Ao final deste capítulo, esperamos que tenha ficado claro ao leitor as escolhas metodológicas que tomamos, considerando, principalmente, a natureza de nossas variáveis e de nossos dados. No capítulo a seguir, nosso *corpus* será apresentado e analisado com base no caminho discutido neste capítulo. Sempre que acharmos necessário, adicionaremos pequenas notas de rodapé ou recordações no próprio texto acerca de especificações metodológicas utilizadas, especialmente acerca dos softwares ou dos códigos utilizados no RStudio.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, dedicamo-nos a apresentar os resultados de nossa pesquisa a partir do *corpus* MCM, bem como as reflexões oriundas desses achados. Iniciamos com os resultados encontrados a partir da análise de frequências no programa AntConc (versão 4.2.4 para sistema operacional Windows); na sequência, apresentamos as análises quantitativas realizadas no RStudio (versão 4.3.1/Windows); e, por fim, apresentamos nossas considerações sobre esses achados, tendo em conta o *background* teórico que orienta nossa pesquisa.

5.1 ANÁLISE DOS DADOS A PARTIR DO SOFTWARE ANTCONC

Esta subseção apresenta os resultados encontrados a partir da utilização do software AntConc, idealizado pelo professor Laurence Anthony (Universidade de Waseda) e recorrentemente utilizado nas investigações relacionadas à Linguística de Corpus. Nesta investigação, como mencionado na seção de metodologia, utilizamos esse programa para a busca ativa das metáforas que compõem o *corpus*. Contudo, o programa oferece outras ferramentas muito úteis em investigações como a que estamos realizando aqui. Como consequência, ele foi utilizado também para contabilizar frequências de termos específicos, para verificar as principais palavras que ocorrem ao entorno de termos particulares e, também, para a construção de nuvens de palavras.

5.1.1 Análises de frequências de *hits* nos períodos de 10 de maio de 2020, 2021 e 2022

A emergência pandêmica durante o ano de 2020 repercutiu em diferentes aspectos da sociedade. São inegáveis as consequências no campo da saúde, da economia, da educação e, de maneira mais ampla, no campo das subjetividades humanas (principalmente aspectos relacionados à saúde mental, à organização pessoal e familiar, às relações interpessoais etc.). Os números assombrosos de mortos durante a pandemia no Brasil trazem consigo inúmeros familiares e amigos enlutados que foram obrigados a continuar vivendo com a ausência de seus entes queridos. Além disso, no campo da informação, a frequência de referências à doença e aos números (de doentes, de mortos e, posteriormente, de vacinados) tomavam a maior parte

do tempo nos noticiários de televisão e, também, das matérias jornalísticas veiculadas na mídia por meio de jornais impressos e suas respectivas páginas na internet.

Dada a gravidade da pandemia não parecia haver outro tema que tivesse mais importância no momento. E, de fato, não poderia ser diferente. Dessa forma, os números de artigos encontrados em nossa pesquisa revelam essa intensa frequência de menção direta ao coronavírus, uma vez que utilizando os mesmos filtros de pesquisa encontramos 2.228 artigos em 2020; 726 em 2021; e 241 em 2022, o que corresponde a uma diminuição de 67,4% de 2020 para 2021 e de 66,8% de 2021 para 2022. Quando comparamos os anos de 2020 e de 2022, a diminuição corresponde a 89,2%.

Essa situação pode ser explicada pela própria emergência pandêmica: em 2020, não sabíamos quase nada sobre o vírus e a doença, e cada nova descoberta precisava ser anunciada. Além disso, havia uma necessidade de alertar sobre os perigos e sobre os cuidados que todos deveríamos ter para que não fôssemos infectados ou para que não infectássemos os outros. No ano seguinte, a situação ainda era delicada, mas a realidade vacinal mais abrangente já permitia que imaginássemos um mundo sem pandemia. Dessa forma, a temática que antes tomava 100% de nossos assuntos e de notícias começa a dar espaço a outras questões que voltaram a ter relevância. No ano de 2022, por consequência, a doença parece se afastar ainda mais de nós: já nos referimos à pandemia como algo “do passado”, de forma que a alusão ao coronavírus torna-se cada vez mais rara e intermitente.

Assim como o número de artigos diminui, o número de ocorrências do termo <coronavírus> também. Dessa forma, a busca pelo termo <coronavírus> nos artigos que compõem os três períodos sob análise neste trabalho demonstram que em 2020 ele se fez muito mais recorrente, ocupando a 33ª posição dos *hits* mais frequentes, o que representa 4.407 ocorrências no total. Essa posição, contudo, não é mantida no ano de 2021 (ano em que o termo ocupa a 70ª posição com 866 ocorrências) nem no ano seguinte (em 2022, o termo ocupa a 69ª posição com 281 ocorrências).

Como mencionamos anteriormente, a busca pelas metáforas em nosso *corpus* se deu a partir do termo <coronavírus>. Contudo, dentro desse mesmo *frame* semântico (que podemos chamar de “evento de adoecimento”), podemos considerar ainda as palavras: (i) pandemia; (ii) vírus; (iii) doença; e (iv) covid. No caso de <pandemia>, em 2020 ocupa a 29ª posição com 4.380 ocorrências; em 2021, é a 39ª palavra mais repetida com 1.505 ocorrências; e em 2022, ocupa a 49ª posição com 423 ocorrências. Já o termo <vírus> ocupa a 156ª em 2020 com 1.098 ocorrências; em 2021, ocupa a 114ª posição com 591 ocorrências; e em 2022 ocorreu 76 vezes, ocupando a 76ª posição. A palavra <doença> ocupa a 127ª posição com 1.357 ocorrências em

2020; em 2021, ocupa a 112º posição com 601 ocorrências; em 2022, ocupa a 66º com 296 ocorrências. Por fim, o termo <Covid> ocupa a 45º com 3.366 ocorrências em 2020; em 2021 ocorreu 2.526 vezes, resultando na 24º posição; e em 2022, ocupa a 20º com 1.195 ocorrências.

A Tabela 2, a seguir, apresenta uma síntese dessas informações, bem como os percentuais de diminuição de cada termo quando comparados os períodos que estamos analisando aqui.

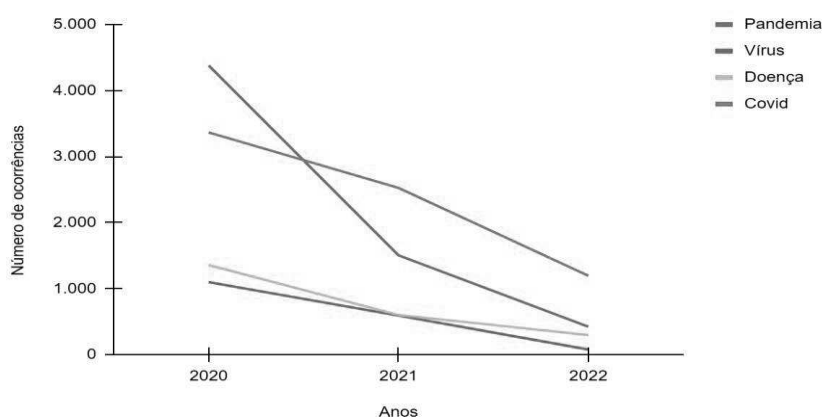
Tabela 2 – Distribuição de frequências absolutas dos termos <pandemia>, <vírus>, <doença> e <Covid> e relação percentual nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, 2021 e 2022

Termos	2020		2021		2022		Relação de	Relação de	Relação de
	Frequências	Rank	Frequências	Rank	Frequências	Rank	2020 para 2021 %	2021 para 2022 %	2020 para 2022 %
Pandemia	4.380	29º	1.505	39º	423	49º	65,6 ↓	71,9 ↓	90,3 ↓
Vírus	1.098	156º	591	114º	76	76º	46,2 ↓	87,1 ↓	93,1 ↓
Doença	1.357	127º	601	112º	296	66º	55,7 ↓	50,7 ↓	78,2 ↓
Covid	3.366	45º	2.526	24º	1195	20º	24,9 ↓	52,7 ↓	64,5 ↓

Fonte: a autora (2024).

Quanto ao número de ocorrências, é possível perceber uma diminuição regular com todos os termos que compõem esse *frame*, sendo que a menor diminuição ocorre com o termo <Covid> entre os anos de 2020 e 2021, quando diminui 24,9%. Por outro lado, o maior índice de diminuição é observado com o termo <vírus> entre os anos de 2021 e 2022, correspondendo a uma diminuição de 93,1% nas ocorrências. A partir do Gráfico 1, abaixo, é possível observar essa diminuição de maneira mais visual.

Gráfico 1 – Distribuição das frequências absolutas dos termos <pandemia>, <vírus>, <doença> e <Covid> nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, 2021 e 2022



Fonte: a autora (2024).

Essa diminuição revela algumas questões importantes: (i) o perigo e o terror inicial (representado pelos dados de 2020) parecem se atenuar com o decorrer do tempo (podemos relacionar essa questão à familiarização com a doença, com os sintomas e, principalmente, com o tratamento e à vacinação); (ii) a volta à “vida normal” parece explicar a diminuição expressiva na frequência dos termos, especialmente os termos <pandemia> e <vírus>, os quais apresentaram o maior índice de diminuição quando comparamos 2020 a 2022 – 90,3% e 93,1%, respectivamente; e (iii) a queda na frequência de utilização desses termos pode ser um indicativo de que outro *frame* semântico começou a ser mais representativo nesse tipo de cobertura jornalística.

Com isso em mente, passamos a investigar o que chamamos aqui de “evento da imunização”, especialmente porque acreditávamos que com a criação e a distribuição das vacinas para a prevenção da doença, este seria um tema forte e recorrente na referenciação da pandemia. Dessa forma, consideramos as seguintes palavras para a verificação de suas respectivas frequências dentro do *corpus*: (i) vacina; (ii) vacinas; (iii) vacinação; (iv) imunizante; (v) imunizantes; (vi) imunização. A decisão tomada por essas palavras diz respeito à relação de *materiais-meios-instrumento* (vacina/vacinas; imunizante/imunizantes) e *ação/atividade/resultado* (vacinação; imunização).

A Tabela 3, apresentada abaixo, sumariza nossos achados, sendo que percebemos que houve de fato uma mudança significativa de foco quando comparamos esses dados, pois em 2020 as frequências de termos como <imunizantes> é irrisória, muito diferente do que se observa nos anos seguintes (especialmente em 2021).

Tabela 3 – Distribuição das frequências absolutas dos termos <vacina>, <vacinas>, <vacinação>, <imunizante>, <imunizantes> e <imunização> e da relação percentual nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, 2021 e 2022

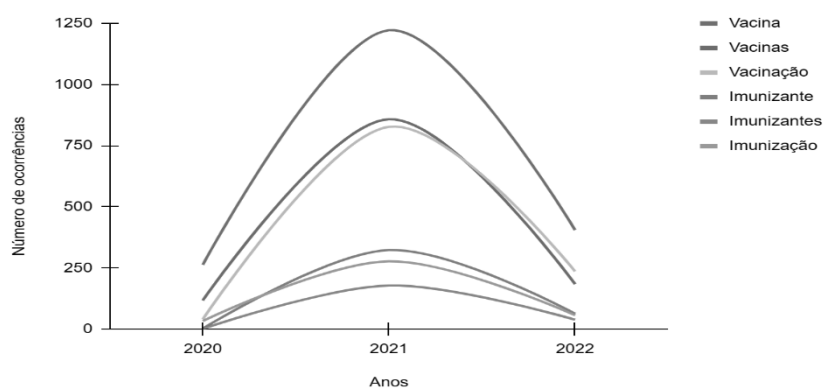
Termos	2020		2021		2022		Relação fr 2020 para 2021 %	Relação de 2021 para 2022 %	Relação de 2020 para 2022 %
	Frequê ncias	Rank	Frequênci as	Rank	Frequênci as	Rank			
Vacina	263	692	1.222	52	405	53	363,6↑	66,8↓	54↑
Vacinas	117	1.515	858	71	184	114	633,3↑	78,5↓	57,3↑
Vacinação	40	3.714	827	74	236	92	1.967,50↑	71,5↓	490↑
Imunizante	2	2.298	323	197	63	344	16.505↑	80,5↓	3.050↑
Imunizantes	1	30.308	178	374	38	586	17.700↑	78,6↓	3.700↑
Imunização	33	4.302	277	243	57	378	739,39↑	79,4↓	72,7↑

Fonte: a autora (2024).

Esses dados são interessantes porque revelam ainda mais claramente essa mudança de foco sobre a pandemia, sendo que a linguagem acompanha essa transformação. Em linhas gerais, há um aumento de frequência dos termos que compõem o que estamos chamando aqui de *frame* da imunização quando comparamos os anos de 2020 e 2021. Contudo, em 2022 esses dados voltam a cair. É interessante observar que os índices percentuais que representam esse aumento são muito significativos, com destaque para o termo <imunizantes> que em 2020 contabilizava apenas 1 ocorrência e em 2021 contabilizou 178 ocorrências, representando um aumento de 17.700%.

O Gráfico 2, abaixo, apresenta de maneira lúdica essas relações entre o número de frequências desses termos durante os anos. Há a formação de uma parábola bastante saliente, ressaltando que houve um significativo aumento de 2020 para 2021 com uma consequente queda em 2022, o que pode ser observado com todos os termos que estamos analisando aqui.

Gráfico 2 – Distribuição das frequências absolutas dos termos <vacina>, <vacinas>, <vacinação>, <imunizante>, <imunizantes> e <imunização> nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, 2021 e 2022



Fonte: a autora (2024).

Outro dado importante que precisamos considerar em nossas análises é o tamanho das amostras, especialmente porque a amostra de 2020 é muito maior que a de 2021 e de 2022 devido ao número de artigos encontrados. Dessa forma, o aumento de ocorrências desses termos em 2021 e 2022 torna-se ainda mais relevante: mesmo com amostra consideravelmente menores, esses termos apresentaram um aumento muito relevante, o que não pode ser atribuído apenas ao acaso.

Há aqui um exemplo claro dos processos de referenciação e de conceptualização da pandemia e dos elementos que envolvem esse *frame*, pois assim como acontece na pandemia, que apresenta diferentes fases e momentos, a linguagem utilizada para se referir a essa situação também sofre alterações, de modo a acompanhar essa dinamicidade social. Essa relação é o que dá suporte para nossos processos de conceptualização e de categorização mais elementares, especialmente porque revelam nossa relação com o ambiente, estruturando nossa relação de ser e de estar no mundo.

Além disso, é preciso ainda considerar outros aspectos relevantes que estão relacionados a esses dados, como o meio no qual são vinculadas essas notícias, os múltiplos gêneros que dão forma a essas informações e os diferentes autores desses textos (Bakhtin, 2016). Como estamos diante de um periódico de grande circulação, há diferentes indivíduos que assinam os textos ali veiculados. Um exemplo disso é a categoria Colunistas que incluímos em nossa investigação porque recebe textos de pessoas com diferentes posicionamentos políticos e de diferentes profissões: há médicos, advogados, economistas, humoristas etc. que possuem um espaço nessa categoria para explanarem suas posições, resultado em uma diversidade nos textos e enunciados. Esse dado é relevante porque demonstra que o MCM apresenta uma variedade significativa de exemplos da língua em uso, com diferentes sujeitos com diferentes concepções de mundo.

5.1.2 As nuvens de palavras com o termo <coronavírus>

A construção de nuvens de palavras dentro do AntConc pode ser realizada a partir de diferentes fontes de dados, ou seja, cada ferramenta (KWIC, Plot, File View, Cluster, N-Gram, Collocate, Word, Keyword) pode originar os dados utilizados na ferramenta Wordcloud. Se utilizamos a ferramenta Word, por exemplo, a nuvem de palavras originada apresentará as palavras mais repetidas em todo o *corpus*. Nosso interesse, contudo, é na criação de nuvens de palavras a partir de *tokens* específicos.

O primeiro termo investigado, obviamente, foi <coronavírus>. Utilizando a ferramenta Collocate, realizamos uma busca pelas principais palavras que ocorrem no entorno do termo. A Tabela 4, abaixo, apresenta as informações das 15 primeiras palavras relacionadas ao coronavírus. Utilizamos os seguintes filtros: palavras>entre 5 palavras à direita e 5 palavras à esquerda>frequência mínima de 1 ocorrência> faixa de alcance mínima de 1.

Tabela 4 – Ferramenta Collocate no AntConc para dados do termo <coronavírus> no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020⁸⁸

Collocate	Rank	Freq (Scaled)	FreqLR	FreqL	FreqR	Range	Likelihood	Effect ⁸⁹
Novo	1	21530	1342	1331	11	939	6.161.613	4.631
pandemia	2	43800	857	821	36	736	2.049.722	2.960
Do	3	277140	2091	1857	234	1347	1.863.851	1.585
Crise	4	15740	325	320	5	287	804.966	3.037
Pelo	5	41670	488	435	53	403	742.256	2.219
combate	6	5620	199	198	1	174	689.914	3.816
Casos	7	25110	256	223	33	192	333.375	2.019
causada	8	1250	72	70	2	70	317.193	4.518
contra	9	19320	213	196	17	177	302.870	2.132
durante	10	14760	183	169	14	175	294.130	2.302
mortes	11	17620	198	164	34	151	287.392	2.160
conter	12	2320	79	76	3	77	267.840	3.759
Ao	13	68170	412	318	94	332	243.687	1.265
avanço	14	2140	71	68	3	70	237.225	3.722

⁸⁸ O leitor pode encontrar na seção “Apêndice A” a tabela com os 100 primeiros termos mais recorrentes.

⁸⁹ Optamos por deixar o cabeçalho com os termos em inglês, conforme o programa apresenta. Contudo, essas informações podem ser livremente traduzidas como: colocar, rank, frequência (dimensionada), frequência (esquerda e direita), frequência (esquerda), frequência (direita), alcance, probabilidade e efeito, respectivamente.

O	15	485390	1749	990	759	1025	209.222	519
---	----	--------	------	-----	-----	------	---------	-----

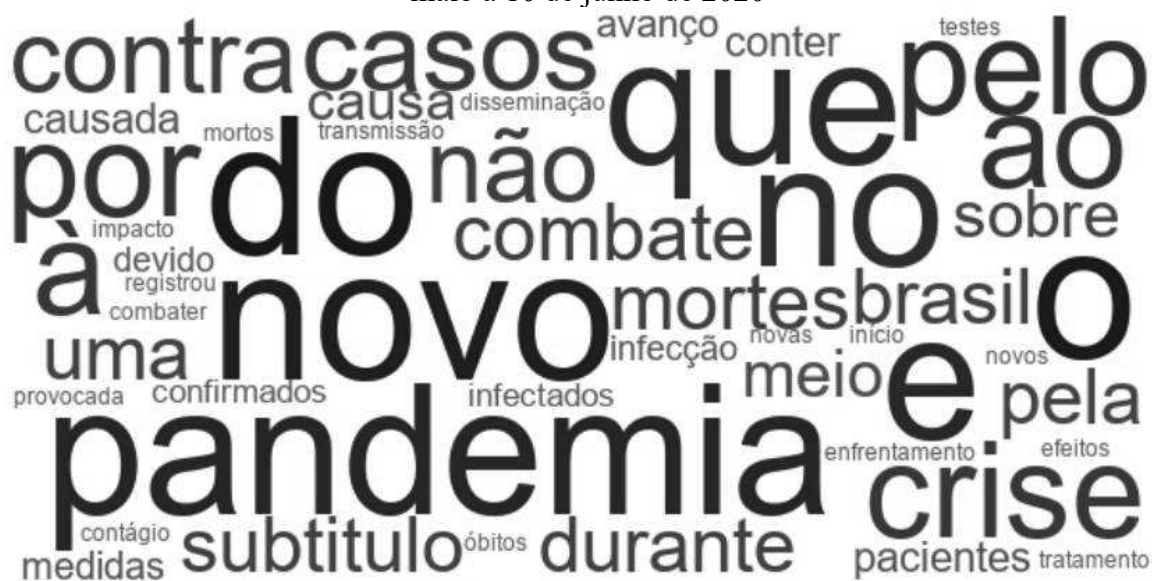
Fonte: a autora (2024) com base nos dados do software AntConc.

Como o leitor pode observar, o determinante <novo> é o termo que mais possui probabilidade de aparecer no entorno de <coronavírus>, o que pode ser facilmente explicado pela organização sintática (a frequência desse termo à esquerda de <coronavírus> é de 1.331 contra apenas 11 ocorrências à direita). Isso pode ser compreendido também a partir do conceito de *chunking*, nos termos de Bybee (2016): os dois termos são frequentemente conceptualizados e referenciados linguisticamente juntos, ou seja, <novo coronavírus>. O segundo elemento mais provável de aparecer próximo ao <coronavírus> é <pandemia>, o que não poderia ser diferente, uma vez que o contexto pandêmico é o que determina esse tipo de uso linguístico. O mesmo pode ser dito do quarto colocado, <crise> (o terceiro e o quinto elementos são construções prepositivas).

Contudo, o que gostaríamos de salientar aqui é o termo que ocupa a sexta posição nesse rank, o termo <combate>: trata-se de um elemento que faz alusão ao campo bélico, relacionando-se o alto índice de metaforização do <coronavírus> a partir do *frame* de guerra. Esse processo de metaforização condiz com o que seria esperado se considerarmos outros casos de metaforização de doenças endêmicas (Sontag, 2007), (Semino, 2020), (Charteris-Black, 2021), (Moura, 2023).

Depois de gerada essa lista de palavras mais frequente no entorno do termo <coronavírus>, utilizamos o recurso Wordcloud para a construção da nuvem de palavras com base nesses dados. Optamos por selecionar o máximo de 50 palavras mais repetidas, conforme pode se observar na Figura 24, apresentada a seguir.

Figura 24 – Nuvem de palavras relacionadas ao termo <coronavírus> para os dados de 10 de maio a 10 de junho de 2020



Fonte: a autora (2024).

No caso de 2021, utilizamos o mesmo percurso metodológico empregado para o ano de 2020 e os quinze primeiros termos mais frequentes no entorno do termo <coronavírus> são, respectivamente: novo, pandemia, do, pelo, relativos, coletados, contra, diariamente, combate, o, infecção, disseminação, causada, infectadas e informações (o leitor pode encontrar a tabela completa desses dados na seção Apêndice A). A Figura 25, abaixo, é a nuvem de palavras resultante dos dados de 2021.

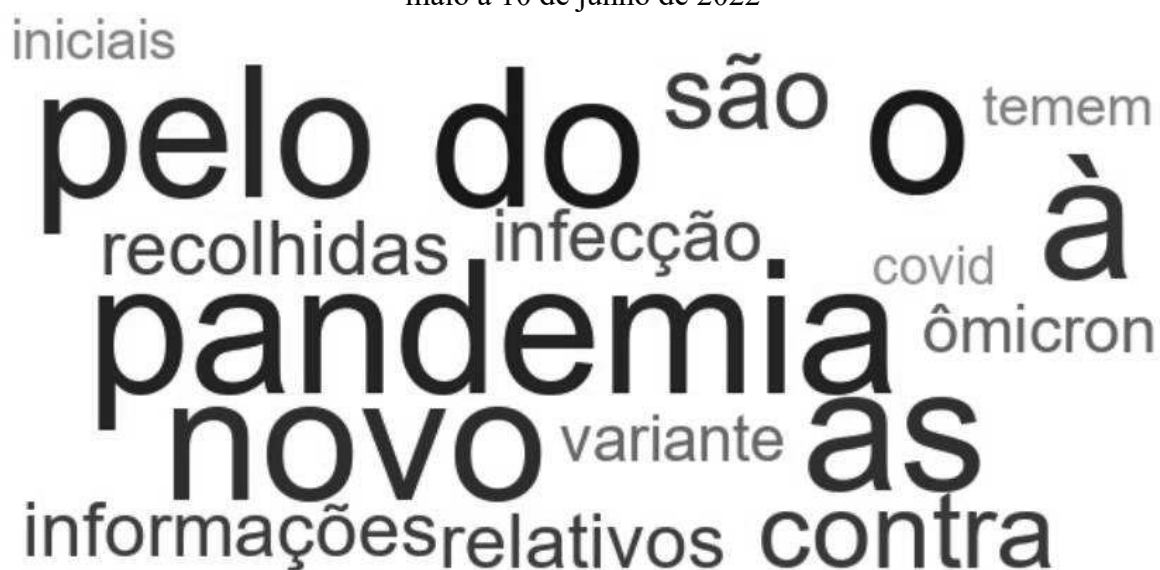
Figura 25 – Nuvem de palavras relacionadas ao termo <coronavírus> para os dados de 10 de maio a 10 de junho de 2021



Fonte: a autora (2024).

Em 2022, a situação é bastante diferente, pois o programa retorna apenas 18 palavras mais frequentes relacionadas ao termo <coronavírus>, considerando os mesmos filtros. Dessa forma, a palavra que ocupa a primeira colocação no rank, é o artigo <as>. As demais palavras são, na ordem: contra, covid, do, infecção, informações, iniciais, novo, o, pandemia, pelo, recolhidas, relativos, são, temem, variante, à, ômicron (tabela completa no Apêndice A). Como o leitor pode observar, esses elementos trazem uma questão a mais que não havia aparecido desde então: as possibilidades de variantes do coronavírus (como é o caso do termo <variantes> e <ômicron>). Por outro lado, o termo <combate> não aparece nos dados, mas há a presença da preposição <contra>, bastante relevante se comparada a outras preposições, e que parece fazer alusão ao campo do enfrentamento e do combate ao coronavírus. A Figura 26, abaixo, apresenta a nuvem de palavras desses dados.

Figura 26 – Nuvem de palavras relacionadas ao termo <coronavírus> para os dados de 10 de maio a 10 de junho de 2022



Fonte: a autora (2024).

Essas nuvens de palavras explicitam as relações que estamos chamando a atenção nesta subseção: há uma preferência pela metaforização do coronavírus a partir do *frame* de guerra, especialmente no início da crise pandêmica (ano de 2020), o que vai diminuindo com o passar dos anos. Essa diminuição pode ser entendida a partir das diferentes fases da pandemia de Covid-19: quando a doença surge, há um certo mistério sobre os efeitos no corpo e na própria sociedade, resultando na utilização mais frequente das metáforas. Além disso, fala-se mais do patógeno causador da infecção. Isso vai mudando a partir do conhecimento adquirido sobre a doença e, claro, dos tratamentos que surgem, principalmente relativos à vacinação.

Na próxima subseção, discutiremos os dados quantitativos das metáforas que compõem o MCM. Para tanto, realizamos primeiramente uma análise univariada para, na sequência, analisarmos as relações entre essas variáveis (análise bivariada).

5.2 ANÁLISE UNIVARIADA NO R

Nesta subseção apresentamos as análises quantitativas realizadas a partir do RStudio. Dessa forma, optamos primeiramente pela análise univariada, de modo a investigar cada uma das variáveis individualmente. Com o objetivo de testarmos se o número de ocorrências dos níveis das variáveis é significativo, realizamos o Teste Qui-quadrado de Aderência. Nesse caso, as hipóteses são as seguintes:

H₀: as frequências observadas na variável em análise aproximam-se das frequências esperadas – $\chi^2 < p_{\text{bilateral}} 0,05$ para gl da variável⁹⁰;

H₁: as frequências observadas na variável em análise são significativamente diferentes das frequências esperadas – $\chi^2 > p_{\text{bilateral}} 0,05$ para gl da variável⁹¹.

A primeira variável a ser analisada é a de Categorias Metafóricas, ou seja, a que diz respeito ao processo mais abrangente de metaforização do coronavírus. Em 2020, encontramos quatro níveis para essa variável (Pessoa, Força da Natureza, Objeto e Outros), mas em 2021 e 2022 o nível “Objeto” não foi mais observado. A Tabela 5, abaixo, apresenta os dados dessa variável nos diferentes períodos que estamos analisando.

Tabela 5 – Distribuição de frequências e intervalo de confiança da Variável 1 – Categorias Metafóricas nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, 2021 e 2022

Categorias Metafóricas	2020			2021			2022		
	Frequências	Frequências Relativas	Intervalo de confiança	Frequências	Frequências Relativas	Intervalo de confiança	Frequências	Frequências Relativas	Intervalo de confiança
Pessoa	363	0,77	0,73 0,80	59	0,82	0,71 0,90	14	0,74	0,48 0,90

⁹⁰ Em outras palavras, a hipótese nula não poderá ser rejeitada se o valor encontrado no teste qui-quadrado for menor que o p-valor crítico de significância de 0,05 para o número de graus de liberdade da variável em análise.

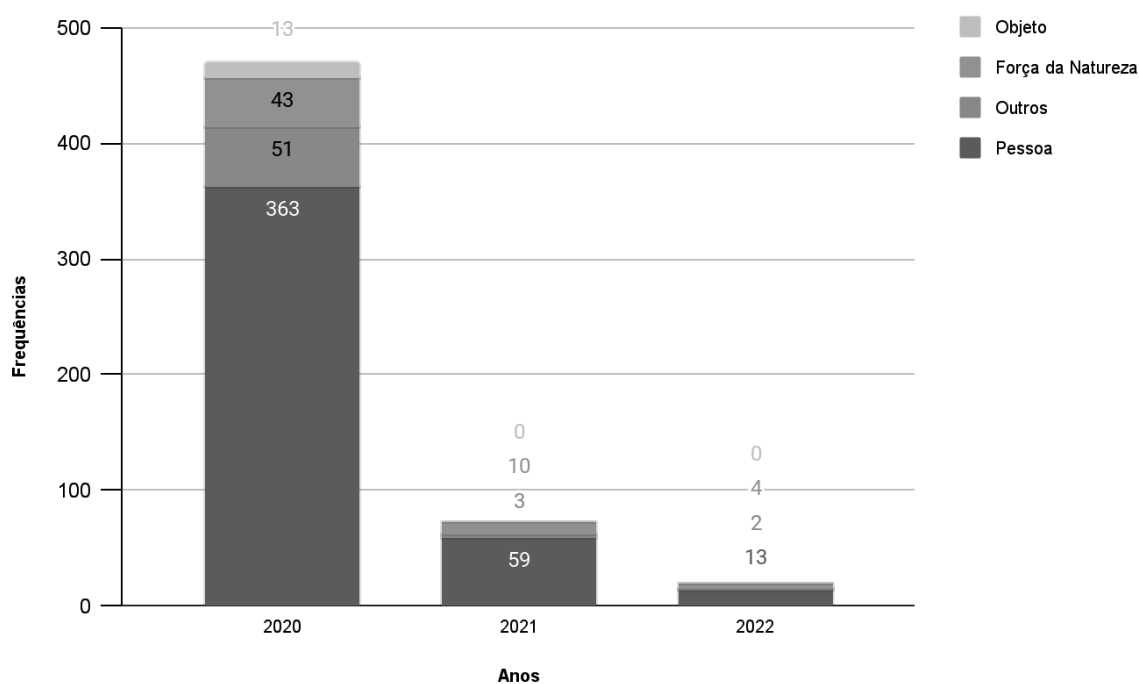
⁹¹ Por outro lado, a hipótese nula poderá ser rejeitada se o valor encontrado no teste qui-quadrado for maior que o p-valor crítico de significância de 0,05 para o número de graus de liberdade da variável em análise.

	2020			2021			2022		
Outros	51	0,10	0,08	3	0,04	0,01	2	0,10	0,02
Força da Natureza	43	0,09	0,14	10	0,14	0,07	3	0,16	0,04
Objeto	13	0,03	0,05	-	-	-	-	-	-
Total	470	1	-	72	1	-	19	1	-

Fonte: a autora (2024).

O Gráfico 3, abaixo, fornece a representação gráfica com as frequências dos níveis da Variável 1 nos diferentes períodos aqui analisados.

Gráfico 3 – Frequências dos níveis da variável Categorias Metafóricas nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, de 2021 e de 2022⁹²



Fonte: a autora (2024).

⁹² Este será o único gráfico apresentado nesta seção, os outros estão alocados na seção Apêndice, caso o leitor tenha interesse em visualizá-los.

A divergência de Kullback-Leibler, ou entropia relativa, para a Variável 1 – Categorias Metafóricas teve os seguintes resultados: em 2020, 0,55; em 2021, 0,52; e em 2022, 0,55, o que demonstra uma variação regular das amostras nos diferentes períodos em análise. Já a moda, medida de tendência central para variáveis categóricas, é facilmente identificada na primeira variável: nos três períodos em análise, a moda é a mesma, Pessoa, com 363/470 ocorrências em 2020, 59/72 em 2021 e 14/19 em 2022, correspondendo às frequências relativas de 0,77, 0,82 e 0,74, respectivamente.

De acordo com o teste qui-quadrado, a distribuição dos quatro tipos de categorias metafóricas em 2020 é significativamente diferente da distribuição esperada ($\chi^2 = 690,75$; $gl = 3$; $p_{bilateral} < 0,001$ ⁹³). Para os dados do ano de 2021, a distribuição também é significativamente diferente da esperada nos três níveis da variável ($\chi^2 = 79,00$; $gl = 2$; $p_{bilateral} < 0,001$). No caso do período de 10 de maio a 10 de junho de 2022 a situação é um pouco diversa: como temos poucos dados, 19 ocorrências no total, utilizamos a ferramenta `simulate.p.value=TRUE`⁹⁴ no RStudio, a qual simula o p-valor a partir de um número de repetições (B) pré-estabelecido. Dessa forma, os dados obtidos também revelam uma significância ($\chi^2 = 14,31$; $gl = 2$; $p_{bilateral} < 0,001$), o que nos possibilita rejeitar a hipótese nula nos três períodos analisados.

A Variável 2 – Veículos apresenta também dados relativos à metaforização do coronavírus. Contudo, trata-se da metaforização de maneira mais especificada, ou seja, trata-se de uma “subcategoria” da Variável 1. O leitor pode observar que os níveis dessa variável diminuem também com o passar dos anos, revelando, mais uma vez, o padrão de diminuição que já observamos em momentos anteriores. A Tabela 6, abaixo, sumariza esses dados.

Tabela 6 – Distribuição de frequências e intervalo de confiança da Variável 2 – Veículos nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, 2021 e 2022

Veículos	2020			2021			2022		
	Frequências	Frequências Relativas	Intervalo de confiança	Frequências	Frequências Relativas	Intervalo de confiança	Frequências	Frequências Relativas	Intervalo de confiança
Causador de uma guerra	166	0,35	0,31 0,40	30	0,42	0,30 0,54	6	0,31	0,13 0,56
Inimigo/Bandido	109	0,23	0,19 0,27	13	0,18	0,10 0,29	6	0,31	0,13 0,56

⁹³ Toda vez que o p-valor for muito pequeno (neste caso, $2,127018e-149$ segundo a notação utilizada pelo RStudio), optaremos por essa representação.

⁹⁴ O recurso `simulate.p.value` diz respeito ao Método Monte Carlo, ou Simulação Monte Carlo, um método matemático e computacional que usa a amostragem aleatória repetida para fornecer a probabilidade de ocorrência de um evento. Utilizaremos esse recurso em todas as análises que envolverem dados muito pequenos.

Viajante	71	0,15	0,12 0,19	12	0,17	0,09 0,27	0	-	-
Causa	48	0,10	0,08 0,13	3	0,04	0,01 0,12	2	0,10	0,02 0,34
Desastre Natural	23	0,05	0,03 0,07	0	-	-	0	-	-
Objeto	10	0,02	0,01 0,04	0	-	-	0	-	-
Onda	9	0,02	0,009 0,03	6	0,08	0,03 0,2	2	0,10	0,02 0,34
Esportista	7	0,01	0,006 0,03	0	-	-	0	-	-
Indivíduo	6	0,01	0,005 0,03	2	0,03	0,005 0,1	2	0,10	0,02 0,34
Explosão /Fogo	4	0,008	0,003 0,02	0	-	-	0	-	-
Água/ Líquido/ Substância	4	0,008	0,003 0,02	4	0,05	0,02 0,14	1	0,05	0,003 0,3
Montanha	3	0,006	0,002 0,02	0	-	-	0	-	-
Meio de Transporte/ Carro	3	0,006	0,002 0,02	0	-	-	0	-	-
Aliado Político	2	0,004	0,0007 0,01	2	0,03	0,005 0,1	0	-	-
Condutor/ Motorista	2	0,004	0,0007 0,01	0	-	-	0	-	-
Dívida	2	0,004	0,0007 0,01	0	-	-	0	-	-
Monstro	1	0,002	0,0001 0,01	0	-	-	0	-	-
Total	470	1	-	72	1	-	19	1	-

Fonte: a autora (2024).

A divergência de Kullback-Leibler, ou entropia relativa, para a Variável 2 – Veículos, teve os seguintes resultados: em 2020, 0,66; em 2021, 0,80; e em 2022, 0,89, o que demonstra uma variação diferenciada nos diferentes períodos em análise. Já a moda, medida de tendência central para variáveis categoriais, em 2020 e em 2021 é Causador de uma Guerra (com 166 e 30 ocorrências, respectivamente), e em 2021 há dois níveis da variável que ocupam essa posição, ou seja, Causador de uma Guerra e Inimigo/Bandido, ambos com 6 ocorrências.

Realizamos também o teste qui-quadrado para verificar se as ocorrências observadas nos diferentes níveis da variável eram significativamente diferentes das esperadas: segundo os resultados obtidos, a distribuição dos dezessete veículos em 2020 é significativamente diferente da distribuição esperada ($\chi^2 = 1.253,1$; $gl = 16$; $p_{bilateral} < 0,001$). Para os dados do ano de 2021, a distribuição também é significativamente diferente da esperada ($\chi^2 = 70,44$; $gl = 7$; $p_{bilateral} < 0,001$). Assim como no caso da Variável 1, em 2022 utilizamos o recurso `simulate.p.value=TRUE` e os resultados se apresentaram não significativos ($\chi^2 = 7,84$; $gl = 5$; $p_{bilateral} 0,17 > 0,05$). Esses dados nos possibilitam rejeitar a hipótese nula nos dois primeiros períodos em análise para esta variável, mas não para 2022.

A Variável 3 – Tipos de Construções apresenta três níveis, a saber: (i) verbal; (ii) nominal; e (iii) verbal.passiva. Nossa escolha aqui foi na tentativa de diferenciar as construções verbais passivas das construções verbais ativas. No caso das construções nominais, consideramos aqui principalmente as que possuem deverbais como “combate”, “enfrentamento” etc. A Tabela 7, apresentada abaixo, traz os dados dessa variável nos períodos que estamos considerando em nossa pesquisa.

Tabela 7 – Distribuição de frequências e intervalo de confiança da Variável 3 – Tipos de Construções nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, 2021 e 2022

Tipos de Construção	2020			2021			2022		
	Frequências	Frequências Relativas	Intervalo de confiança	Frequências	Frequências Relativas	Intervalo de confiança	Frequências	Frequências Relativas	Intervalo de confiança
Nominal	244	0,52	0,47 0,56	36	0,50	0,47 0,56	9	0,47	0,25 0,70
Verbal	198	0,42	0,38 0,47	33	0,46	0,38 0,47	9	0,47	0,25 0,70
Verbal. Passiva	28	0,06	0,04 0,08	3	0,04	0,04 0,08	1	0,05	0,003 0,3
Total	470	1	-	72	1	-	19	1	-

Fonte: a autora (2024).

A entropia relativa para a Variável 3 – Tipos de Construções teve os seguintes resultados: em 2020, 0,79; em 2021, 0,76; e em 2022, 0,78, o que demonstra uma variação regular nos diferentes períodos em análise. Já a moda em 2020 e em 2021 é a categoria Nominal (com 244 e 36 ocorrências, respectivamente), e em 2021 há dois níveis da variável que ocupam essa posição, ou seja, Nominal e Verbal, ambos com 9 ocorrências. Assim como nas categorias anteriores, realizamos o Teste Qui-Quadrado de Aderência para verificar as hipóteses já citadas.

Segundo os resultados obtidos no teste, a distribuição observada nos três níveis é significativamente diferente da distribuição esperada nos três períodos analisados, mas em 2020 e em 2022 o valor encontrado é significativo para 0,05, 0,01 e 0,001, e em 2022, por outro lado, o resultado do teste é significativo apenas com 0,05 de significância. Dessa forma: em 2020, $\chi^2 = 171,53$; gl =2; $p_{\text{bilateral}} < 0,001$); em 2021, $\chi^2 = 28,75$; gl = 2; $p_{\text{bilateral}} < 0,001$); em 2022, $\chi^2 = 7,0$; gl =2; $p_{\text{bilateral}} 0,03 < 0,05$). Esses dados nos possibilitam rejeitar a hipótese nula em todos os períodos analisados para esta variável.

A Variável 4 – Classificação das Construções apresenta uma classificação mais específica das construções, de maneira a apresentar ao leitor uma nomenclatura mais clara. Os níveis dessa variável também apresentam certa variabilidade, principalmente quando comparamos os anos de 2020 e de 2022. A Tabela 8, a seguir, fornece esses dados organizados nos períodos estudados.

Tabela 8 – Distribuição de frequências e intervalo de confiança da Variável 4 – Classificação das Construções nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, 2021 e 2022

Classificação das Construções	2020			2021			2022		
	Frequências	Frequências Relativas	Intervalo de confiança	Frequências	Frequências Relativas	Intervalo de confiança	Frequências	Frequências Relativas	Intervalo de confiança
Transitiva	331	0,70	0,66 0,74	48	0,67	0,54 0,77	15	0,79	0,54 0,93
Intransitiva	54	0,11	0,09 0,15	9	0,12	0,06 0,23	1	0,05	0,003 0,3
Estativa	41	0,09	0,06 0,12	10	0,14	0,07 0,24	2	0,10	0,02 0,34
Passiva	28	0,06	0,04 0,08	3	0,04	0,01 0,12	1	0,05	0,003 0,3
Ditransitiva	14	0,03	0,02 0,05	2	0,03	0,005 0,1	0	-	-
De existência	1	0,002	0,0001 0,01	0	-	-	0	-	-
Comitativa	1	0,002	0,0001 0,01	0	-	-	0	-	-
Total	470	1	-	72	1	-	19	1	-

Fonte: a autora (2024).

A divergência de Kullback-Leibler para a Variável 4 – Classificação das Construções teve os seguintes resultados: em 2020, 0,52; em 2021, 0,64; e em 2022, 0,53, o que demonstra

uma variação relativamente regular nos diferentes períodos em análise. A Moda nos três períodos analisados é a mesma, ou seja, a categoria Transitiva, com frequência absoluta de 331 em 2020, 48 em 2021 e 15 em 2022.

Segundo os resultados obtidos no Teste Qui-Quadrado de Aderência para a Variável 4, a distribuição 2020 é significativamente diferente da distribuição esperada ($\chi^2 = 1.245$; $gl = 6$; $p_{bilateral} < 0,001$). Para os dados do ano de 2021, a distribuição também é significativamente diferente da esperada ($\chi^2 = 101,47$; $gl = 4$; $p_{bilateral} < 0,001$). Assim como no caso da Variável 1, em 2022 utilizamos o recurso `simulate.p.value=TRUE` e os resultados também foram significativos ($\chi^2 = 29,63$; $gl = 3$; $p_{bilateral} < 0,001$). Tais dados nos possibilitam rejeitar a hipótese nula nos três períodos em análise.

A quinta variável trata dos Papéis Temáticos presentes nas construções, sendo que os três níveis (Agente/Causa, Paciente e Tema) são observados em todos os períodos analisados, conforme pode ser observado na Tabela 9, abaixo.

Tabela 9 – Distribuição de frequências e intervalo de confiança da Variável 5 – Papéis Temáticos nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, 2021 e 2022

Papéis Temáticos	2020			2021			2022		
	Frequências	Frequências Relativas	Intervalo de confiança	Frequências	Frequências Relativas	Intervalo de confiança	Frequências	Frequências Relativas	Intervalo de confiança
Paciente	223	0,47	0,43 0,52	35	0,49	0,37 0,60	7	0,37	0,17 0,61
Agente/ Causa	135	0,29	0,25 0,33	16	0,22	0,13 0,33	9	0,47	0,25 0,70
Tema	112	0,24	0,20 0,28	21	0,29	0,19 0,41	3	0,16	0,04 0,40
Total	470	1	-	72	1	-	19	1	-

Fonte: a autora (2024).

O cálculo da entropia relativa, ou divergência de Kullback-Leibler, para a Variável 5 – Papéis Temáticos teve os seguintes resultados: em 2020, 0,96; em 2021, 0,95; e em 2022, 0,92, o que demonstra uma variação regular nos diferentes períodos aqui analisados. A Moda em 2020 e em 2021 é a categoria Paciente, com frequência absoluta de 223 e 35, respectivamente. Em 2022, por outro lado, a Moda é a categoria Agente/Causa, com frequência absoluta de 9 ocorrências.

Segundo os resultados obtidos no Teste Qui-Quadrado de Aderência para a Variável 5, a distribuição 2020 é significativamente diferente da distribuição esperada ($\chi^2 = 46,63$; $gl = 2$; $p_{bilateral} < 0,001$). Para os dados do ano de 2021, a distribuição é significativamente diferente da esperada para 0,05 de significância, uma vez que o valor de qui-quadrado encontrado é menor que o valor crítico para 0,01 e 0,001, ou seja: ($\chi^2 = 8,57$; $gl = 2$; $p_{bilateral} 0,01 < 0,05$). No caso de 2022, por outro lado, os dados não apresentam significância ($\chi^2 = 3,13$; $gl = 3$; $p_{bilateral} 0,2 > 0,05$). Tais dados nos possibilitam rejeitar a hipótese nula, com certa cautela, no período de 2020 e 2021, mas não em 2022.

No caso da sexta variável, Variável 6 – Funções Sintáticas, há uma pequena variação nos níveis no ano de 2022, conforme pode ser observado na Tabela 10.

Tabela 10 – Distribuição de frequências e intervalo de confiança da Variável 7 – Funções Sintáticas nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, 2021 e 2022

Funções Sintáticas	2020			2021			2022		
	Frequências	Frequências Relativas	Intervalo de confiança	Frequências	Frequências Relativas	Intervalo de confiança	Frequências	Frequências Relativas	Intervalo de confiança
Complemento Nominal	298	0,63	0,59 0,68	48	0,67	0,54 0,77	11	0,58	0,34 0,79
Sujeito	82	0,17	0,14 0,21	13	0,18	0,10 0,29	3	0,16	0,04 0,40
Objeto Direto	50	0,11	0,08 0,14	7	0,10	0,04 0,19	3	0,16	0,04 0,40
Agente da Passiva	26	0,05	0,03 0,08	1	0,014	0,007 0,08	1	0,05	0,003 0,3
Objeto Indireto	11	0,02	0,01 0,04	1	0,014	0,007 0,08	1	0,05	0,003 0,3
Aposto	3	0,006	0,002 0,02	1	0,014	0,007 0,08	0	-	-
Predicativo do Sujeito	0	-	-	1	0,014	0,007 0,08	0	-	-
Total	470	1	-	72	1	-	19	1	-

Fonte: a autora (2024).

A divergência de Kullback-Leibler para a Variável 6 – Funções Sintáticas teve os seguintes resultados: em 2020, 0,62; em 2021, 0,54; e em 2022, 0,75, o que demonstra uma variabilidade diferenciada dos dados nos diferentes períodos. A Moda nos três períodos

analisados é a mesma, ou seja, a categoria Complemento Nominal, com frequência absoluta de 298 em 2020, 48 em 2021 e 11 em 2022.

Segundo os resultados obtidos no Teste Qui-Quadrado de Aderência para a Variável 6, a distribuição 2020 é significativamente diferente da distribuição esperada ($\chi^2 = 791,71$; $gl = 5$; $p_{bilateral} < 0,001$). Para os dados do ano de 2021, a distribuição também é significativamente diferente da esperada ($\chi^2 = 173,58$; $gl = 6$; $p_{bilateral} < 0,001$). Assim como no caso da Variável 1, em 2022 utilizamos o recurso `simulate.p.value=TRUE` e o resultado foi significativo para 0,05 e 0,01, mas não para 0,001 ($\chi^2 = 18,1$; $gl = 4$; $p_{bilateral} 0,001 < 0,05$). Tais dados nos possibilitam rejeitar a hipótese nula nos três períodos em análise.

A última variável analisada aqui é a Variável 7 – Categorias do Jornal, a qual possui como níveis as diferentes categorias do periódico que foram selecionadas para as buscas das metáforas. A Tabela 11, apresentada a seguir, fornece os dados das frequências dos níveis que pertencem a essa variável nos diferentes períodos sob análise.

Tabela 11 – Distribuição de frequências e intervalo de confiança da Variável 7 – Categorias de Jornal nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, 2021 e 2022

Categorias do Jornal	2020			2021			2022		
	Frequências	Frequências Relativas	Intervalo de confiança	Frequências	Frequências Relativas	Intervalo de confiança	Frequências	Frequências Relativas	Intervalo de confiança
Colunistas	94	0,20	0,16 0,24	14	0,19	0,11 0,31	5	0,26	0,10 0,51
Mercado	80	0,17	0,14 0,21	9	0,12	0,06 0,23	3	0,16	0,04 0,40
Mundo	80	0,17	0,14 0,21	8	0,11	0,05 0,21	4	0,21	0,07 0,49
Equilíbrio e Saúde	72	0,15	0,12 0,19	31	0,43	0,32 0,55	6	0,31	0,13 0,56
Cotidiano	64	0,14	0,10 0,17	3	0,04	0,01 0,12	0	-	-
Ilustrada	30	0,06	0,04 0,09	2	0,03	0,005 0,1	1	0,05	0,03 0,3
Poder	29	0,04	0,04 0,09	4	0,05	0,02 0,14	0	-	-
Opinião	14	0,03	0,02 0,05	1	0,03	0,0007 0,08	0	-	-
Ilustríssima	7	0,01	0,006 0,03	0	-	-	0	-	-

Total	470	1	-	72	1	-	19	1	-
-------	-----	---	---	----	---	---	----	---	---

Fonte: a autora (2024).

A divergência de Kullback-Leibler para a Variável 7 – Categorias do Jornal teve os seguintes resultados: em 2020, 0,91; em 2021, 0,78; e em 2022, 0,92, o que demonstra uma variabilidade diferenciada dos dados nos diferentes períodos. A Moda no ano de 2020 é a categoria Colunistas com 94 ocorrências; em 2021 e 2022 trata-se da categoria Equilíbrio e Saúde, com 31 e 6 ocorrências, respectivamente.

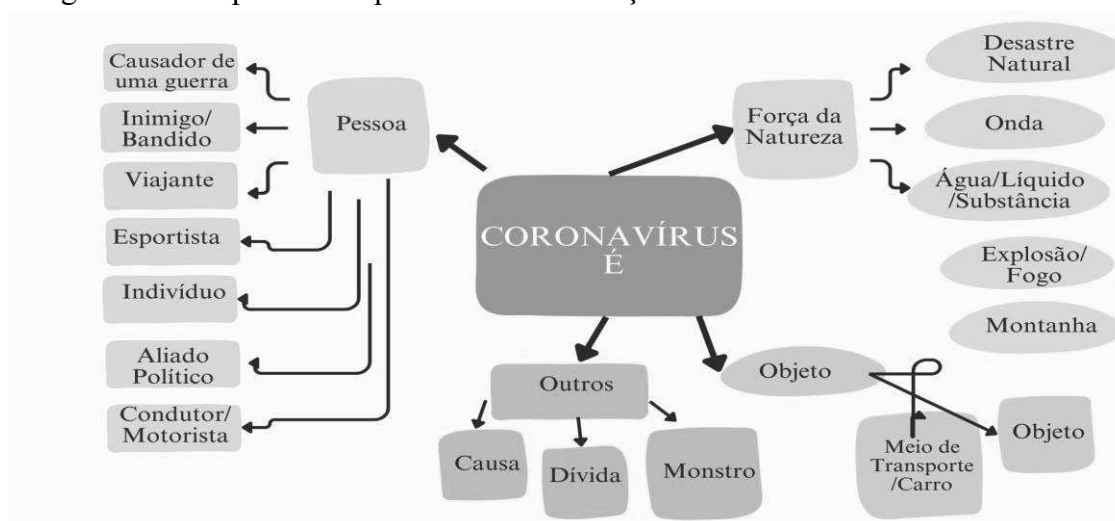
Segundo os resultados obtidos no Teste Qui-Quadrado de Aderência para a Variável 7, a distribuição 2020 é significativamente diferente da distribuição esperada ($\chi^2 = 160$; $gl = 8$; $p_{bilateral} < 0,001$). Para os dados do ano de 2021, a distribuição também é significativamente diferente da esperada ($\chi^2 = 76$; $gl = 7$; $p_{bilateral} < 0,001$). No caso de 2022, por outro lado, o resultado não se mostrou significativo ($\chi^2 = 3,89$; $gl = 4$; $p_{bilateral} 0,4 > 0,05$). Tais dados nos possibilitam rejeitar a hipótese em 2020 e em 2021, mas não em 2022.

Conforme o Teste Qui-Quadrado de Aderência aplicado para as sete variáveis, é possível sumarizar as seguintes questões: (i) com todas as variáveis em análise (Categorias Metafóricas, Veículos, Tipos de Construções, Classificação das Construções, Papéis Temáticos, Funções Sintáticas e Categorias do Jornal) podemos rejeitar a hipótese nula para os anos de 2020 e de 2021; (ii) com as variáveis 2, 5 e 7 (Veículos, Papéis Temáticos e Categorias do Jornal, respectivamente) não podemos rejeitar a hipótese nula para o ano de 2022.

O ano de 2022 é o que apresenta a menor amostra, tanto em número de artigos quanto no número de metáforas. Esse dado não pode ser desconsiderado, sendo que os dados divergentes em relação a esse ano podem ser atribuídos a essa amostra menor. Por outro lado, é possível considerar que o fato de haver um número bem menor de artigos e metáforas seja, na verdade, um reflexo da mudança no padrão de referência e metaforização do periódico em relação ao termo <coronavírus>, conforme já comentamos em momento anterior.

Diante do exposto até aqui, gostaríamos de finalizar essa subseção com a Figura 27, abaixo, que é um mapa mental com todos os níveis de todas as variáveis analisadas em nosso trabalho.

Figura 27 – Mapa mental que sumariza as relações encontradas na análise univariada



Fonte: a autora (2024).

A subseção seguinte tratará da análise bivariada, de modo a apresentar as relações de dependência ou independência entre as variáveis consideradas neste trabalho.

5.3 ANÁLISE BIVARIADA NO R

Como mencionado em momento anterior, a análise bivariada é utilizada para compreender se duas variáveis estão relacionadas, ou seja, serve para “testar se a distribuição de uma variável categórica depende da distribuição de uma outra variável categórica.” (Gries, 2019, p. 163). Para isso, utilizamos também o teste qui-quadrado, mais especificamente o Teste Qui-Quadrado de Independência. Como no caso da análise univariada, faz-se necessária a construção das hipóteses a serem testadas:

H_0 : a distribuição da variável dependente não é influenciada e, portanto, não depende da distribuição da variável independente – $\chi^2 < p_{\text{bilateral}} 0,05$ para gl^{95} da tabela de contingência;

H_1 : a distribuição da variável dependente é influenciada e, portanto, depende da distribuição da variável independente – $\chi^2 > p_{\text{bilateral}} 0,05$ para gl da tabela de contingência.

No primeiro “cruzamento” temos a Variável 2 – Veículos e a Variável 3 – Tipos de Construções. Optamos por utilizar a variável Veículos como a variável dependente por ser uma

⁹⁵ Para o cálculo dos graus de liberdade com tabelas de dupla entrada, ou tabelas de contingência, devemos utilizar a fórmula: $gl = (\text{número de linhas} - 1) * (\text{número de colunas} - 1)$.

“especificação” da Variável 1 – Categorias Metafóricas, ou seja, uma espécie de subgrupo. Para a organização inicial dos dados, utilizamos a construção de tabelas de dupla entrada, ou tabelas de contingência, para que pudéssemos observar a distribuição dessas variáveis. A Tabela 12, a seguir, apresenta esses resultados.

Tabela 12 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Tipos de Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020⁹⁶

Veículos	Tipos de Construções							
	Frequências				Porcentagens			
	Verbal. Passiva	Verbal	Nominal	Total	Verbal. Passiva	Verbal	Nominal	Total
Causador de uma guerra	0	32	134	166	0	6,80	28,51	35,31
Inimigo/Bandido					1,06	9,57	12,55	
	5	45	59	109				23,18
Viajante	1	37	33	71	0,21	7,87	7,02	15,1
Causa	10	38	0	48	2,13	8,08	0	10,21
Desastre Natural	10	8	5	23	2,13	1,70	1,06	4,89
Objeto	2	3	5	10	0,42	0,64	1,06	2,12
Onda	0	9	0	9	0	1,91	0	1,91
Esportista					0	1,06	0,42	
	0	5	2	7				1,48
Indivíduo	0	4	2	6	0	0,85	0,42	1,27
Água/Líquido/Substância	0	3	1	4	0	0,64	0,21	0,85
Explosão/Fogo	0	3	1	4	0	0,64	0,21	0,85
Meio de Transporte/ Carro					0	0,42	0,21	
	0	2	1	3				0,63
Montanha	0	3	0	3	0	0,64	0	0,64
Aliado Político	0	1	1	2	0	0,21	0,21	0,42
Condutor/Motorista	0	2	0	2	0	0,42	0	0,42
Dívida	0	2	0	2	0	0,42	0	0,42

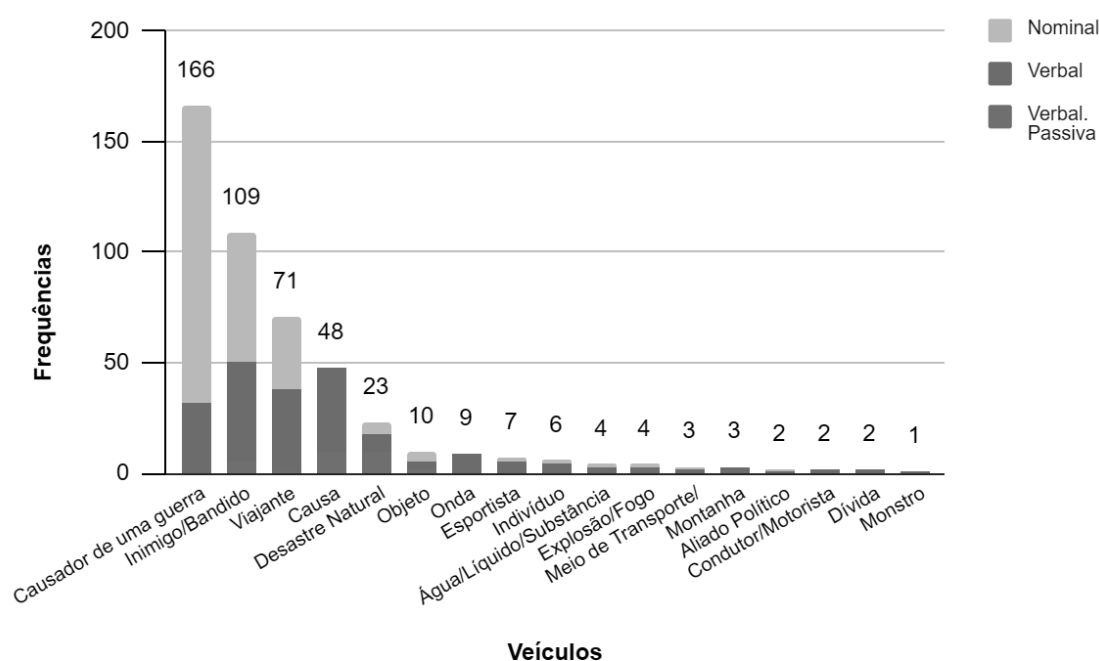
⁹⁶ Apresentaremos uma tabela de exemplo a cada análise bivariada. As outras poderão ser observadas pelo leitor na seção Apêndices.

Monstro	0	1	0	1	0	0,21	0	0,21
Total	28	198	244	470	5,95	42,08	51,88	99,91

Fonte: a autora (2024).

O Gráfico 4, abaixo, fornece a representação gráfica com as frequências dos níveis das variáveis Veículos e Tipos de Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020.

Gráfico 4 – Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Tipos de Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020⁹⁷



Fonte: a autora (2024).

A partir da realização do Teste Qui-Quadrado de Independência⁹⁸ para essas duas variáveis (Veículos e Tipos de Construções) para o ano de 2020, percebemos que podemos recusar a hipótese nula e considerar que há uma dependência entre as variáveis, uma vez que o valor encontrado é muito significativo, pois é maior que todos os valores críticos de χ^2 para 32 graus de liberdade. Em outras palavras, $\chi^2=214,9$, $gl=32$, $p_{bilateral}<0,001$. Além disso, o Teste

⁹⁷ Assim como anteriormente, optamos por apresentar apenas um gráfico nesta seção. Dessa forma, caso o leitor tenha interesse de verificar os outros gráficos, poderá encontrá-los na seção Apêndice desta tese.

⁹⁸ Assim como na análise univariada para os dados de 2022, utilizamos em todos os cálculos do Qui-Quadrado de Independência o recurso de `simulate.p.value=TRUE` e a correção de Yates (`correct=TRUE`), uma vez que nossos dados apresentam ocorrências esperadas menores que 5 e ocorrências observadas iguais a 0. Além disso, realizamos também em todos os casos o Teste Exato de Fisher.

Exato de Fisher forneceu o mesmo resultado de p-valor, ou seja, menor que 0,05. Como forma de verificar o efeito dessa relação, calculamos também o coeficiente de correlação, V de Cramer, o qual resultou em 0,96, o que revela uma relação quase perfeita. No caso de 2021, o resultado também é muito significativo ($\chi^2=38,3$, $gl=14$, $p_{bilateral}0,008$), sendo que o Teste Exato de Fisher também resultou em um valor-p menor que 0,05. O V de Cramer resultou no valor de 1,0, o que demonstra uma relação perfeita. Para o ano de 2022, por outro lado, os dados não foram significativos ($\chi^2=13,4$, $gl=10$, $p_{bilateral}0,3$). Da mesma forma, o Teste Exato de Fisher resultou em um valor maior que 0,05, mais precisamente 0,4. Em resumo, os dados nos revelam que para o ano de 2020 e 2021 é possível rejeitar a hipótese nula, mas para o ano de 2022 isso não é possível.

No segundo “cruzamento” temos as variáveis Veículos e Classificação das Construções. A Tabela 13, a seguir, apresenta os dados dessas variáveis no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020⁹⁹.

Tabela 13 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Classificação das Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020

Veículos	Classificação das Construções															
	Frequências								Porcentagens							
	Ditansitiva	Deexistência	Pasiva	Comitativa	Intrativa	Transitiva	Estativa	Total	Ditansitiva	Deexistência	Passiva	Comitativa	Intrativa	Transitiva	Estativa	Total
Causador de uma guerra	0	0	0	0	0	163	3	166	0	0	0	0	0	34,68	0,64	35,32
Inimigo/Bandido	3	0	5	0	1	87	13	109	0,64	0	1,06	0	0,21	18,51	2,76	23,18
Viajante	1	0	1	0	47	22	0	71	0,21	0	0,21	0	10	4,68	0	15,1
Causa	8	0	10	0	0	30	0	48	1,7	0	2,12	0	0	6,38	0	10,2
Desastre	0	0	10	0	0	4	9	23	0	0	2,12	0	0	0,85	1,91	4,88

⁹⁹ As demais tabelas da análise bivariada poderão ser encontradas no Apêndice B- Demais Tabelas desta tese.

Natural																	
Objeto	1	0	2	0	0	2	5	10	0,21	0	0,42	0	0	0,42	1,12	2,17	
Onda	1	1	0	0	1	4	2	9	0,21	0,21	0	0	0,21	0,85	0,42	1,9	
Esportista	0	0	0	0	2	5	0	7	0	0	0	0	0,42	1,06	0	1,48	
Indivíduo	0	0	0	1	0	1	4	6	0	0	0	0,21	0	0,21	0,85	1,27	
Água/Líquido/Substância	0	0	0	0	0	3	1	4	0	0	0	0	0	0,64	0,21	0,85	
Exploração/Fogo	0	0	0	0	1	3	0	4	0	0	0	0	0,21	0,64	0	0,85	
Meio de Transporte/Carro	0	0	0	0	1	2	0	3	0	0	0	0	0,21	0,42	0	0,63	
Montanha	0	0	0	0	1	2	0	3	0	0	0	0	0,21	0,42	0	0,63	
Aliado Político	0	0	0	0	0	1	1	2	0	0	0	0	0	0,21	0,21	0,42	
Conduutor/Motorista	0	0	0	0	0	1	1	2	0	0	0	0	0	0,21	0,21	0,42	
Divida	0	0	0	0	0	0	2	2	0	0	0	0	0	0	0,42	0,42	
Monstro	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0,21	0	0,21	
Total	14	1	28	1	54	331	41	470	2,97	0,21	5,93	0,21	11,47	70,39	8,75	99,93	

Fonte: a autora (2024).

A partir da realização do Teste Qui-Quadrado de Independência para essas duas variáveis (Veículos e Classificação das Construções) para o ano de 2020, percebemos que podemos recusar a hipótese nula e considerar que há uma dependência entre as variáveis, uma vez que o valor encontrado é muito significativo, pois é maior que todos os valores críticos de χ^2 para 96 graus de liberdade. Em outras palavras, $\chi^2=664,12$, $gl=96$, $p_{bilateral}<0,001$. Além

disso, o Teste Exato de Fisher forneceu o mesmo resultado de p-valor, ou seja, menor que 0,05. Como forma de verificar o efeito dessa relação, calculamos também o coeficiente de correlação, V de Cramer, o qual resultou em 3,0, o que revela uma relação perfeita.

No caso de 2021, o resultado também é muito significativo ($\chi^2=81,1$, $gl=28$, $p_{bilateral}<0,001$), sendo que o Teste Exato de Fisher também resultou em um valor-p menor que 0,05. O V de Cramer resultou no valor de 2,0, o que demonstra uma relação perfeita. Para o ano de 2022, por outro lado, os dados não foram significativos ($\chi^2=22,4$, $gl=15$, $p_{bilateral}0,2$). Da mesma forma, o Teste Exato de Fisher resultou em um valor maior que 0,05, mais precisamente 0,15. Em resumo, os dados nos revelam que para o ano de 2020 e 2021 é possível rejeitar a hipótese nula, mas para o ano de 2022 isso não é possível.

No caso do terceiro cruzamento (Variável 2 – Veículos e a Variável 5 – Papéis Temáticos), no ano de 2020 percebemos que devemos rejeitar a hipótese nula, uma vez que o valor obtido a partir do Teste Qui-Quadrado de Independência, 668, é muito significativo, pois é maior que os valores críticos de χ^2 para 32 graus de liberdade, ou seja: $0,05=668>46,2$; $0,01=668>53,5$; e $0,001=668>62,5$. Dessa forma, as variáveis estão relacionadas e são dependentes. Quanto ao coeficiente de correlação de Cramer, o resultado foi de 1,7 e o p-value $<0,001$. No ano de 2021, devemos também rejeitar a hipótese nula, uma vez que o valor obtido, 109,2, é muito significativo, pois é maior que todos os valores críticos de χ^2 para 14 graus de liberdade, $0,05=109,2>23,7$; $0,01=109,2>29,1$; e $0,001=109,2>36,1$. Dessa forma, as variáveis estão relacionadas e são dependentes. Quanto ao coeficiente de correlação de Cramer, o resultado foi de 1,7. Já o valor de p-value= $7,963479e-17$, ou seja, $p<0,001$. No caso de 2022, contudo, podemos rejeitar a hipótese nula, mas com cautela: o valor obtido, 24,3, é significativo para os dois primeiros valores críticos de χ^2 para 10 graus de liberdade, $0,05=24,33>18,31$ e $0,01=22,33>23,21$, mas não é para 0,001, ou seja: $24,33<29,59$. Contudo, podemos considerar que essas variáveis estão relacionadas e são dependentes. Dessa forma, o coeficiente de correlação de Cramer teve como resultado o valor de 1,6 e o p-valor= $0,003$, maior que 0,001. Da mesma forma, o Teste Exato de Fisher resultou em um p-valor $<0,001$ nos três períodos.

Para o quarto cruzamento, temos a Variável 2 – Veículos e a Variável 6 – Funções Sintáticas: no ano de 2020, devemos rejeitar a hipótese nula, uma vez que o valor obtido, 395,8, é muito significativo, pois é maior que os valores críticos de χ^2 para 80 graus de liberdade, ou seja: $0,05=395,8>101,9$; $0,01=395,8>112,3$; e $0,001=395,8>124,8$. Dessa forma, as variáveis estão relacionadas e são dependentes. Quanto ao coeficiente de correlação de Cramer, o resultado foi de 2,0 e o p-valor= $2,539939e-43$, ou seja, $p<0,001$; no caso de 2021, podemos rejeitar a hipótese nula, mas com cautela, uma vez que o valor obtido, 70,8, para 42 graus de

liberdade é significativo com $0,05=70,8>58,1$ e com $0,01=70,8>66,2$, mas não com $0,001=70,8<76,0$. Quanto ao coeficiente de correlação de Cramer, o resultado foi de 2,4 e o p-valor foi de 0,003; por fim, no ano de 2022 a situação é diferente: não podemos rejeitar a hipótese nula, uma vez que o valor obtido, 19,6, não é significativo em nenhum nível dos valores críticos de χ^2 para 20 graus de liberdade, ou seja: $0,05=19,6<31,4$; $0,01=19,56<37,6$; e $0,001=19,57<45,3$. Além disso, o valor de p-value é 0,5. No caso do Teste Exato de Fisher, temos: 2020 o p-valor $<0,001$; em 2021, p-valor= 0,001; e em 2022, p-valor= 0,6.

No quinto cruzamento temos a Variável 2 – Veículos e a Variável 7 – Categorias do Jornal. Em 2020, percebemos que devemos rejeitar a hipótese nula, uma vez que o valor obtido, 249,9, é muito significativo, pois é maior que os valores críticos de χ^2 para 128 graus de liberdade, ou seja: $0,05=249,9>155,4$; $0,01=249,9>168,1$; e $0,001=249,9>183,2$. Dessa forma, as variáveis estão relacionadas e são dependentes. Quanto ao coeficiente de correlação de Cramer, o resultado foi de 2,0 e o valor-p encontrado foi de $6,687953e-10$, ou seja, $p<0,001$; no ano de 2021, podemos rejeitar a hipótese, mas o valor obtido, 68,3, é significativo apenas com 0,05 para 49 graus de liberdade, ou seja, $0,05=68,3>66,3$. Os outros valores críticos de χ^2 são: $0,01=68,3<74,9$ e $0,001=68,3<85,3$, e o p-valor=0,03; por fim, no ano de 2022 não podemos rejeitar a hipótese nula, uma vez que o valor obtido, 29,8, não é significativo em nenhum nível dos valores críticos de χ^2 para 20 graus de liberdade, ou seja: $0,05=29,8<31,4$; $0,01=29,8<37,6$; e $0,001=29,8<45,3$. Além disso, o p-valor encontrado foi de 0,07. Em relação ao Teste Exato de Fisher, a situação se repete: em 2020, o p-valor foi menor que 0,001; em 2021, p-valor=0,009; e em 2022, p-valor=0,7.

O próximo cruzamento tem a Variável 3 – Tipos de Construções e a Variável 4 – Classificação das Construções: em 2020, devemos rejeitar a hipótese nula, uma vez que o valor obtido no teste qui-quadrado, 495,9, é muito significativo, pois é maior que todos os valores críticos de χ^2 para 12 graus de liberdade, ou seja: $0,05=495,9>21,0$; $0,01=495,9>26,2$; e $0,001=495,9>32,9$. Dessa forma, as variáveis estão relacionadas e são dependentes. Quanto ao coeficiente de correlação de Cramer, o resultado foi de 1,4 e o p-valor foi de $1,641494e-98$, ou seja, $p<0,001$; no caso de 2021, devemos rejeitar também a hipótese nula, uma vez que o valor obtido, 90,1, é muito significativo, pois é maior que todos os valores críticos de χ^2 para 8 graus de liberdade, ou seja: $0,05=90,1>15,5$; $0,01=90,1>20,1$; e $0,001=90,1>26,1$. Dessa forma, as variáveis estão relacionadas e são dependentes. Quanto ao coeficiente de correlação de Cramer, o resultado foi 1,6 e o p-valor= $4,435974e-16$, ou seja, $p<0,001$; em 2022, podemos rejeitar a hipótese nula, uma vez que o valor obtido, 22,8, é significativo, pois é maior que todos os valores críticos de χ^2 para 6 graus de liberdade, $0,05=22,8>12,59$; $0,01=22,8>16,81$; e

0,001=22,8 > 22,46. Dessa forma, as variáveis estão relacionadas e são dependentes. Quanto ao coeficiente de correlação de Cramer, o resultado foi 1,5 e do p-valor foi de 0,02. Quanto ao Teste Exato de Fisher, em 2020 e em 2021 temos $p < 0,001$ e em 2022, $p\text{-valor} = 0,02$.

O sétimo cruzamento conta com a Variável 3 – Tipos de Construções e a Variável 5 – Papéis Temáticos. No caso de 2020, devemos rejeitar a hipótese nula, uma vez que o valor obtido, 143,5, é muito significativo, pois é maior que os valores críticos de χ^2 para 4 graus de liberdade, ou seja: $0,05 = 143,5 > 9,5$; $0,01 = 143,5 > 13,3$; e $0,001 = 143,5 > 18,5$. Dessa forma, as variáveis estão relacionadas e são dependentes. Quanto ao coeficiente de correlação de Cramer, o resultado foi de 0,8 e o $p\text{-valor} = 9,564849e-22$, ou seja, $p < 0,001$. O mesmo acontece com 2021, uma vez que o valor obtido, 30,7, é muito significativo, pois é maior que todos os valores críticos de χ^2 para 4 graus de liberdade, ou seja: $0,05 = 30,7 > 9,5$; $0,01 = 30,7 > 13,3$; e $0,001 = 30,7 > 18,5$. Dessa forma, as variáveis estão relacionadas e são dependentes. Quanto ao coeficiente de correlação de Cramer, o resultado foi 0,9 e o $p\text{-valor} = 3,586634e-06$, ou seja, também $p < 0,001$. Em 2022, contudo, não podemos rejeitar a hipótese nula, uma vez que o valor obtido, 1,68, não é significativo em nenhum nível dos valores críticos de χ^2 para 4 graus de liberdade, ou seja: $0,05 = 1,68 < 9,5$; $0,01 = 1,68 < 13,3$; e $0,001 = 1,68 < 18,5$. Além disso, o p-valor encontrado foi de 1,0. No Teste Exato de Fisher, em 2020 o p-valor foi menor que 0,001, assim como em 2021. No caso de 2021, obtivemos o valor de 0,02.

O próximo cruzamento realizado foi com a Variável 3 – Tipos de Construções e com a Variável 6 – Funções Sintáticas: em 2020, percebemos que devemos rejeitar a hipótese nula, uma vez que o valor obtido, 706,3, é muito significativo, pois é maior que os valores críticos de χ^2 para 10 graus de liberdade, ou seja: $0,05 = 706,3 > 18,3$; $0,01 = 706,3 > 23,2$; e $0,001 = 706,3 > 29,6$. Dessa forma, as variáveis estão relacionadas e são dependentes. Quanto ao coeficiente de correlação de Cramer, o resultado foi de 1,7. Já o $p\text{-valor} = 1,253012e-40$, ou seja, $p < 0,001$; no caso de 2021, também podemos rejeitar a hipótese nula, uma vez que o valor obtido, 57,7, é muito significativo, pois é maior que todos os valores críticos de χ^2 para 12 graus de liberdade, $0,05 = 57,7 > 21,0$; $0,01 = 57,7 > 26,2$; e $0,001 = 57,7 > 32,9$. Dessa forma, as variáveis estão relacionadas e são dependentes. Quanto ao coeficiente de correlação de Cramer, o resultado foi 1,3 e o $p\text{-valor} = 5,815122e-08$, ou seja, $p < 0,001$; no caso de 2022 também é possível rejeitar a hipótese nula, valor obtido, 31,1, é significativo, pois é maior que todos os valores críticos de χ^2 para 8 graus de liberdade, $0,05 = 31,1 > 15,5$; $0,01 = 31,1 > 20,1$; e $0,001 = 31,1 > 26,1$. Dessa forma, as variáveis estão relacionadas e são dependentes. Quanto ao coeficiente de correlação de Cramer, o resultado foi 1,8 e o $p\text{-valor} < 0,001$. No Teste Exato de

Fisher, em todos os anos o obtivemos $p < 0,001$. No Teste Exato de Fisher, obtivemos $p < 0,001$ em todos os períodos analisados.

No caso do nono cruzamento (Variável 3 – Tipos de Construções e Variável 7 – Categorias do Jornal), temos a seguinte situação: em 2020, percebemos que podemos devemos rejeitar a hipótese nula, mas com cautela, uma vez que o valor obtido, 28, é significativo apenas com 0,05 para 16 graus de liberdade, ou seja: $0,05 = 28 > 26,3$; $0,01 = 28 < 32$; e $0,001 = 28 < 39,2$. Dessa forma, as variáveis possivelmente não estão relacionadas, tanto que o valor do coeficiente de Cramer foi de 0,3. Já o valor de $p\text{-value} = 0,03$; em 2021, não podemos rejeitar a hipótese nula, uma vez que o valor obtido, 14,8, não é significativo em nenhum nível dos valores críticos de χ^2 para 14 graus de liberdade, ou seja: $0,05 = 14,8 < 23,7$; $0,01 = 14,8 < 29,1$; e $0,001 = 14,8 < 36,1$. Além disso, o $p\text{-valor} = 0,3$; em 2022 também não podemos rejeitar a hipótese nula, pois valor obtido, 14,4, não é significativo em nenhum nível dos valores críticos de χ^2 para 8 graus de liberdade, ou seja: $0,05 = 14,4 < 15,5$; $0,01 = 14,4 < 20,1$; e $0,001 = 11,4 < 26,1$. Além disso, o valor de $p\text{-value}$ é 0,1. Quanto ao Teste Exato de Fisher, o $p\text{-valor}$ ficou abaixo de 0,05 apenas em 2020 ($p\text{-valor} = 0,01$). Em 2021, foi 0,2 e em 2022, 0,08.

No cruzamento da Variável 3 – Tipos de Construções com a Variável 1 – Categorias Metafóricas, podemos rejeitar a hipótese nula nos três períodos analisados: em 2020, percebemos que devemos rejeitar a hipótese nula, uma vez que o valor obtido, 123,4, é muito significativo, pois é maior que todos os valores críticos de χ^2 para 6 graus de liberdade, ou seja: $0,05 = 123,4 > 12,6$; $0,01 = 123,4 > 16,8$; e $0,001 = 123,4 > 22,4$. Dessa forma, as variáveis estão relacionadas e são dependentes. Quanto ao coeficiente de correlação de Cramer, o resultado foi de 0,7 e o $p\text{-valor} = 3,140164e-24$, ou seja, $p < 0,001$; no caso de 2021, devemos rejeitar a hipótese nula, uma vez que o valor obtido, 57,90952, é muito significativo, pois é maior que todos os valores críticos de χ^2 para 8 graus de liberdade, ou seja: $0,05 = 15,50731$; $0,01 = 20,09024$; e $0,001 = 26,12448$. Dessa forma, as variáveis estão relacionadas e são dependentes. Quanto ao coeficiente de correlação de Cramer, o resultado foi 1,268305. Já o valor de $p\text{-value} = 1,196288e-09$; em 2021, podemos rejeitar a hipótese nula com cautela, uma vez que o valor obtido – 10,1 – é significativo apenas com o primeiro nível dos valores críticos de χ^2 para 4 graus de liberdade, ou seja: $0,05 = 10,1 > 9,49$. Nos outros casos, ele é menor: $0,01 = 10,1 < 13,28$; e $0,001 = 10,1 < 18,47$. O valor do coeficiente de Cramer é 1 e o $p\text{-valor}$ é 0,04. No Teste Exato de Fisher, obtivemos $p < 0,001$ em 2020 e em 2021, mas em 2022 o $p\text{-valor}$ foi de 0,2.

Como realizamos vinte cruzamentos entre as variáveis, e com o objetivo de não tornar a leitura muito cansativa e repetitiva para o leitor, organizamos os dados apresentados até aqui e o restante das informações por meio das tabelas apresentadas na sequência. A Tabela 14, a

seguir, sumariza os resultados dos cruzamentos restantes para o Teste Qui-Quadrado de Independência e o Quadro 4, apresentado na sequência, fornece as informações do χ^2 em comparação com os valores críticos de 0,05, 0,01 e 0,001, tendo como base os respectivos graus de liberdade de cada Tabela de Contingência dos cruzamentos.

Tabela 14 – Resumo dos dados da Análise Bivariada nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, de 2021 e de 2022

Cruzamentos	2020					2021					2022				
	χ^2 ¹⁰⁰	gl ¹⁰¹	p-valor	V ₁₀₂	H ₀ ¹⁰³	χ^2	gl	p-valor	V	H ₀	χ^2	gl	p-valor	V	H ₀
1 Veículos/ Tipos de Construções	214,9	32	p<0,001	1,0	S	38,3	14	p=0,008	1,0	S	13,4	10	0,3	-	N
2 Veículos/ Classificação das Construções	664,1	96	p<0,001	3,0	S	81,1	28	p<0,001	2,0	S	22,4	15	0,2	-	N
3 Veículos/ Papéis Temáticos	668	32	p<0,001	1,7	S	109,2	14	p<0,001	1,7	S	24,3	10	0,003	1,6	S
4 Veículos /Funções Sintáticas	395,8	80	p<0,001	2	S	70,8	42	0,003	2,4	S	19,6	20	0,5	-	N
5 Veículos/ Categorias do Jornal	249,9	128	p<0,001	2	S	68,3	49	0,03	2,6	S	29,8	20	0,07	-	N
6 Tipos de Construções/Classificação das Construções	495,9	12	p<0,001	1,4	S	90,1	8	p<0,001	1,6	S	22,8	6	0,02	1,5	S
7 Tipos de Construções/ Papéis Temáticos	143,9	4	p<0,001	0,8	S	30,7	4	p<0,001	0,9	S	1,68	4	1	-	N
8 Tipos de Construções/Funções Sintáticas	706,3	10	p<0,001	1,7	S	57,7	12	p<0,001	1,3	S	31,1	8	p<0,001	1,8	S
9 Tipos de Construções/ Categorias do Jornal	28,0	16	p=0,03	0,3	S	14,8	14	0,3	-	N	11,4	8	0,1	-	N
10 Tipos de Construções/Categorias Metafóricas	123,4	6	p<0,001	0,7	S	22,2	4	0,005	0,8	S	10,1	4	0,04	1	S
11 Classificação das Construções/ Papéis Temáticos	306,4	12	p<0,001	1,1	S	57,5	8	p<0,001	1,3	S	5,1	6	0,5	-	N
12 Classificação das Construções/ Funções Sintáticas	522,4	30	p<0,001	2,3	S	77,9	24	0,006	2,1	S	27,4	12	0,007	2,1	S
13 Classificação das Construções/ Categorias do Jornal	43,9	48	0,6	-	N	28,3	28	0,4	-	N	8,2	12	0,8	-	N

¹⁰⁰ χ^2 diz respeito ao valor do qui-quadrado.

¹⁰¹ gl diz respeito ao número de graus de liberdade.

¹⁰² V diz respeito ao coeficiente de correlação de Cramer.

¹⁰³ H₀ diz respeito à Hipótese Nula: quando colocamos S significa que devemos rejeitá-la; quando colocamos N, significa que a hipótese não pode ser rejeitada.

Cruzamentos	2020					2021					2022					
	χ^2_{100}	gl ¹⁰¹	p-valor	V ₁₀₂	H ¹⁰³ ₀	χ^2	gl	p-valor	V	H ₀	χ^2	gl	p-valor	V	H ₀	
1	Veículos/ Tipos de Construções	214,9	32	p<0,001	1,0	S	38,3	14	p=0,008	1,0	S	13,4	10	0,3	-	N
2	Veículos/ Classificação das Construções	664,1	96	p<0,001	3,0	S	81,1	28	p<0,001	2,0	S	22,4	15	0,2	-	N
14	Classificação das Construções/Categorias Metafóricas	150,7	18	p<0,001	0,9	S	27,5	8	p>0,001	0,9	S	11,0	6	0,9	-	N
15	Papéis Temáticos/ Funções Sintáticas	229,6	10	p<0,001	1,0	S	33,2	12	p<0,001	1,0	S	11,9	8	0,1	-	N
16	Papéis Temáticos/ Categorias do Jornal	69,8	16	p<0,001	0,5	S	26,0	14	p=0,03	0,8	S	10,8	8	0,2	-	N
17	Papéis Temáticos/ Categorias Metafóricas	218,2	6	p<0,001	1,0	S	38,4	4	p<0,001	1,0	S	21,1	4	p<0,001	1,5	S
18	Funções Sintáticas/ Categorias do Jornal	67,8	40	0,004	0,8	S	25,2	42	1,0	-	N	26,3	16	0,8	-	N
19	Funções Sintáticas/ Categorias Metafóricas	220,8	15	p<0,001	1,2	S	32,7	12	0,001	0,9	S	14,0	8	0,3	-	N
20	Categorias do Jornal/ Categorias Metafóricas	93,1	24	p>0,001	0,8	S	25,1	14	0,03	0,8	S	13,4	7	0,1	-	N

Fonte: a autora (2024).

Quadro 4 – Resumo valores do Teste Qui-Quadrado de Independência nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, de 2021 e de 2022 organizados por cores de classificação

Cruzamentos das Variáveis	Períodos de Análise			
	2020	2021	2022	
1	Veículos/ Tipos de Construções	$\chi^2>0,05$, $\chi^2>0,01$ e $\chi^2>0,001$ ¹⁰⁴	$\chi^2>0,05$, $\chi^2>0,01$ e $\chi^2>0,001$	χ^2 não é significativo ¹⁰⁵
2	Veículos/ Classificação das Construções	$\chi^2>0,05$, $\chi^2>0,01$ e $\chi^2>0,001$	$\chi^2>0,05$, $\chi^2>0,01$ e $\chi^2>0,001$	χ^2 não é significativo
3	Veículos/ Papéis Temáticos	$\chi^2>0,05$, $\chi^2>0,01$ e $\chi^2>0,001$	$\chi^2>0,05$, $\chi^2>0,01$ e $\chi^2>0,001$	$\chi^2>0,05$ e $\chi^2>0,01$ ¹⁰⁶
4	Veículos /Funções Sintáticas	$\chi^2>0,05$, $\chi^2>0,01$ e $\chi^2>0,001$	$\chi^2>0,05$ e $\chi^2>0,01$	χ^2 não é significativo

¹⁰⁴ A cor verde-claro 2 indica que o valor de qui-quadrado encontrado é maior que todos os valores críticos, ou seja, $\chi^2>0,05$, $\chi^2>0,01$ e $\chi^2>0,001$, resultando em um alto grau de significância.

¹⁰⁵ A cor vermelho-claro 3 indica que o valor de qui-quadrado encontrado não é maior que nenhum dos valores de corte ($\chi^2<0,05$, $\chi^2<0,01$ e $\chi^2<0,001$) e, portanto, não é significativo.

¹⁰⁶ A cor verde-claro 3 indica que o valor de qui-quadrado encontrado é maior que 0,05 e que 0,01, resultando em um grau intermediário de significância.

Cruzamentos das Variáveis		Períodos de Análise		
		2020	2021	2022
1	Veículos/ Tipos de Construções	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$ ¹⁰⁴	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$	χ^2 não é significativo ¹⁰⁵
2	Veículos/ Classificação das Construções	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$	χ^2 não é significativo
5	Veículos/ Categorias do Jornal	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$	$\chi^2 > 0,05$ ¹⁰⁷	χ^2 não é significativo
6	Tipos de Construções/Classificação das Construções	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$
7	Tipos de Construções/ Papéis Temáticos	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$	χ^2 não é significativo
8	Tipos de Construções/Funções Sintáticas	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$
9	Tipos de Construções/ Categorias do Jornal	$\chi^2 > 0,05$	χ^2 não é significativo	χ^2 não é significativo
10	Tipos de Construções/Categorias Metafóricas	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$	$\chi^2 > 0,05$
11	Classificação das Construções/ Papéis Temáticos	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$	χ^2 não é significativo
12	Classificação das Construções/ Funções Sintáticas	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$	$\chi^2 > 0,05$ e $\chi^2 > 0,01$
13	Classificação das Construções/ Categorias do Jornal	χ^2 não é significativo	χ^2 não é significativo	χ^2 não é significativo
14	Classificação das Construções/Categorias Metafóricas	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$	$\chi^2 > 0,05$ e $\chi^2 > 0,01$	χ^2 não é significativo
15	Papéis Temáticos/ Funções Sintáticas	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$	χ^2 não é significativo
16	Papéis Temáticos/ Categorias do Jornal	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$	$\chi^2 > 0,05$	χ^2 não é significativo
17	Papéis Temáticos/ Categorias Metafóricas	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$
18	Funções Sintáticas/ Categorias do Jornal	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$	χ^2 não é significativo	χ^2 não é significativo
19	Funções Sintáticas/ Categorias Metafóricas	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$	$\chi^2 > 0,05$ e $\chi^2 > 0,01$	χ^2 não é significativo
20	Categorias do Jornal/ Categorias Metafóricas	$\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$	$\chi^2 > 0,05$	χ^2 não é significativo

Fonte: a autora (2024).

¹⁰⁷ A cor ciano-claro 3 indica que o valor de qui-quadrado encontrado é maior apenas que o valor de corte escolhido, ou seja, 0,05, o que representa o valor mínimo de significância.

A partir desses achados no Teste Qui-Quadrado de Independência, é importante que algumas considerações sejam elencadas:

(i) os cruzamentos 6, 8 e 17 (Variável Tipos de Construções e Classificação das Construções; Tipos de Construções e Funções Sintáticas; e Papéis Temáticos e Categorias Metafóricas, respectivamente) obtiveram valor de qui-quadrado maior que todos os valores críticos para seus respectivos graus de liberdade, o que revela um alto grau de significância estatística nos três períodos analisados;

(ii) os cruzamentos 1, 2, 3, 7, 10, 11, 12, 15 e 17 (Veículos e Tipos de Construções; Veículos e Classificação das Construções; Veículos e Papéis Temáticos; Tipos de Construções e Papéis Temáticos; Tipos de Construções e Categorias Metafóricas; Classificação das Construções e Papéis Temáticos; Classificação das Construções e Funções Sintáticas; Papéis Temáticos e Funções Sintáticas; Papéis Temáticos e Categorias Metafóricas, respectivamente) obtiveram valor de qui-quadrado maior que todos os valores críticos para seus respectivos graus de liberdade, o que revela um alto grau de significância estatística, em 2020 e em 2021;

(iii) os cruzamentos 4, 5, 14, 16, 18, 19 e 20 (Veículos e Funções Sintáticas; Veículos e Categorias do Jornal; Classificação das Construções e Categorias Metafóricas; Papéis Temáticos e Categorias do Jornal; Funções Sintáticas e Categorias do Jornal; Funções Sintáticas e Categorias Metafóricas; e Categorias Metafóricas e Categorias do Jornal, respectivamente) obtiveram valor de qui-quadrado maior que todos os valores críticos para seus respectivos graus de liberdade apenas no período de 2020;

(iv) o cruzamento 9, Tipos de Construções e Categorias do Jornal, possui apenas significância de 0,05 em 2020. Nos anos seguintes, não apresentou dados significativos;

(iv) o cruzamento 13, Classificação das Construções e Categorias do Jornal, não obteve valor de qui-quadrado significativo em nenhum dos valores críticos dos seus respectivos graus de liberdade em nenhum dos períodos analisados;

(v) os cruzamentos 4, 14 e 19 (Veículos e Funções Sintáticas; Classificação das Construções e Categorias Metafóricas; e Papéis Temáticos e Categorias Metafóricas, respectivamente) apresentam em 2021 grau de significância com 0,05 e 0,01 com seus respectivos graus de liberdade, e em 2021 não apresentam grau de significância com nenhum valor crítico;

(vi) os cruzamentos 5, 16 e 20 (Veículos e Categorias de Jornal, Papéis Temáticos e Categorias do Jornal e Categorias do Jornal e Categorias Metafóricas, respectivamente) apresentaram significância apenas para o valor crítico de 0,05 em 2021. Em 2022, não apresentaram nenhuma significância;

(vii) o cruzamento 3 (Veículos e Papéis Temáticos) e o cruzamento 12 (Classificação das Construções e Funções Sintáticas) apresentaram significância de 0,05 e 0,01 com seus respectivos graus de liberdade em 2022;

(viii) o cruzamento 10 (Tipos de Construções e Categorias Metafóricas) apresentou significância de apenas 0,05 em 2022.

O Quadro 5, abaixo, apresenta uma escala gradativa a partir dos níveis de significância no Teste Qui-Quadrado de Independência. Para construir essa escala, consideramos como ponto de corte a presença de significância em no mínimo dois períodos analisados. Dessa forma, a escala vai de 1 a 8, sendo que: (i) de 1 a 3 temos os cruzamentos que não são considerados significativos, ou seja, não possuem significância em pelo menos dois períodos; (ii) o número 4 diz respeito aos cruzamentos considerados significativos, ou seja, há significância em dois períodos observados, sendo que em um desses períodos temos um alto nível de significância e no outro, um nível intermediário; (iii) por fim, os cruzamentos contidos entre 5 e 8 são considerados muito significativos, uma vez que o valor de qui-quadrado foi maior que 0,05, 0,01 e 0,001 em pelo menos dois períodos analisados.

Quadro 5 – Escala de significância dos cruzamentos bivariados com o Teste Qui-Quadrado de Independência

8	<p>Cruzamentos com alto grau de significância ($\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$) nos três períodos analisados:</p> <p>Tipos de Construções/Classificação das Construções Tipos de Construções/Funções Sintáticas Papéis Temáticos/Categorias Metafóricas</p>
7	<p>Cruzamentos com alto grau de significância ($\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$) em 2020 e 2021 e com grau intermediário de significância ($\chi^2 > 0,05$ e $\chi^2 > 0,01$) em 2022:</p> <p>Veículos/Papéis Temáticos Classificação das Construções/Funções Sintáticas</p>
6	<p>Cruzamentos com alto grau de significância ($\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$) em 2020 e 2021 e com grau mínimo de significância ($\chi^2 > 0,05$) em 2022:</p>

	Tipos de Construções/Categorias Metafóricas
5	<p>Cruzamentos com alto grau de significância ($\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$) em 2020 e 2021 e sem significância ($\chi^2 < 0,05$) em 2022:</p> <p>Veículos/Tipos de Construções Veículos/Classificação das Construções Tipos de Construções/Papéis Temáticos Classificação das Construções/Papéis Temáticos Papéis Temáticos/Funções Sintáticas</p>
4	<p>Cruzamentos com alto grau de significância ($\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$) em 2020 e grau intermediário de significância ($\chi^2 > 0,05$ e $\chi^2 > 0,01$) em 2021 e sem significância ($\chi^2 < 0,05$) em 2022:</p> <p>Veículos/Funções Sintáticas Classificação das Construções/Categorias Metafóricas Funções Sintáticas/Categorias Metafóricas</p>
3	<p>Cruzamento com alto grau de significância ($\chi^2 > 0,05$, $\chi^2 > 0,01$ e $\chi^2 > 0,001$) em 2020 e sem significância ($\chi^2 < 0,05$) em 2021 e 2022:</p> <p>Funções Sintáticas/Categorias do Jornal</p>
2	<p>Cruzamento com grau mínimo ($\chi^2 > 0,05$) de significância em 2020 e sem significância ($\chi^2 < 0,05$) em 2021 e 2022 :</p> <p>Tipos de Construções/Categorias do Jornal</p>
1	<p>Cruzamento sem significância ($\chi^2 < 0,05$) em nenhum dos períodos analisados:</p> <p>Classificação das Construções/Categorias do Jornal</p>

Fonte: a autora (2024).

Como mencionamos anteriormente, utilizamos também o Teste Exato de Fisher para a verificação da significância estatística de nossos dados. A Tabela 15, a seguir, apresenta os resultados organizados por período analisado. A seguir, apresentamos também o Quadro 6 que sinaliza os resultados a partir de diferentes cores, assim como fizemos com o Teste Qui-Quadrado de Independência.

Tabela 15 – Resumo do Teste Exato de Fisher na análise Bivariada para os períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, de 2021 e de 2022

	Teste Exato de Fisher

	Variáveis	2020	H₀	2021	H₀	2022	H₀
1	Veículos/ Tipos de Construções	p<0,001	Sim	p<0,001	Sim	0,4	Não
2	Veículos/ Classificação das Construções	p<0,001	Sim	p<0,001	Sim	0,1	Não
3	Veículos/ Papéis Temáticos	p<0,001	Sim	p<0,001	Sim	p<0,001	Sim
4	Veículos /Funções Sintáticas	p<0,001	Sim	p=0,001	Sim	0,6	Não
5	Veículos/ Categorias do Jornal	p<0,001	Sim	0,009	Sim	0,7	Não
6	Tipos de Construções/Classificação das Construções	p<0,001	Sim	p<0,001	Sim	0,02	Sim
7	Tipos de Construções/ Papéis Temáticos	p<0,001	Sim	p<0,001	Sim	p<0,001	Sim
8	Tipos de Construções/ Funções Sintáticas	p<0,001	Sim	p<0,001	Sim	p<0,001	Sim
9	Tipos de Construções/ Categorias do Jornal	0,01	Sim	0,2	Não	0,08	Não
10	Tipos de Construções/ Categorias Metafóricas	p<0,001	Sim	p<0,001	Sim	0,2	Não
11	Classificação das Construções/ Papéis Temáticos	p<0,001	Sim	p<0,001	Sim	0,01	Sim
12	Classificação das Construções/ Funções Sintáticas	p<0,001	Sim	0,003	Sim	0,07	Não
13	Classificação das Construções/ Categorias do Jornal	0,4	Não	0,09	Não	0,8	Não
14	Classificação das Construções/ Categorias Metafóricas	p<0,001	Sim	0,006	Sim	0,2	Não
15	Papéis Temáticos/ Funções Sintáticas	p<0,001	Sim	p<0,001	Sim	0,1	Não
16	Papéis Temáticos/ Categorias do Jornal	p<0,001	Sim	p<0,001	Sim	0,4	Não
17	Papéis Temáticos/ Categorias Metafóricas	p<0,001	Sim	p<0,001	Sim	0,001	Sim
18	Funções Sintáticas/ Categorias do Jornal	0,004	Sim	0,6	Não	0,8	Não
19	Funções Sintáticas/ Categorias Metafóricas	p<0,001	Sim	0,001	Sim	0,2	Não
20	Categorias do Jornal/ Categorias Metafóricas	p<0,001	Sim	0,09	Não	0,1	Não

Fonte: a autora (2024).

Quadro 6 – Resumo valores do Teste Qui-Quadrado de Independência nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, de 2021 e de 2022 organizados por cores de classificação

Variáveis		Teste Exato de Fisher		
		2020	2021	2022
1	Veículos/ Tipos de Construções	p<0,001	p<0,001	0,4
2	Veículos/ Classificação das Construções	p<0,001	p<0,001	0,1
3	Veículos/ Papéis Temáticos	p<0,001	p<0,001	p<0,001
4	Veículos /Funções Sintáticas	p<0,001	p=0,001	0,6
5	Veículos/ Categorias do Jornal	p<0,001	0,009	0,7
6	Tipos de Construções/Classificação das Construções	p<0,001	p<0,001	0,02
7	Tipos de Construções/ Papéis Temáticos	p<0,001	p<0,001	p<0,001
8	Tipos de Construções/ Funções Sintáticas	p<0,001	p<0,001	p<0,001
9	Tipos de Construções/ Categorias do Jornal	0,01	0,2	0,08
10	Tipos de Construções/ Categorias Metafóricas	p<0,001	p<0,001	0,2
11	Classificação das Construções/ Papéis Temáticos	p<0,001	p<0,001	0,01
12	Classificação das Construções/ Funções Sintáticas	p<0,001	0,003	0,07
13	Classificação das Construções/ Categorias do Jornal	0,4	0,09	0,8
14	Classificação das Construções/ Categorias Metafóricas	p<0,001	0,006	0,2
15	Papéis Temáticos/ Funções Sintáticas	p<0,001	p<0,001	0,1
16	Papéis Temáticos/ Categorias do Jornal	p<0,001	p<0,001	0,4
17	Papéis Temáticos/ Categorias Metafóricas	p<0,001	p<0,001	0,001
18	Funções Sintáticas/ Categorias do Jornal	0,004	0,6	0,8

19	Funções Sintáticas/ Categorias Metafóricas	$p < 0,001$	0,001	0,2
20	Categorias do Jornal/ Categorias Metafóricas	$p < 0,001$	0,09	0,1

Fonte: a autora (2024).

Assim como fizemos com o Teste Qui-Quadrado de Independência, optamos por construir também com o Teste Exato de Fisher uma escala de significância. Neste caso, o corte é o mesmo, ou seja, significância em pelo menos dois períodos analisados. Aqui a escala vai de 1 a 4, sendo que: (i) os números 1 e 2 compreendem os cruzamentos abaixo da linha de corte, ou seja, não possuem significância; e (ii) os cruzamentos contidos nos números 3 e 4 são significativos, ou seja, observamos significância no Teste Exato de Fisher em pelo menos dois períodos analisados. O Quadro 7, apresentado a seguir, traz essa escala que construímos.

Quadro 7 – Escala de significância dos cruzamentos bivariados com o Teste Exato de Fisher

4	Cruzamentos com significância ($p < 0,05$) nos três períodos analisados: Veículos/Papéis Temáticos Tipos de Construções/Classificação das Construções Tipos de Construções/Papéis Temáticos Tipos de Construções/Funções Sintáticas Papéis Temáticos/Categorias Metafóricas
3	Cruzamentos com significância em 2020 e 2021 ($p < 0,05$) mas sem significância em 2022 ($p > 0,05$): Veículos/Tipos de Construções Veículos/Classificação das Construções Veículos/Funções Sintáticas Veículos/Categorias do Jornal Tipos de Construções/Categorias Metafóricas Classificação das Construções/ Papéis Temáticos Classificação das Construções/Funções Sintáticas Classificação das Construções/Categorias Metafóricas Papéis Temáticos/Categorias do Jornal Funções Sintáticas/Categorias Metafóricas
2	Cruzamentos com significância em apenas 2020 ($p < 0,05$) e não em 2021 e 2022 ($p > 0,05$): Tipos de Construções/Categorias do Jornal Funções Sintáticas/Categorias do Jornal Categorias do Jornal/Categorias Metafóricas
1	Cruzamento sem significância ($p > 0,05$) em nenhum dos períodos analisados: Classificação das Construções/Categorias do Jornal

Fonte: a autora (2024).

Quando comparamos o Teste Exato de Fisher com o Teste Qui-Quadrado de Independência, percebemos que os resultados se assemelham bastante. Há apenas três pontos em que os resultados não coincidem: (i) os cruzamentos 7 e 11 apresentam insignificância no Teste Qui-Quadrado de Independência e significância no Exato de Fisher no ano de 2020; (ii) os cruzamentos 10 e 12 apresentam significância no Teste Qui-Quadrado de Independência e insignificância no Exato de Fisher; e (iii) o cruzamento 20, no ano de 2021, apresenta insignificância no Teste Exato de Fisher e significância de 0,05 no Qui-Quadrado de Independência. Dessa forma, como comentamos, os resultados encontrados nos dois testes são bastante próximos. Além disso, é preciso considerar por ter um número muito reduzido de metáforas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022 (apenas 19 ocorrências), a acurácia dos testes pode ter sido afetada, especialmente o Teste Qui-Quadrado de Independência, o que justifica nossa escolha por realizar também o Teste Exato de Fisher, como já detalhamos anteriormente.

Na próxima subseção trataremos das relações entre as metáforas do coronavírus no MCM e as construções utilizadas para estruturar essa metaforicidade. Como consequência, analisaremos mais a fundo a conexão entre as variáveis estudadas nesta seção a partir do olhar teórico da Linguística Cognitiva e, também, das análises quantitativas que acabamos de apresentar.

5.3 METÁFORAS, CONSTRUÇÕES E METAFORICIDADE

Nossa concepção de metáfora leva em conta as diferentes “faces” que a compõem, ou seja, o aspecto cognitivo, cultural, ambiental/social e linguístico. Acreditamos que essa multiplicidade é o que torna a metáfora um fenômeno tão particular. Além disso, não podemos esquecer que a metaforicidade e o contexto funcionam como elementos que ajudam a direcionar os sentidos possíveis de serem empregados nas metáforas, afinal, o significado metafórico é uma questão de plausibilidade (Moura, 2012).

Como consequência, uma concepção cognitiva e social de metáfora deve considerar também as razões que levam à utilização e ao emprego de uma metáfora. Como já mencionamos, há temas que são mais fortemente metaforizados, como é o caso de amor, sexo, doenças etc. No caso da Covid-19, como demonstramos anteriormente, há um certo padrão nas metáforas utilizadas, especialmente porque reflete usos já convencionalizados no processo de referência de doenças epidêmicas (a exemplo do que já havia sido observado com o câncer, a AIDS, a febre aftosa etc.). Dito de outra forma, o entorno social influencia diretamente o uso

de certas convenções linguísticas, como podemos observar na metáfora bélica: termos como “combate”, “luta”, “linha de frente” são utilizados com grande periodicidade em diferentes contextos, sendo que a utilização desses elementos e construções linguísticas acaba por auxiliar na instauração de um elo entre os indivíduos que desejam comunicar-se e fazerem-se entender.

Essa característica socioambiental da metáfora ressalta também a importância das cenas básicas que subjazem os sentidos primários das construções. Nesta subseção, buscaremos refletir acerca das construções utilizadas nas metáforas do corpus MCM, de modo a relacionar essas construções ao processo de metaforização do coronavírus. Dessa forma, buscamos relacionar a Gramática das Construções ao estudo sobre Metáforas na perspectiva da Linguística Cognitiva.

Conforme observamos na Análise Univariada, é possível identificar os padrões que mais se repetem nas metáforas encontradas no MCM. Segundo esse padrão, temos duas possibilidades principais de categorias mais frequentes, os quais podemos observar a seguir:

Quadro 8 – Esquema com as categorias mais repetidas nas sete variáveis analisadas, organizadas por períodos de análise, ou seja, 10 de maio a 10 de junho de 2020, de 2021 e de 2022

2020 Pessoa>Causador de uma Guerra>Nominal>Transitiva>Paciente>Complemento Nominal>Colunistas
2021 Pessoa>Causador de uma Guerra>Nominal>Transitiva>Paciente>Complemento Nominal>Equilíbrio e Saúde
2022 Pessoa>Causador de uma Guerra>Nominal>Transitiva>Agente/Causa>Complemento Nominal>Equilíbrio e Saúde

Fonte: a autora (2024).

No caso de 10 de maio a 10 de junho de 2020 e 10 de maio a 10 de junho de 2021, temos uma definição bastante clara e muito semelhante nos dois períodos, ou seja, o coronavírus é metaforizado principalmente como Pessoa (77% em 2020 e 82% em 2021), mais especificamente como Causador de uma Guerra (35% em 2020 e 42% em 2021), sendo que o Tipo de Construção mais proeminente é a Nominal, especialmente construídas a partir de deverbais como “combate” e “enfrentamento” (52% em 2020 e 50% em 2021) e a Classificação de Construção mais repetida é a Transitiva (70% em 2020; 67% em 2021). Além disso, o Papel Temático mais frequente ocupado pelo termo <coronavírus> nessas metáforas é o de Paciente

(47% em 2020 e 49% em 2021) e a Função Sintática mais recorrente é a de Complemento Nominal (63% em 2020 e 67% em 2021). A única diferença observada nesses dois períodos analisados é quanto à Categoria de Jornal: em 2021 a categoria mais frequente é Colunistas (20%) e em 2021, trata-se da categoria Equilíbrio e Saúde (43%).

No caso de 10 de maio a 10 de junho de 2022, os primeiros colocados são praticamente os mesmos observados em 2021, com três diferenças: na Variável 2 – Veículos, Causador de uma Guerra e Inimigo/Bandido possuem a mesma porcentagem dos dados, ou seja, 31%; na Variável 3, Tipos de Construções, a categoria Nominal e a categoria Verbal possuem a mesma porcentagem dos dados, ou seja, 47%; e na Variável 5 - Papéis Temáticos, a categoria mais repetida é Agente/Causa (com 47% dos dados) e não Paciente. Nas outras variáveis, os primeiros colocados são iguais aos observados em 2021, ou seja: Pessoa (74%), Transitiva (79%), Complemento Nominal (58%) e Equilíbrio e Saúde (31%).

O Quadro 9, a seguir, apresenta todas as variáveis com seus respectivos níveis organizados em ordem decrescente a partir de suas porcentagens, ou seja, do mais frequente para o menos frequente. Assim, o leitor poderá observar além dos primeiros colocados quais são os outros níveis organizados por ano de análise, o que permite a comparação entre os três períodos considerados em nossas análises.

Quadro 9 – Ordem de frequência dos níveis de cada variável nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, de 2021 e de 2022

Variáveis	2020	2021	2022
VARIÁVEL 1 (CATEGORIAS METAFÓRICAS)	Pessoa (77%)> Outros (10%)> Força Da Natureza (9%)> Objeto (3%)	Pessoa (82%)> Força Da Natureza (14%)> Outros (4%)	Pessoa (74%)> Força Da Natureza (16%)> Outros (10%)

VARIÁVEL 2 (VEÍCULOS)	Causador de uma Guerra(35%)> Inimigo/Bandido (23%)> Viajante (15%)> Causa (10%)> Desastre Natural (5%)> Objeto (2%)> Onda (2%)> Esportista (1%)> Indivíduo (1%)> Explosão/Fogo (0,8%)> Água/Líquido/Substância (0,8%)> Montanha (0,6%)> Aliado Político (0,4%)> Condutor Motorista (0,4)> Dívida (0,4%)> Monstro (0,2%)	Causador de uma Guerra (42%)> Inimigo/Bandido (18%)> Viajante (17%)> Onda (8%)> Água/Líquido/Substância (5%)> Causa (4%)> Aliado Político (3%)> Indivíduo (3%)	Causador de uma Guerra (31%)> Inimigo/Bandido (31%)> Causa (10%)> Onda (10%)> Indivíduo (10%)> Água/Líquido/Substância (5%)
VARIÁVEL 3 (TIPOS DE CONSTRUÇÕES)	Nominal (52%)> Verbal (42%)> Verbal.Passiva (6%)	Nominal (50%)> Verbal (46%)> Verbal.Passiva> (4%)	Nominal (47%)> Verbal (47%)> Verbal.Nominal (5%)
VARIÁVEL 4 (CLASSIFICAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES)	Transitiva (70%)> Intransitiva (11%)> Estativa (9%)> Passiva (6%)> Ditransitiva (3%)> De existência (0,2%)> Comitativa (0,02%)	Transitiva (67%)> Estativa (14%)> Intransitiva (12%)> Passiva (4%)> Ditransitiva (3%)	Transitiva (79%)> Estativa (10%)> Intransitiva(5%)> Passiva (5%)
VARIÁVEL 5 (PAPÉIS TEMÁTICOS)	Paciente (47%)> Agente/Causa (29%)> Tema (24%)	Paciente (49%)> Tema (29%)> Agente/Causa (22%)	Agente/Causa (47%)> Paciente (37%)> Tema (16%)
VARIÁVEL 6 (FUNÇÕES SINTÁTICAS)	Complemento Nominal (63%)> Sujeito (17%)> Objeto Direto (11%)> Agente da PAssiva (5%)> Objeto Indireto (2%)> Aposto (0,6%)	Complemento Nominal (67%)> Sujeito (18%)> Objeto Direto (10%)> Agente da Passiva (1,4%)> Objeto Indireto (1,4%)> Aposto (1,4%)> Predicativo do Sujeito (1,4%)	Complemento Nominal (58%)> Sujeito (16%)> Objeto Direto (16%)> Agente da Passiva (5%)> Objeto Direto (5%)
VARIÁVEL 7 (CATEGORIAS DO JORNAL)	Colunistas (20%)> Mercado (17%)> Mundo (17%)> Equilíbrio e Saúde (15%)> Cotidiano (14%)> Ilustrada (6%)> Poder (4%)> Opinião (3%)> Ilustríssima (1%)	Equilíbrio e Saúde (43%)> Colunistas (19%)> Mercado (12%)> Mundo (11%)> Poder (5%)> Cotidiano (4%)> Ilustrada (3%)> Opinião (3%)	Equilíbrio e Saúde (31%)> Colunistas (26%)> Mundo (21%)> Mercado (16%)> Ilustrada (5%)

Fonte: a autora (2024).

Assim como fizemos com os dados de frequência no AntConc, optamos por transformar os dados específicos de nossas variáveis em nuvens de palavras¹⁰⁸. Dessa forma, é possível verificarmos de maneira visual os níveis mais repetidos, conforme a Figura 28, que trata dos dados de 10 de maio a 10 de junho de 2020; a Figura 29, a qual apresenta os dados do período de 10 de maio a 10 de junho de 2021; e a Figura 30, com os dados de 10 de maio a 10 de junho de 2022.

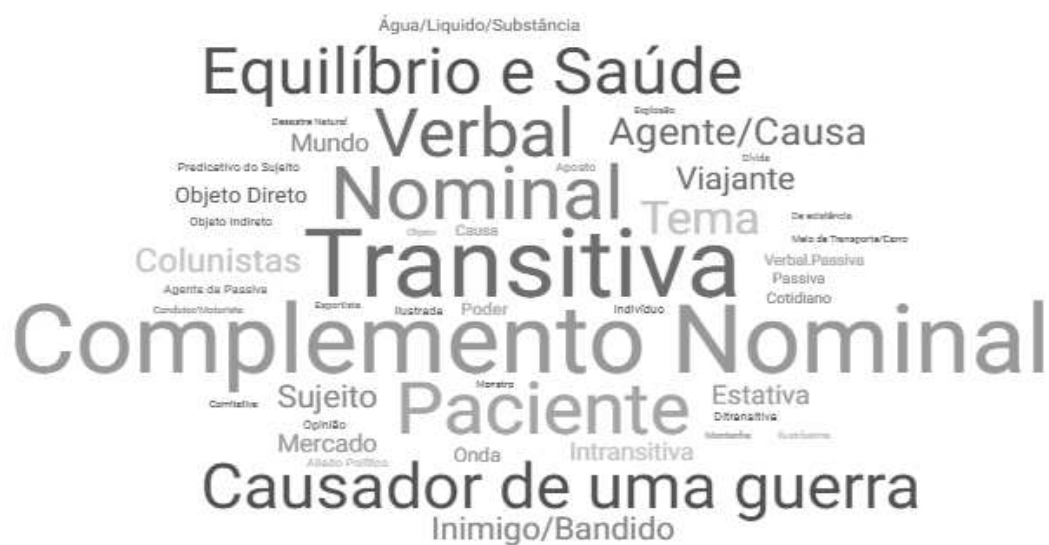
Figura 28 – Nuvem de palavras com os dados das sete variáveis analisadas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020



Fonte: a autora (2024).

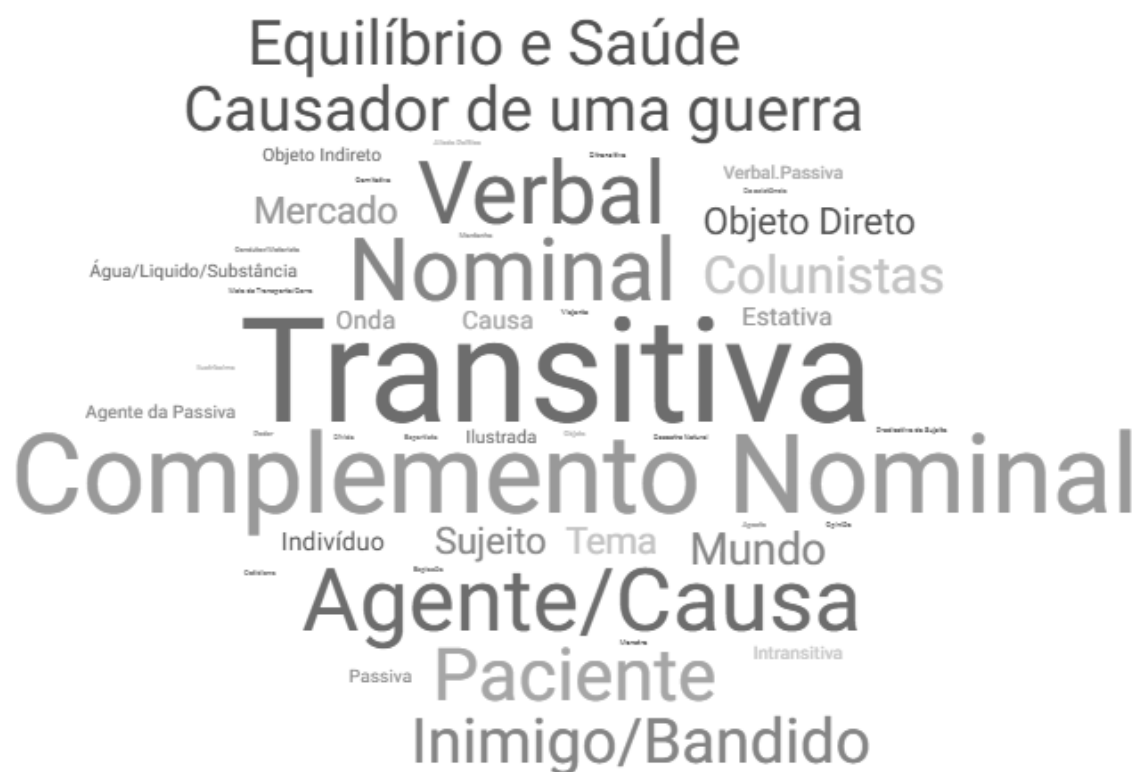
¹⁰⁸ Para a construção dessas nuvens de palavras, optamos por utilizar a plataforma online Infogram, disponível no endereço: <https://infogram.com>.

Figura 29 – Nuvem de palavras com os dados das sete variáveis analisadas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021



Fonte: a autora (2024).

Figura 30 – Nuvem de palavras com os dados das sete variáveis analisadas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022



Fonte: a autora (2024).

Tanto as nuvens de palavras quanto os quadros apresentados deixam claro que há um padrão no processo de metaforização do coronavírus e no tipo de construção escolhida para a estruturação linguística dessas metáforas. No caso da metaforização, estamos diante da metáfora conceptual CORONAVÍRUS É PESSOA, mais especificamente, “causador de uma guerra”, a qual é convencionalizada na língua portuguesa principalmente com construções transitivas do tipo nominal (com deverbais).

Um dado importante também a ser observado é o fato de o coronavírus ser frequentemente metaforizado como Inimigo/Bandido: nos três períodos essa categoria de veículo ocupa um local de destaque (segunda posição nos dois primeiros anos e primeira posição – juntamente com Causador de uma Guerra – no último ano), sendo que em 2020 representa 23% dos dados; em 2021, 18%; e em 2022, 31%. Esse fato, segundo Moura (2023, p. 88), revela que tanto as metáforas de guerra quanto as do coronavírus como bandido “ênfatizam o universalismo do combate à pandemia. Nessa representação simbólica, trata-se de imaginar uma comunidade unida no combate às ameaças”. Dessa forma, há um processo de conceptualização subjacente ao uso dessas metáforas que “nos leva às seguintes inferências: i. Se há um criminoso nos ameaçando, as autoridades devem nos proteger. ii. Nós fazemos parte da comunidade ameaçada pelo criminoso” (Moura, 2023, p. 87-88).

Essa necessidade de organização dentro da comunidade para lidar com um inimigo comum, um bandido que atacará o grupo como um todo, é acentuada no Brasil durante a pandemia porque não houve um governo que estivesse à frente de nossas necessidades e fragilidades. Em outras palavras, mesmo com a presença do SUS, um sistema de saúde robusto e internacionalmente reconhecido pelo esforço em prol da universalização do acesso à saúde, um presidente como a figura de Bolsonaro não transmite a segurança necessária. Em momentos de crise (mais especificamente, em momentos de guerra), é necessário que um líder trate das demandas da população que representa, o que não visualizamos na postura necropolítica de deixar morrer do ex-presidente.

Por outro lado, a utilização massiva desse tipo de metáfora (de guerra e do coronavírus como inimigo/bandido) serve também para enfatizar a necessidade de organização dentro da sociedade para esse combate. Ou seja, é fundamental que haja uma sintonia nas ações das pessoas que compõem essas comunidades em prol do bem comum, isso inclui a adesão ao distanciamento social, à higienização frequente das mãos, à utilização de máscaras, à vacinação etc. Em outras palavras, conforme menciona Semino (2020), as metáforas de guerra servem para alertar as pessoas acerca dos perigos da nova doença e da urgência de ações a serem tomadas, as quais terão uma repercussão no espaço social e coletivo. No caso do Reino Unido,

por exemplo, como já mencionado, Musolff (2020) observou uma alta frequência de *frames* que faziam referência ao espírito Blitz inglês. Como no Brasil não vivenciamos uma guerra dessa forma, a situação é diferenciada e apela para os perigos da doença.

Nesse sentido, concordamos com a argumentação de Moura (2023) sobre o fato de as metáforas utilizadas nesse período servirem de construção de um imaginário que coloca a sociedade em uma situação de enfrentamento direto ao coronavírus. Segundo o autor,

entendo que as metáforas de guerra e do vírus como um bandido criaram uma visão de mundo segundo a qual havia um antagonismo entre o coronavírus e a sociedade como um todo. Nesta perspectiva, se um indivíduo é atingido pelo vírus, toda a sociedade é atingida. Este modo de perceber a pandemia fica bem evidente se pensarmos no fato de que quando um vizinho é vítima de um bandido, toda a vizinhança se sente preocupada e ameaçada. A imagem do bandido que ataca sorrateiramente evoca vínculos sociais fortes (Moura, 2023, p. 89-90).

Quanto ao tipo de construção mais recorrente, Nominal, é fundamental que reconheçamos a utilização muito frequente dos *chunkings* (Bybee, 2016) “combate ao coronavírus”, “enfrentamento ao coronavírus”, os quais revelam o antagonismo reportado por Moura (2023). Dessa forma, ainda que o papel temático mais frequente ocupado pelo termo <coronavírus> em nossos dados seja o de Paciente, há nessa relação um jogo de forças no qual o coronavírus também age, ou seja, também possui um caráter agentivo.

Segundo Talmy (1988), a dinâmica de forças entre duas entidades pode ser observada nos diferentes papéis atribuídos a elas dentro da linguagem. Dessa forma, temos o Agonista (entidade de força focal que pode ou não ser superada pela outra entidade) e o Antagonista (entidade de força que se opõe ao Agonista). Dessa forma, no processo de metaforização do coronavírus, especialmente nas metáforas de guerra e nas do coronavírus como Inimigo/Bandido, a sociedade (ou, ainda, a comunidade, as pessoas) pode ser entendida como a Força Agonista e o coronavírus como a Força Antagonista. Como consequência, nesse jogo de forças não há necessariamente um “paciente” prototípico, ou seja, uma entidade que sofre a ação do verbo e é transformado por essa ação (Perini, 2008). Sobre essa questão, Moura (2023, p. 100) sinaliza que “a construção transitiva possibilita a representação de forças antagônicas se opondo, sejam elas humanas ou não. No contexto das metáforas sobre o coronavírus, havia um antagonismo latente entre o vírus e a sociedade”.

Nesse jogo de forças, há também uma agentividade exercida pelo coronavírus, uma vez que ao ser metaforizado como uma pessoa que deve ser combatida e enfrentada, temos algumas inferências aí colocadas: (i) o coronavírus deve ser combatido porque suas ações podem prejudicar à sociedade; (ii) é fundamental uma organização coletiva, pois estamos em guerra;

(iii) podemos ser superados pelo coronavírus no jogo de forças. Em outras palavras, ainda que o papel temático Paciente seja muito frequente, é nessa relação de forças que ele é usado e, portanto, não podemos ignorar as características agentivas do coronavírus. Conforme Moura (2023, p. 100), “o importante a ressaltar aqui é que se trata de um antagonismo do vírus contra toda a sociedade e não contra indivíduos em particular. Esta foi a visão de mundo criada pelas metáforas que estamos estudando, e que a construção transitiva ajudou a reforçar”.

Além disso, é preciso reconhecer mais uma vez a influência da alta frequência de *chunkings* como “combate ao coronavírus”, “enfrentamento ao coronavírus”, “luta contra o coronavírus” etc., uma vez que a partir dessas construções, há atribuição de papel temático de Paciente (X enfrenta Y; X combate Y; X luta contra Y) e, por consequência, atribuição da função sintática Complemento Nominal.

Como discutimos em momento anterior, a língua é composta por construções que refletem nossos processos de conceptualização mais elementares e nossa compreensão acerca das cenas básicas que orientam nossa experiência com o social e o ambiental. Desse modo, uma construção Transitiva do tipo X enfrenta Y pode ser expressa por meio da presença de um verbo (o que estamos chamando aqui de Construções do Tipo Verbal), mas também de substantivos que carregam o significado básico dos verbos de que se originam (essas construções estamos chamando aqui de Construções do tipo Nominal). Nas duas situações, a cena básica é mantida.

Ainda sobre as construções Transitivas, é fundamental reconhecer que esse tipo de construção faz o

uso de um verbo transitivo (como enfrentar e combater), o qual pede dois argumentos, ou seja, dois indivíduos ou entidades, que ocupam a posição de sujeito e de objeto direto do verbo. Assim, sempre que usamos um verbo transitivo, temos que indicar quem é o ente que age e quem é o ente que sofre a ação. Por exemplo, para usar o verbo enfrentar, precisamos dizer quem enfrentou quem, pois de outra forma o significado do verbo ficaria incompleto na sentença (Moura, 2023, p. 99).

As sentenças contidas em (9) e (10) são exemplos de construções verbais e transitivas (2020 e 2021) e as construções (11) e (12) de construções nominais e transitivas com o veículo Causador de uma Guerra, nas quais é possível observar essas relações que destacamos até aqui:

(9) Para os países europeus, "os esforços multilaterais são a única opção eficaz e viável para **vencer esta batalha**" **contra o novo coronavírus** (FSP, Mundo, 19/05/2020)

Variável 1 - Categorias Metafóricas: Pessoa

Variável 2 - Veículos: Causador de uma Guerra

Variável 3 - Tipos de Construções: Verbal

Variável 4 - Classificação das Construções: Transitiva

Variável 5 - Papéis Temáticos: Paciente

Variável 6 - Funções Sintáticas: Complemento Nominal

Variável 7 - Categorias do Jornal: Mundo

No exemplo acima, estamos diante de uma construção verbal (presença do verbo “vencer”, cujo sujeito, “países europeus” travam “uma batalha contra o coronavírus”. Ou seja, há um conflito em curso em que o Agonista (países europeus) precisa vencer seu Antagonista (o coronavírus). A mesma situação pode ser observada no exemplo que segue, contido em (10), no qual “as cidades do interior de São Paulo” estão também travando uma disputa de forças com o coronavírus para combatê-lo (que, ao que parece, não estavam conseguindo). Dessa forma, o sentido que atribuímos a essa metáfora é oriundo do tipo de construção que dá forma à expressão linguística (X combate Y), e do sentido mais específico do *frame* “combater”, ou seja, o que combater significa, quais são os envolvidos nesse evento, em que situações esse tipo de evento pode ocorrer. Se voltarmos nossas análises para essas questões, fica claro porque estamos diante de uma metáfora tão potente e usual.

(10) Apesar das medidas adotadas em cidades do interior de São Paulo **para combater o coronavírus**, as cidades não têm conseguido frear as infecções (FSP, Equilíbrio e Saúde, 09/06/2021).

Variável 1 - Categorias Metafóricas: Pessoa

Variável 2 - Veículos: Causador de uma Guerra

Variável 3 - Tipos de Construções: Verbal

Variável 4 - Classificação das Construções: Transitiva

Variável 5 - Papéis Temáticos: Paciente

Variável 6 - Funções Sintáticas: Objeto Direto

Variável 7 - Categorias do Jornal: Equilíbrio e Saúde

No caso de (11) e (12), a presença do deverbal “combate” traz consigo também o sentido primário da construção Transitiva e o sentido específico do verbo que lhe dá origem. Como consequência, o *frame* de combate também está presente nesse tipo de construção nominal, uma vez que os envolvidos desempenham os mesmos papéis, ou seja, a sociedade (agonista) trava um combate ao novo coronavírus (antagonista).

(11) A PF cumpre nesta manhã 11 mandados de busca e apreensão no Rio de Janeiro e São Paulo para apurar supostas fraudes na contratação da organização social Iabas para montagem e gestão de hospitais de campanha **no combate ao novo coronavírus** (FSP, Poder, 26/05/2020).

Variável 1 - Categorias Metafóricas: Pessoa

Variável 2 - Veículos: Causador de uma Guerra

Variável 3 - Tipos de Construções: Nominal

Variável 4 - Classificação das Construções: Transitiva

Variável 5 - Papéis Temáticos: Paciente

Variável 6 - Funções Sintáticas: Complemento Nominal

Variável 7 - Categorias do Jornal: Poder

(12) Na semana passada, Bolsonaro tinha dito já ter pronto um decreto para proibir prefeitos e governadores de adotarem medidas restritivas de **combate ao coronavírus**, como toque de recolher e fechamento do comércio (FSP, Equilíbrio e Saúde, 17/05/2021).

Variável 1 - Categorias Metafóricas: Pessoa

Variável 2 - Veículos: Causador de uma Guerra

Variável 3 - Tipos de Construções: Nominal

Variável 4 - Classificação das Construções: Transitiva

Variável 5 - Papéis Temáticos: Paciente

Variável 6 - Funções Sintáticas: Complemento Nominal

Variável 7 - Categorias do Jornal: Mundo

Apesar de o veículo Causador de uma Guerra ser o mais recorrente dentro da categoria Pessoa, seguido de Inimigo/Bandido, nossos dados apresentam mais cinco possibilidades de especificação do coronavírus como pessoa, a saber: (i) Viajante, com 71 ocorrências em 2020 (15% dos dados) e 12 ocorrências em 2021 (17% dos dados); (ii) Esportista, com 7 ocorrências em 2020 (1% dos dados); (iii) Indivíduo, com 6 ocorrências em 2020 (1% dos dados), 2 ocorrências em 2021 (3% dos dados) e 2 ocorrências em 2022 (10% dos dados); (iv) Aliado Político, com 2 ocorrências em 2020 (0,4% dos dados) e 2 ocorrências em 2021 (3% dos dados); e (v) Condutor/Motorista, com 2 ocorrências em 2020 (0,4%) dos dados. Conforme mencionamos em momento anterior, essa especificidade diz respeito às características que se valorizam no processo de metaforização em detrimento de outras que são suprimidas, como mencionam Lakoff e Johnson (2003). Dessa forma, quando o coronavírus é comparado a um Viajante, destaca-se a possibilidade de mobilidade do vírus dentro de um campo semântico

relacionado à mobilidade humana e dos transportes, o que não parece ser o grande destaque no processo de metaforização do coronavírus como Aliado Político, na qual outro campo semântico (o da organização política e estatal da sociedade) entra em jogo. As sentenças (13), (14), (15), (16) e (17), apresentadas a seguir, exemplificam essas outras possibilidades de metáforas do coronavírus como Pessoa.

(13) Hoje os EUA contabilizam mais de 81 mil mortos pela Covid-19, enquanto **o coronavírus dá a volta ao mundo** e atinge, oficialmente, 181 dos 193 países reconhecidos pela ONU (FSP, Mundo, 13/05/2020).

Variável 1 - Categorias Metafóricas: Pessoa

Variável 2 - Veículos: Viajante

Variável 3 - Tipos de Construções: Verbal

Variável 4 - Classificação das Construções: Ditransitiva

Variável 5 - Papéis Temáticos: Tema

Variável 6 - Funções Sintáticas: Sujeito

Variável 7 - Categorias do Jornal: Mundo

(14) **Havaianas dribla coronavírus** com venda em supermercado e farmácia (FSP, Colunistas, 07/06/2020).

Variável 1 - Categorias Metafóricas: Pessoa

Variável 2 - Veículos: Esportista

Variável 3 - Tipos de Construções: Verbal

Variável 4 - Classificação das Construções: Transitiva

Variável 5 - Papéis Temáticos: Paciente

Variável 6 - Funções Sintáticas: Objeto Direto

Variável 7 - Categorias do Jornal: Colunistas

No caso de (13), ao coronavírus é atribuída a característica de mobilidade ao estilo do que os seres humanos fazem, ou seja, o coronavírus pode “viajar”, pode “dar a volta ao mundo”. Na esfera literal, o coronavírus não tem capacidade própria do movimento, não é ele propriamente que se movimenta, mas as pessoas e superfícies contaminadas (a exemplo do que podemos observar na metaforização do coronavírus como objeto). Mas o enfoque nessa metaforização do coronavírus como viajante é outro: é o coronavírus que carrega o próprio passaporte (Craig, 2020). Além disso, segundo os dados observados no MCM, o processo de

metaforização do coronavírus como Viajante não enfoca o apelo negativo dos processos migratórios, conforme observados em outros países e discutidos por Wilson (2020). Esse fato pode ser justificado pelo fato de o bolsonarismo não adotar abertamente essa bandeira anti-migratória, diferentemente do que ocorre com outros movimentos de extrema-direita mundo afora.

Já a sentença contida em (14), por outro lado, oferece um exemplo de metaforização do coronavírus como uma Pessoa que pratica esportes, um Esportista. O verbo “driblar” é comumente utilizado no futebol, campo semântico bastante profícuo para metáforas, e indica que houve uma vantagem de A sobre B, sendo que B foi deixado para trás, não conseguiu acompanhar A. Nessa relação, temos também o Agonista (Havaianas) e o Antagonista (Coronavírus) O sentido completo da metáfora é possível por meio da “soma” do sentido da construção Transitiva e o sentido do verbo, o qual faz alusão ao esporte de maneira clara.

(15) Durante entrevista coletiva em Genebra, na terça (10), Tedros criticou a política chinesa de eliminar por completo a **convivência com o coronavírus**, argumentando que a estratégia vai na contramão das características atuais de evolução do microrganismo. As declarações foram sustentadas por outros especialistas da organização (FSP, Mundo, 11/05/2022).

Variável 1 - Categorias Metafóricas: Pessoa

Variável 2 - Veículos: Indivíduo

Variável 3 - Tipos de Construções: Nominal

Variável 4 - Classificação das Construções: Transitiva

Variável 5 - Papéis Temáticos: Agente/Causa

Variável 6 - Funções Sintáticas: Complemento Nominal

Variável 7 - Categorias do Jornal: Mundo

(16) **Governo Bolsonaro tem coronavírus como aliado** e deve responder pelas mortes (FSP, Colunistas, 20/05/2021).

Variável 1 - Categorias Metafóricas: Pessoa

Variável 2 - Veículos: Aliado Político

Variável 3 - Tipos de Construções: Verbal

Variável 4 - Classificação das Construções: Estativa

Variável 5 - Papéis Temáticos: Agente/Causa

Variável 6 - Funções Sintáticas: Objeto Direto

Variável 7 - Categorias do Jornal: Colunistas

(17) **Coronavírus atropela ano** em que artistas indígenas tomariam os museus de SP (FSP, Ilustrada, 07/06/2020).

Variável 1 - Categorias Metafóricas: Pessoa

Variável 2 - Veículos: Condutor/Motorista

Variável 3 - Tipos de Construções: Verbal

Variável 4 - Classificação das Construções: Transitiva

Variável 5 - Papéis Temáticos: Agente/Causa

Variável 6 - Funções Sintáticas: Sujeito

Variável 7 - Categorias do Jornal: Ilustrada

O principal aspecto a ser destacado acerca da sentença contida em (15) é o fato de o coronavírus ser metaforizado como um Indivíduo com o qual teremos que conviver, ou seja, dá a entender que o coronavírus passará a compor e a fazer parte das doenças já conhecidas e com as quais “mantemos contato” durante anos (como a gripe). No caso de (16), por sua vez, destaca-se a característica do coronavírus ser um aliado político de Bolsonaro, ou seja, atribui-lhe a característica humana de capacidade de fazer alianças, inclusive na esfera política. Por fim, a sentença (17) é um exemplo de como o coronavírus também é metaforizado como um Condutor/Motorista que, metaforicamente, “atropela” (destrói, acaba com) o ano no qual os artistas indígenas teriam mais espaço nos museus.

Outra questão importante de ser mencionada é que a Variável 7 – Categorias do Jornal apresenta uma tendência à especificação, uma vez que no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020 diferentes categorias do periódico veicularam notícias relacionadas ao coronavírus (Colunistas corresponde a 20% dos dados, mas as categorias Mercado e Mundo, por exemplo, correspondem a 17% e Equilíbrio e Saúde a 15%), o que não se verifica nos anos seguintes: no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021, a categoria Equilíbrio e Saúde corresponde a 43% dos dados, seguida por Colunistas (19%) e no ano de 2022, Equilíbrio e Saúde corresponde a 31% seguida de Colunistas (26%). Em outras palavras, no início da pandemia, parece haver um interesse geral do periódico em veicular textos de diferentes gêneros em diferentes categorias. No ano de 2021, isso é bastante reduzido, o que acaba por dar à categoria Equilíbrio e Saúde um maior destaque, assim como em 2022. Talvez isso possa ser explicado pelas campanhas de vacinação que ganham destaque em 2021 e pelo grande número de estudos científicos que foram sendo publicados sobre a doença, os quais são veiculados nesta categoria. Da mesma

forma, como os outros campos da vida parecem “voltar à normalidade”, outros temas voltam a ser do interesse do jornal e do público em geral, especialmente a corrida eleitoral de 2022.

Quando estudamos as variáveis de maneira relacional, percebemos de maneira ainda mais clara como os padrões do *frame* de guerra operam, pois, por exemplo, com Causador de uma Guerra temos 28,51% dos dados com o Tipo de Construção Nominal em 2020; 33,33% em 2021; e 21,05% em 2022. Da mesma forma, a Classificação da Construção mais recorrente com esse nível da Variável Veículos é a classificação Transitiva: 34,68% em 2020; 40,28% em 2021; e 31,58% em 2022. Quanto à determinação dos Papéis Temáticos, há uma preferência por Paciente em 2020 com 35,11%, em 2021 com 40,28% e em 2022 com 21,05%. Assim como o padrão observado nas variáveis de modo individual, a Função Sintática Complemento Nominal é a mais frequente com Causador de uma Guerra: 29,79% em 2020; 31,94% em 2021; e 21,05% em 2022. Quanto à Categoria do Jornal, Colunistas foi a mais frequente com esse veículo em 2020 (com 35,3%); em 2021, foi a categoria Equilíbrio e Saúde; e em 2022, foi Causador de uma Guerra teve foi um veículo que mais apareceu em artigos na categoria Equilíbrio e Saúde (10,53%) e na categoria Mundo (10,53%).

Segundo Charteris-Black (2021), além do famoso enquadramento bélico, as doenças como a Covid-19 tendem a ser referenciadas também a partir do enquadre de Força da Natureza, o que também observamos em nossos dados, ainda que com menor frequência e intensidade: no ano de 2020, essa categoria metafórica foi a terceira colocada (com 9% dos dados), mas nos anos seguintes ficou atrás apenas da categoria Pessoa (14% em 2021 e 16% em 2022). As sentenças contidas em (18) a (19) apresentam exemplos de nossos dados com esse enquadre metafórico.

(18) **Assolada pelo coronavírus**, a capital amazonense lida também com problemas como a violência (FSP, Cotidiano, 14/05/2020).

Variável 1 - Categorias Metafóricas: Força da Natureza

Variável 2 - Veículos: Desastre Natural

Variável 3 - Tipos de Construções: Verbal.Passiva

Variável 4 - Classificação das Construções: Passiva

Variável 5 - Papéis Temáticos: Agente/Causa

Variável 6 - Funções Sintáticas: Agente da Passiva

Variável 7 - Categorias do Jornal: Cotidiano

(19) Os americanos, Trump à frente, passaram meses insinuando que **os chineses haviam liberado o novo coronavírus**, acidentalmente ou não, de um laboratório em Wuhan (FSP, Mundo, 24/05/2020).

Variável 1 - Categorias Metafóricas: Força da Natureza

Variável 2 - Veículos: Água/Líquido/Substância

Variável 3 - Tipos de Construções: Verbal

Variável 4 - Classificação das Construções: Transitiva

Variável 5 - Papéis Temáticos: Tema

Variável 6 - Funções Sintáticas: Objeto Direto

Variável 7 - Categorias do Jornal: Mundo

No caso de (18), o coronavírus é metaforizado como um Desastre Natural (a exemplo de uma tempestade, por exemplo), o qual faz Manaus passar por uma situação muito delicada. O tipo de construção é Verbal.Passiva, sendo que o coronavírus é o Agente que causa a situação difícil. Além disso, é importante mencionar que o termo “assolada” parece carregar um apelo emocional bastante significativo, de modo a focalizar a situação desesperadora que a cidade está passando por culpa do patógeno. Há, portanto, uma atribuição de responsabilidade bastante explícita e clara. Situação diferente é a observada em (19), na qual o coronavírus é metaforizado como uma substância (a exemplo das que podem compor um laboratório) que foi liberada intencionalmente. Essa metáfora referencia a uma teoria da conspiração que circulou no imaginário de algumas pessoas, especialmente no início da pandemia, de modo a culpabilizar a China pela “criação” do vírus (Moura; Silva, 2021), (Silva, 2020).

No campo relacional, essa categoria metafórica Força da Natureza foi observada principalmente por meio do Veículo Desastre Natural em 2020 (5% dos dados da categoria Veículos), e por meio do Veículo Onda (em 2021, representa 8% dos dados e no ano de 2022, 10%). Quanto ao Tipo de Construção mais recorrente com Força da Natureza, temos o tipo Verbal nos três anos (5,5% dos dados em 2020; 9,7% em 2021; e 10,5 em 2022) e a Classificação da Construção mais recorrente foi a Transitiva também nos três períodos (3,4% dos dados em 2020; 6,9 em 2021; e 10,5 em 2022). Quanto ao Papel Temático mais frequente com Força da Natureza, temos o nível Tema nos três períodos observados (6,2% dos dados em 2020; 13,9% em 2021; e 15,8% em 2022), sendo que a Função Sintática mais repetida foi Complemento Nominal (4,7% dos dados em 2020; 9,7% dos dados em 2021; e 15,8 em 2022). Por fim, a Categoria do Jornal mais recorrente com Força da Natureza foi Mundo em 2020 e em 2021 (3,2% e 5,6%, respectivamente).

Como observamos a partir dos dados quantitativos, o veículo mais recorrente na categoria Força da Natureza foi Onda, o que pode ser atribuído especialmente aos *chunkings* como “ondas do coronavírus”, “nova onda do coronavírus”, “2ª onda do coronavírus” etc., fazendo referência ao aumento de infecções pelo patógeno. Esse tipo de metáfora também serviu como um alerta quando empregada para indicar um futuro possível, ou seja, para chamar a atenção da população de que “novas ondas” seriam possíveis se as medidas de cuidado não fossem tomadas. Além disso, esse tipo de metáfora foi bastante utilizado para fazer referência a situações de grande número de infecções vivenciadas no presente pandêmico. O papel temático Tema indica justamente a relação com esse tipo de metáfora, uma vez que diz respeito ao “elemento cuja mudança de lugar é expressa” (Perini, 2008, p. 371), assim como a onda com o movimento.

A Categoria Metafórica Outros foi assim definida por nós por indicar veículos com um alto grau de especificidade. Dessa forma, os veículos Dívida e Monstro fazem-se presentes nos dados apenas no ano de 2020, com 0,04% e 0,02% dos dados, respectivamente. Por outro lado, o veículo Causa está presente nos três períodos analisados e apresenta uma frequência relevante dentro da categoria Veículos, ou seja, no ano de 2020 corresponde a 10% dos dados (ocupando a 4º posição entre os veículos mais recorrente – atrás de Causador de uma Guerra, Inimigo/Bandido e Viajante), em 2021 possui 0,4% (o que lhe rende a 6º posição) e em 2022 tem 10% do total da categoria (dividindo a 2º posição com os veículos Onda e Indivíduo). Esse processo de metaforização do coronavírus como causa foi muito utilizada para indicar, de maneira agentiva, situações de mudança no mundo que foram atribuídas ao coronavírus. Dessa forma, o papel temático Agente/Causa foi unânime com esse veículo (10,2% dos dados em 2020; 4,2% em 2021; e 10,5% em 2022) e a função sintática mais recorrente também foi a mesma, ou seja, Sujeito (8,1% em 2020; 2,8% em 2021; e 5,3% em 2022 – dividindo a posição com a função Agente da Passiva). As metáforas contidas em (20) e (21), apresentadas a seguir, são exemplos desse tipo de metáfora:

(20) **Coronavírus faz emissoras criarem programas possíveis de gravar na quarentena** (FSP, Ilustrada, 26/05/2020).

Variável 1 - Categorias Metafóricas: Outros

Variável 2 - Veículos: Causa

Variável 3 - Tipos de Construções: Verbal

Variável 4 - Classificação das Construções: Transitiva

Variável 5 - Papéis Temáticos: Agente/Causa

Variável 6 - Funções Sintáticas: Sujeito

Variável 7 - Categorias do Jornal: Ilustrada

(21) **Coronavírus fechou quase 90% dos museus no mundo**, e 13% não devem reabrir (FSP, Ilustrada, 26/05/2020).

Variável 1 - Categorias Metafóricas: Outros

Variável 2 - Veículos: Causa

Variável 3 - Tipos de Construções: Verbal

Variável 4 - Classificação das Construções: Transitiva

Variável 5 - Papéis Temáticos: Agente/Causa

Variável 6 - Funções Sintáticas: Sujeito

Variável 7 - Categorias do Jornal: Ilustrada

Diferente do que ocorre com as metáforas de guerra, nas quais o coronavírus é quase sempre um Complemento Nominal e Paciente (ainda que já tenhamos refletido sobre como esse Paciente não é prototípico mas sim cheio de carga agentiva), no caso dessas metáforas causais o coronavírus é preferencialmente o Agente em construções verbais cujos verbos (como fazer e fechar) são prototipicamente utilizados em construções transitivas. Dessa forma, atribui-se ao coronavírus uma enorme gama de atividades que não foram de fato realizadas por ele, mas que no campo metafórico e no espaço da causalidade, podem perfeitamente serem entendidas assim.

Por fim, a Categoria Metafórica Objeto é também mais restrita e possui apenas dois veículos, Meio de Transporte/Carro e Objeto, sendo que esses veículos aparecem apenas no ano de 2020 (2% dos dados da categoria Veículos para Objeto e 0,06% para Meio de Transporte/Carro). As sentenças contidas em (22) e (23) são exemplos dessas metáforas:

(22) A intenção é disponibilizar uma outra ferramenta de exame para identificar **portadores do novo coronavírus** em locais onde o acesso ao método convencional é dificultado (FSP, Equilíbrio e Saúde, 29/05/2020).

Variável 1 - Categorias Metafóricas: Objeto

Variável 2 - Veículos: Objeto

Variável 3 - Tipos de Construções: Nominal

Variável 4 - Classificação das Construções: Estativa

Variável 5 - Papéis Temáticos: Tema

Variável 6 - Funções Sintáticas: Complemento Nominal

Variável 7 - Categorias do Jornal: Equilíbrio e Saúde

(23) **Em desaceleração, coronavírus mata mais de 5.000 na capital paulista** (FSP, Equilíbrio e Saúde, 09/06/2020).

Variável 1 - Categorias Metafóricas: Objeto

Variável 2 - Veículos: Meio de Transporte/Carro

Variável 3 - Tipos de Construções: Verbal

Variável 4 - Classificação das Construções: Transitiva

Variável 5 - Papéis Temáticos: Agente/Causa

Variável 6 - Funções Sintáticas: Sujeito

Variável 7 - Categorias do Jornal: Equilíbrio e Saúde

Em (22) o coronavírus é metaforizado como um objeto portátil, a exemplo de um documento pessoal, que pode ser levado a diferentes lugares por estar contido, ou melhor, por estar “dentro” do seu hospedeiro. Há aqui um caso claro da metáfora conceptual do contêiner, segundo a qual o corpo humano é compreendido com um contêiner – O CORPO HUMANO É UM CONTÊINER. Da mesma forma, o coronavírus não é um objeto, não possui características de objeto, mas como fica “dentro do contêiner”, acaba por ser compreendido nesses termos. Esse tipo de metáfora é bastante utilizado para referência de doenças, especificamente casos de deficiência. Contudo, como muitos movimentos anticapacitistas alertam, não se trata de uma metáfora tão adequada, pois no caso das deficiências, uma pessoa não “deixa de portar” essa condição que lhe é inerente. Como consequência, o termo “pessoa com deficiência” é o mais indicado.

No caso de (23), por outro lado, o coronavírus é metaforizado de maneira mais específica: não se trata de um objeto qualquer que pode ser carregado dentro de outro, como o caso de (22), mas sim de um objeto utilizado como meio de transporte, um carro, o que indica movimento. Dessa forma, a expressão “em desaceleração” indica que o coronavírus está diminuindo de velocidade, ou seja, que os casos de infecção pelo patógeno estão diminuindo, ainda que siga causando muitas mortes em São Paulo.

O veículo Objeto, por sua característica mais geral quando comparado a Meio de Transporte/Carro, acaba por ser mais frequente. O tipo de construção que mais ocorre com esse veículo é o tipo Nominal (com 1,1% das ocorrências), a classificação mais repetida é a Estativa (1,1%) e o Papel Temático mais recorrente é o de Tema (1,5%). Além disso, a função sintática mais recorrente é a de Complemento Nominal (o que representa 1,3% dos dados) e as categorias

do jornal em que mais ocorrem esse tipo de veículo são Mundo e Colunistas, ambas com 0,64% dos dados. Assim como ocorre com as metáforas da guerra, há aqui também a ocorrência de um *chunking*, portador do coronavírus, o que explica a alta frequência do coronavírus ocupando a função sintática de Complemento Nominal.

5.4 FECHANDO O CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentamos ao leitor os dados obtidos através da construção do *corpus* Metáforas do Coronavírus na Mídia, bem como as análises quantitativas (realizadas por meio dos softwares AntConc e RStudio) e qualitativas (com base na aproximação teórica entre os estudos sobre Metáforas e Construções). Como foi possível observar, há um padrão saliente no processo de metaforização do coronavírus, especialmente relacionado ao emprego de metáforas que personificam o coronavírus como um inimigo de guerra (as metáforas do coronavírus como Causador de uma Guerra) e como um ser maligno e ardiloso (coronavírus como Inimigo/Bandido). Ademais, há uma preferência pelas construções Transitivas, especialmente porque esse tipo de construção evidencia a relação de forças entre as entidades, ou seja, entre o coronavírus e a sociedade. Além da forma prototípica dessas construções, por meio da presença de verbos transitivos, foi possível observar que há casos em que os deverbais oriundos desses verbos funcionam como eixo ao redor do qual a transitividade é apresentada.

Outro aspecto abordado diz respeito à atribuição de papéis temáticos, a qual, no caso do processo de metaforização do coronavírus no MCM também segue um padrão: há uma preferência considerável pelo papel Paciente, especialmente porque verbos como “combater” e “enfrentar”, e seus respectivos deverbais, exigem a atribuição clara de responsabilidade dentro do enquadre enunciativo (MOURA, 2023). Contudo, como discutimos neste trabalho, nas metáforas do coronavírus esse papel temático não é o Paciente prototípico, pois é preciso considerar as relações entre as dinâmicas de forças entre o Agonista (sociedade) e o Antagonista (o coronavírus). Ainda sobre essa questão, a alta frequência do coronavírus ocupando a função sintática de Complemento Nominal é justificada pela alta frequência da construção Nominal Transitiva, na qual o coronavírus apresenta-se como um complemento do verbal.

Por fim, foi possível observar uma especificação nas Categorias do Jornal: no ano de 2020, as metáforas do coronavírus se fizeram mais presentes na categoria Colunistas, ao passo que nos períodos seguintes, 2021 e 2022, foram mais frequentes na categoria Equilíbrio e Saúde. A tese que defendemos foi a de que isso se deve à própria experiência da sociedade com a nova doença: quando o coronavírus surgiu, a ameaça representada pelo vírus parecia mais

abrangente, envolvendo diferentes setores da sociedade; contudo, conforme o desenvolvimento de insumos científicos (especialmente relacionadas à vacinação), o mundo parece ter voltado a se concentrar em outras questões, de modo que o assunto monotemático do coronavírus passou a ser mais repetido na categoria do jornal dedicada de fato a assuntos de saúde.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como destacamos neste trabalho, o processo de metaforização do novo coronavírus verificado no MCM nos ajuda a compreender as relações de experiência e de conceptualização do patógeno a partir de padrões já visualizados em outras doenças endêmicas, especialmente relacionadas ao campo bélico. Além disso, esses padrões parecem refletir aspectos contextuais e sociais da sociedade brasileira durante o período analisado.

As discussões apresentadas no segundo capítulo desta tese evidenciam que durante a pandemia de Covid-19 no Brasil não houve um gerenciamento eficaz da crise, especialmente porque o então presidente da República não ofereceu aos cidadãos políticas públicas de segurança sanitária. Exemplos desse descuido foram discutidos ainda neste capítulo, como o negacionismo em relação à doença, o inventivo à utilização de remédios sem eficácia comprovada, o inventivo à imunidade de rebanho e o distanciamento social vertical etc. Tal cenário nos ajuda a compreender como as metáforas surgem, uma vez que esse é um fenômeno linguístico, cognitivo, social e cultural.

Além disso, nossos dados demonstram que houve uma diminuição considerável no número de artigos e também nas menções diretas ao novo coronavírus conforme o passar do tempo. Tal situação parece refletir também aspectos sociais e contextuais, uma vez que a emergência pandêmica retratada no periódico durante o período de 10 de maio a 10 de junho de 2020 sofre alterações e mudanças conforme as descobertas científicas avançam. O medo pelo desconhecido começa a dar lugar às discussões sobre vacinação e imunização (especialmente em 2021) e no ano de 2022 parece que dá lugar a outros temas. Não podemos esquecer que no ano de 2022 tivemos as eleições presidenciais.

Ademais, acreditamos que nossos objetivos traçados ainda no início deste caminho foram alcançados e as hipóteses elencadas parecem terem sido confirmadas, ou seja, a principal categoria metafórica utilizada para se referir ao coronavírus no *corpus* MCM é a categoria Pessoa e a construção mais utilizada nas metáforas sobre o coronavírus é a Transitiva. Além disso, a construção deste trabalho revelou certos padrões de metaforização do coronavírus no *corpus* MCM: (i) há uma preferência pela personificação do vírus a partir da categoria Pessoa por meio do veículo Causador de uma Guerra; (ii) o tipo de construção mais recorrente é a Nominal com a classificação Transitiva, uma vez que há a presença de muitos *chunkings* como “combate ao coronavírus” e “enfrentamento ao coronavírus”; (iii) o papel temático mais recorrente é Paciente, o que pode ser justificado também pelo tipo de construção mais repetido, na qual o coronavírus é entendido como o ser a ser combatido e/ou enfrentado – contudo, como

mencionamos anteriormente, é preciso reconhecer nessa relação a Dinâmica de Forças envolvida (Talmy, 1988), uma vez que o coronavírus é compreendido como Antagonista e a sociedade como o Agonista, revelando que o papel temático Paciente atribuído ao coronavírus não é o que conhecemos de maneira prototípica; (iv) a função sintática mais recorrente é a de Complemento Nominal, consequência da presença massiva dos *chunkings* já mencionados; (v) a categoria do jornal que mais veiculou metáforas sobre o coronavírus em nosso *corpus* foi a categoria Equilíbrio em Saúde, a qual ocupa a primeira posição da Variável 7 no ano de 2021 e de 2022.

Além disso, quando observamos individualmente as variáveis, percebemos que a que menos apresenta relevância significativa (com base no Teste Qui-Quadrado de Aderência e no Teste Exato de Fisher) é a Variável 7, Categorias do Jornal, o que pode ser um indício de como as metáforas estiveram mais “espalhadas” nas categorias do periódico, especialmente durante o primeiro período analisado, uma vez que nos anos seguintes, 2021 e 2022, parece ocorrer uma especificação temática em direção à categoria Equilíbrio e Saúde.

Conforme discutido por outros pesquisadores (Semino, 2020), (Craig, 2020), (Musolff, 2022), (Moura, 2023), a metaforização do coronavírus durante a pandemia de Covid-19 evoca padrões amplamente conhecidos na referenciação de doenças (especialmente endêmicas): há um imaginário bélico constante, no qual o coronavírus é metaforizado como um Causador de uma Guerra que deve ser combatido e enfrentado de modo coletivo. Por outro lado, há a presença da metaforização por meio da categoria Força da Natureza, mas que em nossos dados não teve grande representatividade, uma vez que no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020, ocupa a 3º posição entre as Categorias Metafóricas com 43 das 470 ocorrências (9% do total), e nos períodos seguintes, 10 de maio a 10 de junho de 2021 e 10 de maio a 10 de junho de 2022, ocupou a segunda posição (10/72 ocorrências com 14% e 3/19 ocorrências com 16%, respectivamente). Além disso, nossos dados revelaram um padrão bastante interessante na metaforização do coronavírus no *corpus* MCM: há metáforas que colocam o coronavírus como um Inimigo/Bandido, assim como discutido por Moura (2023). Essas metáforas, segundo Moura (2023, p. 185), “também são identitárias: elas pressupõem uma comunidade imaginária atacada pelo vírus bandido”.

Quando estudamos as sete variáveis de maneira comparativa, percebemos que as relações entre elas são bastante claras, pois por meio dos testes estatísticos empregados, verificamos que quando tomamos a Variável 2 – Veículos como variável dependente, percebemos que nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020 e 10 de maio a 10 de junho de 2021, todos os cruzamentos (Veículos/Tipos de Construções, Veículos/Papéis Temáticos,

Veículos/Funções Sintáticas e Veículos/Categorias do Jornal) são significativos (considerando o mínimo de $\chi^2 > 0,05$ no Teste Qui-Quadrado de Independência e $p < 0,05$ no Teste Exato de Fisher). Por outro lado, no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022, apenas o cruzamento Veículos/Papéis Temáticos é significativo.

Por outro lado, quando tomamos a Variável 3 – Tipos de Construções como variável dependente, verificamos que no primeiro período analisado todos os cruzamentos realizados são significativos nos dois testes (Tipos de Construções/Classificação das Construções, Tipos de Construções/Papéis Temáticos, Tipos de Construções/Funções Sintáticas, Tipos de Construções/Categorias do Jornal e Tipos de Construções/Categorias Metafóricas). Contudo, quando tomamos como base o segundo período, o cruzamento Tipos de Construções/Categorias do Jornal não é significativo no Teste Qui-Quadrado de Independência mas é significativo no Teste Exato de Fisher, e todos os outros cruzamentos são significativos nos dois testes. Por fim, no terceiro período analisado, há três cruzamentos significativos com o teste qui-quadrado (Tipos de Construções/Classificação das Construções, Tipos de Construções/Funções Sintáticas e Tipos de Construções/Categorias Metafóricas) e dois cruzamentos não significativos (Tipos de Construções/Papéis Temáticos e Tipos de Construções/Categorias do Jornal). No teste de Fisher, a situação é a seguinte: Tipos de Construções/Categorias do Jornal e Tipos de Construções/Categorias Metafóricas não são significativos, enquanto os outros cruzamentos são.

A Variável 4 – Classificação das Construções também é tomada como variável dependente e, neste caso, o cruzamento Classificação das Construções/Funções Sintáticas é significativo nos três períodos da análise no teste qui-quadrado e apenas nos dois primeiros períodos no teste de Fisher; os cruzamentos Classificação das Construções/Papéis Temáticos e Classificação das Construções/Categorias Metafóricas são significativos nos dois primeiros períodos analisados mas não no último em ambos os testes; e, por fim, o cruzamento Classificação das Construções/Categorias do Jornal não é significativo em nenhum período analisado em nenhum dos testes realizados.

Quando a Variável 5 – Papéis Temáticos é tomada como variável dependente, há um cruzamento significativo nos três períodos analisados – Papéis Temáticos/Categorias Metafóricas – e dois cruzamentos significativos nos dois primeiros períodos analisados – Papéis Temáticos/Funções Sintáticas e Papéis Temáticos/Categorias do Jornal, sendo que esses resultados são iguais nos dois testes aplicados. A Variável 6 – Funções Sintáticas também é tomada como variável dependente e, neste caso, o cruzamento Funções Sintáticas/Categorias Metafóricas é significativo nos dois primeiros períodos de análise e nos dois testes enquanto o

cruzamento Funções Sintáticas/Categorias do Jornal é significativo apenas no primeiro período em ambos os testes. Por fim, quando a Variável 7 – Categorias do Jornal é tomada como variável dependente, apenas um cruzamento pode ser realizado, ou seja, Categorias do Jornal/Categorias Metafóricas, o qual é significativo nos dois primeiros períodos no teste qui-quadrado e apenas no primeiro período no teste de Fisher.

De maneira geral, conforme é possível observar pelos resultados de significância dos testes, há uma relação de dependência em quase todas os cruzamentos, com destaque especial para aquelas que são minimamente significativas em todos os períodos analisados em pelo menos um dos testes aplicados, ou seja: (i) no Teste Qui-Quadrado de Independência temos os cruzamentos Veículos/Papéis Temáticos, Tipos de Construções/Classificação das Construções, Tipos de Construções/Funções Sintáticas, Tipos de Construções/Categorias Metafóricas, Classificação das Construções/Funções Sintáticas e Papéis Temáticos/Categorias Metafóricas; (ii) no Teste Exato de Fisher há os cruzamentos Veículos/Papéis Temáticos, Tipos de Construção/Classificação das Construções, Tipos de Construção/Papéis Temáticos, Tipos de Construção/Funções Sintáticas e Papéis Temáticos/Categorias Metafóricas. Em outras palavras, há quase uma equivalência entre os cruzamentos significativos nos dois testes quando consideramos como requisito os três anos analisados, a exceção recai no cruzamento Tipos de Construções/Papéis Temáticos que é significativo no Teste Exato de Fisher e não no Teste Qui-Quadrado de Independência.

Acreditamos que outros trabalhos possam ser desenvolvidos por meio do *corpus* MCM, por isso deixaremos o link de acesso a esses dados disponível. Esses futuros trabalhos a serem desenvolvidos podem focalizar outras metáforas que compõem o *corpus* e que não foram incluídas nesta investigação, especialmente metáforas cujo termo <coronavírus> não está explícito e metáforas com os termos “doença”, “vírus” e “covid”.

REFERÊNCIAS

ALBERT, B.. **O ouro canibal e a queda do céu: uma crítica xamânica da economia política da natureza**. Brasília: UnB, 1995.

ALONSO, B. G.; RAMOS, R. de O. A marca do cognitivo e cognição 4E. **Princípios**, Natal, v. 29, n. 58, p. 24-48, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/26562>. Acesso em: 10 mar. 2021.

ARAÚJO, C. A. A. A pós-verdade como desafio central para a ciência da informação contemporânea. **Em Questão**, v. 27, n.1, p. 13-21, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=465666113002>. Acesso em: 29 maio 2023.

ARISTÓTELES. **Poética**. Porto Alegre: Editora Globo, 1996.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BARRETO, I. C. de H. C *et al.* Colapso na saúde em Manaus: o fardo de não aderir às medidas não farmacológicas de redução da transmissão da Covid-19. **Saúde Debate**, v. 45, n. 131, p. 1.1126-1.139, out./dez., 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/ktbLC8Qcncmt4nKgKgJr6TS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 8 maio 2023.

BERTOLINI, J. O conceito de biopoder em Foucault: apontamentos bibliográficos. **Saberes**, Natal, v. 18, n. 3, p. 86-100, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/15937>. Acesso em: 8 maio 2023.

BLOOMFIELD, L. **Language**. Chicago: The University of Chicago Press, 1984.

BRUNETTE, J. L. *et al.* Well-being in the time of Covid-19: do metaphors and mindsets matter? **International Journal of Psychology**, v. 57, n. 1, p. 87-95, 2022. Disponível em: <https://scholarship.richmond.edu/psychology-faculty-publications/77/>. Acesso em: 31 mar. 2022.

BRUGMAN, B. C. *et al.* Audience Perceptions of COVID-19 Metaphors: the role of source domain and country context. **Metaphor And Symbol**, v. 37, n. 2, p. 101-113, 31 mar. 2022. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/10926488.2021.1948332>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10926488.2021.1948332>. Acesso em: 14 ago. 2022.

BUSSAB, W.; MORETTIN, P. A. **Estatística Básica**. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. São Paulo: Cortez, 2016.

CAPONI, S. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal, **Estudos Avançados**, v. 34, n. 99, 2020, p. 209-223. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/tz4b6kWP4sHZD7ynw9LdYYJ/>. Acesso em: 29 maio 2023.

CASSIANI, S.; SELLES, S. L. E.; OSTERMANN, F. Negacionismo científico e crítica à Ciência: interrogações decoloniais. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 28, p. 1-12, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1516-731320220000>

CHARTERIS-BLACK, J. **Metaphors of Coronavirus: invisible enemy or zombie apocalypse?** Bristol: Palgrave Macmillan, 2021.

CLARK, A.; CHALMERS, D. The extended mind. **Analysis**, v. 58, n. 1, p. 7-19, jan. 1998.

CRAIG, D. Pandemic and its metaphors: sontag revisited in the covid-19 era. **European Journal Of Cultural Studies**, v. 23, n. 6, p. 1025-1032, 2020. SAGE Publications.
<http://dx.doi.org/10.1177/1367549420938403>.

CRUZ, A. A queda da imunização no Brasil. **Consensus**, p. 20-29, 2017. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/revistaconsensus_25_a_queda_da_imunizacao.pdf. Acesso em: 28 maio 2023.

CULLICOVER, P.; JACKENDOFF, R. **Simpler Syntax**. Oxford University Press, 2005.

DOMNGUES, C. M. A. S *et al.* 46 anos do Programa Nacional de Imunizações: uma história repleta de conquistas e desafios a serem superados. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 2, p. 1-17, 2020. DOI: 10.1590/0102-311X00222919. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/XxZCT7tKQjP3V6pCyywtXMx/>. Acesso em: 5 maio 2023.

DUQUE, P. H. A emergência do comportamento linguístico. **ReVEL**, v. 14, n. 27, p. 151-172, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/334643894_A_EMERGENCIA_DO_COMPORTEAMENTO_LINGUISTICO. Acesso em: 10 abr. 2022.

ELLIS, N. C.; FERREIRA-JUNIOR, F. Constructions and their acquisition: Islands and distinctiveness of their occupancy. **Annual Review of Cognitive Linguistics**, v. 7, n. 1, p. 188-221, 2009. Disponível em: https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=I2JX738AAAAJ&citation_for_view=I2JX738AAAAJ:u-x6o8ySG0sC. Acesso em: 22 set. 2023.

FILLMORE, C. J. Inversion and constructional and grammatical form in English conditionals sentences. In: WEBELHUTH, G.; KOENG, J. P.; KATHOL, A. (Ed.) **Lexical and constructional aspects of linguistic explanation**. Stanford: CLSI, 1999.

FILLMORE, C. J. Frame and semantics of understanding. **Quaderni di Semantica**, v. 6, n. 2, p. 222-253, 1985.

FILLMORE, C. J. Frame Semantics. In: LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (Ed.). **Linguistics in the Morning Calm: Selected Papers from SICOL-1981**. Seoul: Hanshin, 1982. p. 111-137.

FILLMORE, C. J. The Case for Case. In: BACH, E; T, Harms R (org.). **Universals in Linguistic Theory**. New York: Holt, Rinehart, And Winston, 1968. p. 1-88.

GIBBS, R. W. Metaphoric cognition as social activity: Dissolving the divide between metaphor in thought and communication. **Metaphor and the Social World**, v. 3, n.1, p. 54-76, 2013.

GIBBS, R. W. Metaphors, snowflakes, and termite nests: How nature creates such beautiful things. In: ARTGHUR *et al.* (Eds.). **Metaphor in use: context, culture, and communication**. Amsterdam/Filadelfia: John Benjamins Publishing Company, 2012, p. 347-371.

GIBBS, R. W.; MACEDO, A. C. P. da S. Metaphor and embodied cognition. **D.E.L.T.A.**, v. 26, p. 679-700, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/PR45LXfRcZWjsXBtsW45jrB/abstract/?lang=en>. Acesso em: 21 mar. 2021.

GOLDBERG, A. **Explain me this: Creativity, Competition, and the Partial Productivity of Constructions**. Princeton: Princeton University Press, 2019.

GOLDBERG, A. **Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: University Press, 1995.

GRIES, S. T. **Estatística com o R para a Linguística**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2019. Tradução de Heliana Mello e colaboradores.

GURNHAM, D. “Our country is a freedom-loving country”: the spreading virus as metaphor for “people on the move”. **Metaphor and Symbol**, v. 37, n. 2, p. 140-151, 2022. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10926488.2021.1954858>. Acesso em: 31 mar. 2022.

JENSEN, T. W.; GREVE, L. Ecological Cognition and Metaphor. **Metaphor and Symbol**, v. 34, n. 1, p. 1-16, 2019. DOI: 10.1080/10926488.2019.1591720. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333719168_Ecological_Cognition_and_Metaphor. Acesso em: 21 mar. 2021.

KITTAY, E. F. **Metaphor: its cognitive force and linguistic structure**. Oxford: Oxford University Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago/London: Chicago University Press, 2003.

LAKOFF, G.. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: The University Of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

MARQUES, R.; RAIMUNDO, J. A. O negacionismo científico refletido na pandemia de Covid-19. **Boletim de Conjuntura**, Boa Vista, v. 7, n. 20, p. 67-78, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.5148526>.

MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MELO, A. O. S.; RODRIGUES, M. N. Pandemia e Estado Necropolítico: um ensaio sobre as Políticas Públicas e o agravamento das vulnerabilidades da população negra frente ao COVID-19. **Revista Fim do Mundo**, v. 4, p. 133-154, jan./abr. 2021.

MORATO, E. M.; BENTES, A. C. “O mundo tá chato”: algumas notas sobre a dimensão sociocognitiva do politicamente correto na linguagem. **Revista USP**, São Paulo, n. 115, p. 11-28, out./dez., 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/144198>. Acesso em: 15 out. 2023.

MORATO, E. M. *et al.* Das relações entre linguagem, cognição e interação: algumas implicações para o campo da saúde. **Linguagem em (Dis)curso: LemD**, Tubarão, v. 16, n. 3, p. 575-590, set./dez., 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/YN5P3QfWR49NKZg4PqcJChB/?lang=pt>. Acesso em: 14 out. 2023.

MOREL, A. P. M. Negacionismo da Covid-19 e educação popular em saúde: para além da necropolítica. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, p. 1-14, 2021. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00315.

MOURA, H. M. M. **O vírus bandido: linguagem e política na pandemia**, São Paulo: Editora Unicamp, 2023.

MOURA, H. Onde está o vírus? Manipulação política da linguagem sobre o coronavírus. **Caleidoscópio**, v.19, p. 120-130, 2021. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/21857>. Acesso em: 25 maio 2021.

MOURA, H. M. M; SILVA; F. L. O vírus nos ronda. **Revista Porto das Letras**, v. 7, n. 2, p. 64-82, 2021. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/11061/18564>. Acesso em: 20 mar. 2022.

MOURA, H. **A linguagem não é transparente: um estudo sobre a relação entre forma e sentido**. Florianópolis: Editora UFSC, 2018.

MOURA, H. **Vamos pensar em metáforas?** São Leopoldo: Editora Unissinos, 2012.

MOURA, H. Desfazendo dicotomias em torno da metáfora. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 16, n. 1, p. 179-200, 2008. Disponível em: https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=TV1oZbEAAAAJ&citation_for_view=TV1oZbEAAAAJ:4DMP91E08xMC. Acesso em: 15 mar. 2021.

MUSOLFF, A. “World-beating” Pandemic Responses: ironical, sarcastic, and satirical use of war and competition metaphors in the context of covid-19 pandemic. **Metaphor And Symbol**, v. 37, n. 2, p. 76-87, 31 mar. 2022. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/10926488.2021.1932505>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10926488.2021.1932505>. Acesso em: 20 ago. 2022.

NERLICH, B. KOTEYKO, N. Crying wolf? Biosecurity and metacommunication in the context of the 2009 swine flu pandemic. **Health & Place**, n. 18, p. 710-717, 2012. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21470893/>. Acesso em: 20 jun. 2020.

NERLICH, B.; HALLIDAY, C. Avian flu: the creation of expectations in the interplay between science and the media. **Sociology Of Health & Illness**, v. 29, n. 1, p. 46-65, 2007. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-9566.2007.00517>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17286705/>. Acesso em: 20 jun. 2020.

NERLICH, B.; HAMILTON, C. A.; ROWE, V. Conceptualising Foot and Mouth Disease: The Socio-Cultural Role of Metaphors, Frames and Narratives. **Metaphorik.de**, v. 2, 2002. p.90-108. Disponível em: https://www.metaphorik.de/sites/www.metaphorik.de/files/journal-pdf/02_2002_nerlich.pdf. Acesso em: 20 jun. 2020.

OLZA, I. *et al.* The #ReframeCovid initiative: From Twitter to society via metaphor. **Metaphor and the Social World**, v. 11, n. 1, p. 98-120, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1075/msw.00013.olz>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/msw.00013.olz>. Acesso em: 20 maio 2023.

PAULA, L. de; SIANI, A. C. Uma análise bakhtiniana da necropolítica brasileira em tempos de pandemia. **Revista da ABRALIN**, p. 475-503, 17 dez. 2020. Associação Brasileira de Linguística. <http://dx.doi.org/10.25189/rabralin.v19i3.1595>. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1595>. Acesso em: 12 jan. 2023.

PERINI, M. A. **Estudos da gramática descritiva**: as valências verbais. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

POLL, T. V. H.; MOURA, H. M. M. A expansão da construção causativa no Português Brasileiro. **Signótica**, v. 35, 2023. DOI: 10.5216/sig.v35.75542. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/75542>. Acesso em: 5 dez. 2023.

RIBEIRO *et al.* Media coverage of the Zika crisis in Brazil: The construction of a 'war' frame that masked social and gender inequalities, **Social Science & Medicine**, v. 200, p. 137-144, 2018. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4280021/mod_resource/content/1/Ribeiro_zika%20media%20coverage.pdf. Acesso em: 30 maio de 2020.

ROLLA, G. **A mente enativa**. Porto Alegre: Editora Fi, 2021. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/184v_nCByc0uLv-aR149x6DruhH0FktGW/view. Acesso em: 20 out. 2023.

RODRIGUES, M. V. P.; MEDEIROS, I. S. de; DUQUE, P. H. Esquematicidade e emulação: refinando os conceitos de esquema de imagem e de metáfora primária a partir da abordagem ecológica de cognição e linguagem, **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 29, p. 188-207, 2020.

ROSCH, E. Human categorization. *In*: WARREN, N. (Ed.) **Studies in cross-cultural psychology**. London: Academic Press, 1977.

SALOMÃO, M. M. Tudo certo como dois e dois são cinco: todas as construções de uma língua. *In*: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M.M. (Org.) **Construções do Português do Brasil**: da gramática ao discurso. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 33-74.

SALOMÃO, M. M. Lanterna na proa: sobre a tradição recente nos estudos da linguística. **Gragoatá**, Niterói, n. 23, p. 27-52, 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33176>. Acesso em: 15 out. 2023.

SALOMÃO, M. M. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 44, p. 71-84, jan./jun., 2003. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637065>. Acesso em: 15 out. 2023.

SALOMÃO, M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 61-79, jan./dez., 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25354>. Acesso em: 15 out. 2023.

SANTOS, N. M. da S. **O governo Bolsonaro e a necropolítica voltada aos povos indígenas**: o caso Yanomami. 2021. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciência Política) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/31105>. Acesso em: 10 maio 2023.

SCHRÖDER, U. A. Trinta anos da Teoria Conceptual da Metáfora: uma retrospectiva crítica. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 53, n. 1, p. 59-72, 21 jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636544>. Acesso em: 20 mar. 2021.

SEMINO, E. “Not Soldiers but Fire-fighters”: Metaphors and Covid-19, **Health Communication**, v. 36, n. 1, p. 50-58, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10410236.2020.1844989>. Acesso em: 18 mar. 2022.

SIEBERT, S.; PEREIRA, I. V. A pós-verdade como acontecimento discursivo. **Linguagem em Discurso** – LemD, Tubarão, v. 20, n. 2, p. 239-249, maio/ago. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017/200201-00-00>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/vykt83t8h8874gJT7ys46sy>. Acesso em: 10 maio 2023.

SILVA, A. R. de C. Racismo e emergência de novos patógenos: o caso da pandemia de Covid-19. In: ZUBEN, C. von. *et al* (org.). **Migrações internacionais e a Pandemia de Covid-19**. São Paulo: Unicamp, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343346118_Racismo_e_a_emergencia_de_novos_p_atogenos_o_caso_da_pandemia_de_COVID-19. Acesso em: 15 out. 2022.

SILVA, A. S. da; LEITE, E. R. 35 anos de Teoria da Metáfora Conceptual: fundamentos, problemas e novos rumos. **Revista Investigações**, v. 18, n. 2, p. 1-23, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/291688443_35_anos_de_Teoria_da_Metaphora_Conceptual_Fundamentos_problemas_e_novos_rumos. Acesso em: 21 mar. 2023.

SONTAG, S. **Doença como metáfora e Aids e suas metáforas**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

TALMY, L. Force Dynamics in Language and Cognition. In: TALMY, L. **Towards a Cognitive Semantics**: concept structuring systems. Cambridge: The Mit Press, 2000. p. 409-470.

TEIXEIRA, L. B.; SILVA, J. C. G. da; **Bolsonarismo e necropolítica**: administração da morte e gerenciamento da pandemia de Covid-19 no Brasil, Curitiba: Kotter Editorial, 2022.

TOBIAS, M. S.; CORRÊA, E. C. O paradigma social da ciência da informação: o fenômeno da pós-verdade e as fake news nas mídias sociais. **Revista ABC: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 560-579, jul./out., 2019. Disponível em: <https://revista.acbcs.org.br/racb/article/view/1529>. Acesso em: 20 maio 2023.

TOMASELLO, M.M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

TOMASELLO, M. **Why we cooperate**: based on the 2008 Tanner lectures on human values at Stanford University. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 2009.

QUINN, N.; HOLLAND, D. Culture and cognition. In: HOLLAND, D; QUINN, N. (org.). **Cultural models in language and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987, p. 3-40.

QUINN, N. The cultural basis of metaphor. In: FERNANDEZ, J. W. (org.). **Beyond Metaphor: The Theory of Tropes in Anthropology**. Stanford: Stanford University Press, 1991, p. 56–93.

QUINN, N. Research on shared task solutions. In: STRAUSS, C; QUINN, N. (org.). **A cognitive theory of cultural meaning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

WALLIS, P.; NERLICH, B. Disease metaphors in new epidemics: the UK media framing of the 2003 SARS epidemic, **Social Science & Medicine**, n. 60, p. 2629-2639, 2005. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7117051/>. Acesso em: 20 jun. 2020.

WICKE, P.; BOLOGNESI, M. M. Framing Covid-19: How we conceptualize and discuss the pandemic on Twitter. **Plos One**, v. 15, n. 9, p. 1-24, set. 2020. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0240010>. Acesso em: 31 mar. 2022.

WILSON, R. N. Framing in times of crisis: responses to Covid-19 amongst Far Right movements and organizations. **ICCT Research Paper**, p. 1-33, jun. 2020. DOI: 10.19165/2020.1.04. Disponível : <https://www.icct.nl/publication/framing-times-crisis-responses-covid-19-amongst-far-right-movements-and-organisations>. Acesso em: 31 mar. 2022.

APÊNDICE A - TABELAS GERADAS PELO ANTCONC

Tabela 16 – Ferramenta Collocate no AntConc para os 100 primeiros elementos no entorno do termo <coronavírus> no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020

Collocate	Rank	Freq (Scaled)	FreqLR	FreqL	FreqR	Range	Likelihood	Effect
novo	1	20860	1338	1329	9	938	6.252.677	4.691
pandemia	2	43360	851	817	34	734	2.059.057	2.983
do	3	275730	2049	1827	222	1330	1.819.033	1.581
crise	4	15600	324	319	5	287	813.157	3.064
pelo	5	40570	482	435	47	397	753.875	2.258
combate	6	5580	197	196	1	173	686.547	3.830
casos	7	24930	254	222	32	191	335.420	2.037
causada	8	1250	72	70	2	70	318.950	4.536
contra	9	19030	212	195	17	176	309.094	2.166
durante	10	13080	175	165	10	167	306.515	2.430
mortes	11	17470	197	163	34	150	290.934	2.183
conter	12	2310	79	76	3	77	270.353	3.784
ao	13	63260	389	311	78	315	243.910	1.308
avanço	14	2140	70	68	2	69	233.664	3.720
o	15	395510	1478	932	546	909	223.573	590
infecção	16	2510	68	62	6	61	203.104	3.448
Subtítulo	17	22280	189	17	172	189	198.309	1.772
causa	18	5730	92	83	9	86	189.127	2.693
provocada	19	880	45	44	1	44	188.792	4.364
Diariamente	20	400	34	33	1	34	177.079	5.097
blogueiro	21	420	33	0	33	33	166.613	4.984
coronavírus	22	39790	6	3	3	3	152.418	-4.041
disseminação	23	1990	52	49	3	48	151.841	3.396
à	24	53170	291	233	58	269	143.153	1.140
infectados	25	2900	57	56	1	55	137.178	2.985
colunista	26	710	33	0	33	33	132.298	4.226
enfrentamento	27	1800	45	44	1	43	127.749	3.332
que	28	407030	682	262	420	546	123.894	-567
meio	29	11620	106	93	13	104	122.234	1.877
combater	30	1500	40	39	1	38	118.284	3.425
surto	31	1270	36	36	0	32	110.515	3.513

decorrência	32	960	32	31	1	31	107.929	3.747
devido	33	3660	55	53	2	53	106.853	2.597
folha	34	23250	2	0	2	2	98.222	-4.851
confirmados	35	4330	57	45	12	49	98.207	2.406
transmissão	36	3170	49	45	4	48	97.527	2.638
propagação	37	980	30	30	0	29	96.386	3.624
contágio	38	3080	46	45	1	45	88.883	2.589
registrou	39	2470	41	35	6	39	86.583	2.741
positivo	40	1780	34	27	7	33	80.096	2.943
impacto	41	3770	48	39	9	44	80.085	2.358
suspensas	42	700	23	0	23	23	76.946	3.726
Brasil	43	32980	172	53	119	143	75.523	1.071
e	44	373030	680	165	515	558	73.921	-446
culturais	45	860	24	1	23	24	72.976	3.490
efeitos	46	3320	43	38	5	39	72.935	2.383
epicentro	47	960	24	20	4	24	68.122	3.332
infectado	48	690	21	19	2	20	67.238	3.616
por	49	95620	367	256	111	302	61.119	628
causadas	50	620	19	19	0	18	61.078	3.625
chegada	51	1270	25	24	1	25	60.217	2.987
contaminação	52	1970	29	29	0	25	55.323	2.568
pacientes	53	12760	81	66	15	58	53.683	1.354
não	54	119900	182	40	142	161	52.748	-710
registra	55	1250	23	19	4	23	52.669	2.890
monstro	56	170	11	7	4	4	51.249	4.704
minimizado	57	180	11	11	0	11	50.000	4.621
novas	58	4430	41	38	3	31	48.114	1.898
testes	59	6160	49	34	15	42	46.903	1.680
teste	60	2460	29	25	4	27	44.788	2.247
pela	61	36280	160	127	33	153	44.246	829
destinados	62	700	16	14	2	13	42.808	3.202
mortos	63	4240	38	34	4	36	42.804	1.852
transmite	64	340	12	11	1	11	41.764	3.829
uma	65	105450	166	30	136	152	40.690	-657
eu	66	14030	5	1	4	5	40.347	-2.801

sobre	67	32520	144	111	33	114	40.324	835
no	68	135420	458	156	302	381	40.047	446
sintomas	69	3370	32	27	5	31	38.763	1.935
novos	70	5910	44	22	22	40	38.147	1.584
Sars	71	1390	20	5	15	18	37.386	2.535
contrair	72	330	11	9	2	10	37.095	3.747
confirmação	73	990	17	14	3	16	36.886	2.790
razão	74	1750	22	20	2	22	36.244	2.340
Covid	75	30560	30	18	12	30	36.206	-1.339
tratamento	76	5090	39	38	1	33	35.323	1.626
Com	77	10060	60	34	26	60	35.268	1.264
afetados	78	1200	18	15	3	18	34.903	2.595
últimas	79	2730	27	0	27	25	34.350	1.994
registrados	80	1380	19	5	14	19	34.126	2.471
enfrentar	81	1550	20	19	1	18	33.793	2.378
R	82	23400	20	3	17	20	33.645	-1.539
impactos	83	1000	16	13	3	14	32.774	2.688
causados	84	410	11	11	0	11	32.645	3.434
comitê	85	770	14	14	0	13	31.765	2.872
contenção	86	650	13	12	1	12	31.675	3.010
relacionadas	87	800	14	13	1	14	30.835	2.817
óbitos	88	5430	38	17	21	36	29.841	1.495
gerada	89	280	9	9	0	9	29.735	3.694
Federal	90	10460	4	0	4	4	29.037	-2.699
diagnóstico	91	1360	17	16	1	15	27.848	2.332
Devido	92	240	8	6	2	8	26.978	3.747
início	93	9020	51	28	23	50	26.842	1.187
horas	94	4680	33	1	32	32	26.237	1.506
abortar	95	60	5	2	3	3	25.837	5.069
vacina	96	2590	23	17	6	19	25.596	1.839
leves	97	1320	16	14	2	16	25.418	2.287
pós	98	1880	19	17	2	18	24.792	2.025
onda	99	1890	19	17	2	16	24.639	2.017
ano	100	16710	14	9	5	14	24.627	-1.567

Fonte: a autora (2024) com base nos dados do software AntConc.

Tabela 17 – Ferramenta Collocate no AntConc para todos os elementos no entorno do termo <coronavírus> no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021

Collocate	Rank	Freq (Scaled)	FreqL	FreqR	Range	Likelihood	Effect
novo	1	4670	180	1	146	853.727	4.751
pandemia	2	15050	163	21	168	467.472	3.086
do	3	98590	368	59	314	381.166	1.589
pelo	4	16860	125	8	109	237.151	2.454
relativos	5	440	33	0	33	198.752	5.703
coletadas	6	410	0	32	32	195.331	5.761
contra	7	14230	107	3	89	192.276	2.425
diariamente	8	500	0	32	32	182.416	5.475
combate	9	1500	36	0	32	135.821	4.060
o	10	173610	274	163	268	118.715	806
infecção	11	1280	26	3	24	106.215	3.976
disseminação	12	550	20	1	20	98.067	4.729
causada	13	170	12	1	11	78.783	5.731
infectadas	14	630	16	1	16	67.915	4.229
informações	15	3580	0	33	33	67.173	2.679
variantes	16	1520	21	1	16	62.240	3.330
à	17	19490	69	9	75	60.055	1.475
conter	18	730	16	0	15	57.576	3.929
infectados	19	930	16	1	16	55.386	3.667
morcegos	20	240	0	11	5	55.323	4.993
variante	21	2070	23	0	17	54.213	2.949
cov	22	2300	5	19	23	53.944	2.858
indiana	23	870	15	1	14	52.307	3.676
sars	24	2380	4	19	22	48.651	2.747
devido	25	1700	16	3	18	44.974	2.957
contaminação	26	610	11	1	11	40.735	3.773
enfrentamento	27	800	13	0	11	39.518	3.497
propagação	28	240	8	0	8	35.223	4.533
casos	29	8850	33	6	36	34.914	1.614
ao	30	23870	57	17	60	34.519	1.107
folha	31	16670	0	2	2	34.134	-3.585

crise	32	3060	19	2	19	32.532	2.253
origem	33	980	9	3	6	30.331	3.089
identificada	34	480	0	9	8	29.741	3.703
são	35	17120	7	49	54	29.399	1.184
biológica	36	170	0	6	1	27.085	4.616
infectado	37	420	7	1	7	26.671	3.726
evitar	38	1900	11	4	15	26.627	2.455
covid	39	25260	1	10	11	24.515	-1.725
avanço	40	1090	11	0	11	24.076	2.810
transmissão	41	1160	9	2	11	22.901	2.720
decorrência	42	390	7	0	7	22.561	3.640
saúde	43	20600	2	6	8	22.418	-1.890
combater	44	440	7	0	7	21.002	3.466
arma	45	300	0	6	1	20.550	3.797
início	46	4530	9	12	21	20.235	1.687
causa	47	1680	10	2	12	19.348	2.311
contaminados	48	200	2	3	5	19.237	4.118
infectou	49	100	4	0	4	19.038	4.797
provocadas	50	210	5	0	5	18.772	4.048
contraiu	51	110	4	0	3	18.289	4.659
que	52	144780	51	100	119	17.910	-465

Fonte: a autora (2024)) com base nos dados do software AntConc.

Tabela 18 – Ferramenta Collocate no AntConc com todos os elementos no entorno do termo <coronavírus> no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022

Collocate	Rank	Freq(Scaled)	FreqLR	FreqL	FreqR	Range	Likelihood	Effect
as	1	11650	49	6	43	47	36.956	1.454
contra	2	5050	36	34	2	30	54.490	2.215
covid	3	11950	3	1	2	3	19.939	-2.613
do	4	28830	137	122	15	115	127.519	1.630
infecção	5	1010	20	19	1	17	65.838	3.689
informações	6	1270	32	0	32	32	120.001	4.036
iniciais	7	50	4	3	1	3	24.101	5.703
novo	8	1370	54	54	0	52	249.658	4.682
o	9	50560	125	84	41	79	25.211	687

pandemia	10	4230	85	81	4	83	283.846	3.710
pelo	11	4680	71	35	36	59	199.963	3.304
recolhidas	12	320	32	0	32	32	207.833	6.025
relativos	13	340	32	32	0	32	203.813	5.938
são	14	6130	33	0	33	33	35.907	1.810
temem	15	90	4	3	1	3	19.373	4.855
variante	16	450	8	8	0	7	24.705	3.533
à	17	5640	44	41	3	44	73.027	2.345
ômicon	18	700	10	9	1	9	26.900	3.218

Fonte: a autora (2024) com base nos dados do software AntConc.

APÊNDICE B - DEMAIS TABELAS

(i) Tabelas da Análise Bivariada

Tabela 19 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Tipos de Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020

Variável 2 Veículos	Variável 3 Tipos de Construções							
	Frequências Absolutas				Porcentagens (%) ¹⁰⁹			
	Verbal. Passiva	Verbal	Nominal	Total	Verbal. Passiva	Verbal	Nominal	Total
Causador de uma guerra	0	32	134	166	0	6,80	28,51	35,31
Inimigo/Bandido	5	45	59	109	1,06	9,57	12,55	23,18
Viajante	1	37	33	71	0,21	7,87	7,02	15,1
Causa	10	38	0	48	2,13	8,08	0	10,21
Desastre Natural	10	8	5	23	2,13	1,70	1,06	4,89
Objeto	2	3	5	10	0,42	0,64	1,06	2,12
Onda	0	9	0	9	0	1,91	0	1,91
Esportista	0	5	2	7	0	1,06	0,42	1,48
Indivíduo	0	4	2	6	0	0,85	0,42	1,27
Água/Líquido/Substância	0	3	1	4	0	0,64	0,21	0,85
Explosão/Fogo	0	3	1	4	0	0,64	0,21	0,85
Meio de Transporte/ Carro	0	2	1	3	0	0,42	0,21	0,63
Montanha	0	3	0	3	0	0,64	0	0,64
Aliado Político	0	1	1	2	0	0,21	0,21	0,42
Condutor/Motorista	0	2	0	2	0	0,42	0	0,42
Dívida	0	2	0	2	0	0,42	0	0,42
Monstro	0	1	0	1	0	0,21	0	0,21
Total	28	198	244	470	5,95	42,08	51,88	99,91

Fonte: a autora (2024).

¹⁰⁹ Aqui optamos por apresentar o dado em %, ou seja, o valor da frequência relativa multiplicado por 100. No RStudio esse dado é obtido a partir da função `prop.table*100`.

Tabela 20 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Tipos de Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021

Variável 2 Veículos	Variável 3 Tipos de Construções							
	Frequências				Porcentagens			
	Verbal. Passiva	Verbal	Nominal	Total	Verbal. Passiva	Verbal	Nominal	Total
Causador de uma guerra	0	6	24	30	0	8,3	33,33	41,63
Inimigo/Bandido	0	6	7	13	0	8,33	9,72	18,05
Viajante	0	8	4	12	0	11,11	5,56	16,67
Causa	1	2	0	3	1,39	2,78	0	4,17
Onda	1	5	0	6	1,39	6,94	0	8,33
Indivíduo	0	2	0	2	0	2,78	0	2,78
Aliado Político	0	2	0	2	0	2,78	0	2,78
Água/Líquido/Substância	1	2	1	4	1,39	2,79	1,39	5,57
Total	3	33	36	72	4,17	45,81	50	99,98

Fonte: a autora (2024).

Tabela 21 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Tipos de Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022

Variável 2 Veículos	Variável 3 Tipos de Construções							
	Frequências				Porcentagens			
	Passiva	Verbal	Nominal	Total	Passiva	Verbal	Nominal	Total
Inimigo/Bandido	0	3	3	6	0	15,79	15,79	31,58
Causador de uma guerra	0	2	4	6	0	10,53	21,05	31,58
Causa	1	1	0	2	5,26	5,26	0	10,52
Indivíduo	0	1	1	2	0	5,26	5,26	10,52
Água/Líquido/ Substância	0	0	1	1	0	0	5,26	5,26

Onda	0	2	0	2	0	10,53	0	10,53
Total	1	9	9	19	5,26	47,37	47,36	99,99

Fonte: a autora (2024).

Tabela 22 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Classificação das Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020

Variável 2 Veículos	Variável 4 Classificação das Construções															
	Frequências								Porcentagens							
	Dittansit iva	De existênc ia	Passi va	Comitati va	Intransiti va	Transitiv a	Estativ a	Tota l	Ditta nsiti va	De exist ênci a	Passi va	Com itativ a	Intra nsiti va	Tran sitiv a	Estat iva	Tota l
Causador de uma guerra	0	0	0	0	0	163	3	166	0	0	0	0	0	34,68	0,64	35,32
Inimigo/ Bandido	3	0	5	0	1	87	13	109	0,64	0	1,06	0	0,21	18,51	2,76	23,18
Viajante	1	0	1	0	47	22	0	71	0,21	0	0,21	0	10	4,68	0	15,1
Causa	8	0	10	0	0	30	0	48	1,7	0	2,12	0	0	6,38	0	10,2
Desastre Natural	0	0	10	0	0	4	9	23	0	0	2,12	0	0	0,85	1,91	4,88
Objeto	1	0	2	0	0	2	5	10	0,21	0	0,42	0	0	0,42	1,12	2,17
Onda	1	1	0	0	1	4	2	9	0,21	0,21	0	0	0,21	0,85	0,42	1,9
Esportista	0	0	0	0	2	5	0	7	0	0	0	0	0,42	1,06	0	1,48
Indivíduo	0	0	0	1	0	1	4	6	0	0	0	0,21	0	0,21	0,85	1,27
Água/ Líquido/ Substância	0	0	0	0	0	3	1	4	0	0	0	0	0	0,64	0,21	0,85
Explosão/ Fogo	0	0	0	0	1	3	0	4	0	0	0	0	0,21	0,64	0	0,85
Meio de Transporte /Carro	0	0	0	0	1	2	0	3	0	0	0	0	0,21	0,42	0	0,63
Montanha	0	0	0	0	1	2	0	3	0	0	0	0	0,21	0,42	0	0,63
Aliado Político	0	0	0	0	0	1	1	2	0	0	0	0	0	0,21	0,21	0,42
Condutor/M otorista	0	0	0	0	0	1	1	2	0	0	0	0	0	0,21	0,21	0,42
Dívida	0	0	0	0	0	0	2	2	0	0	0	0	0	0,42	0,42	
Monstro	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0,21	0	0,21

Total	14	1	28	1	54	331	41	470	2,97	0,21	5,93	0,21	11,47	70,39	8,75	99,93
-------	----	---	----	---	----	-----	----	-----	------	------	------	------	-------	-------	------	-------

Fonte: a autora (2024).

Tabela 23 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Classificação das Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021

Variável 2 Veículos	Variável 4 Classificação das Construções											
	Frequências						Porcentagens					
	Dittan sitiva	Passi va	Intran sitiva	Trans itiva	Estat iva	Total	Ditta nsitiv a	Passi va	Intra nsitiv a	Tran sitiva	Estat iva	Total
Causador de uma guerra	0	0	0	29	1	30	0	0	0	40,28	1,39	41,67
Inimigo/ Bandido	1	0	1	8	3	13	1,39	0	1,39	11,11	4,17	18,06
Viajante	0	0	7	4	1	12	0	0	9,72	5,56	1,39	16,67
Causa	1	1	0	1	0	3	1,39	1,39	0	1,39	0	4,17
Onda	0	1	1	2	2	6	0	1,39	1,39	2,78	2,78	8,34
Indivíduo	0	0	0	1	1	2	0	0	0	1,39	1,39	2,78
Água/Líqu ido/ Substância	0	1	0	3	0	4	0	1,39	0	4,17	0	5,56
Aliado Político	0	0	0	0	2	2	0	0	0	0	2,79	2,79
Total	2	3	9	48	10	72	2,78	4,17	12,5	66,68	13,91	100,04

Fonte: a autora (2024).

Tabela 24 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Classificação das Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022

Veículos	Classificação das Construções						Classificação das Construções					
	Frequências						Porcentagens					

	Passiva	Intransitiva	Transitiva	Estativa	Total	Passiva	Intransitiva	Transitiva	Estativa	Total
Inimigo/ Bandido	0	0	5	1	6	0	0	26,31	5,26	31,57
Causador de uma Guerra	0	0	6	0	6	0	0	31,58	0	31,58
Causa	1	0	1	0	2	5,26	0	5,26	0	10,52
Indivíduo	0	1	1	0	2	0	5,26	5,26	0	10,52
Água/Líquido/ Substância	0	0	1	0	1	0	0	5,26	0	5,26
Onda	0	0	1	1	2	0	0	5,26	5,26	10,52
Total	1	1	15	2	19	5,26	5,26	78,93	10,52	99,97

Fonte: a autora (2024).

Tabela 25 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020

Variável 2 Veículos	Variável 5 Papéis Temáticos							
	Frequências				Porcentagens			
	Paciente	Agente/ Causa	Tema	Total	Paciente	Agente/ Causa	Tema	Total
Causador de uma guerra	165	1	0	166	35,11	0,21	0	35,32
Inimigo/ Bandido	53	56	0	109	11,28	11,91	0	23,19
Viajante	0	2	69	71	0	0,42	14,68	15,1
Causa	0	48	0	48	0	10,21	0	10,21
Desastre Natural	0	13	10	23	0	2,76	2,13	4,89
Objeto	0	3	7	10	0	0,64	1,49	2,13
Onda	0	0	9	9	0	0	1,91	1,91

Esportista	3	0	4	7	0,64	0	0,85	1,49
Indivíduo	0	5	1	6	0	1,06	0,21	1,27
Água/Líquido/S ubstância	1	0	3	4	0,21	0	0,64	0,85
Explosão/Fogo	0	0	4	4	0	0	0,85	0,85
Meio de Transporte /Carro	0	1	2	3	0	0,21	0,42	0,63
Montanha	0	0	3	3	0	0	0,64	0,64
Aliado Político	0	2	0	2	0	0,42	0	0,42
Condutor/Moto rista	0	2	0	2	0	0,42	0	0,42
Dívida	1	1	0	2	0,21	0,21	0	0,42
Monstro	0	1	0	1	0	0,21	0	0,21
Total	223	135	112	470	47,45	28,68	23,82	99,95

Fonte: a autora (2024).

Tabela 26 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021

Variável 2 Veículos	Variável 5 Papéis Temáticos							
	Frequências				Porcentagens			
	Agente/C ausa	Paciente	Tema	Total	Agente /Causa	Paciente	Tema	Total
Causador de uma guerra	1	29	0	30	1,39	40,28	0	41,67
Inimigo/Bandido	7	6	0	13	9,72	8,33	0	18,05
Viajante	1	0	11	12	1,39	0	15,28	16,67
Causa	3	0	0	3	4,17	0	0	4,17
Onda	0	0	6	6	0	0	8,33	8,33

Causador de uma guerra	0	140	0	0	26	0	166	0	29,79	0	0	5,53	0	35,32
Inimigo/Bandido	5	65	10	3	14	12	109	1,06	13,83	2,13	0,64	2,98	2,55	23,19
Viajante	1	51	0	0	2	17	71	0,21	10,85	0	0	0,42	3,62	15,1
Causa	10	0	0	0	0	38	48	2,13	0	0	0	0	8,15	10,28
Desastre Natural	10	7	0	0	0	6	23	2,13	1,5	0	0	0	1,28	4,91
Objeto	0	6	0	0	3	1	10	0	1,28	0	0	0,64	0,21	2,13
Onda	0	9	0	0	0	0	9	0	1,91	0	0	0	0	1,91
Esportista	0	6	0	0	1	0	7	0	1,28	0	0	0,21	0	1,49
Individuo	0	3	0	0	0	3	6	0	0,64	0	0	0	0,64	1,28
Água/Líquido/Substância	0	1	0	0	3	0	4	0	0,21	0	0	0,64	0	0,85
Explosão/Fogo	0	3	0	0	0	1	4	0	0,64	0	0	0	0,21	0,85
Meio de Transporte/Carro	0	1	0	0	1	1	3	0	0,21	0	0	0,21	0,21	0,63
Montanha	0	2	0	0	0	1	3	0	0,42	0	0	0	0,21	0,63
Aliado Político	0	1	1	0	0	0	2	0	0,21	0,21	0	0	0	0,42
Condutor/Motorista	0	1	0	0	0	1	2	0	0,21	0	0	0	0,21	0,42
Divida	0	1	0	0	0	1	2	0	0,21	0	0	0	0,21	0,42
Monstro	0	1	0	0	0	0	1	0	0,21	0	0	0	0	0,21
Total	26	298	11	3	50	82	470	5,53	63,4	2,34	0,64	10,63	17,5	100,04

Fonte: a autora (2024).

Tabela 29 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021

Variável 2 Veículos	Variável 6 Funções Sintáticas															
	Frequências								Porcentagens							
	Agente da passiva	Complemento Nominal	Objeto Indireto	Apostrofo	Objeto Direto	Predicativo do Sujeito	Sujeito	Total	Agente da passiva	Complemento Nominal	Objeto Indireto	Apostrofo	Objeto Direto	Predicativo do Sujeito	Sujeito	Total
Causador de uma guerra	0	23	0	1	5	1	0	30	0	31,94	0	1,39	6,94	1,39	0	41,66
Inimigo/Bandido	0	9	1	0	1	0	2	13	0	12,5	1,39	0	1,39	0	2,78	18,06

Viajante	0	8	0	0	0	0	4	12	0	11,11	0	0	0	0	5,56	16,67	
Causa	1	0	0	0	0	0	2	3	1,39	0	0	0	0	0	2,79	4,18	
Onda	0	6	0	0	0	0	0	6	0	8,33	0	0	0	0	0	8,33	
Indivíduo	0	0	0	0	0	0	2	2	0	0	0	0	0	0	2,79	2,79	
Água/Líquido/ Substância	0	1	0	0	0	0	3	4	0	1,39	0	0	0	0	4,17	5,56	
Aliado Político	0	1	0	0	1	0	0	2	0	1,39	0	0	1,39	0	0	2,78	
Total	1	48	1	1	7	1	13	72		1,39	66,66	1,39	1,39	9,72	1,39	18,09	100,03

Fonte: a autora (2024).

Tabela 30 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022

Variável 2 Veículos	Variável Funções Sintáticas													
	Frequências							Porcentagens						
	Agente da Passiva	Comple- mento Nominal	Objeto Indireto	Objeto Direto	Sujeito	Total	Agente da Passiva	Comple- mento Nominal	Objeto Indireto	Objeto Direto	Sujeito	Total		
Inimigo/ Bandido	0	3	1	1	1	6	0	15,79	5,26	5,26	5,26	31,57		
Causador de uma Guerra	0	4	0	2	0	6	0	21,05	0	10,53	0	31,58		
Causa	1	0	0	0	1	2	5,26	0	0	0	5,26	10,52		
Indivíduo	0	1	0	0	1	2	0	5,26	0	0	5,26	10,52		
Água/Líquido/ Substância	0	1	0	0	0	1	0	5,26	0	0	0	5,26		
Onda	0	2	0	0	0	2	0	10,53	0	0	0	10,53		
Total	1	11	1	3	3	19		5,26	57,89	5,26	15,79	15,78	99,98	

Fonte: a autora (2024).

Tabela 31 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020

Variável 12 Veículos	Variável 7 Categorias do Jornal																		
	Frequências										Porcentagens								
	Cotidiano	Equilíbrio	Ilustrada	Mercedo	Mundo	Opinião	Podere	Ilustrado	Cotidiano	Total	Cotidiano	Equilíbrio	Ilustrado	Mercedo	Mundo	Opinião	Podere	Ilustrado	Cotidiano

	o	e	Saú	e				ssi	nis	al	o	io e	da	ad	do	ni	r	iss	un	
		Saú	e					ma	tas			Saú		o	do	ão		im	ist	
		e										de						a	as	
Causad or de uma guerra	22	32	1	26	28	5	17	1	34	166	6,81	0,21	5,53	5,96	1,1	3,62	0,21	7,23	35,3	6,81
Inimigo / Bandido	15	18	7	14	13	6	7	2	27	109	3,83	1,5	3	2,76	1,3	1,49	0,42	5,74	23,2	3,83
Viajante	19	10	3	18	8	1	1	0	11	71	2,13	0,64	3,83	1,7	0,21	0,21	0	2,34	15,1	2,13
Causa	1	0	16	10	7	1	2	2	9	48	0	3,4	2,13	1,49	0,21	0,42	0,42	1,91	10,1	0
Desastr e Natural	5	5	0	3	7	1	0	1	1	23	1,06	0	0,64	1,49	0,21	0	0,21	0,21	4,88	1,06
Objeto	0	1	1	2	3	0	0	0	3	10	0	0,21	0,21	0,42	0,64	0	0	0	0,64	2,12
Onda	0	0	1	3	4	0	0	0	1	9	0	0,21	0,64	0,85	0	0	0	0,21	1,91	0
Esportis ta	0	2	0	0	3	0	0	0	2	7	0,42	0	0	0,64	0	0	0	0,42	1,48	0,42
Individu o	1	0	0	0	3	0	0	0	2	6	0	0	0	0,64	0	0	0	0,42	1,27	0
Água/ Líquido / Substân cia	0	1	0	0	1	0	0	0	2	4	0,21	0	0	0,21	0	0	0	0,42	0,84	0,21
Explosã o/ Fogo	0	0	0	0	3	0	0	0	1	4	0	0	0	0,64	0	0	0	0,21	0,85	0
Meio de Transpo rte /Carro	1	1	0	0	0	0	0	0	1	3	0,21	0	0	0	0	0	0	0,21	0,63	0,21
Montan ha	0	1	0	2	0	0	0	0	0	3	0,21	0	0,42	0	0	0	0	0	0,63	0,21
Aliado Político	0	1	0	0	0	0	1	0	0	2	0,21	0	0	0	0	0,21	0	0	0,42	0,21
Condut or/Moto rista	0	0	1	0	0	0	0	1	0	2	0	0,21	0	0	0	0	0,21	0	0,42	0
Divida	0	0	0	0	2	0	0	0	0	2	0	0	0,42	0	0	0	0	0	0,42	0
Monstro	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0,21	0	0	0,21	0
Total	64	72	30	78	82	14	29	7	94	470	15,3	6,38	17,03	17	3,03	6,16	1,47	19,9	99,9	15,3

Tabela 32 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021

Variável 2 Veículos	Variável 7 Categorias do Jornal																	
	Frequências									Porcentagens								
	Cotidiano	Equilíbrio e Saúde	Ilustrada	Mercado	Mundo	Opinião	Podar	Colunistas	Total	Cotidiano	Equilíbrio e Saúde	Ilustrada	Mercado	Mundo	Opinião	Podar	Colunistas	Total
Causador de uma guerra	0	20	1	2	2	1	1	3	30	0	27,78	1,39	2,78	2,78	1,39	1,39	4,17	41,68
Inimigo/Bandido	2	5	0	2	0	0	3	1	13	2,78	6,94	0	2,78	0	0	4,17	1,39	18,06
Viajante	1	3	0	2	1	0	0	5	12	1,39	4,17	0	2,78	1,39	0	0	6,94	16,67
Causa	0	1	1	1	0	0	0	0	3	0	1,39	1,39	1,39	0	0	0	0	4,17
Onda	0	1	0	2	2	0	0	1	6	0	1,39	0	2,78	2,78	0	0	1,39	8,34
Indivíduo	0	0	0	0	1	0	0	1	2	0	0	0	0	1,39	0	0	1,39	2,78
Água/Líquido/ Substância	0	1	0	0	2	0	0	1	4	0	1,39	0	0	2,78	0	0	1,39	5,56
Aliado Político	0	0	0	0	0	0	0	2	2	0	0	0	0	0	0	0	2,78	2,78
Total	3	31	2	9	8	1	4	14	72	4,17	43,06	2,78	12,51	11,12	1,39	5,56	19,45	100,04

Fonte: a autora (2024).

Tabela 33 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Veículos e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022

Variável 2 Veículos	Variável 7 Categorias do Jornal													
	Frequências							Porcentagens						
	Equilíbrio e Saúde	Ilustrada	Mercado	Mundo	Colunistas	Total	Equilíbrio e Saúde	Ilustrada	Mercado	Mundo	Colunistas	Total		
Inimigo/Bandido	2	0	1	1	2	6	10,53	0	5,26	5,26	10,53	31,58		
Causador de uma Guerra	2	0	1	2	1	6	10,53	0	5,26	10,53	5,26	31,58		
Causa	0	0	0	0	2	2	0	0	0	0	10,53	10,53		
Indivíduo	1	0	0	1	0	2	5,26	0	0	5,26	0	10,52		
Água/Líquido/ Substância	0	1	0	0	0	1	0	5,26	0	0	0	5,26		
Onda	1	0	1	0	0	2	5,26	0	5,26	0	0	10,52		

Total	6	1	3	4	5	19	31,58	5,26	15,78	21,05	26,32	99,99
-------	---	---	---	---	---	----	-------	------	-------	-------	-------	-------

Fonte: a autora (2024).

Tabela 34 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Classificação das Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020

Variável 3 Tipos de Construções	Variável 4 Classificação das Construções															
	Frequências								Porcentagens							
	Ditransitiva	De Existência	Passiva	Comitativa	Intransitiva	Transitiva	Estativa	Total	Ditransitiva	De existência	Passiva	Comitativa	Intransitiva	Transitiva	Estativa	Total
Verbal.Passiva	0	0	28	0	0	0	0	28	0	0	6,0	0	0	0	0	9,0
Verbal	14	1	0	1	18	142	22	198	3,0	0,2	0	0,2	3,8	30,2	4,7	42,1
Nominal	0	0	0	0	36	189	19	244	0	0	0	0	7,7	40,2	4	51,9
Total	14	1	28	1	54	331	41	470	3,0	0,2	6,0	0,2	11,5	70,4	8,7	100

Fonte: a autora (2024).

Tabela 35 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Classificação das Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021

Variável 3 Tipos de Construções	Variável 4 Classificação das Construções												
	Frequências						Porcentagens						
	Ditransitiva	Passiva	Intransitiva	Transitiva	Estativa	Total	Ditransitiva	Passiva	Intransitiva	Transitiva	Estativa	Total	
Verbal. Passiva	0	3	0	0	0	3	0	4,17	0	0	0	4,17	
Verbal	2	0	5	16	10	33	2,78	0	6,94	22,22	13,89	45,83	
Nominal	0	0	4	32	0	36	0	0	5,56	4,44	0	50	
Total	2	3	9	48	10	72	2,78	4,17	12,5	66,66	13,89	100	

Fonte: a autora (2024).

Tabela 36 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Classificação das Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022

Variável 3 Tipos de Construções	Variável 4 Classificação das Construções									
	Frequências					Porcentagens				
	Passiva	Intransitiva	Transitiva	Estativa	Total	Passiva	Intransitiva	Transitiva	Estativa	Total
Verbal Passiva	1	0	0	0	1	5,26	0	0	0	5,26
Verbal	0	1	6	2	9	0	5,26	31,58	10,53	47,37
Nominal	0	0	9	0	9	0	0	47,37	0	47,37
Total	1	1	15	2	19	5,26	5,26	78,95	10,53	100

Fonte: a autora (2024).

Tabela 37 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020

Variável 3 Tipos de Construções	Variável 5 Papéis Temáticos								
	Frequências				Porcentagens				
	Agente/ Causa	Paciente	Tema	Total	Agente/ Causa	Paciente	Tema	Total	
Verbal Passiva	25	0	3	28	5,31	0	0,64	5,95	
Verbal	84	52	62	198	17,87	11,06	13,19	42,12	
Nominal	26	171	47	244	5,53	36,38	10	51,91	
Total	135	223	112	470	28,71	47,44	23,83	99,98	

Fonte: a autora (2024).

Tabela 38 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021

Variável 3	Variável 5 Papéis Temáticos								
------------	--------------------------------	--	--	--	--	--	--	--	--

Tipos de Construções	Frequências				Porcentagens			
	Agente/ Causa	Paciente	Tema	Total	Agente/ Causa	Paciente	Tema	Total
Verbal. Passiva	1	0	2	3	1,39	0	2,79	4,18
Verbal	13	6	14	33	18,05	8,33	19,44	45,92
Nominal	2	29	5	36	2,78	40,28	6,94	50
Total	16	35	21	72	22,22	48,61	29,17	100

Fonte: a autora (2024).

Tabela 39 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022

Variável 3 Tipos de Construções	Variável 5 Papéis Temáticos							
	Frequências				Porcentagens			
	Agente/ Causa	Paciente	Tema	Total	Agente/ Causa	Paciente	Tema	Total
Verbal.Passiva	1	0	0	1	5,26	0	0	5,26
Verbal	4	3	2	9	21,05	15,79	10,53	47,37
Nominal	4	4	1	9	21,05	21,05	5,26	47,36
Total	9	7	3	19	47,36	36,84	15,79	99,99

Fonte: a autora (2024).

Tabela 40 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020

Variável 3 Tipos de Construções	Variável 6 Funções Sintáticas													
	Frequências							Porcentagens						
	Agente da Passiva	Complemento Nominal	Objeto indireto	Aposto	Objeto direto	Sujeito	Total	Agente da Passiva	Complemento Nominal	Objeto indireto	Aposto	Objeto direto	Sujeito	Total
Verbal. Passiva	26	0	0	0	2	0	28	5,53	0	0	0	0,42	0	5,95
Verbal	0	55	11	3	47	82	198	0	11,7	2,34	0,64	10	17,45	42,13
Nominal	0	243	0	0	1	0	244	0	51,7	0	0	0,21	0	51,91
Total	26	298	11	3	50	82	470	5,53	63,4	2,34	0,64	10,63	17,45	99,99

Fonte: a autora (2024).

Tabela 41 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021

Variável 3 Tipos de Construções	Variável 6 Funções Sintáticas															
	Frequências								Porcentagens							
	Agente da Passiva	Complemento Nominal	Objeto indireto	Aposto	Objeto direto	Predicativo do sujeito	Sujeito	Total	Agente da Passiva	Complemento Nominal	Objeto indireto	Aposto	Objeto direto	Predicativo do sujeito	Sujeito	Total
Verbal. Passiva	1	1	0	0	0	0	1	3	1,39	1,39	0	0	0	0	1,39	4,17
Verbal	0	12	1	0	7	1	12	33	0	16,67	1,39	0	9,72	1,39	16,67	45,84
Nominal	0	35	0	1	0	0	0	36	0	48,61	0	1,39	0	0	0	50
Total	1	48	1	1	7	1	13	72	1,39	66,67	1,39	1,39	9,72	1,39	18,06	100

Fonte: a autora (2024).

Tabela 42 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022

Tipos de Construções	Funções Sintáticas											
	Frequências						Porcentagens					
	Agente da Passiva	Complemento Nominal	Objeto indireto	Objeto direto	Sujeito	Total	Agente da Passiva	Complemento Nominal	Objeto indireto	Objeto direto	Sujeito	Total

Verbal. Passiva	1	0	0	0	0	1	5,26	0	0	0	0	5,26
Verbal	0	2	1	3	3	9	0	10,53	5,26	15,79	15,79	47,37
Nominal	0	9	0	0	0	9	0	47,37	0	0	0	47,37
Total	1	11	1	3	3	19	5,26	57,9	5,26	15,79	15,79	100

Fonte: a autora (2024).

Tabela 43 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020

Variável 3 Tipos de Construções	Variável 7 Categorias Jornal																			
	Frequências										Porcentagens									
	Cot idia no	Equi líbr io e Saúde	Ilus trad a	Mer cad o	Mun do	Opi nião	Pod er	Ilus triss ima	Col unis tas	Tot al	Cot idia no	Equi líbr io e Saúde	Ilus trad a	Mer cad o	Mun do	Opi nião	Pod er	Ilus triss ima	Col unis tas	Tot al
Verbal. Passiva	2	4	4	4	7	1	2	0	4	28	0,42	0,85	0,85	0,85	1,49	0,21	0,42	0	0,85	5,94
Verbal	28	27	19	35	37	6	4	5	37	198	5,96	5,74	4,04	7,44	7,87	1,28	0,85	1,06	7,87	42,11
Nominal	34	41	7	41	36	7	23	2	53	244	7,23	8,72	1,49	8,72	7,66	1,49	4,89	0,42	11,28	51,9
Total	64	72	30	80	80	14	29	7	94	470	13,61	15,31	6,38	17,01	17,02	2,98	6,16	1,48	20	99,95

Fonte: a autora (2024).

Tabela 44 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021

Variável 3 Tipos de Construções	Variável 7 Categorias Jornal																	
	Frequências										Porcentagens							
	Coti dian o	Equi líbr io e Saúde	Ilus trad a	Mer cado	Mun do	Opi nião	Pod er	Col unis tas	To tal	Coti dian o	Equi líbr io e Saúde	Ilus trada	Mer cado	Mun do	Opi nião	Pod er	Colu nista s	Tota l
Verbal. Passiva	0	2	0	1	0	0	0	0	3	0	2,78	0	1,39	0	0	0	0	4,17
Verbal	2	10	1	5	6	0	0	9	33	2,78	13,89	1,39	6,94	8,33	0	0	12,5	45,83
Nominal	1	19	1	3	2	1	4	5	36	1,39	26,39	1,39	4,17	2,78	1,39	5,56	6,94	50,01
Total	3	31	2	9	8	1	4	14	72	4,17	43,06	2,78	12,5	11,11	1,39	5,56	19,44	100

Fonte: a autora (2024).

Tabela 45 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022

Variável 3 Tipos de Construções	Variável 7 Categorias do Jornal											
	Frequências						Porcentagens					
	Equilíbrio e Saúde	Ilustrada	Mercado	Mundo	Colunistas	Total	Equilíbrio e Saúde	Ilustrada	Mercado	Mundo	Colunistas	Total
Verbal. Passiva	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	5,26	5,26
Verbal	5	0	2	0	2	9	26,31	0	10,53	0	10,53	47,37
Nominal	1	1	1	4	2	9	5,26	5,26	5,26	21,05	10,53	47,36
Total	6	1	3	4	5	19	31,57	5,26	15,79	21,05	26,32	99,99

Fonte: a autora (2024).

Tabela 46 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020

Variável 3 Tipos de Construções	Variável 1 Categorias Metafóricas									
	Frequências					Porcentagens				
	Força da Natureza	Outros	Objeto	Pessoa	Total	Força da Natureza	Outros	Objeto	Pessoa	Total
Verbal. Passiva	10	10	2	6	28	2,12	2,12	0,42	1,28	5,94
Verbal	26	41	5	126	198	5,53	8,72	1,06	26,80	42,11
Nominal	7	0	6	231	244	1,19	0	1,27	49,15	51,61
Total	43	51	13	363	470	8,84	10,84	2,75	77,23	99,96

Tabela 47 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021

Variável 3 Tipos de Construções	Variável 7 Categorias Metafóricas								
	Frequências				Porcentagens				
	Força da Natureza	Outros	Pessoa	Total	Força da Natureza	Outros	Pessoa	Total	

Verbal.Passiva	2	1	0	3	2,78	1,39	0	4,17
Verbal	7	2	24	33	9,72	2,78	33,33	45,83
Nominal	1	0	35	36	1,39	0	48,61	50
Total	10	3	59	72	13,89	4,17	81,94	100

Fonte: a autora (2024).

Tabela 48 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Tipos de Construções e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022

Variável 3 Tipos de Construções	Variável 7 Categorias Metafóricas							
	Frequências				Porcentagens			
	Força da Natureza	Outros	Pessoa	Total	Força da Natureza	Outros	Pessoa	Total
Verbal.Passiva	0	1	0	1	0	5,26	0	5,26
Verbal	2	1	6	9	10,53	5,26	31,58	47,37
Nominal	1	0	8	9	5,26	0	42,1	47,36
Total	3	2	14	19	15,79	10,52	73,68	99,99

Fonte: a autora (2024).

Tabela 49 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Classificação das Construções e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020

Variável 5 Papéis Temáticos	Variável 4 Classificação das Construções															
	Frequências								Porcentagens							
	Ditransitiva	De Existência	Passiva	Comitativa	Intransitiva	Transitiva	Estativa	Total	Ditransitiva	De Existência	Passiva	Comitativa	Intransitiva	Transitiva	Estativa	Total
Agente/ Causa	11	0	25	1	2	73	23	135	2,34	0	5,32	0,21	0,42	15,31	4,89	28,49
Paciente	0	0	0	0	0	219	4	223	0	0	0	0	0	46,59	0,85	47,44
Tema	3	1	3	0	52	39	14	112	0,64	0,21	0,64	0	11,06	8,3	2,98	28,83

Variável 5 Papéis Temáticos	Variável 4 Classificação das Construções															
	Frequências								Porcentagens							
	Ditran- sitiva	De Existên- cia	Passiv- a	Comit- ativa	Intransi- tiva	Transi- tiva	Estativa	Total	Ditra- nsitiv- a	De Existên- cia	Passiv- a	Comit- ativa	Intran- sitiva	Transi- tiva	Estativa	Total
Agente/ Causa	11	0	25	1	2	73	23	135	2,34	0	5,32	0,21	0,42	15,31	4,89	28,49
Paciente	0	0	0	0	0	219	4	223	0	0	0	0	0	46,59	0,85	47,44
Total	14	1	28	1	54	331	41	470	2,98	0,21	5,96	0,21	11,48	70,20	8,72	99,76

Fonte: a autora (2024).

Tabela 50 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Classificação das Construções e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021

Variável 4 Classificação das Construções	Variável 5 Papéis Temáticos							
	Frequências				Porcentagens			
	Agente/ Causa	Paciente	Tema	Total	Agente/ Causa	Paciente	Tema	Total
Ditran- sitiva	2	0	0	2	2,78	0	0	2,78
Passiva	1	0	2	3	1,39	0	2,78	4,17
Intransi- tiva	1	0	8	9	1,39	0	11,11	12,5
Transitiva	4	35	9	48	5,56	48,61	12,5	66,67
Estativa	8	0	2	10	11,11	0	2,78	13,89
Total	16	35	21	72	22,22	48,61	29,17	100

Fonte: a autora (2024).

Tabela 51 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Classificação das Construções e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022

Variável 4 Classificação das Construções	Variável 5 Papéis Temáticos							
	Frequências				Porcentagens			
	Agente/ Causa	Paciente	Tema	Total	Agente/Cau- sa	Paciente	Tema	Total
Passiva	1	0	0	1	5,26	0	0	5,26

Intransitiva	1	0	0	1	5,26	0	0	5,26
Transitiva	6	7	2	15	31,58	36,84	10,53	78,95
Estativa	1	0	1	2	5,26	0	5,26	10,52
Total	9	7	3	19	47,36	36,84	15,79	99,99

Fonte: a autora (2024).

Tabela 52 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Classificação das Construções e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020

Variável 4 Classificação das Construções	Variável 6 Funções Sintáticas														
	Frequências							Porcentagens							
	Agente da passiva	Complemento nominal	Objeto indireto	Aposto	Objeto direto	Sujeito	Total	Agente da passiva	Complemento nominal	Objeto indireto	Aposto	Objeto direto	Sujeito	Total	
Ditransitiva	0	1	0	0	1	12	14	0	0,21	0	0	0,21	2,55	2,97	
De Existência	0	1	0	0	0	0	1	0	0,21	0	0	0	0	0,21	
Passiva	26	0	0	0	2	0	28	5,53	0	0	0	0,42	0	5,95	
Comitativa	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0,21	0,21	
Intransitiva	0	38	0	0	0	16	54	0	8,08	0	0	0	3,4	11,48	
Transitiva	0	225	11	1	46	48	331	0	47,87	2,34	0,21	9,79	10,21	70,42	
Estativa	0	33	0	2	1	5	41	0	7,02	0	0,42	0,21	1,06	8,71	
Total	26	298	11	3	50	82	470	5,53	63,39	2,34	0,63	10,63	17,43	99,95	

Tabela 53 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Classificação das Construções e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021

Variável 4 Classificação das Construções	Variável 6 Funções Sintáticas															
	Frequências								Porcentagens							
	Agente da passiva	Complemento nominal	Objeto indireto	Aposto	Objeto direto	Predicativo do Sujeito	Sujeito	Total	Agente da passiva	Complemento nominal	Objeto indireto	Aposto	Objeto direto	Predicativo do Sujeito	Sujeito	Total
Ditransitiva	0	0	1	0	0	0	1	2	0	0	1,39	0	0	0	1,39	2,78

Passiva	1	1	0	0	0	0	1	3	1,39	1,39	0	0	0	0	1,39	4,17
Intransitiv a	0	5	0	0	0	0	4	9	0	6,94	0	0	0	0	5,56	12,5
Transitiva	0	37	0	1	6	0	4	48	0	51,39	0	1,39	8,33	0	5,56	66,67
Estativa	0	5	0	0	1	1	3	10	0	6,94	0	0	1,39	1,39	4,17	13,89
Total	1	48	1	1	7	1	13	72	1,39	66,66	1,39	1,39	9,72	1,39	18,07	100,01

Fonte: a autora (2024).

Tabela 54 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Classificação das Construções e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022

Variável 4 Classificação das Construções	Variável 6 Funções Sintáticas											
	Frequências						Porcentagens					
	Agente da Passiva	Complemento Nominal	Objeto indireto	Objeto Direto	Sujeito	Total	Agente da Passiva	Complemento Nominal	Objeto indireto	Objeto Direto	Sujeito	Total
Passiva	1	0	0	0	0	1	5,26	0	0	0	0	5,26
Intransitiva	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	5,26	5,26
Transitiva	0	10	1	3	1	15	0	52,63	5,26	15,79	5,26	78,94
Estativa	0	1	0	0	1	2	0	5,26	0	0	5,26	10,52
Total	1	11	1	3	3	19	5,26	57,89	5,26	15,79	15,78	99,98

Fonte: a autora (2024).

Tabela 55 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Classificação das Construções e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020

Variável 4 Classificação das Construções	Variável 7 Categorias do Jornal																			
	Frequências										Porcentagens									
	Cotidiano	Equilíbrio e Saúde	Ilustrada	Mercado	Mundo	Opinião	Poder	Ilustríssima	Colunistas	Total	Cotidiano	Equilíbrio e Saúde	Ilustrada	Mercado	Mundo	Opinião	Poder	Ilustríssima	Colunistas	Total
Ditransitiva	0	0	1	4	4	1	0	1	3	14	0	0	0,21	0,85	0,85	0,21	0	0,21	0,64	2,97
De Existência	0	0	0	0	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0,21	0	0	0	0	0	0,21
Passiva	2	4	4	4	7	1	2	0	4	28	0,42	0,85	0,85	0,85	1,49	0,21	0,42	0	0,85	5,94
Comitativa	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0,21	0,21
Intransitiva	10	9	4	11	7	1	1	0	11	54	2,13	1,91	0,85	2,34	1,49	0,21	0,21	0	2,34	11,48
Transitiva	42	51	20	57	53	11	25	4	68	331	8,94	10,85	4,25	12,13	11,28	2,34	5,32	0,85	14,47	70,43

Estativa	10	8	1	4	8	0	1	2	7	41	2,13	1,7	0,21	0,85	1,7	0	0,21	0,42	1,49	8,71
Total	64	72	30	80	80	14	29	7	94	470	13,62	15,31	6,37	17,02	17,02	2,97	6,16	1,48	20	99,95

Fonte: a autora (2024).

Tabela 56 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Classificação das Construções e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021

Variável 4 Classificação das Construções	Variável 7 Categorias do Jornal																		
	Frequências									Porcentagens									
	Cotidiano	Equilíbrio e Saúde	Ilustrada	Mercado	Mundo	Opinião	Podar	Colonistas	Total	Cotidiano	Equilíbrio e Saúde	Ilustrada	Mercado	Mundo	Opinião	Podar	Colonistas	Total	
Ditransitiva	0	0	0	1	0	0	0	1	2	0	0	0	1,39	0	0	0	1,39	2,78	
Passiva	0	2	0	1	0	0	0	0	3	0	2,78	0	1,39	0	0	0	0	4,17	
Intransitiva	0	1	0	2	1	0	0	5	9	0	1,39	0	2,78	1,39	0	0	6,94	12,5	
Transitiva	2	26	2	3	5	1	4	5	48	2,78	36,11	2,78	4,17	6,94	1,39	5,56	6,94	66,67	
Estativa	1	2	0	2	2	0	0	3	10	1,39	2,78	0	2,78	2,78	0	0	4,17	13,9	
Total	3	31	2	9	8	1	4	14	72	4,17	43,06	2,78	12,51	11,11	1,39	5,56	19,44	100,02	

Fonte: a autora (2024).

Tabela 57 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Classificação das Construções e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022

Variável 4 Classificação das Construções	Variável 7 Categorias do Jornal												
	Frequências						Porcentagens						
	Equilíbrio e Saúde	Ilustrada	Mercado	Mundo	Colonistas	Total	Equilíbrio e Saúde	Ilustrada	Mercado	Mundo	Colonistas	Total	
Passiva	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	5,26	5,26	
Intransitiva	1	0	0	0	0	1	5,26	0	0	0	0	5,26	
Transitiva	4	1	2	4	4	15	21,05	5,26	10,53	21,05	21,05	78,94	
Estativa	1	0	1	0	0	2	5,26	0	5,26	0	0	10,52	
Total	6	1	3	4	5	19	31,57	5,26	15,79	21,05	26,31	99,98	

Fonte: a autora (2024).

Tabela 58 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Classificação das Construções e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020

Variável 4	Variável 1 Categorias Metafóricas
------------	--------------------------------------

Classificação das Construções	Frequências					Porcentagens				
	Força da Natureza	Outros	Objeto	Pessoa	Total	Força da Natureza	Outros	Objeto	Pessoa	Total
Ditransitiva	1	8	1	4	14	0,21	1,7	0,21	0,85	2,97
De Existência	1	0	0	0	1	0,21	0	0	0	0,21
Passiva	10	10	2	6	28	2,13	2,13	0,42	1,28	5,96
Comitativa	0	0	0	1	1	0	0	0	0,21	0,21
Intransitiva	3	0	1	50	54	0,64	0	0,21	10,64	11,49
Transitiva	16	31	4	280	331	3,4	6,59	0,85	59,57	70,41
Estativa	12	2	5	22	41	2,55	0,42	1,06	4,68	8,71
Total	43	51	13	363	470	9,14	10,84	2,75	77,23	99,96

Fonte: a autora (2024).

Tabela 59 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Classificação das Construções e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021

Variável 4 Classificação das Construções	Variável 1 Categorias Metafóricas							
	Frequências				Porcentagens			
	Força da Natureza	Outros	Pessoa	Total	Força da Natureza	Outros	Pessoa	Total
Ditransitiva	0	1	1	2	0	1,39	1,39	2,78
Passiva	2	1	0	3	2,78	1,39	0	4,17
Intransitiva	1	0	8	9	1,39	0	11,11	12,5
Transitiva	5	0	42	47	6,94	1,39	58,33	66,66
Estativa	2	1	8	11	2,78	0	11,11	13,89
Total	10	3	59	72	13,89	4,17	81,94	100

Fonte: a autora (2024).

Tabela 60 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Classificação das Construções e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022

Variável 4 Classificação das	Variável 1 Categorias Metafóricas							
	Frequências				Porcentagens			
	Força da Natureza	Outros	Pessoa	Total	Força da Natureza	Outros	Pessoa	Total

Construções	Força da Natureza	Outros	Pessoa	Total	Força da Natureza	Outros	Pessoa	Total
Passiva	0	1	0	1	0	5,26	0	5,26
Intransitiva	0	0	1	1	0	0	5,26	5,26
Transitiva	2	1	12	15	10,53	5,26	63,16	78,95
Estativa	1	0	1	2	5,26	0	5,26	10,52
Total	3	2	14	19	15,79	10,52	73,68	99,99

Fonte: a autora (2024).

Tabela 61 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Papéis Temáticos e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020

Variável 5 Papéis Temáticos	Variável 6 Funções Sintáticas													
	Frequências							Porcentagens						
	Agente da Passiva	Complemento nominal	Objeto indireto	Apostro	Objeto direto	Sujeito	Total	Agente da Passiva	Complemento nominal	Objeto indireto	Apostro	Objeto direto	Sujeito	Total
Agente / Causa	25	38	8	2	1	61	135	5,32	8,08	1,7	0,42	0,21	12,98	28,71
Paciente	0	178	3	1	40	1	223	0	37,87	0,64	0,21	8,51	0,21	47,44
Tema	1	82	0	0	9	20	112	0,21	17,45	0	0	1,91	4,25	23,82
Total	26	298	11	3	50	82	470	5,53	63,4	2,34	0,63	10,63	17,44	99,97

Tabela 62 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Papéis Temáticos e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021

Variável 5 Papéis Temáticos	Variável 6 Funções Sintáticas															
	Frequências								Porcentagens							
	Agente da Passiva	Complemento nominal	Objeto indireto	Apostro	Objeto direto	Predicativo do sujeito	Sujeito	Total	Agente da Passiva	Complemento nominal	Objeto indireto	Apostro	Objeto direto	Predicativo do sujeito	Sujeito	Total
Agente / Causa	1	5	1	0	1	1	7	16	1,39	6,94	1,39	0	1,39	1,39	9,72	22,22
Paciente	0	28	0	1	6	0	0	35	0	38,89	0	1,39	8,33	0	0	48,61
Tema	0	15	0	0	0	0	6	21	0	20,83	0	0	0	0	8,33	29,17

Total	1	48	1	1	7	1	13	72	1,39	66,66	1,39	1,39	9,72	1,39	18,05	100
-------	---	----	---	---	---	---	----	----	------	-------	------	------	------	------	-------	-----

Fonte: a autora (2024).

Tabela 63 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Papéis Temáticos e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022

Variável 5 Papéis Temáticos	Variável 6 Funções Sintáticas												
	Frequências						Porcentagens						
	Agente da Passiva	Complemento Nominal	Objeto indireto	Objeto direto	Sujeito	Total	Agente da Passiva	Complemento Nominal	Objeto indireto	Objeto direto	Sujeito	Total	
Agente/Causa	1	4	1	0	3	9	5,26	21,05	5,26	0	15,79	47,36	
Paciente	0	4	0	3	0	7	0	21,05	0	15,79	0	36,84	
Tema	0	3	0	0	0	3	0	15,79	0	0	0	15,79	
Total	1	11	1	3	3	19	5,26	57,89	5,26	15,79	15,79	99,99	

Fonte: a autora (2024).

Tabela 64 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Papéis Temáticos e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020

Variável 5 Papéis Temáticos	Variável 7 Categorias do Jornal																			
	Frequências										Porcentagens									
	Cotidiano	Equilíbrio e Saúde	Ilustrada	Mercado	Mundo	Opinião	Podar	Ilustrismo	Colunistas	Total	Cotidiano	Equilíbrio e Saúde	Ilustrada	Mercado	Mundo	Opinião	Podar	Ilustrismo	Colunistas	Total
Agente/Causa	14	12	23	16	19	5	7	5	34	135	2,98	2,55	4,89	3,4	4,04	1,06	1,49	1,06	7,23	28,7
Paciente	28	43	3	40	38	8	21	2	40	223	5,96	9,15	0,64	8,51	8,08	1,7	4,47	0,42	8,51	47,44
Tema	22	17	4	24	23	1	1	0	20	112	4,68	3,62	0,85	5,11	4,89	0,21	0,21	0	4,25	23,82
Total	64	72	30	80	80	14	29	7	94	470	13,62	15,32	6,38	17,02	17,01	2,97	6,17	1,48	19,99	99,96

Fonte: a autora (2024).

Tabela 65 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Papéis Temáticos e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021

Variável 5 Papéis Temáticos	Variável 7 Categorias do Jornal																		
	Frequências										Porcentagens								

	Cotidiano	Equilíbrio e Saúde	Ilustrada	Mercado	Mundo	Opinião	Pod er	Colu nistas	Total	Cotidiano	Equilíbrio e Saúde	Ilustrada	Mercado	Mundo	Opinião	Pod er	Colu nistas	Total
Agente/Causa	2	4	1	3	2	0	0	4	16	2,78	5,56	1,39	4,17	2,78	0	0	5,56	22,24
Paciente	0	22	1	2	2	1	4	3	35	0	30,56	1,39	2,78	2,78	1,39	5,56	4,17	48,63
Tema	1	5	0	4	4	0	0	7	21	1,39	6,94	0	5,56	5,56	0	0	9,72	29,17
Total	3	31	2	9	8	1	4	14	72	4,17	43,06	2,78	12,51	11,12	1,39	5,56	19,45	100,04

Fonte: a autora (2024).

Tabela 66 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Papéis Temáticos e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022

Variável 5 Papéis Temáticos	Variável 7 Categorias do Jornal													
	Frequências							Porcentagens						
	Equilíbrio e Saúde	Ilustrada	Mercado	Mundo	Colunistas	Total	Equilíbrio e Saúde	Ilustrada	Mercado	Mundo	Colunistas	Total		
Agente/Causa	4	0	1	1	3	9	21,05	0	5,26	5,26	15,78	47,35		
Paciente	1	0	1	3	2	7	5,26	0	5,26	15,79	10,53	36,84		
Tema	1	1	1	0	0	3	5,26	5,26	5,26	0	0	15,78		
Total	6	1	3	4	5	19	31,57	5,26	15,78	21,05	26,31	99,97		

Fonte: a autora (2024).

Tabela 67 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Papéis Temáticos e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020

Variável 5 Papéis Temáticos	Variável 1 Categorias Metafóricas									
	Frequências					Porcentagens				
	Força da Natureza	Outros	Objeto	Pessoa	Total	Força da Natureza	Outros	Objeto	Pessoa	Total
Agente/Causa	13	50	4	68	135	2,76	10,64	0,85	14,47	28,72
Paciente	1	1	0	221	223	0,21	0,21	0	47,02	47,44
Tema	29	0	9	74	112	6,17	0	1,91	15,74	23,82
Total	43	51	13	363	470	9,14	10,85	2,76	77,23	99,98

Fonte: a autora (2024).

											de									
Agente da Passiva	2	4	4	4	5	1	2	0	4	26	0,42	0,85	0,85	0,85	1,06	0,21	0,42	0	0,85	5,51
Complemento nominal	44	46	9	56	48	7	24	3	61	298	9,36	9,79	1,91	11,91	10,21	1,49	5,11	0,64	12,98	63,4
Objeto indireto	0	2	1	0	3	0	1	0	4	11	0	0,42	0,21	0	0,64	0	0,21	0	0,85	2,33
Aposto	1	2	0	0	0	0	0	0	0	3	0,21	0,42	0	0	0	0	0	0	0	0,63
Objeto direto	7	12	1	7	9	2	1	0	11	50	1,49	2,55	0,21	1,49	1,91	0,42	0,21	0	2,34	10,62
Sujeito	10	6	15	13	15	4	1	4	14	82	2,13	1,28	3,19	2,76	3,19	0,85	0,21	0,85	2,98	17,44
Total	64	72	30	80	80	14	29	7	94	470	11,48	14,03	3,18	14,25	13,82	2,12	5,95	0,64	17,02	99,93

Fonte: a autora (2024).

Tabela 71 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Funções Sintáticas e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021

Variável 6 Funções Sintáticas	Variável 1 Categorias de Jornal																	
	Frequências									Porcentagens								
	Cotidiano	Equilíbrio e Saúde	Ilustrada	Mercado	Mundo	Opinião	Podar	Colunistas	Total	Cotidiano	Equilíbrio e Saúde	Ilustrada	Mercado	Mundo	Opinião	Podar	Colunistas	Total
Agente da Passiva	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1,39	0	0	0	0	0	0	1,39
Complemento nominal	3	21	1	7	4	1	4	7	48	4,17	29,17	1,39	9,72	5,56	1,39	5,56	9,72	66,68
Objeto indireto	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	1,39	1,39
Aposto	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1,39	0	0	0	0	0	0	1,39
Objeto direto	0	5	0	0	0	0	0	2	7	0	6,94	0	0	0	0	0	2,78	9,72
Predicativo do Sujeito	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1,39	0	0	0	0	0	0	1,39
Sujeito	0	2	1	2	4	0	0	4	13	0	2,78	1,39	2,78	5,56	0	0	5,56	18,07
Total	3	31	2	9	8	1	4	14	72	4,17	43,06	2,78	12,5	11,12	1,39	5,56	19,45	100

Fonte: a autora (2024).

Tabela 72 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Funções Sintáticas e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022

Variável	Variável 1 Categorias do Jornal																	
----------	------------------------------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

el 6 Funções Sintáticas	Frequências						Porcentagens					
	Equi líbr o e Saúde	Ilustr ada	Merc ado	Mund o	Colun istas	Total	Equilí brio e Saúde	Ilustr ada	Merc ado	Mund o	Colun istas	Total
Agent e da Passiv a	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	5,26	5,26
Compl ement o Nomin al	2	1	2	4	2	11	10,53	5,26	10,53	21,05	10,53	57,9
Objeto Indiret o	1	0	0	0	0	1	5,26	0	0	0	0	5,26
Objeto Direto	1	0	1	0	1	3	5,26	0	5,26	0	5,26	15,78
Sujeito	2	0	0	0	1	3	10,53	0	0	0	5,26	15,79
Total	6	1	3	4	5	19	31,58	5,26	15,79	21,05	26,31	99,99

Fonte: a autora (2024).

Tabela 73 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Funções Sintáticas e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020

Variável 6 Funções Sintáticas	Variável 1 Categorias Metafóricas									
	Frequências					Porcentagens				
	Força da Natureza	Outros	Objeto	Pessoa	Total	Força da Natureza	Outros	Objeto	Pessoa	Total
Agente da Passiva	10	10	0	6	26	2,12	2,12	0	1,28	5,52
Complem ento nominal	22	2	7	267	298	4,68	0,42	1,49	56,81	63,4
Objeto indireto	0	0	0	11	11	0	0	0	2,34	2,34
Aposto	0	0	0	3	3	0	0	0	0,64	0,64
Objeto direto	3	0	4	43	50	0,64	0	0,85	9,14	10,63

Sujeito	8	39	2	33	82	1,7	8,3	0,42	7,02	17,44
Total	43	51	13	363	470	9,14	10,84	2,76	77,23	99,97

Fonte: a autora (2024).

Tabela 74 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Funções Sintáticas e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021

Variável 6 Funções Sintáticas	Variável 1 Categorias Metafóricas							
	Frequências				Porcentagens			
	Força da Natureza	Outros	Pessoa	Total	Força da Natureza	Outros	Pessoa	Total
Agente da Passiva	0	1	0	1	0	1,38	0	1,39
Complemento nominal	7	0	41	48	9,72	0	56,94	66,67
Objeto indireto	0	0	1	1	0	0	1,39	1,39
Aposto	0	0	1	1	0	0	1,39	1,39
Objeto direto	0	0	7	7	0	0	9,72	9,72
Predicativo do sujeito	0	0	1	1	0	0	1,39	1,39
Sujeito	3	2	8	13	4,17	2,78	11,11	18,06
Total	10	3	59	72	13,89	4,17	81,94	100,01

Fonte: a autora (2024).

Tabela 75 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Funções Sintáticas e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022

Variável 6 Funções Sintáticas	Variável 1 Categorias Metafóricas							
	Frequências				Porcentagens			
	Força da Natureza	Outros	Pessoa	Total	Força da Natureza	Outros	Pessoa	Total
Agente da Passiva	0	1	0	1	0	5,26	0	5,26

Complemento Nominal	3	0	8	11	15,79	0	42,1	57,89
Objeto Indireto	0	0	1	1	0	0	5,26	5,26
Objeto Direto	0	0	3	3	0	0	15,78	15,78
Sujeito	0	1	2	3	0	5,26	10,53	15,79
Total	3	2	14	19	15,79	10,52	73,67	99,98

Fonte: a autora (2024).

Tabela 76 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Categorias Metafóricas e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020

Variável 1 Categorias Metafóricas	Variável 7 Categorias do Jornal																			
	Frequências									Porcentagens										
	Cotidiano	Equilíbrio e Saúde	Ilustrada	Mercado	Mundo	Opinião	Podar	Ilustríssima	Colunistas	Total	Cotidiano	Equilíbrio e Saúde	Ilustrada	Mercado	Mundo	Opinião	Podar	Ilustríssima	Colunistas	Total
Força da Natureza	5	7	1	8	15	1	0	1	5	43	1,06	1,49	0,21	1,7	3,19	0,21	0	0,21	1,06	9,13
Outros	1	0	16	12	7	1	3	2	9	51	0,21	0	3,4	2,55	1,49	0,21	0,64	0,42	1,91	10,83
Objeto	1	2	1	2	3	0	0	0	4	13	0,21	0,42	0,21	0,42	0,64	0	0	0	0,85	2,75
Pessoa	57	63	12	58	55	12	26	4	76	363	12,13	13,4	2,55	12,34	11,7	2,55	5,53	0,85	16,17	77,22
Total	64	72	30	80	80	14	29	7	94	470	13,61	15,31	6,37	17,01	17,02	2,97	6,17	1,48	19,99	99,93

Fonte: a autora (2024).

Tabela 77 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Categorias Metafóricas e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021

Categorias Metafóricas	Categorias do Jornal																		
	Frequências									Porcentagens									
	Cotidiano	Equilíbrio e Saúde	Ilustrada	Mercado	Mundo	Opinião	Podar	Colunistas	Total	Cotidiano	Equilíbrio e Saúde	Ilustrada	Mercado	Mundo	Opinião	Podar	Colunistas	Total	
Força da Natureza	0	2	0	2	4	0	0	2	10	0	2,78	0	2,78	5,56	0	0	2,78	13,9	
Outros	0	1	1	1	0	0	0	0	3	0	1,39	1,39	1,39	0	0	0	0	4,17	
Pessoa	3	28	1	6	4	1	4	12	59	4,17	38,89	1,39	8,33	5,56	1,39	5,56	16,67	81,96	

Total	3	31	2	9	8	1	4	14	72	4,17	43,06	2,78	12,5	11,12	1,39	5,56	19,45	100
-------	---	----	---	---	---	---	---	----	----	------	-------	------	------	-------	------	------	-------	-----

Fonte: a autora (2024).

Tabela 78 – Distribuição de frequências absolutas e porcentagens das variáveis Categorias Metafóricas e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022

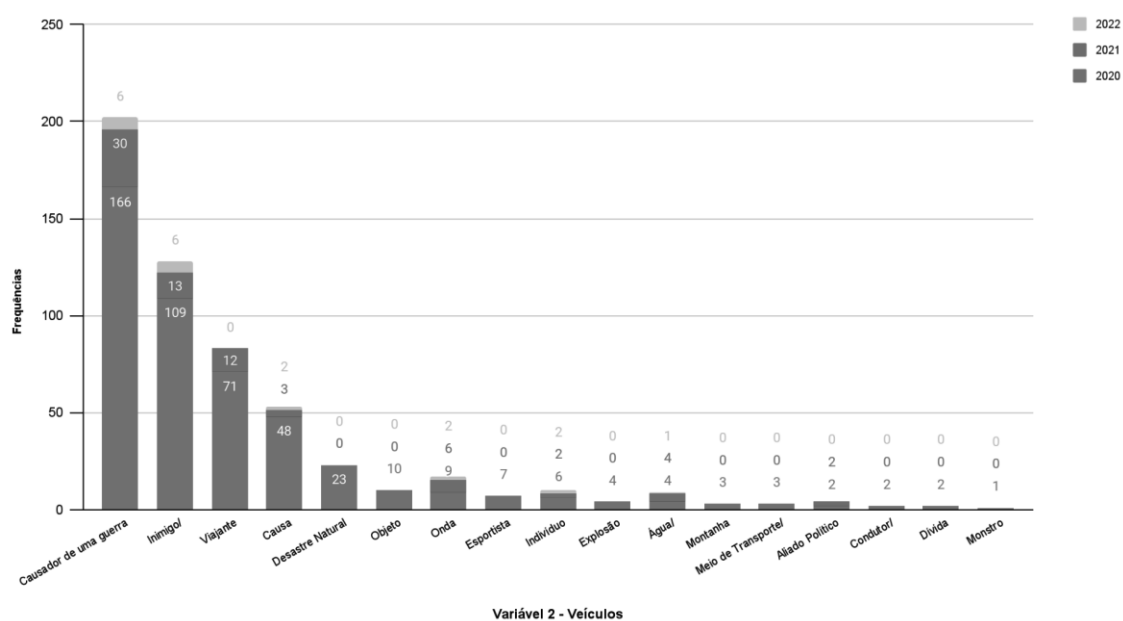
Categorias Metafóricas	Categorias do Jornal												
	Frequências						Porcentagens						
	Equilíbrio e Saúde	Ilustrada	Mercado	Mundo	Colunistas	Total	Equilíbrio e Saúde	Ilustrada	Mercado	Mundo	Colunistas	Total	
Força da Natureza	1	1	1	0	0	3	5,26	5,26	5,26	0	0	15,78	
Outros	0	0	0	0	2	2	0	0	0	0	10,53	10,53	
Pessoa	5	0	2	4	3	14	26,31	0	10,53	21,05	15,79	73,68	
Total	6	1	3	4	5	19	31,57	5,26	15,79	21,05	26,32	99,99	

Fonte: a autora (2024).

APÊNDICE C - DEMAIS GRÁFICOS

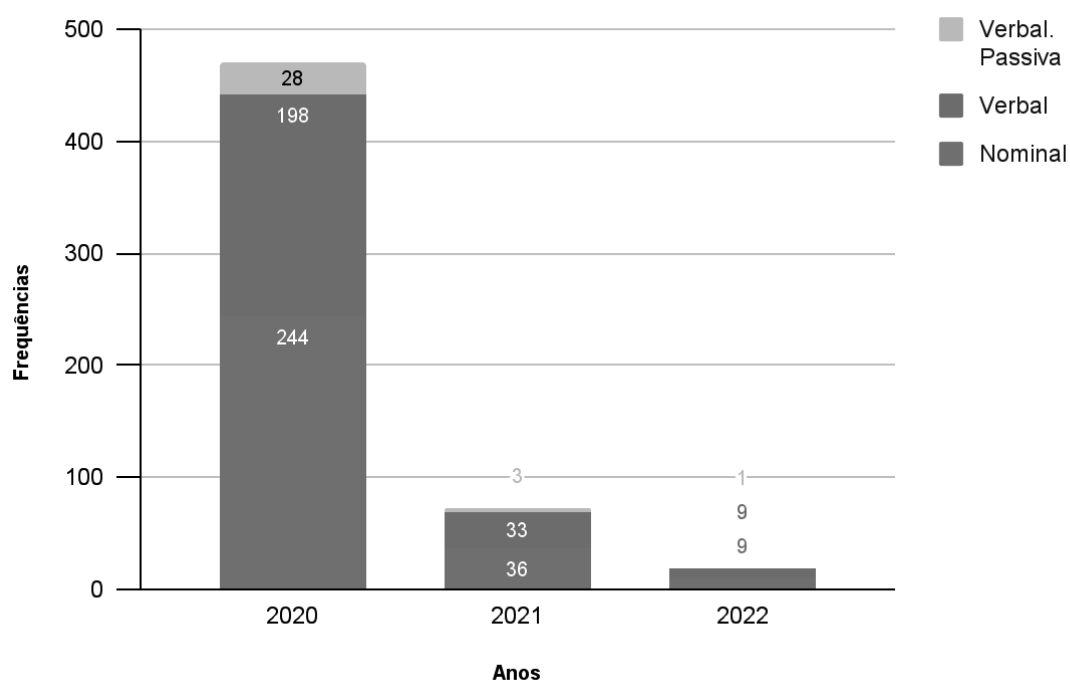
(i) Gráficos da Análise Univariada

Gráfico 5 – Frequências dos níveis da Variável 2 - Veículos nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, de 2021 e de 2022



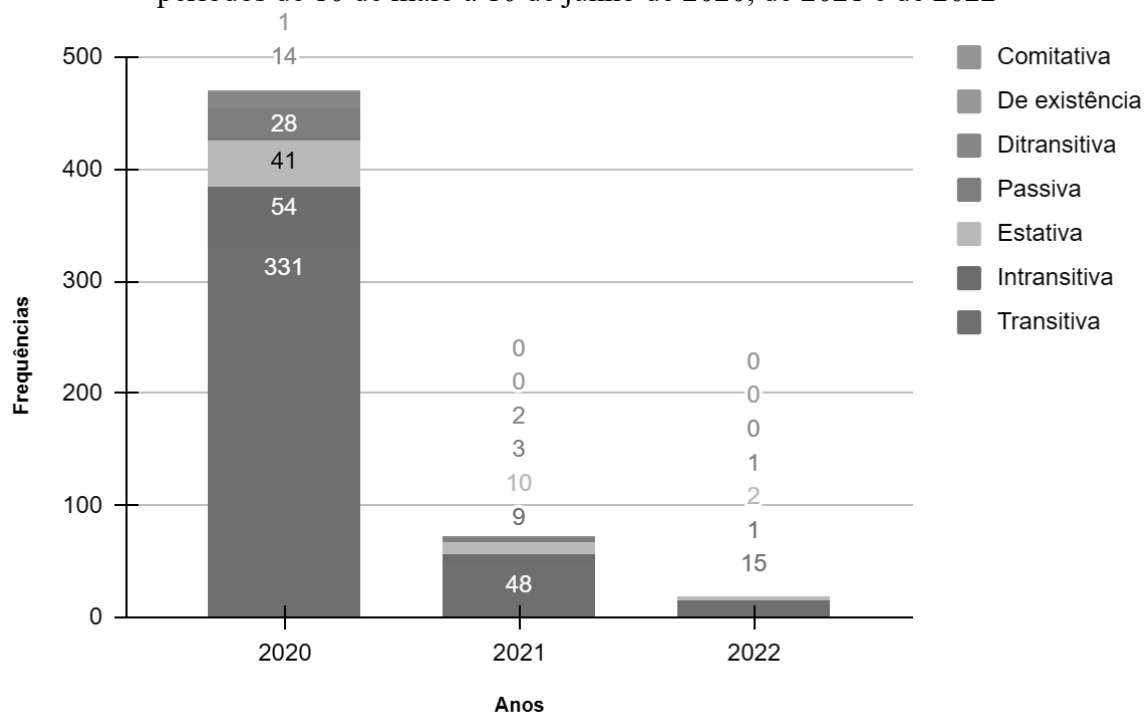
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 6 – Frequências dos níveis da Variável 3 - Tipos de Construções nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, de 2021 e de 2022



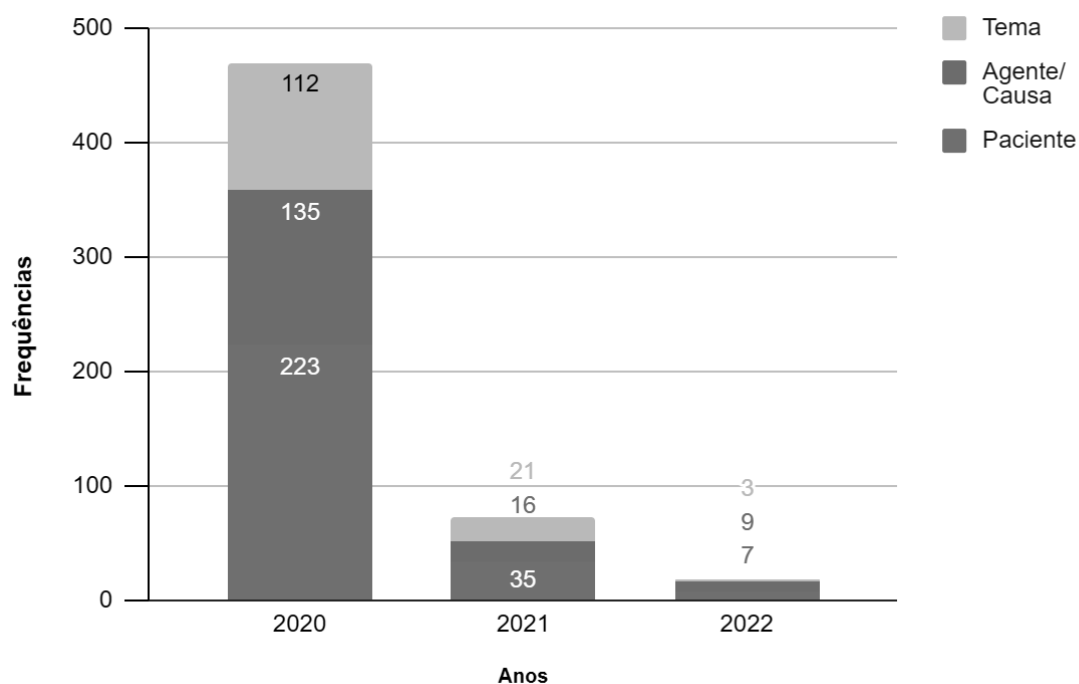
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 7 – Frequências dos níveis da Variável 4 - Classificação das Construções nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, de 2021 e de 2022



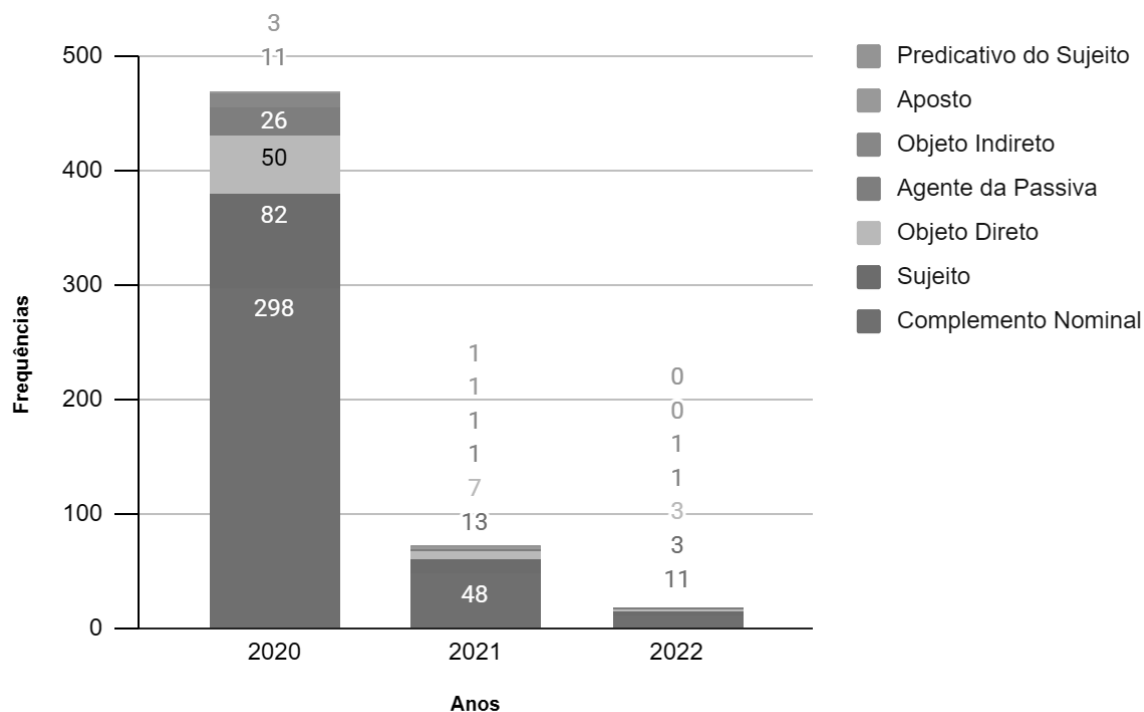
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 8 – Frequências dos níveis da Variável 5 - Papéis Temáticos nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, de 2021 e de 2022



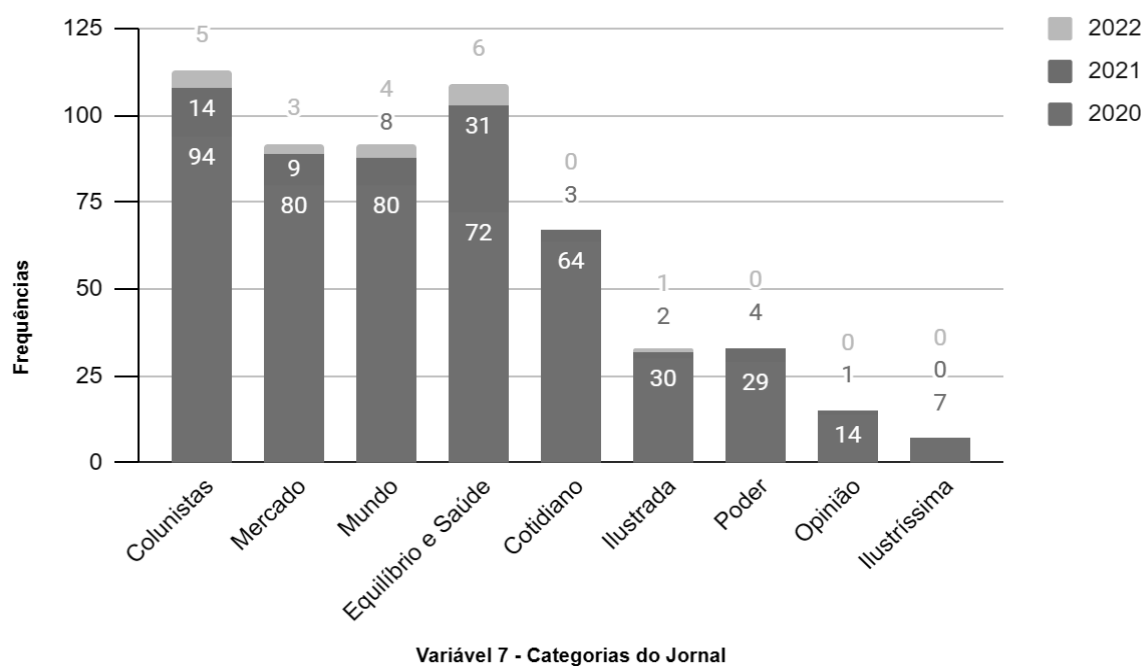
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 9 – Frequências dos níveis da Variável 6 - Funções Sintáticas nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, de 2021 e de 2022



Fonte: a autora (2024).

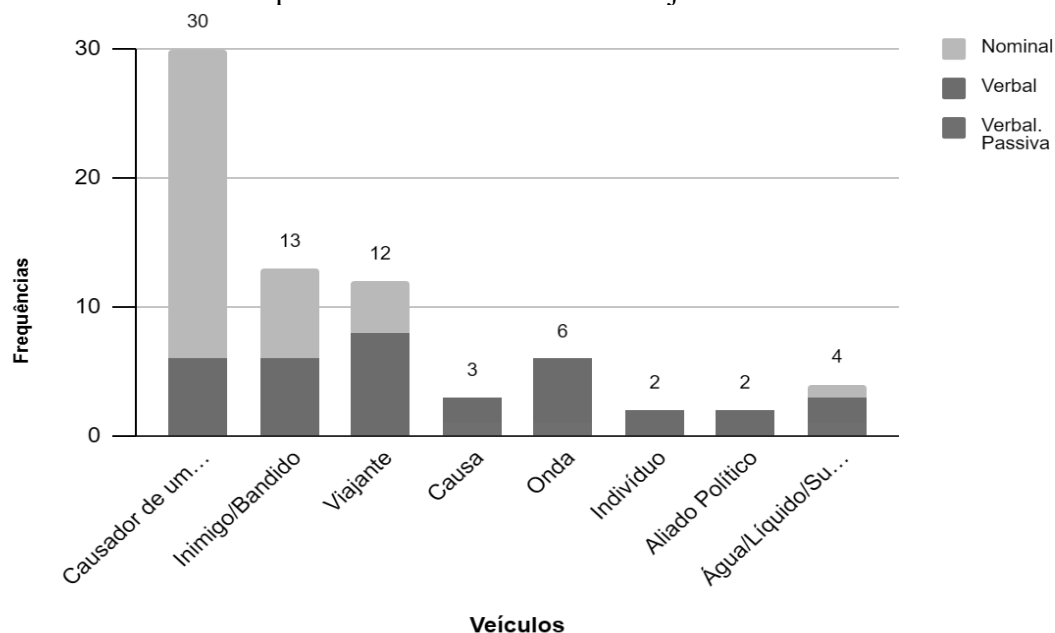
Gráfico 10 – Frequências dos níveis da Variável 7 - Categorias do Jornal nos períodos de 10 de maio a 10 de junho de 2020, de 2021 e de 2022



Fonte: a autora (2024).

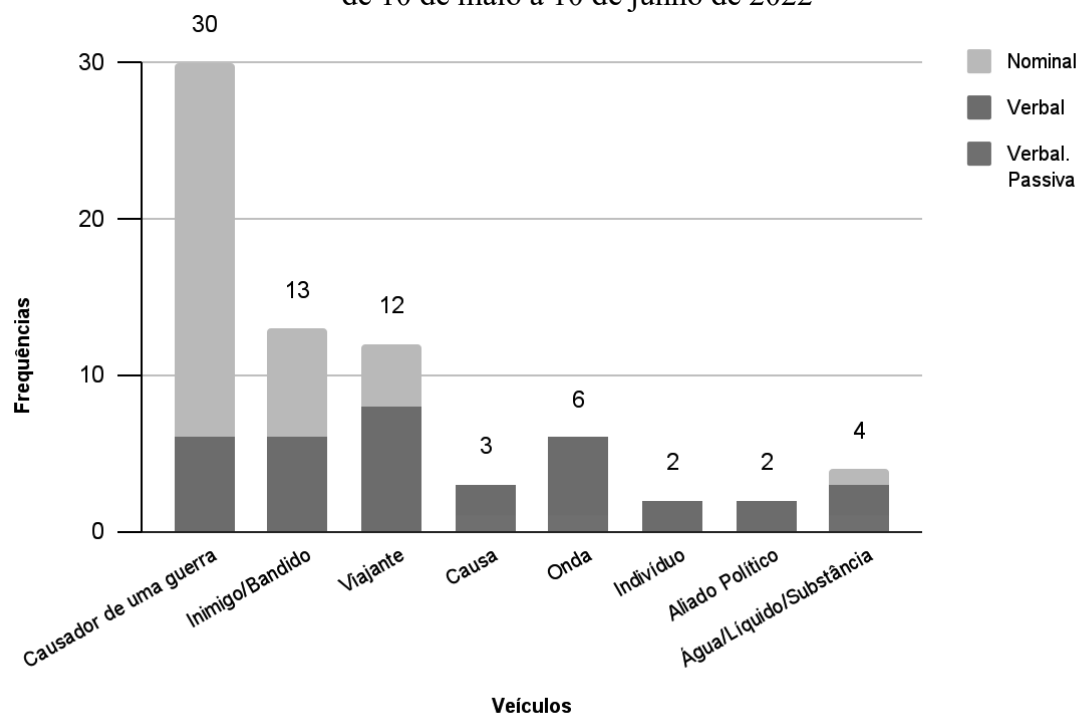
(ii) Gráficos da Análise Bivariada

Gráfico 11 – Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Tipos de Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021



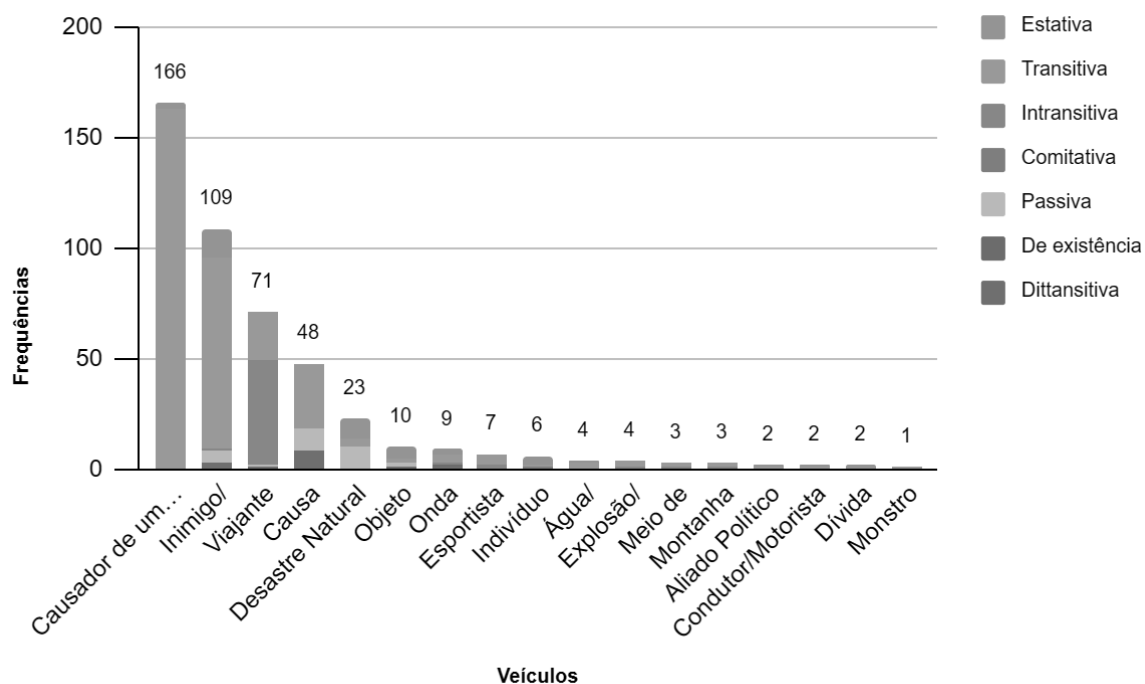
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 12 - Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Tipos de Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022



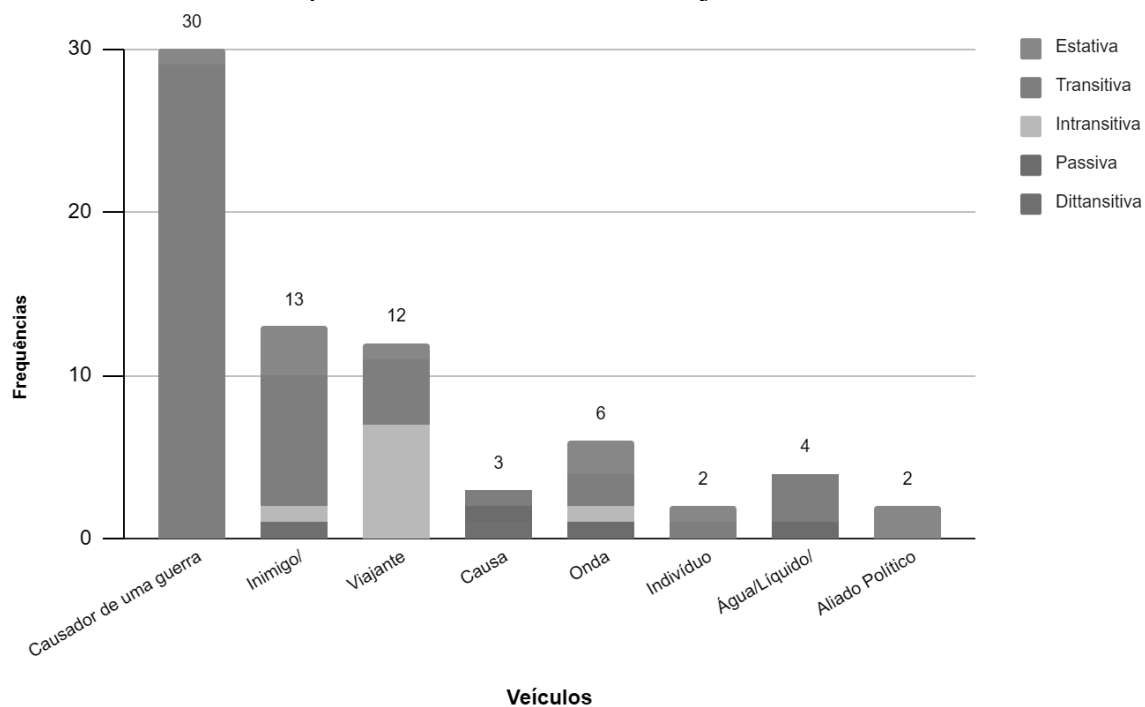
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 13 - Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Classificação das Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020



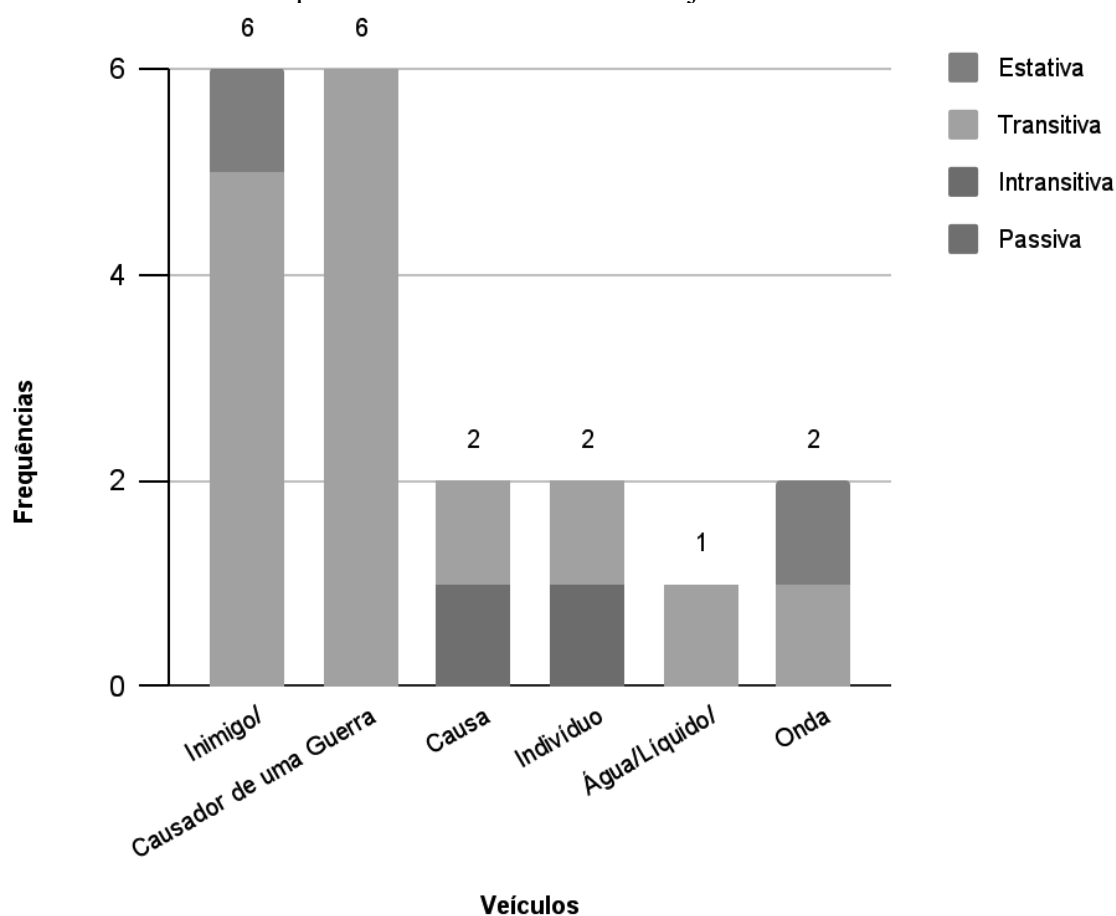
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 14 – Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Classificação das Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021



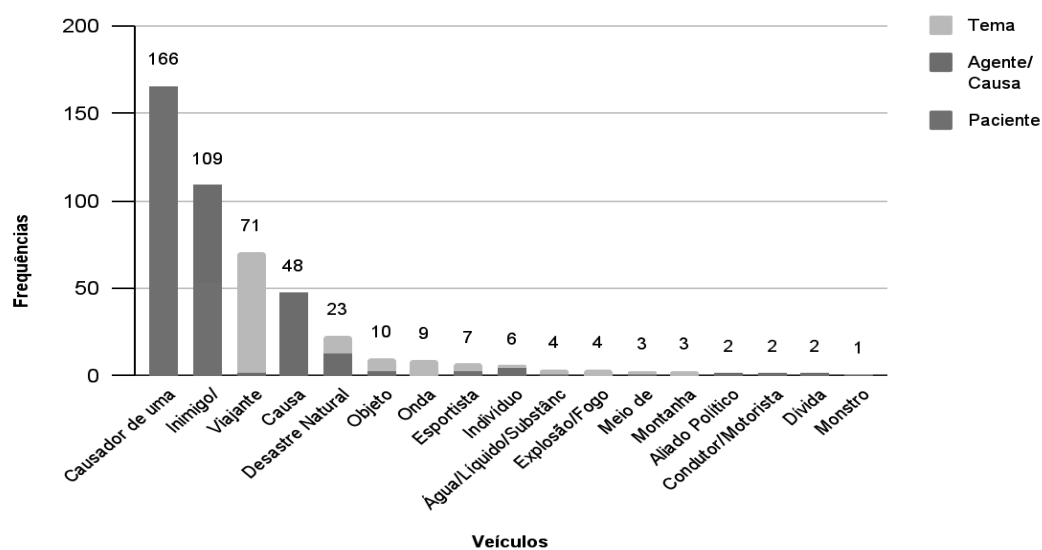
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 15 – Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Classificação das Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022



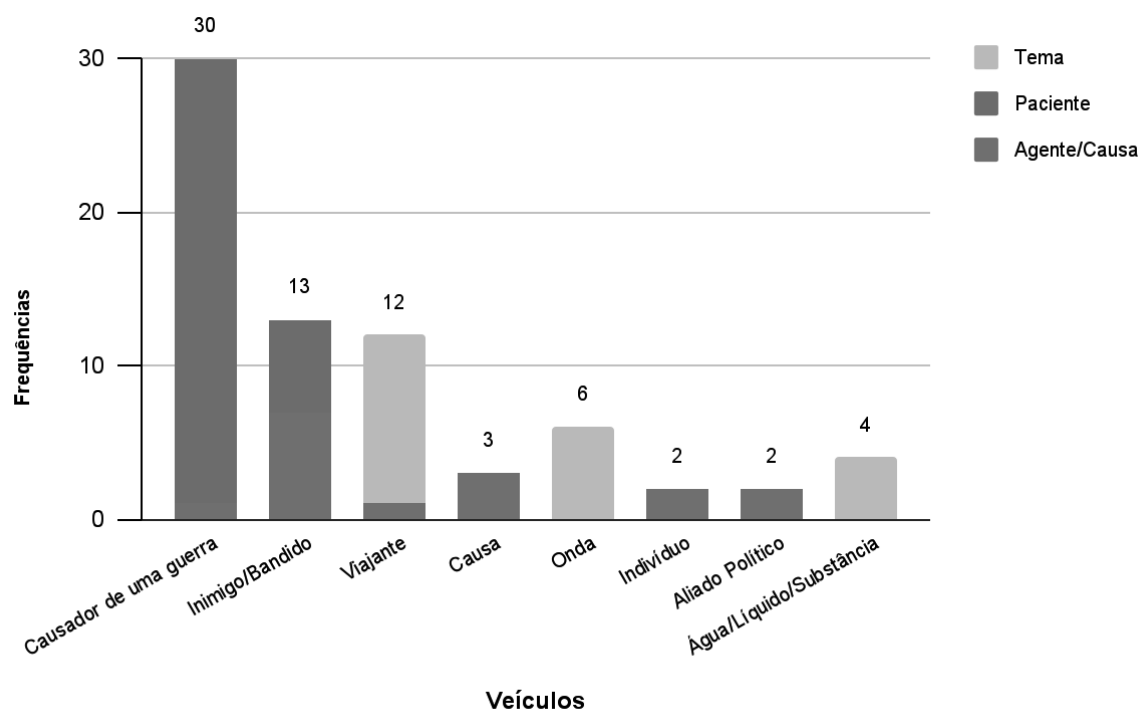
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 16 – Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020



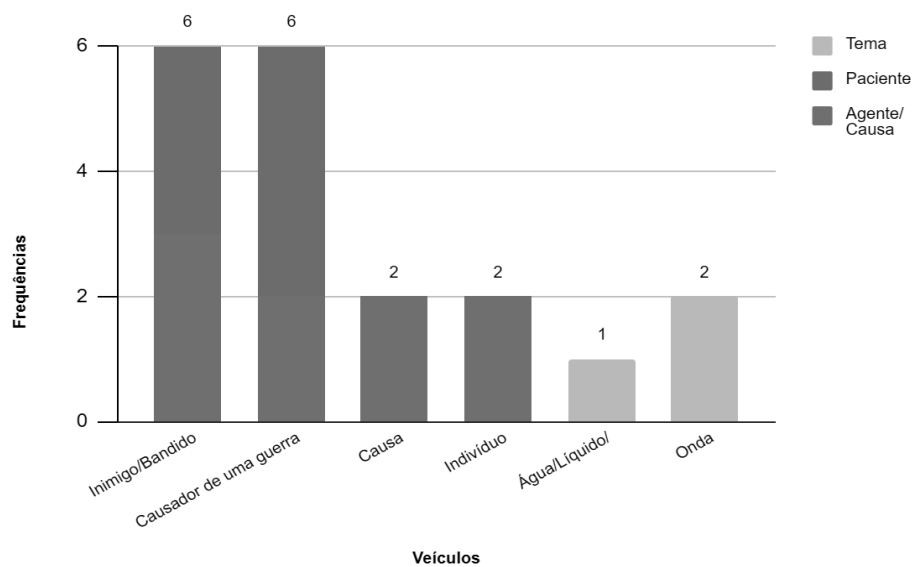
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 17 – Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021



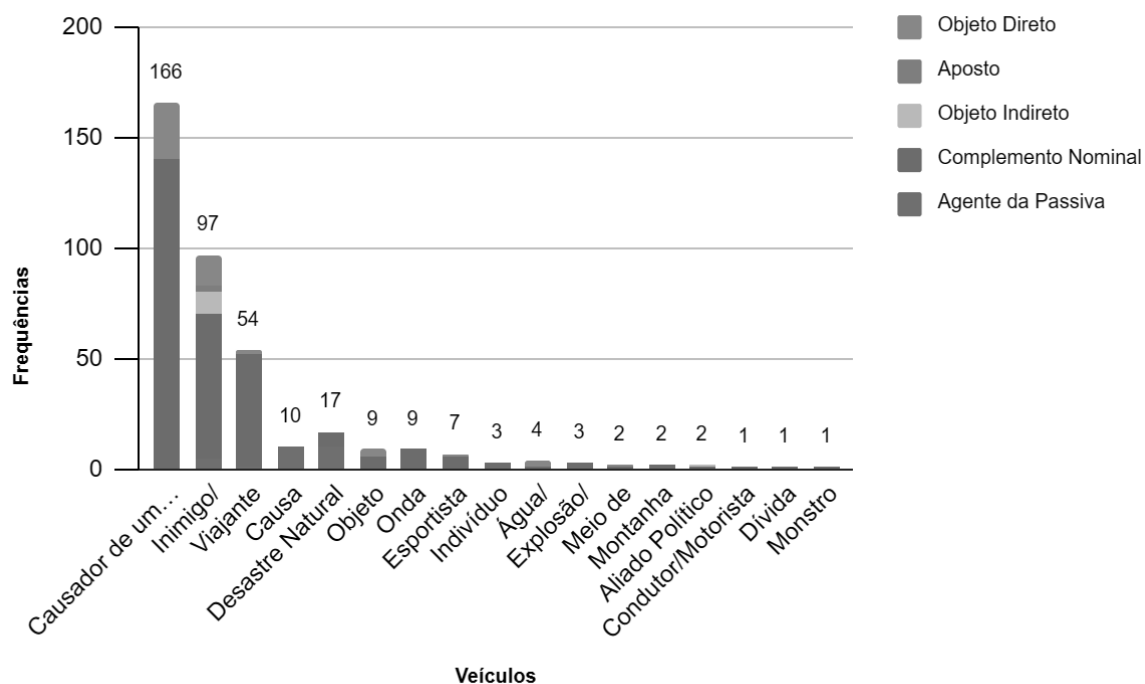
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 18 – Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022



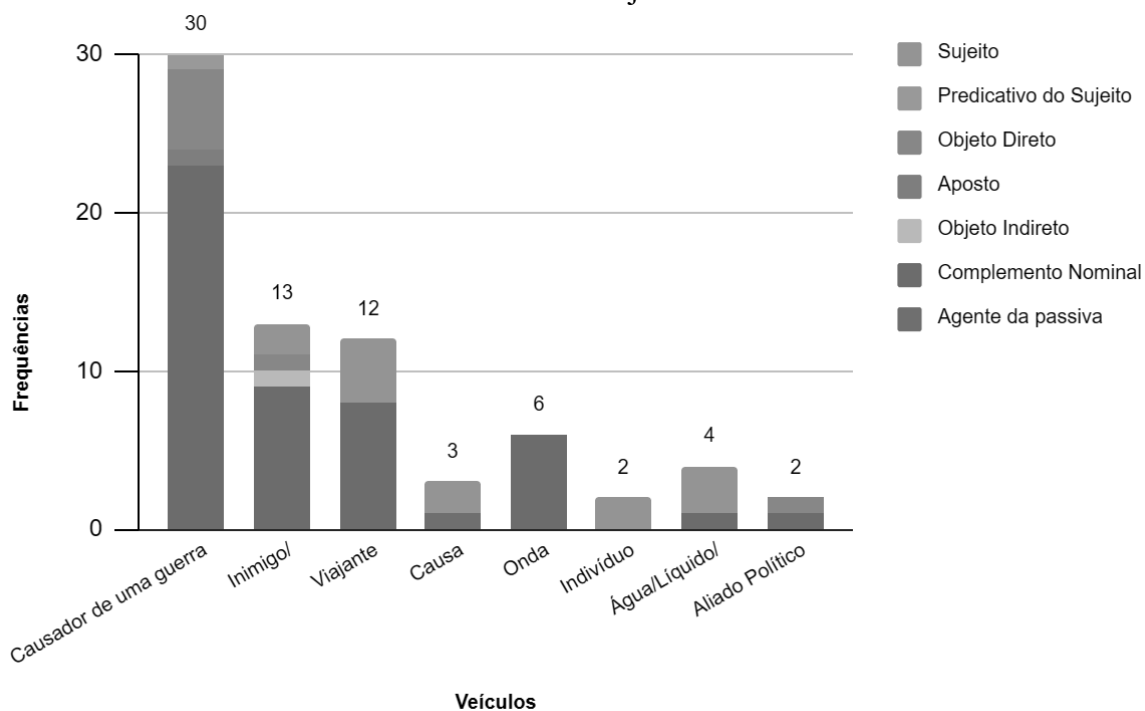
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 19 - Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020



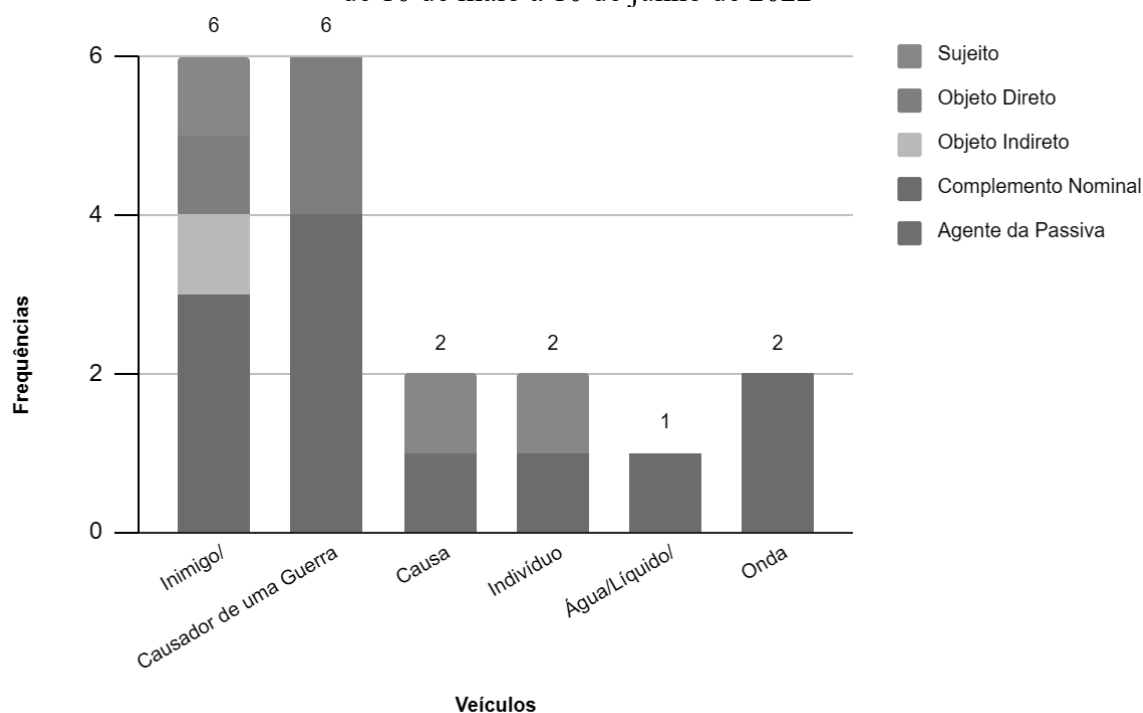
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 20 – Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021



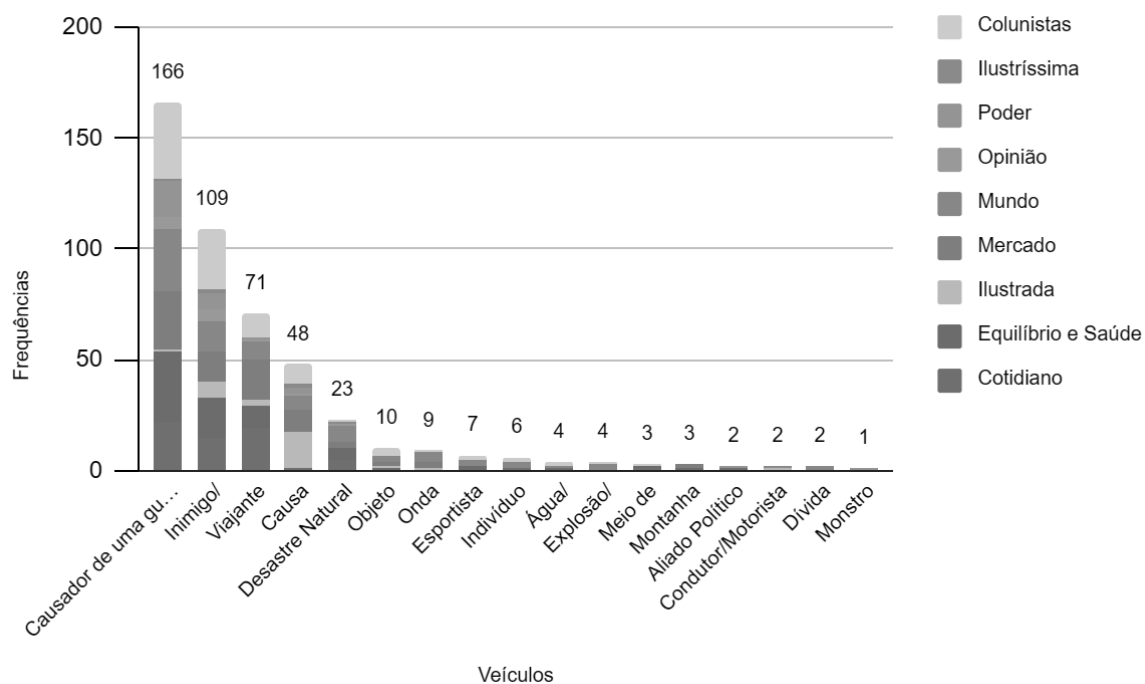
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 21 – Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022



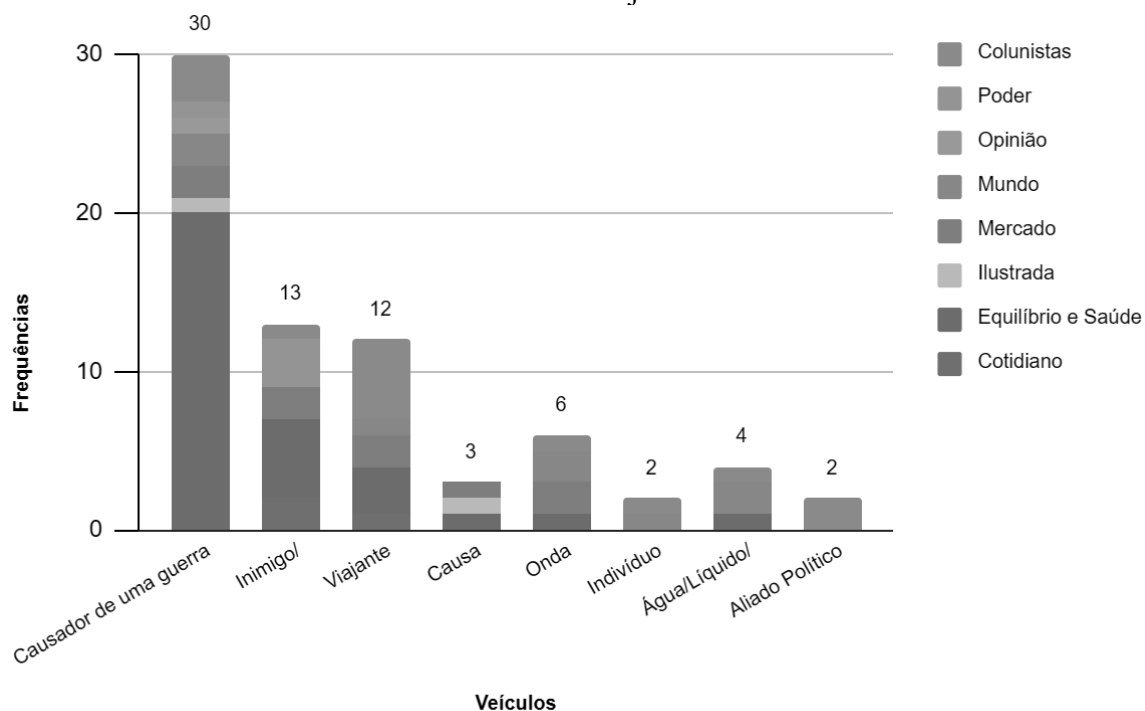
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 22 – Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020



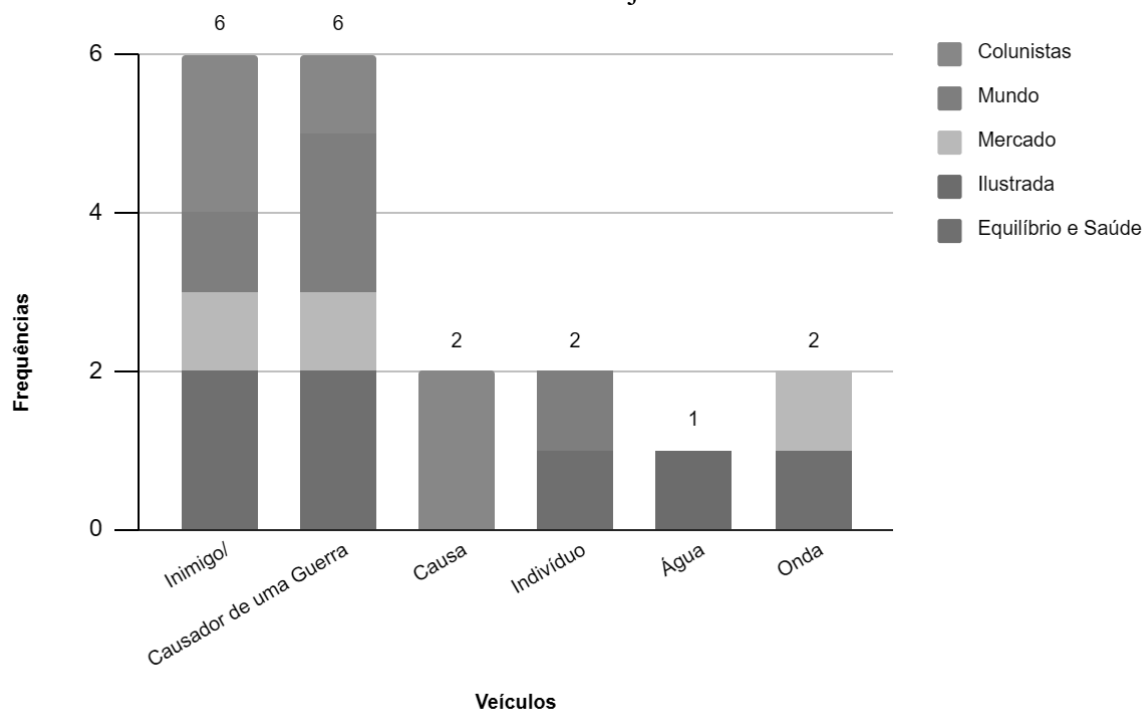
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 23 – Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021



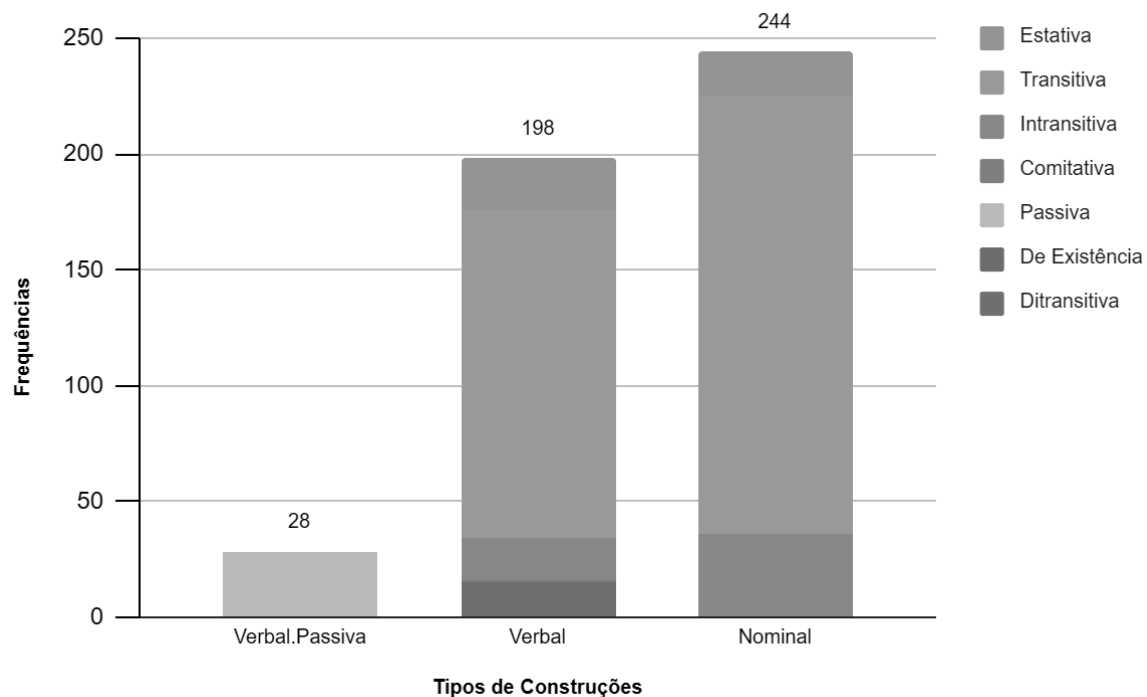
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 24 – Frequências dos níveis das variáveis Veículos e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022



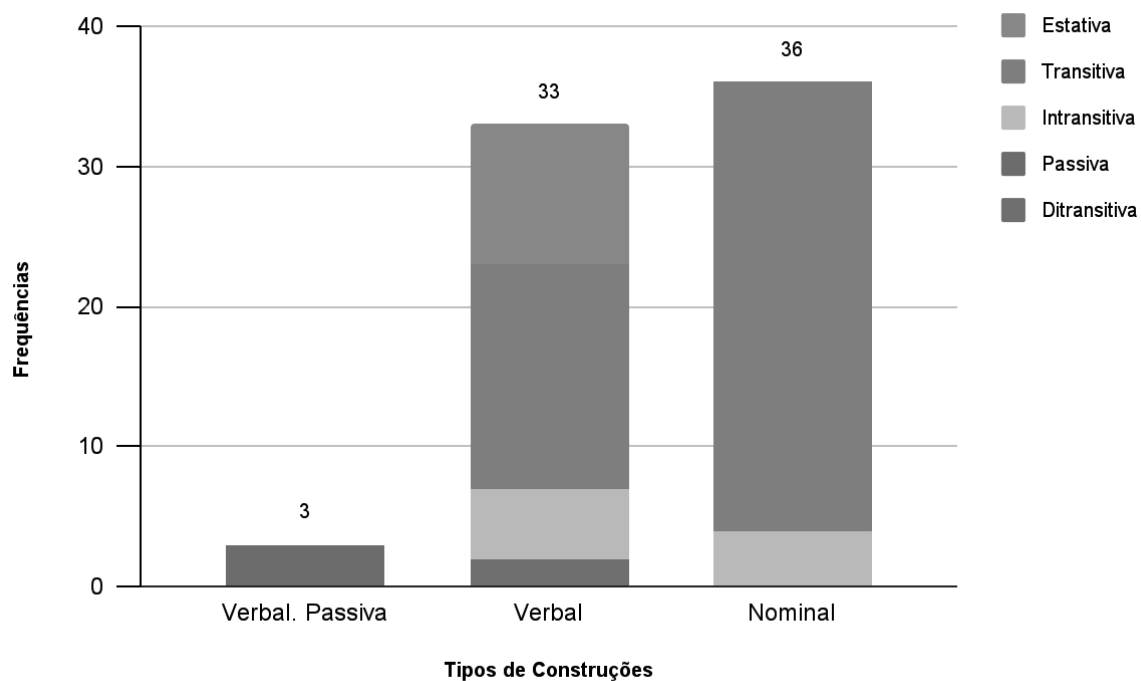
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 25 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Classificação das Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020



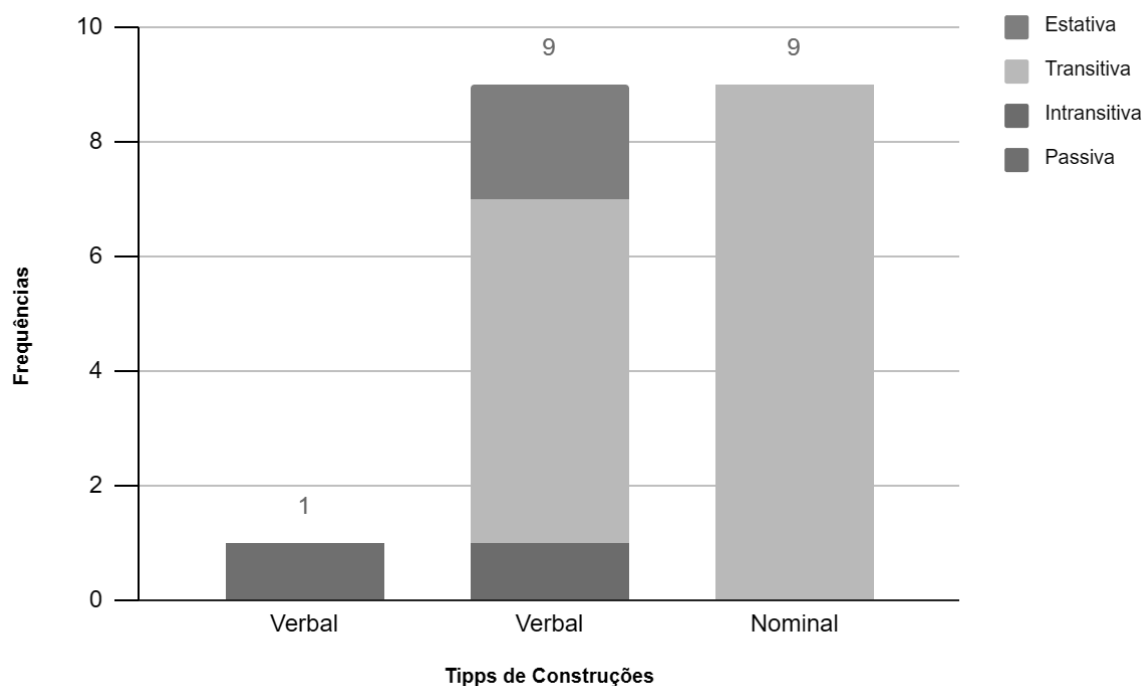
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 26 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Classificação das Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021



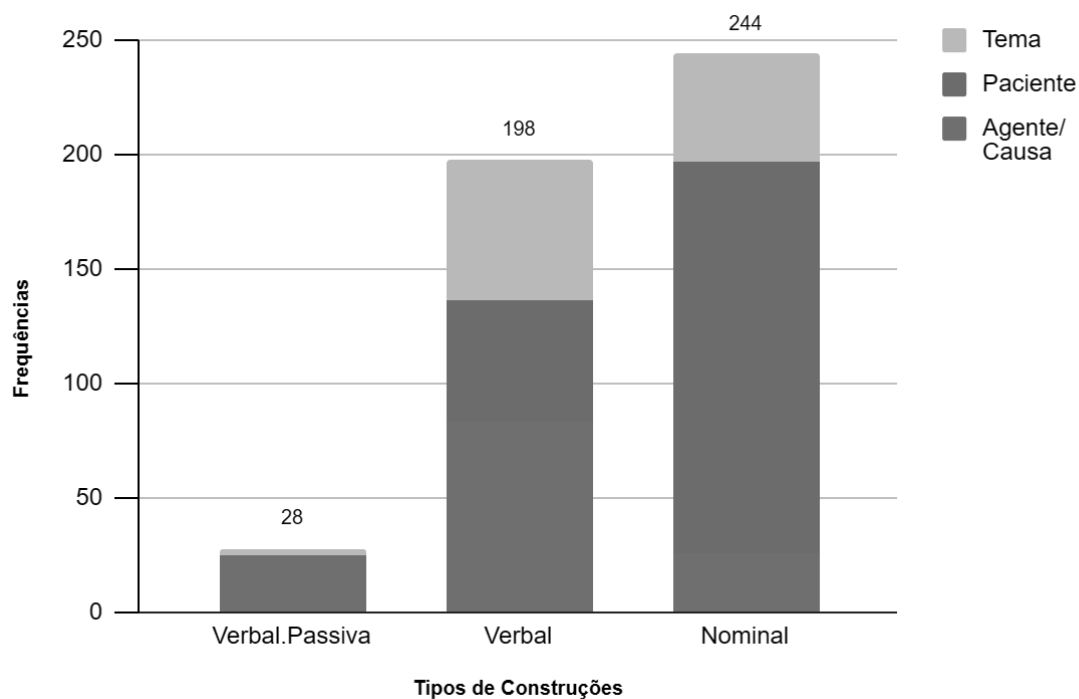
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 27 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Classificação das Construções no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022



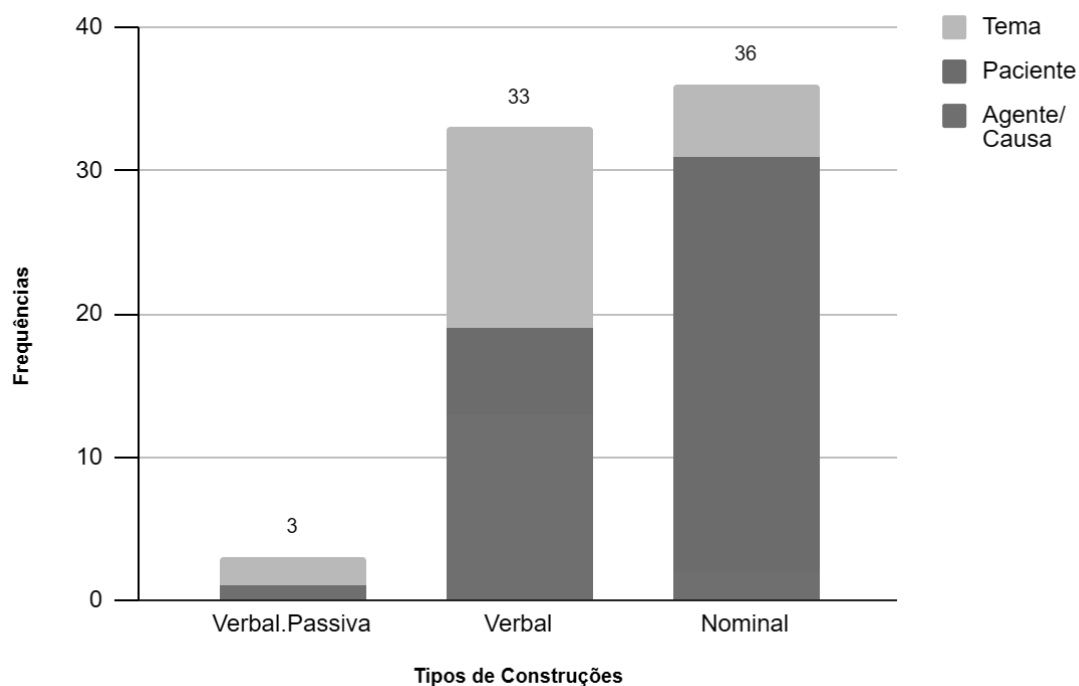
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 28 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020



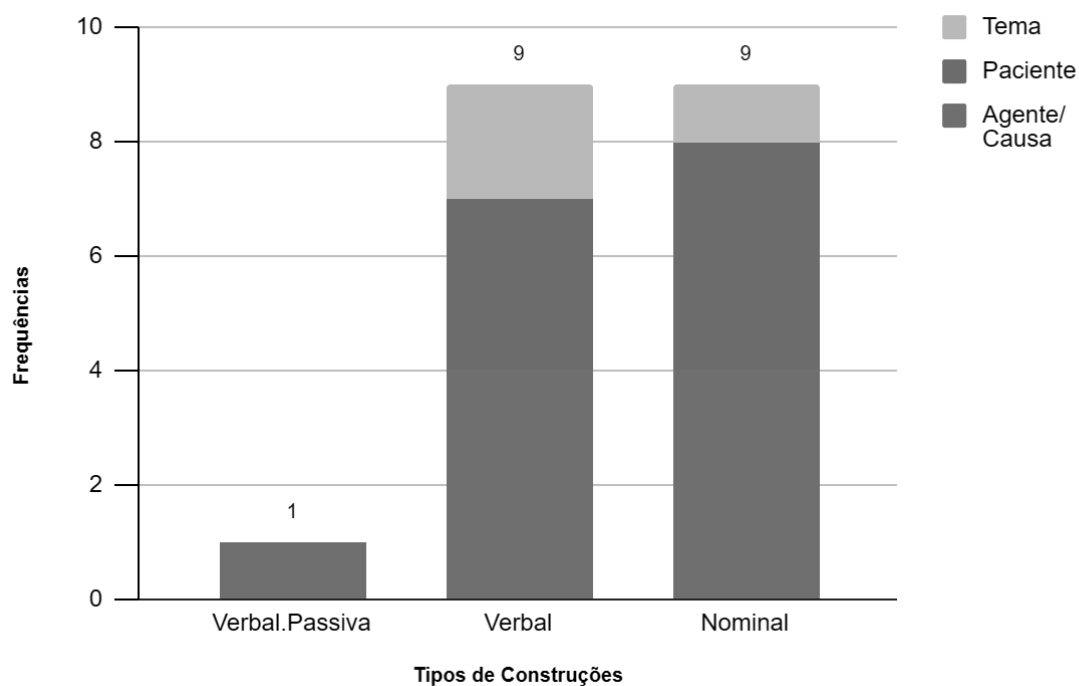
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 29 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021



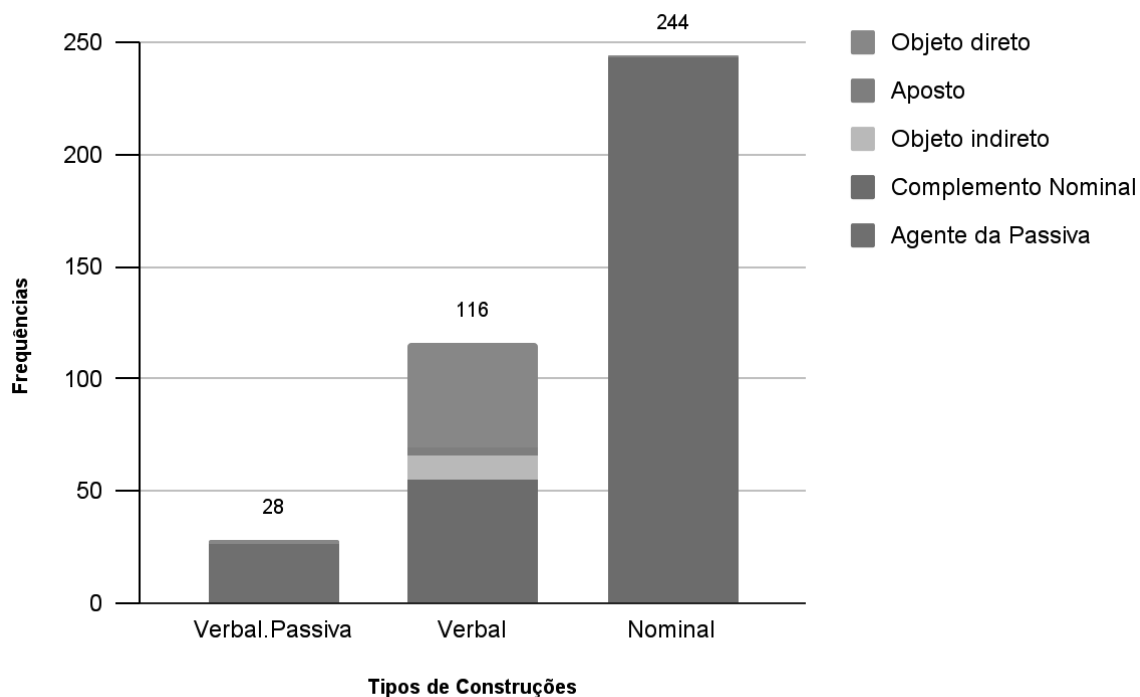
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 30 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022



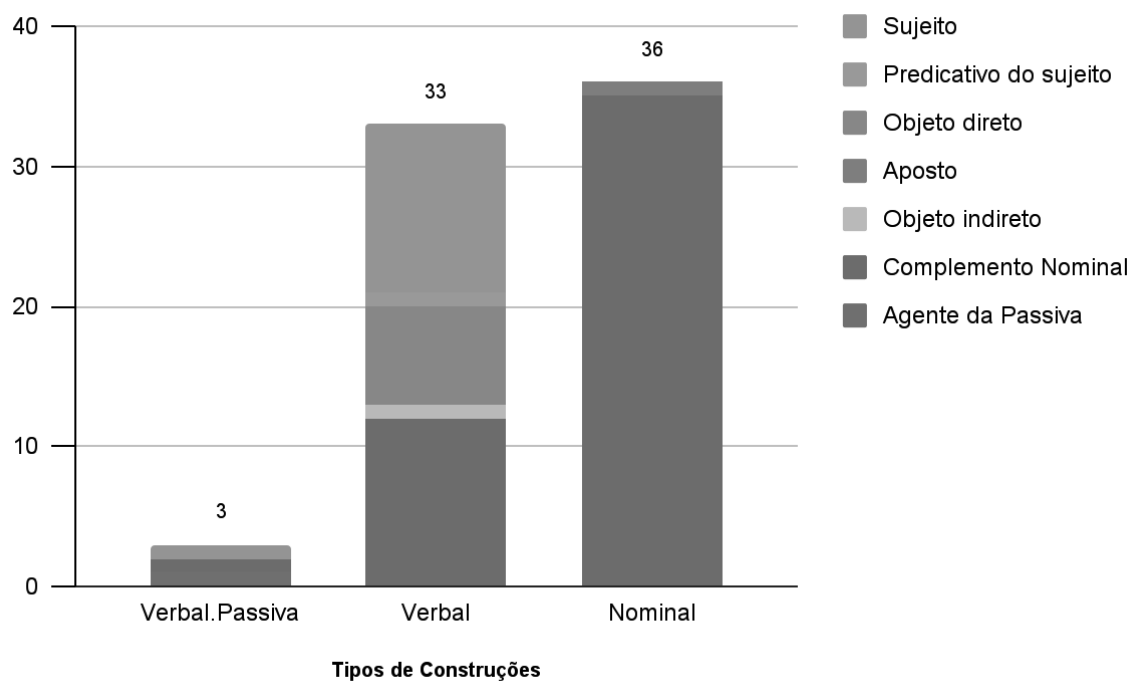
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 31 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020



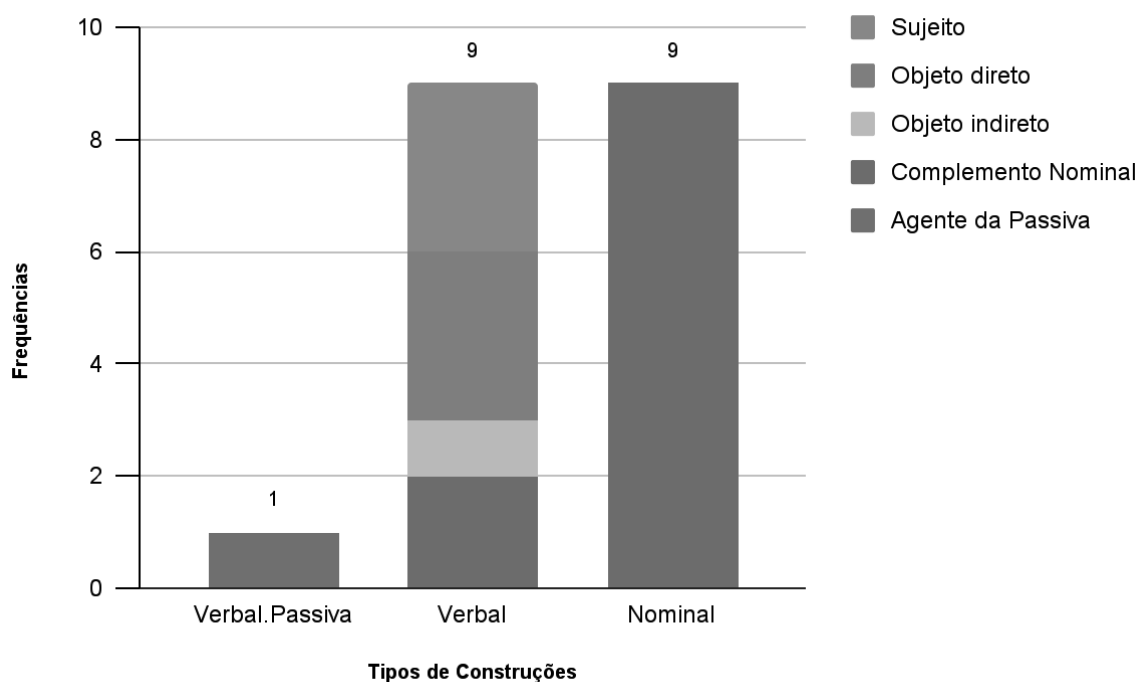
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 32 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021



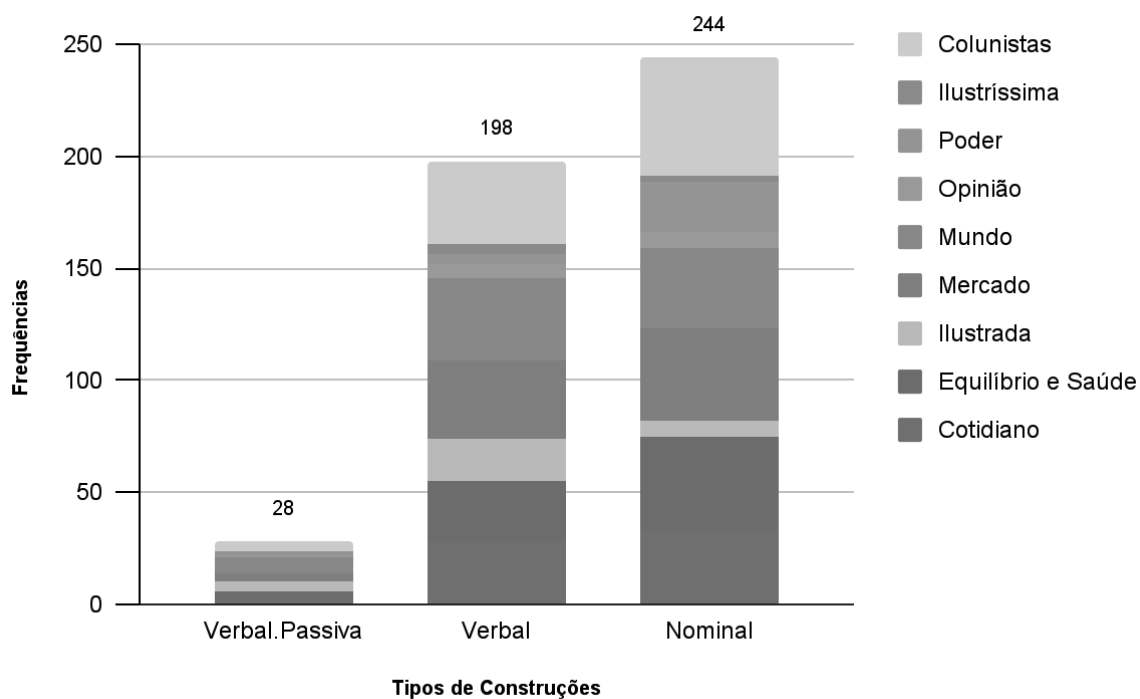
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 33 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022



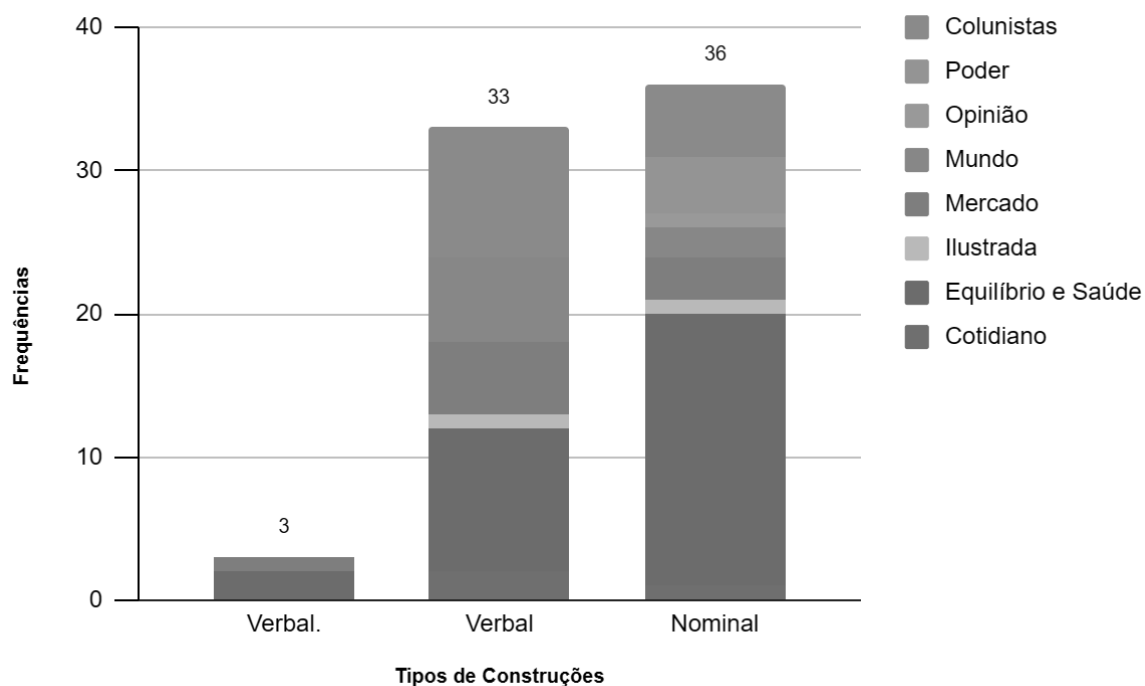
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 34 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020



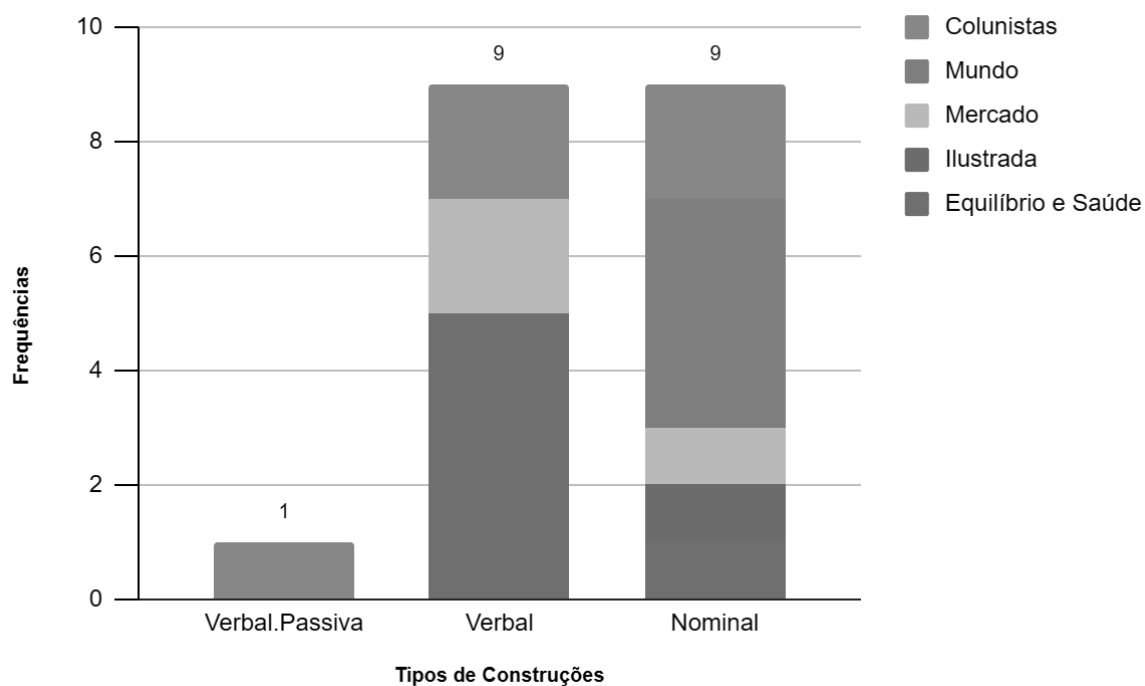
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 35 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021



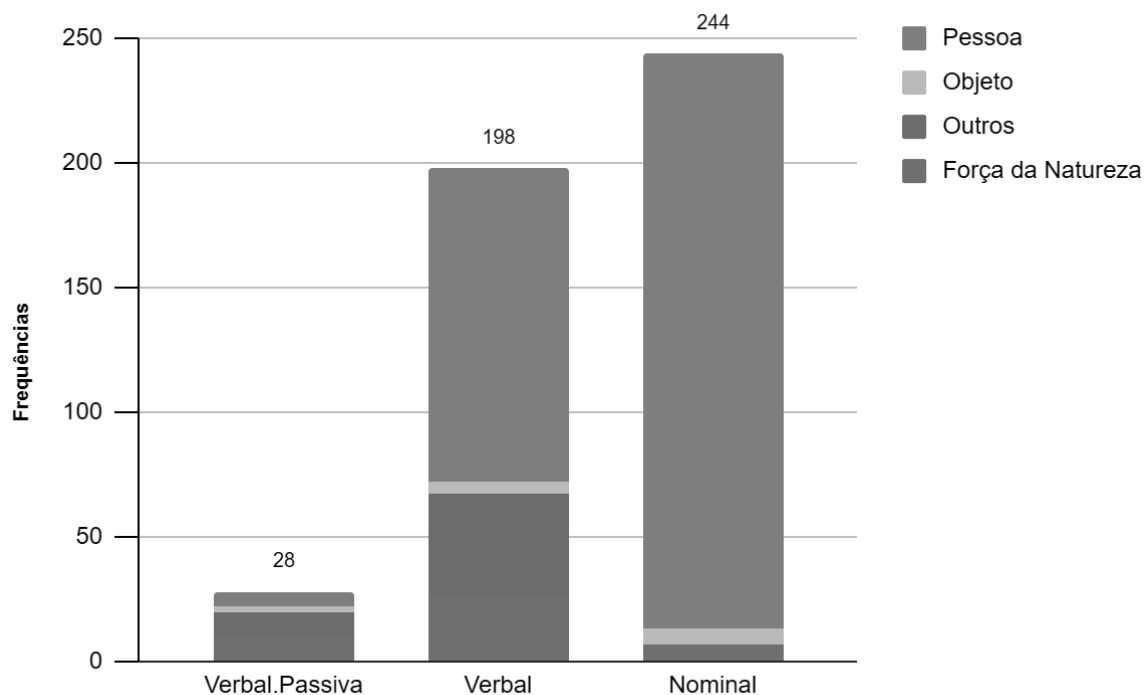
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 36 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022



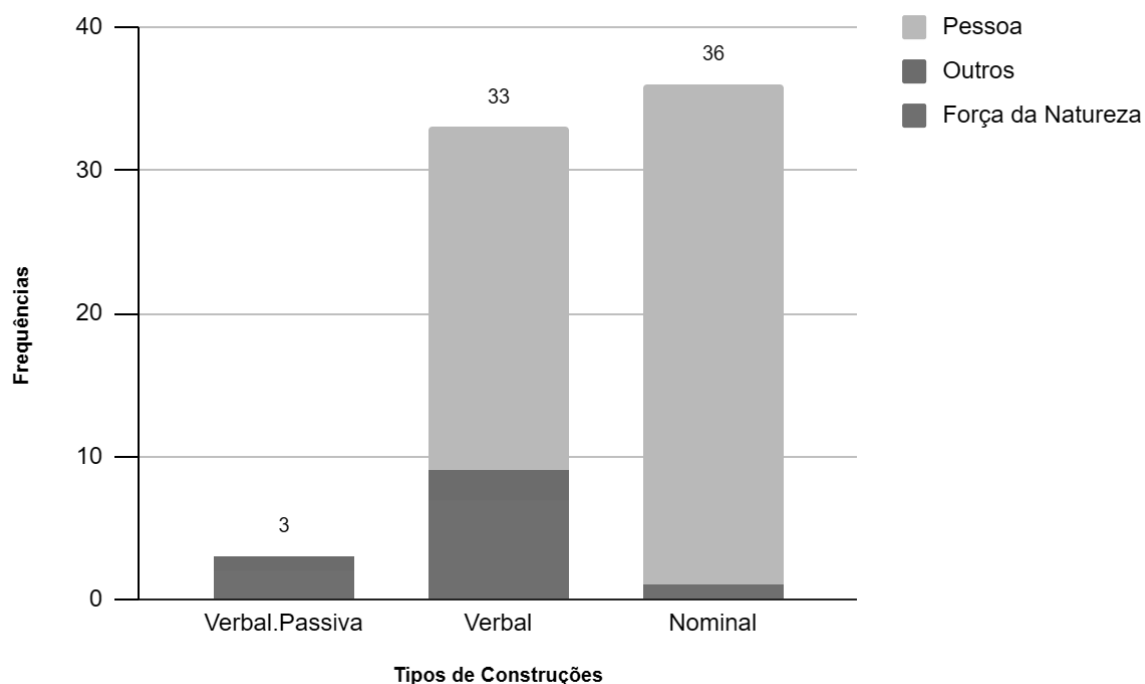
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 37 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020



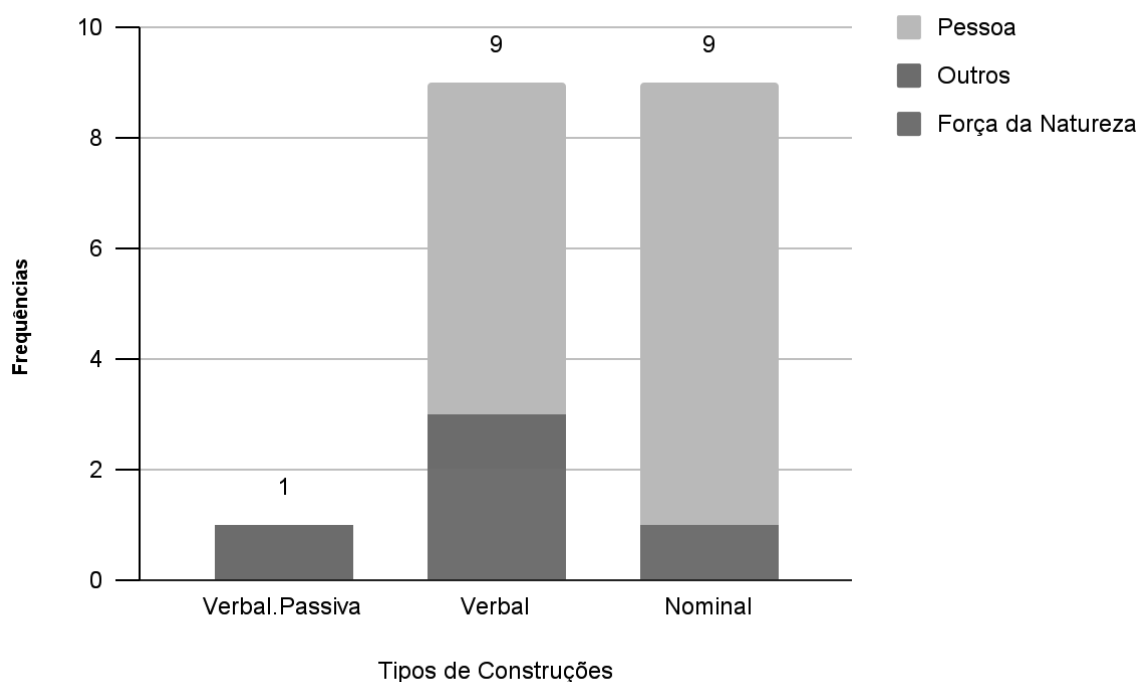
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 38 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021



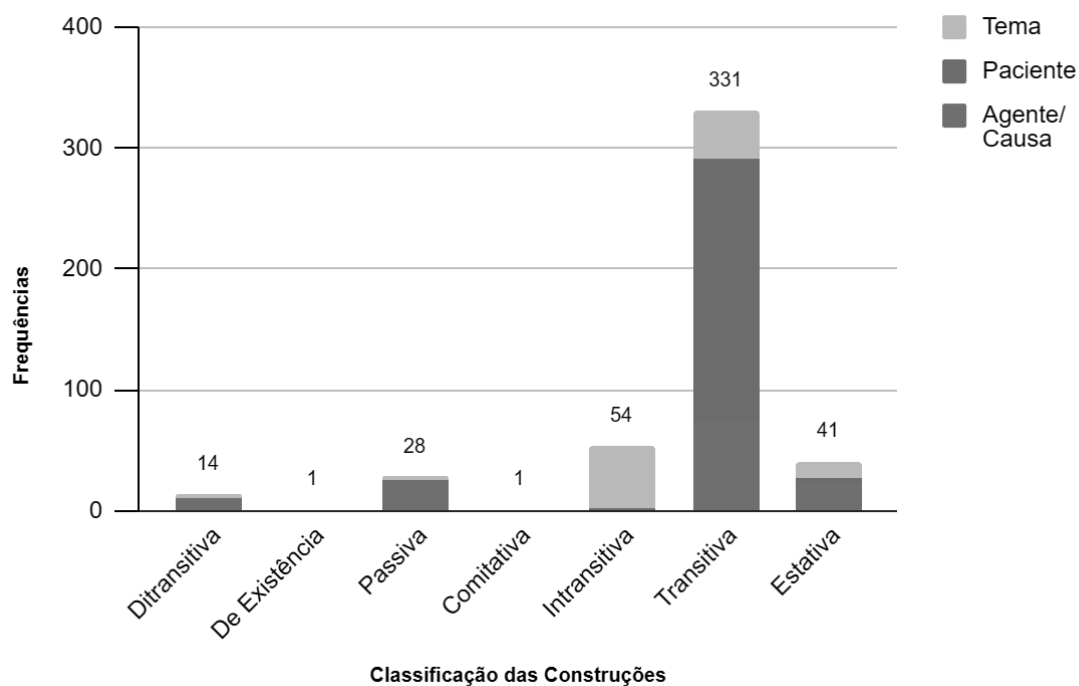
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 39 – Frequências dos níveis das variáveis Tipos de Construções e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022



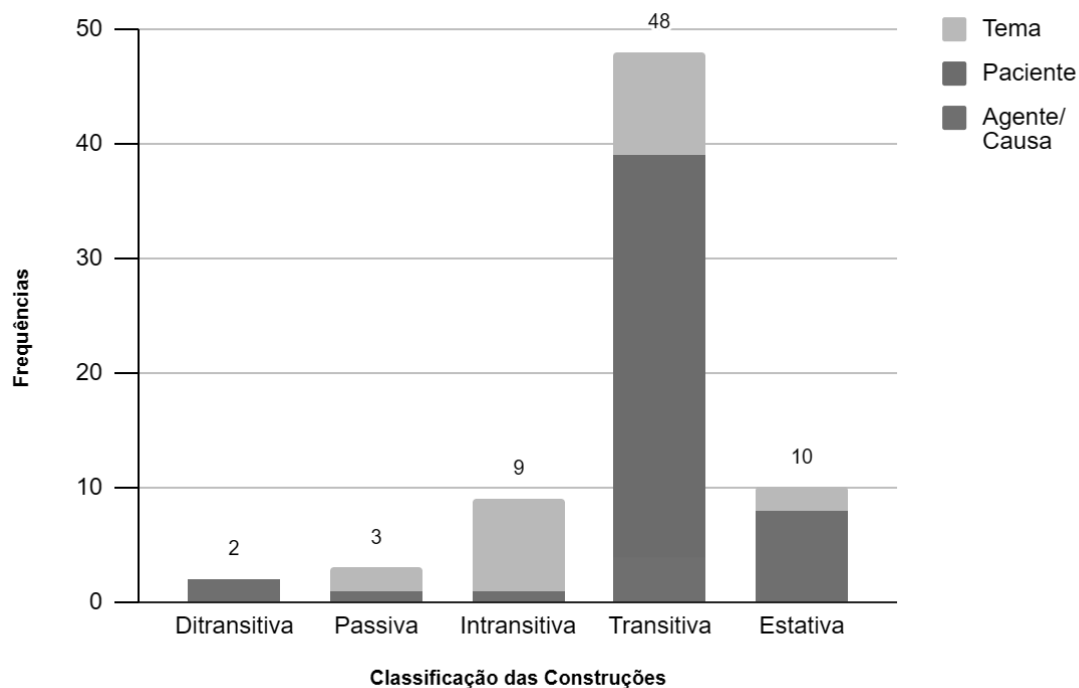
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 40 – Frequências dos níveis das variáveis Classificação das Construções e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020



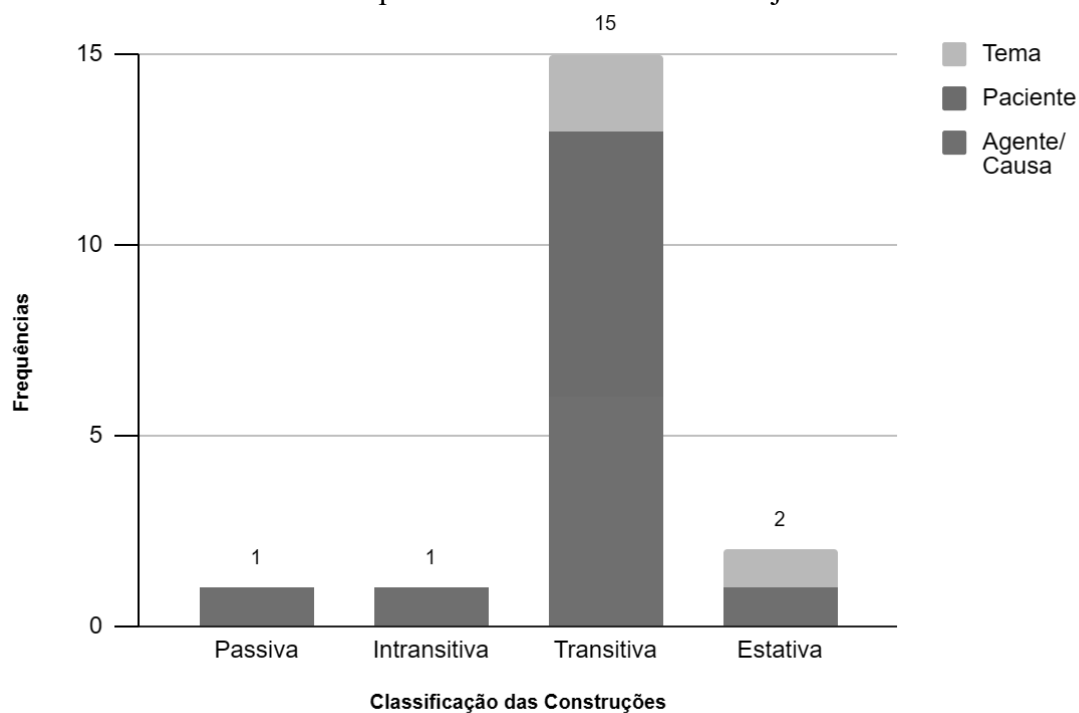
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 41 – Frequências dos níveis das variáveis Classificação das Construções e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021



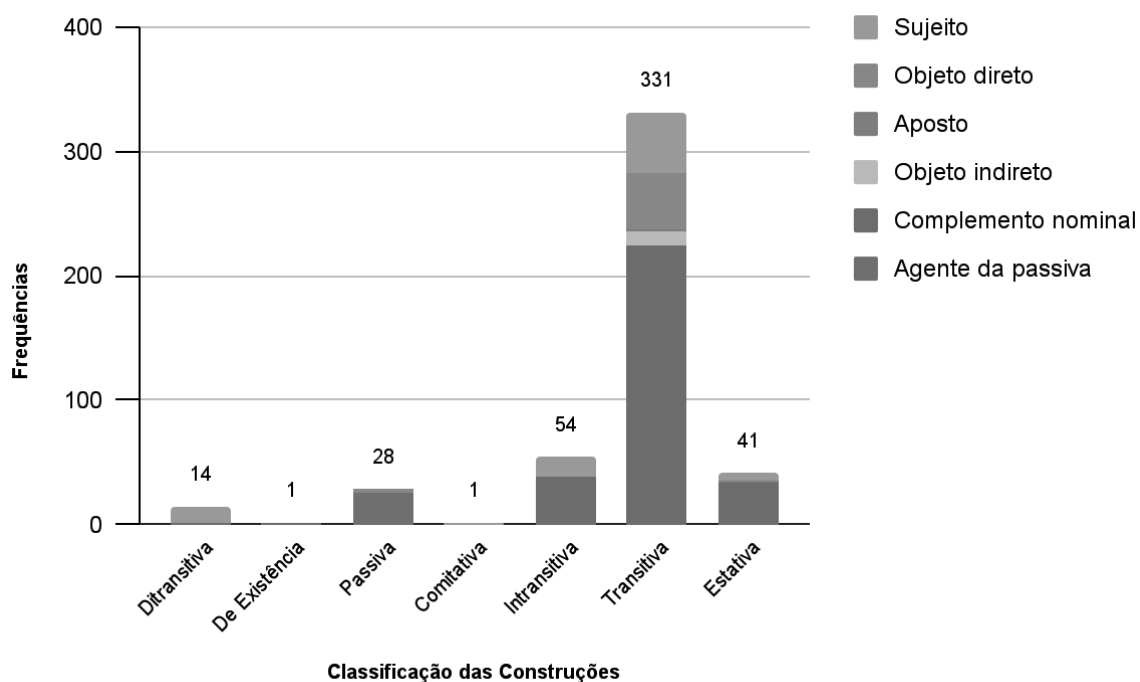
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 42 – Frequências dos níveis das variáveis Classificação das Construções e Papéis Temáticos no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022



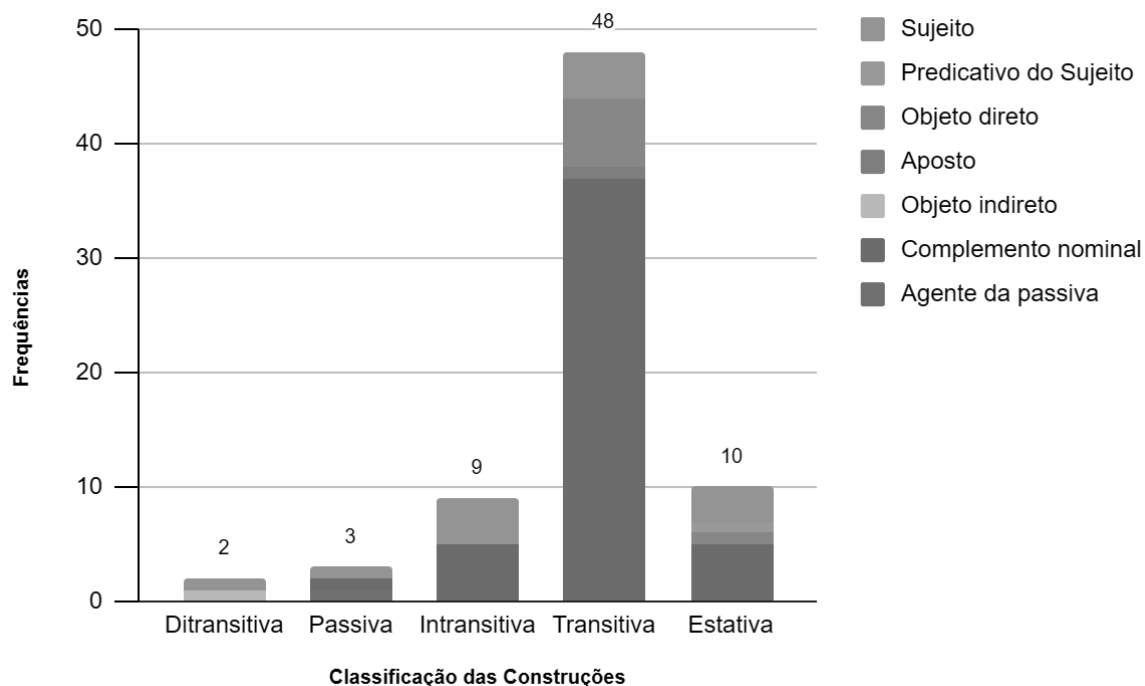
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 43 – Frequências dos níveis das variáveis Classificação das Construções e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020



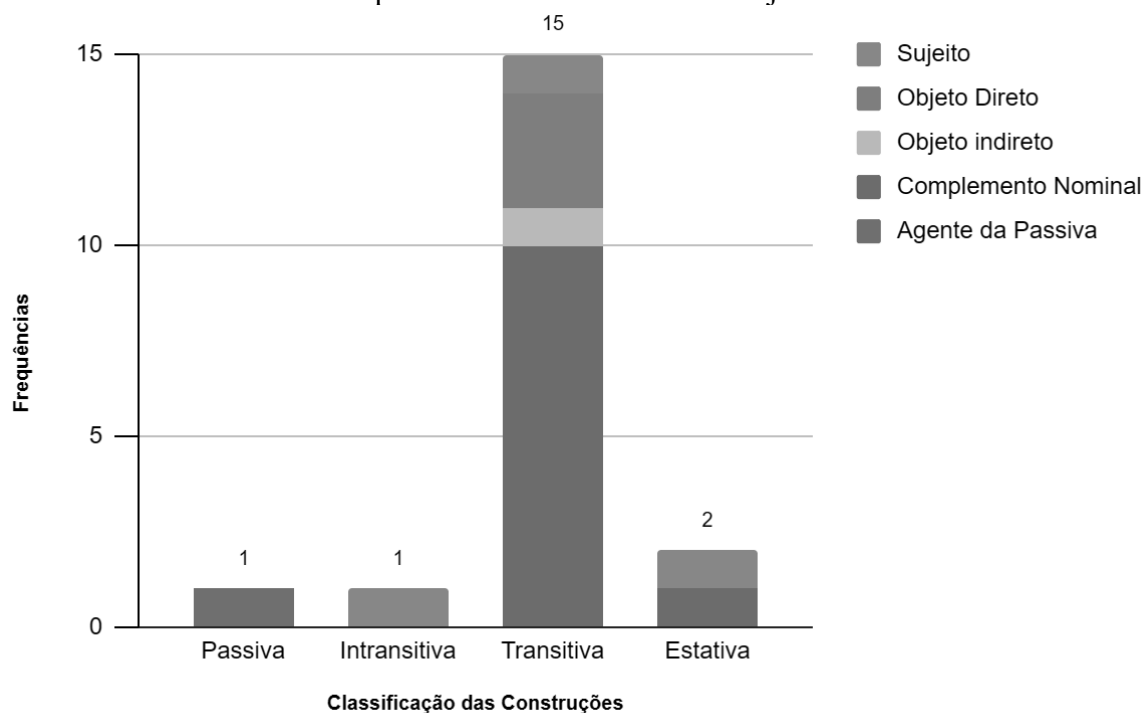
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 44 – Frequências dos níveis das variáveis Classificação das Construções e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021



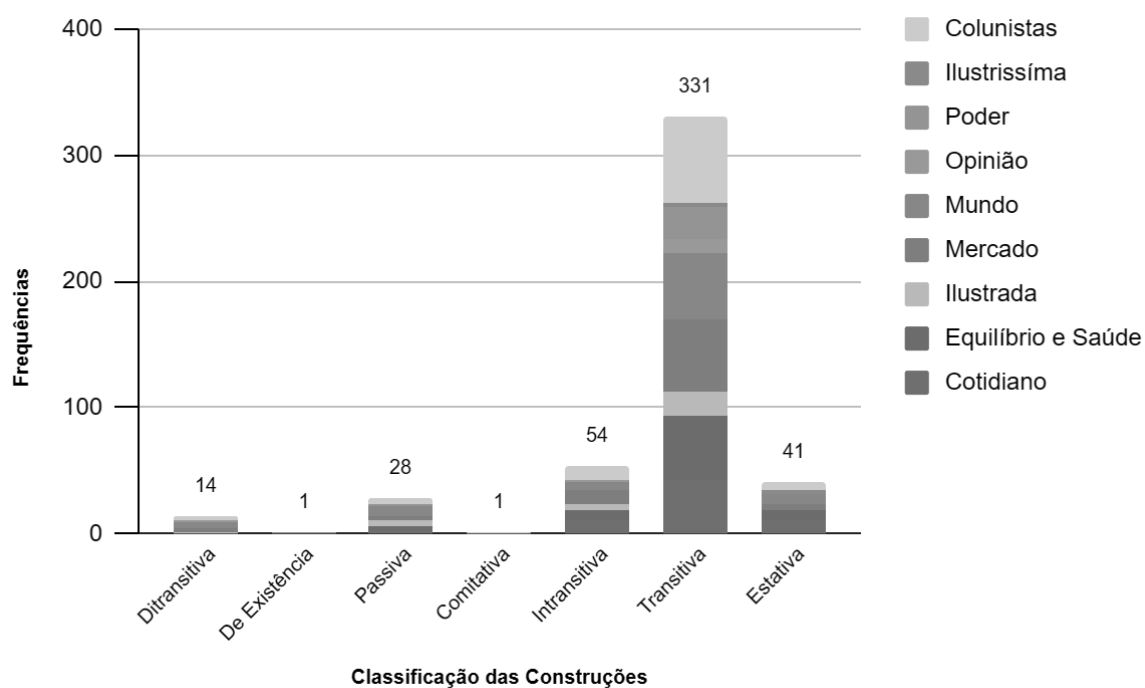
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 45 – Frequências dos níveis das variáveis Classificação das Construções e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022



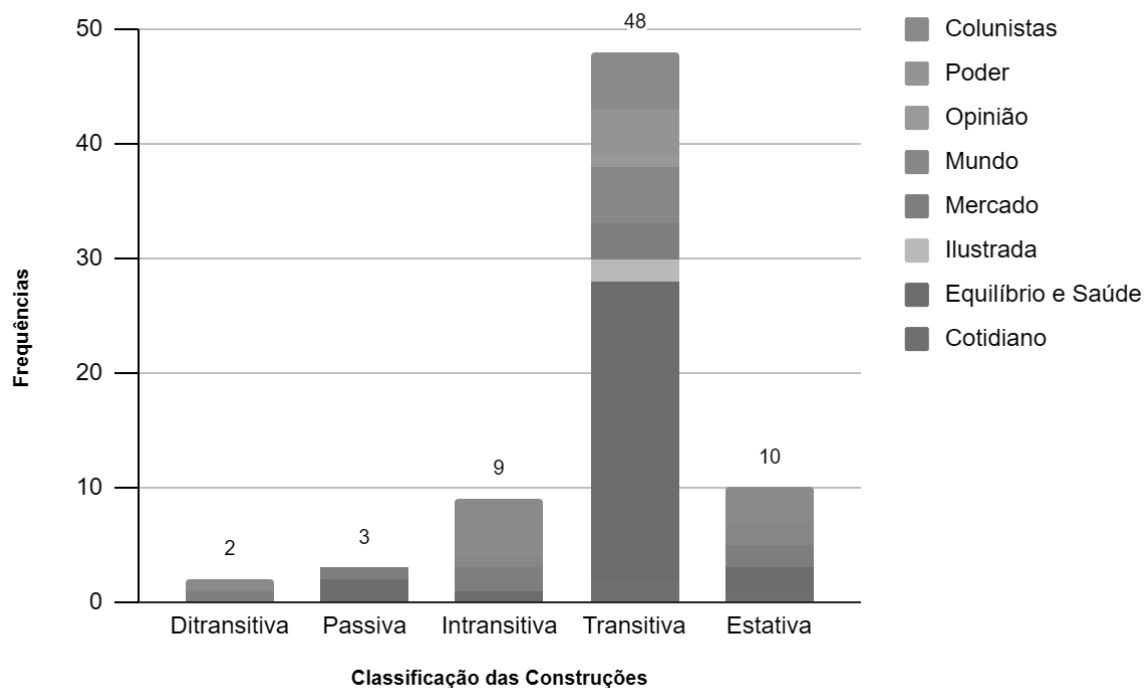
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 46 – Frequências dos níveis das variáveis Classificação das Construções e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020



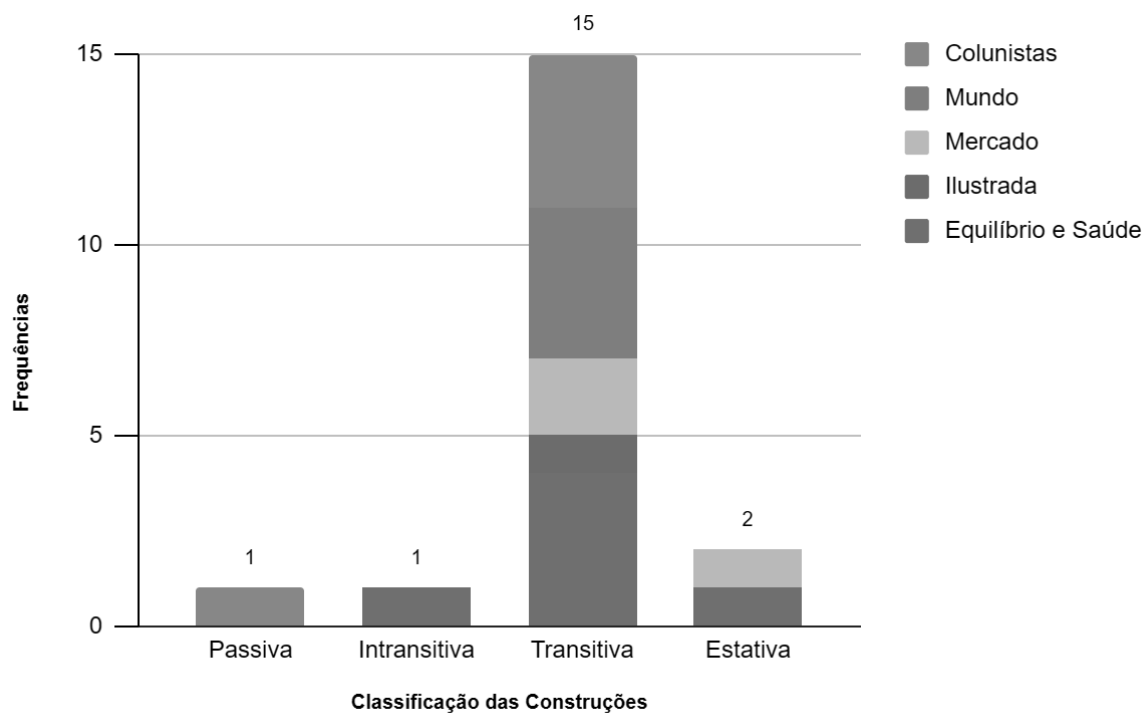
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 47 – Frequências dos níveis das variáveis Classificação das Construções e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021



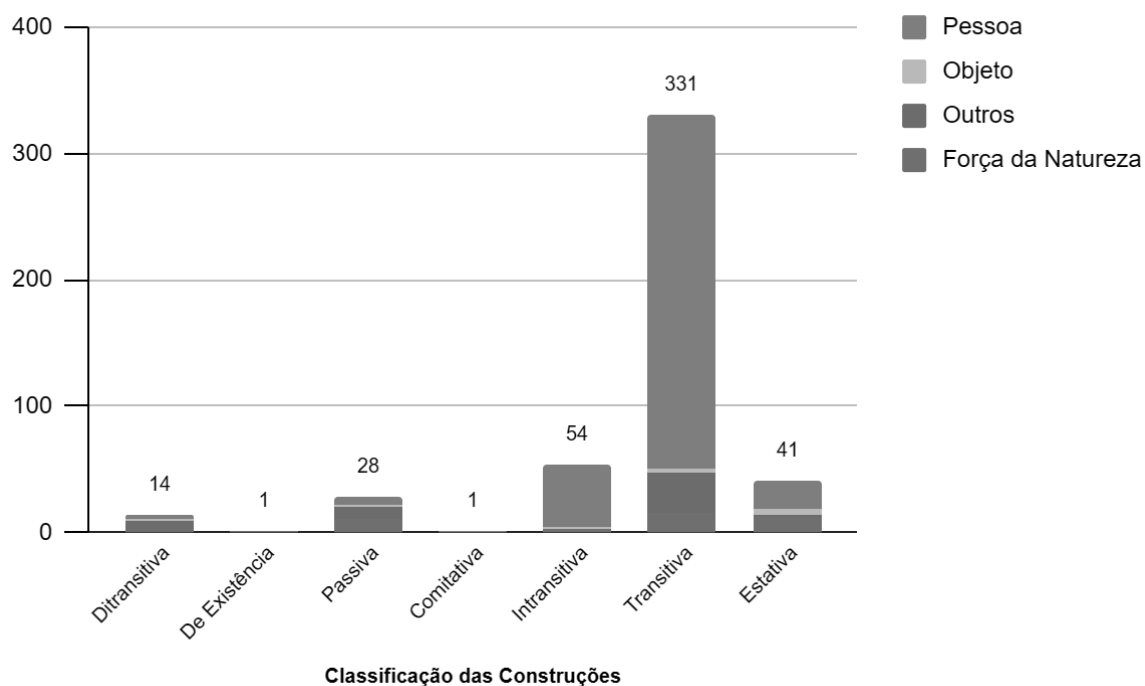
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 48 – Frequências dos níveis das variáveis Classificação das Construções e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022



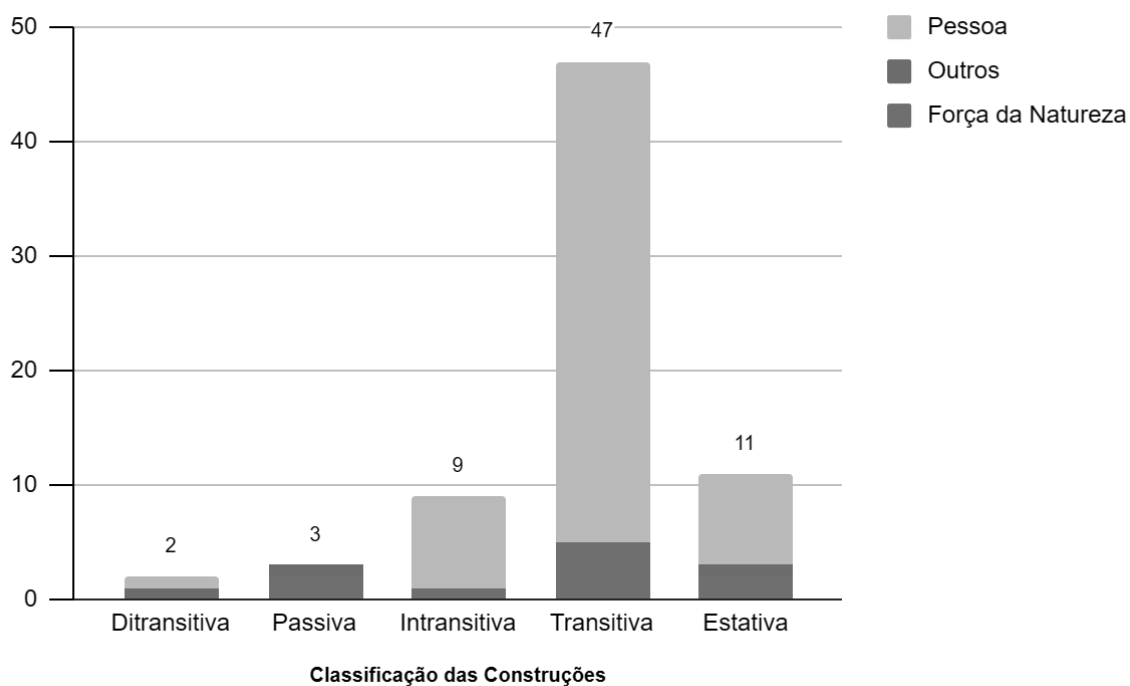
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 49 – Frequências dos níveis das variáveis Classificação das Construções e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020



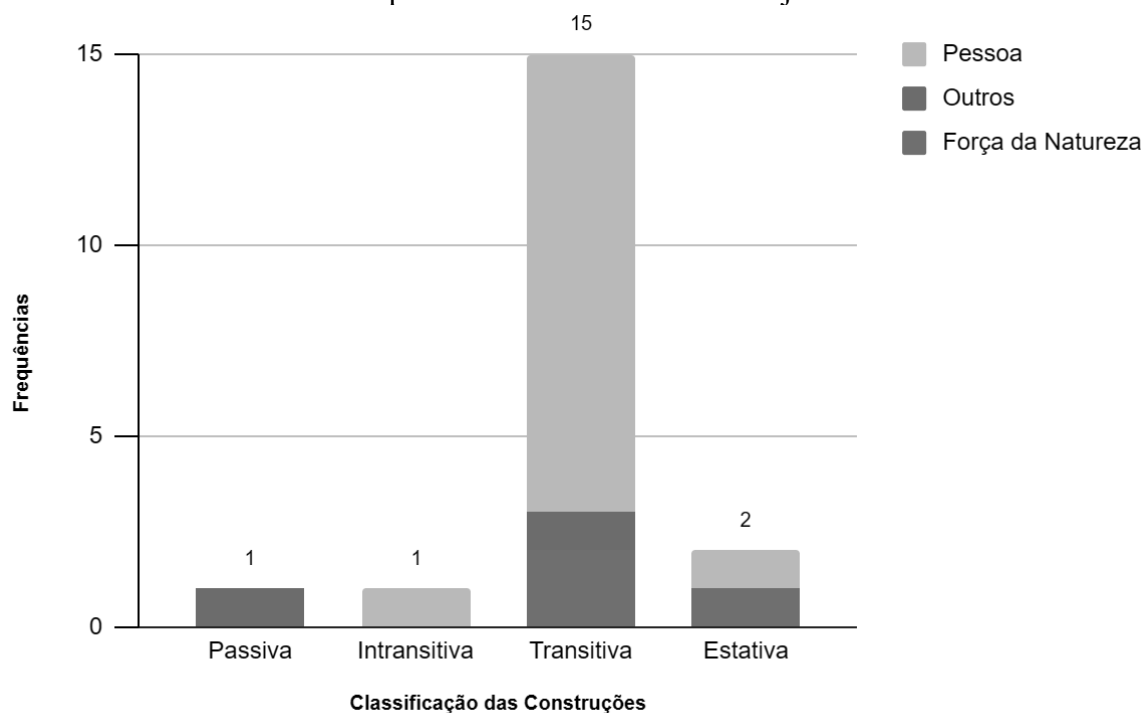
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 50 – Frequências dos níveis das variáveis Classificação das Construções e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021



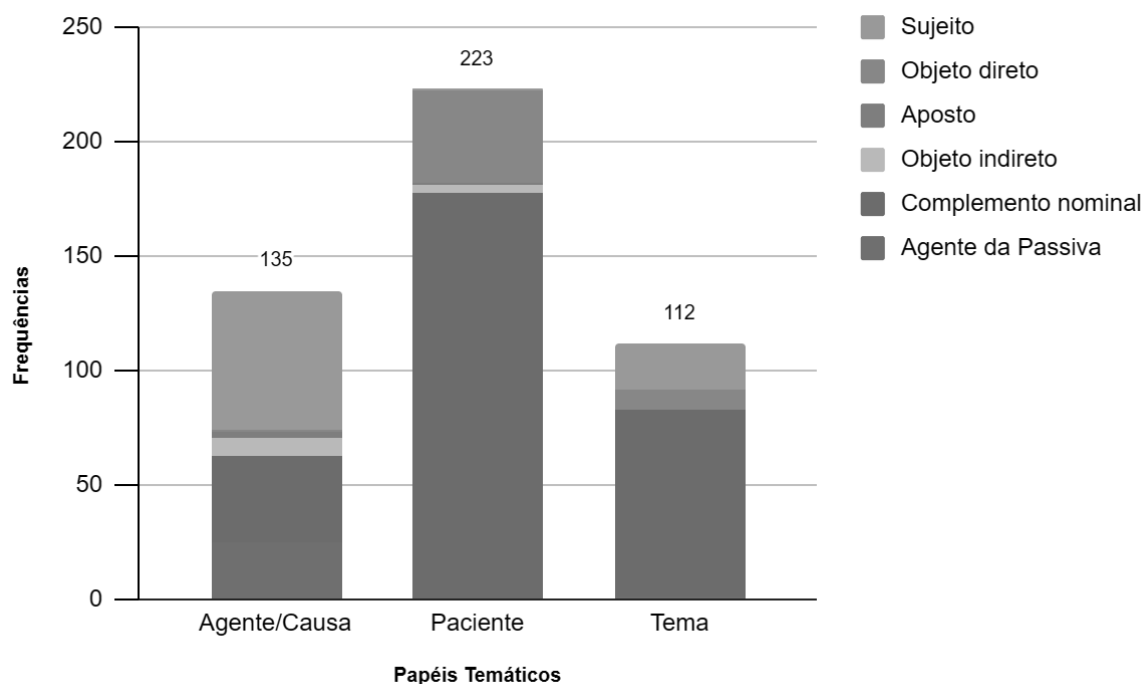
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 51 – Frequências dos níveis das variáveis Classificação das Construções e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022



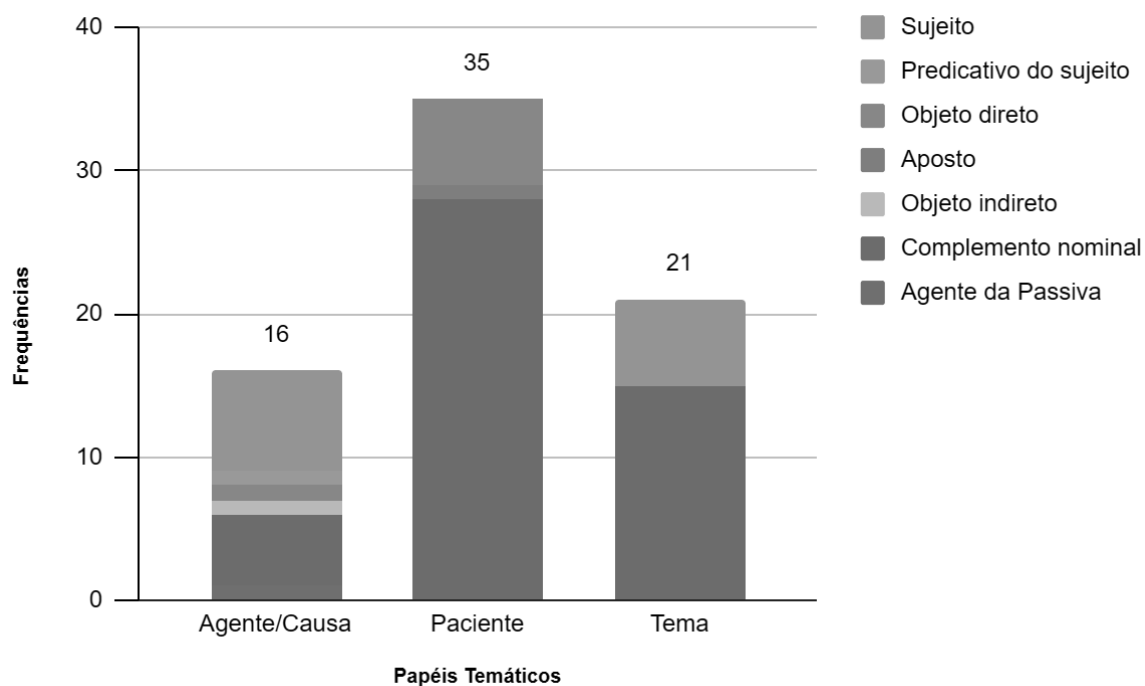
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 52 – Frequências dos níveis das variáveis Papéis Temáticos e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020



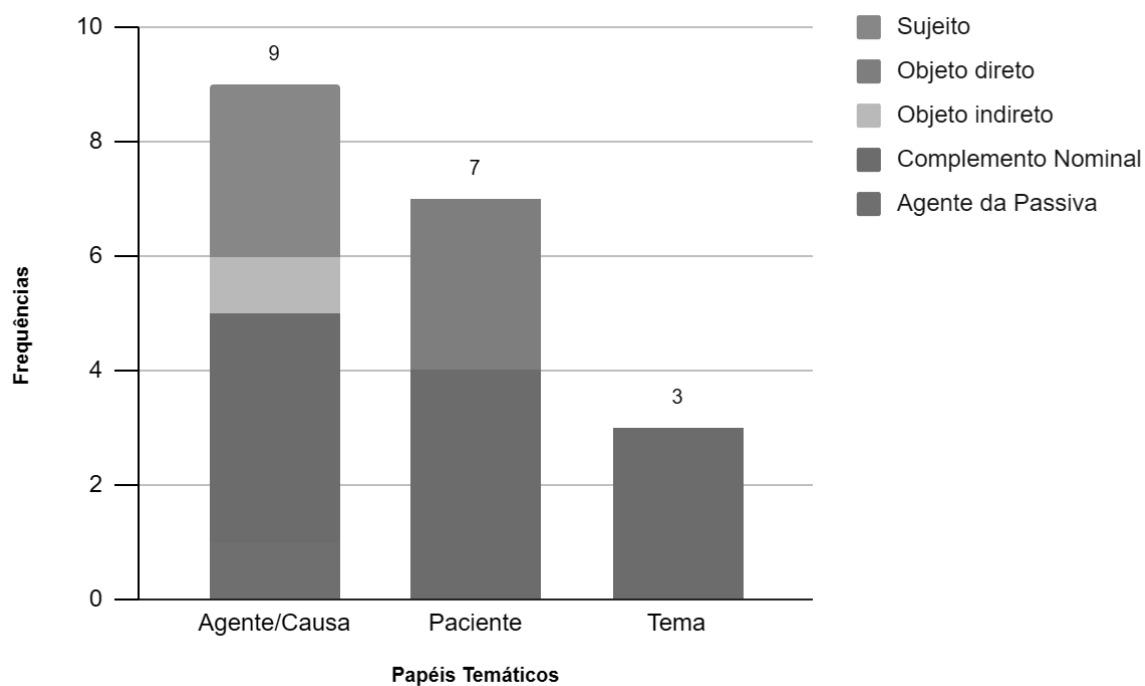
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 53 – Frequências dos níveis das variáveis Papéis Temáticos e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021



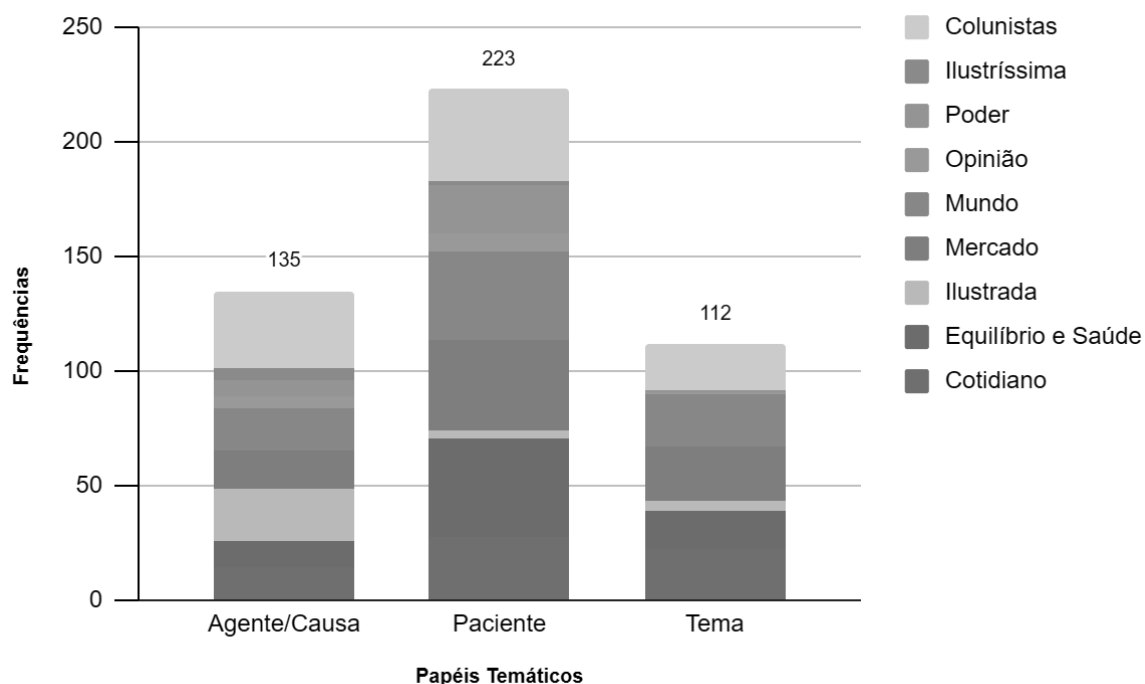
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 54 – Frequências dos níveis das variáveis Papéis Temáticos e Funções Sintáticas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022



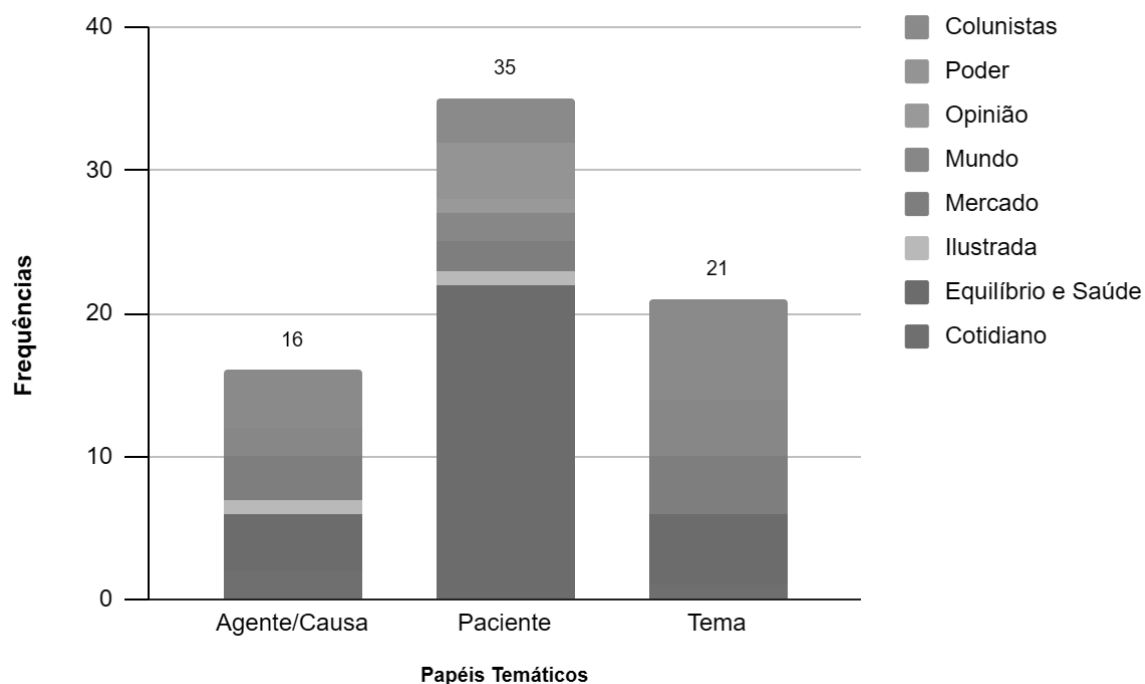
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 55 – Frequências dos níveis das variáveis Papéis Temáticos e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020



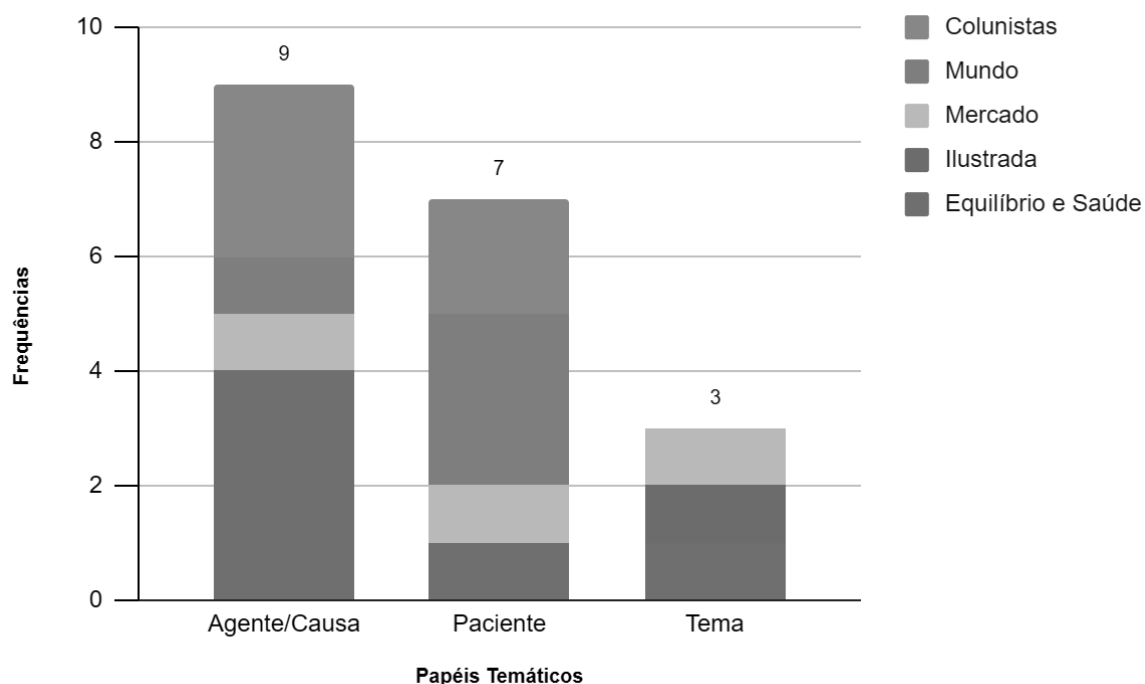
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 56 – Frequências dos níveis das variáveis Papéis Temáticos e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021



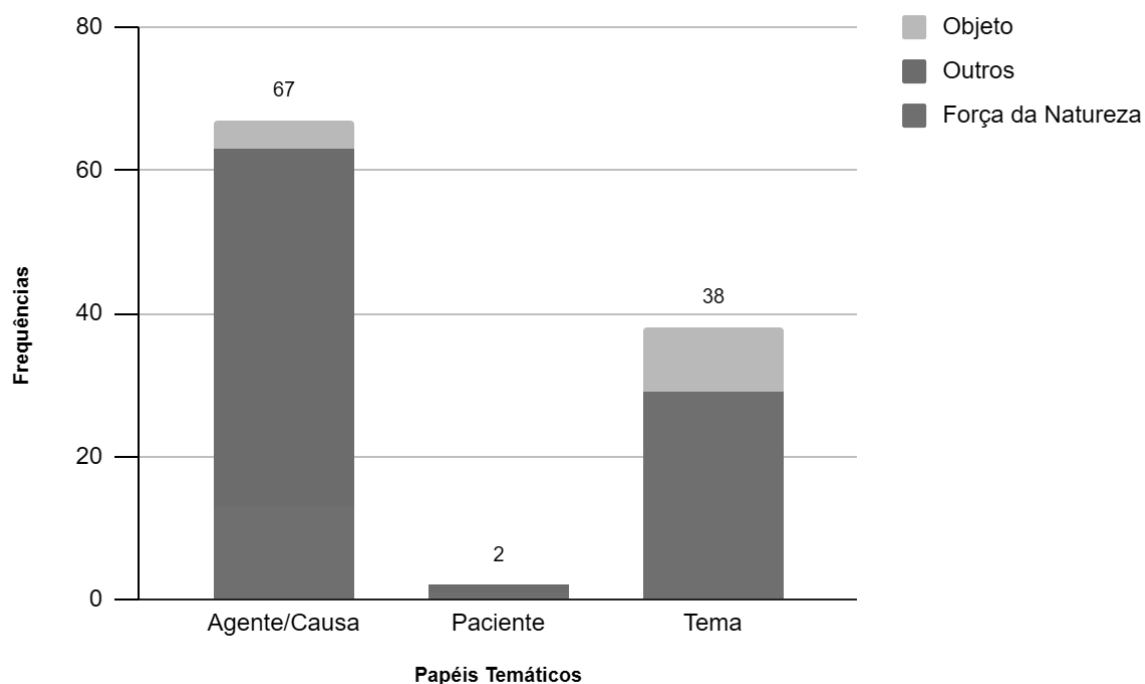
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 57 – Frequências dos níveis das variáveis Papéis Temáticos e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022



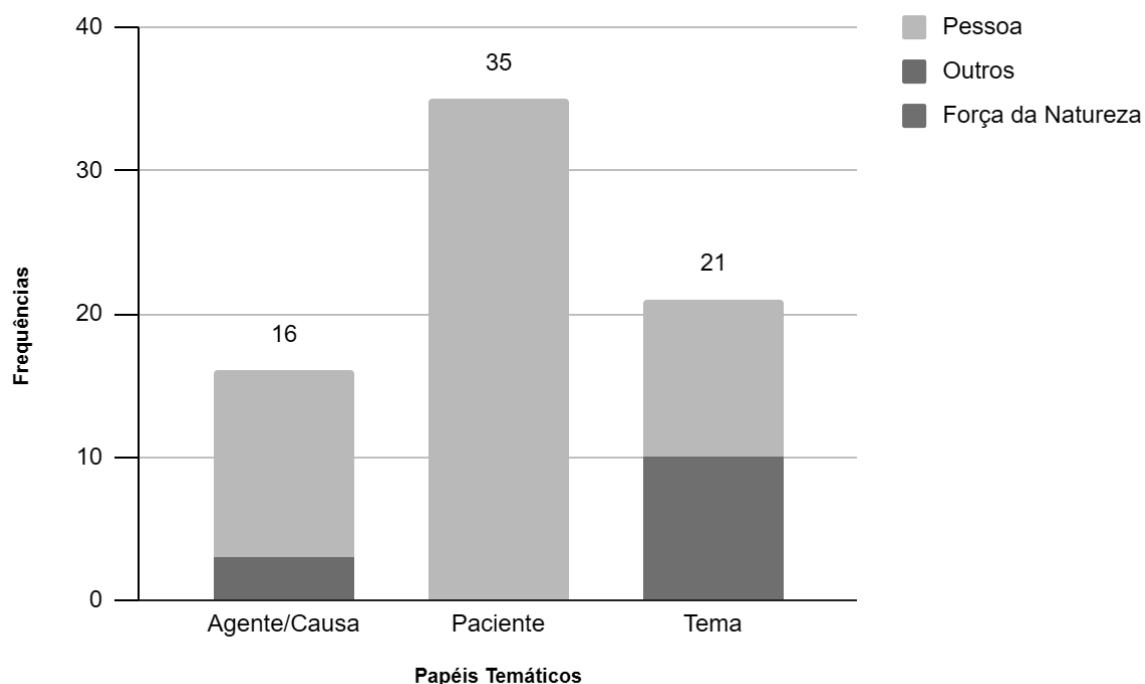
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 58 – Frequências dos níveis das variáveis Papéis Temáticos e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020



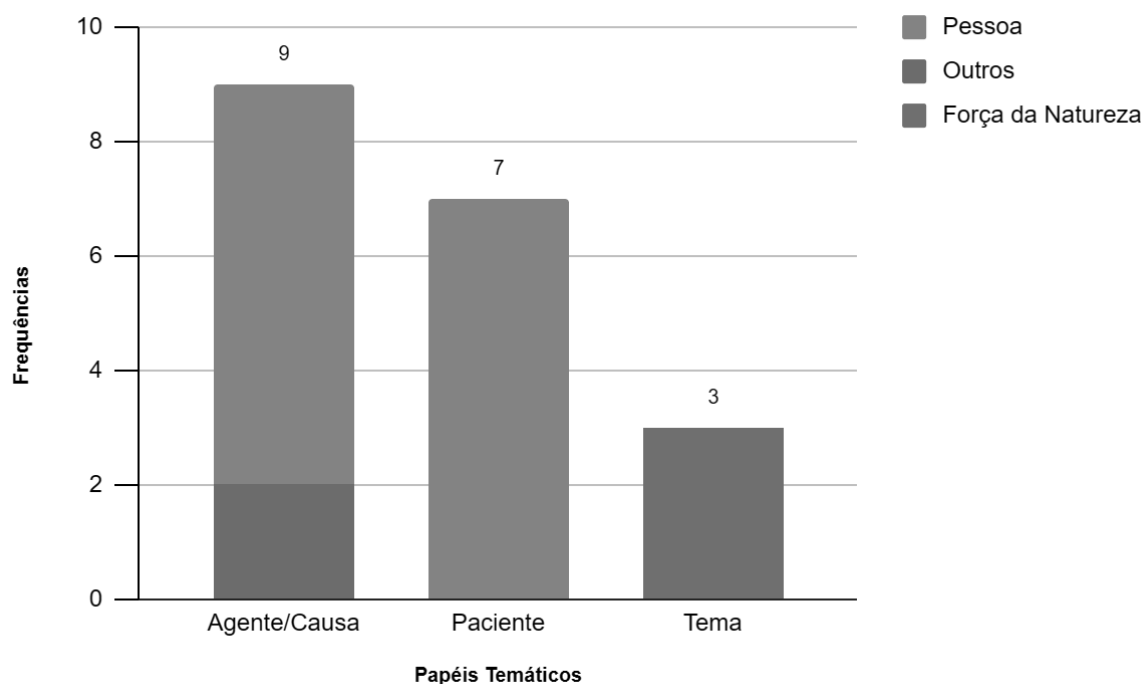
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 59 – Frequências dos níveis das variáveis Papéis Temáticos e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021



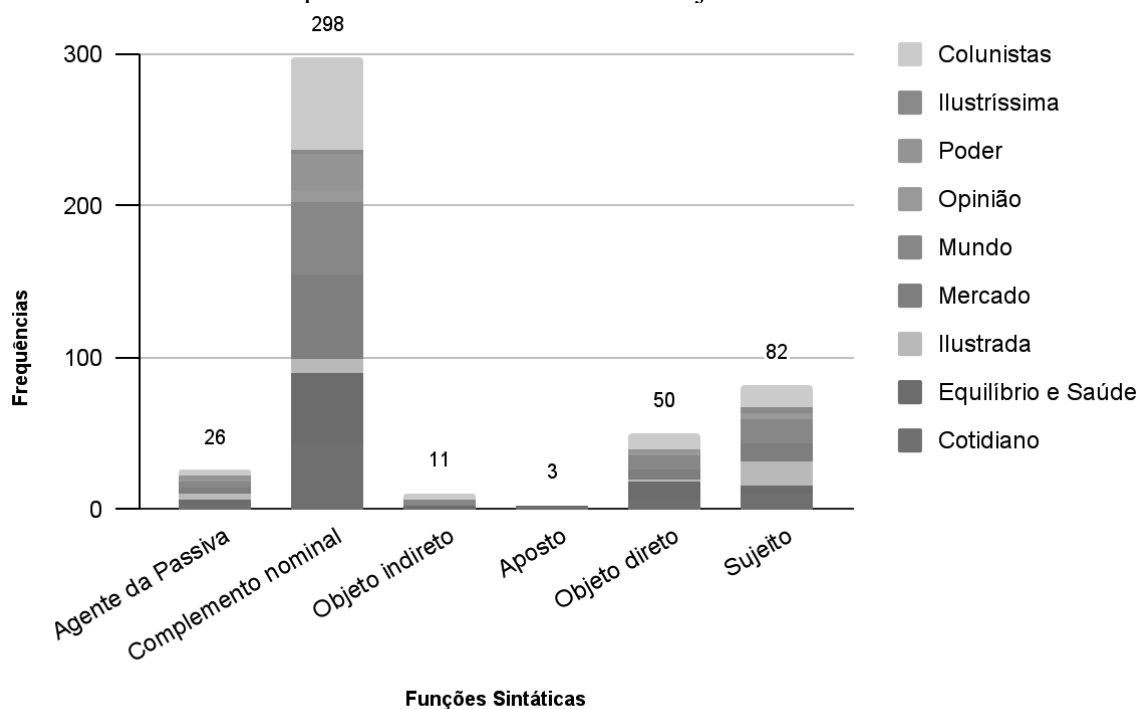
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 60 – Frequências dos níveis das variáveis Papéis Temáticos e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022



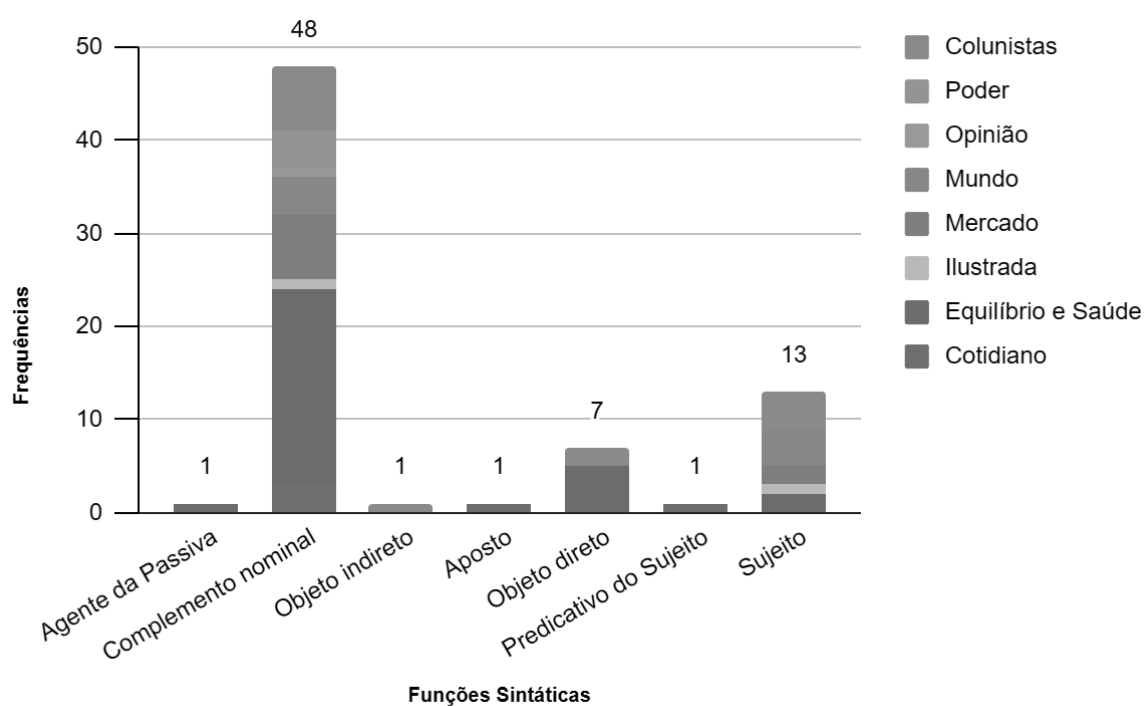
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 61 – Frequências dos níveis das variáveis Funções Sintáticas e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020



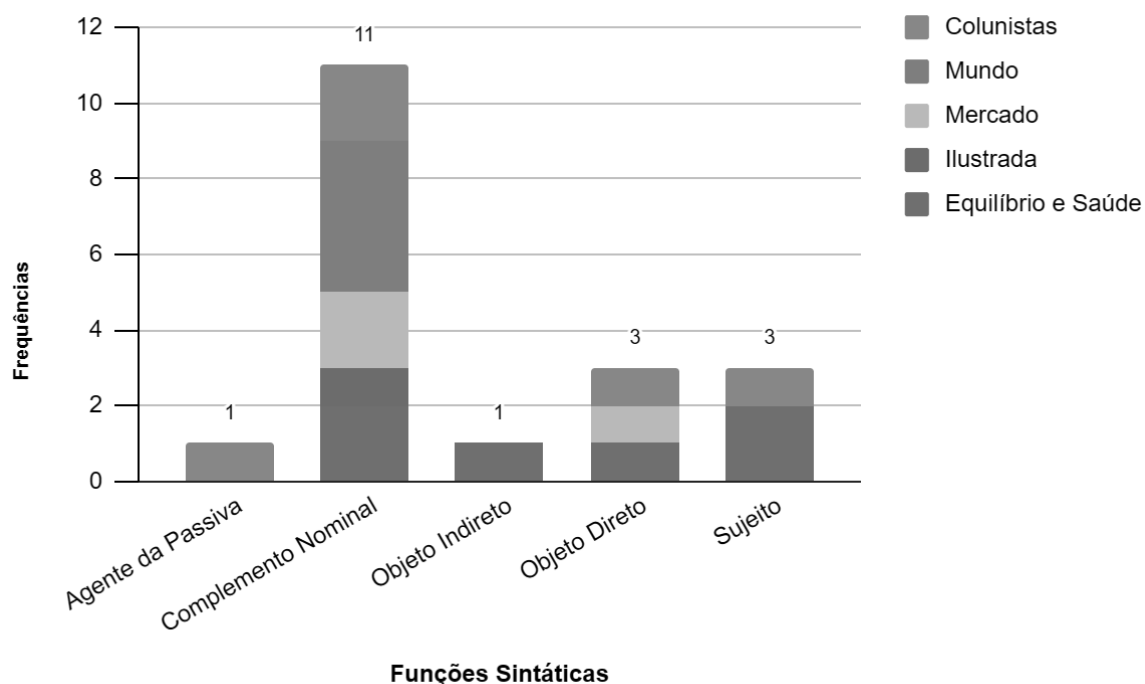
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 62 – Frequências dos níveis das variáveis Funções Sintáticas e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021



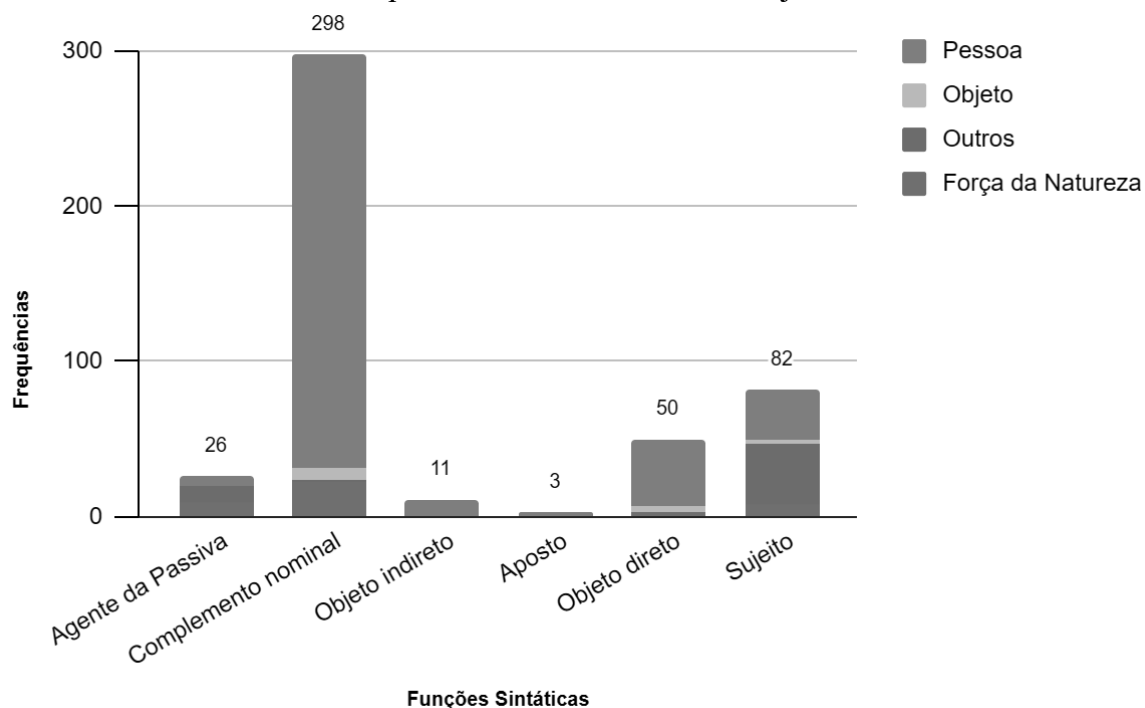
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 63 – Frequências dos níveis das variáveis Funções Sintáticas e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022



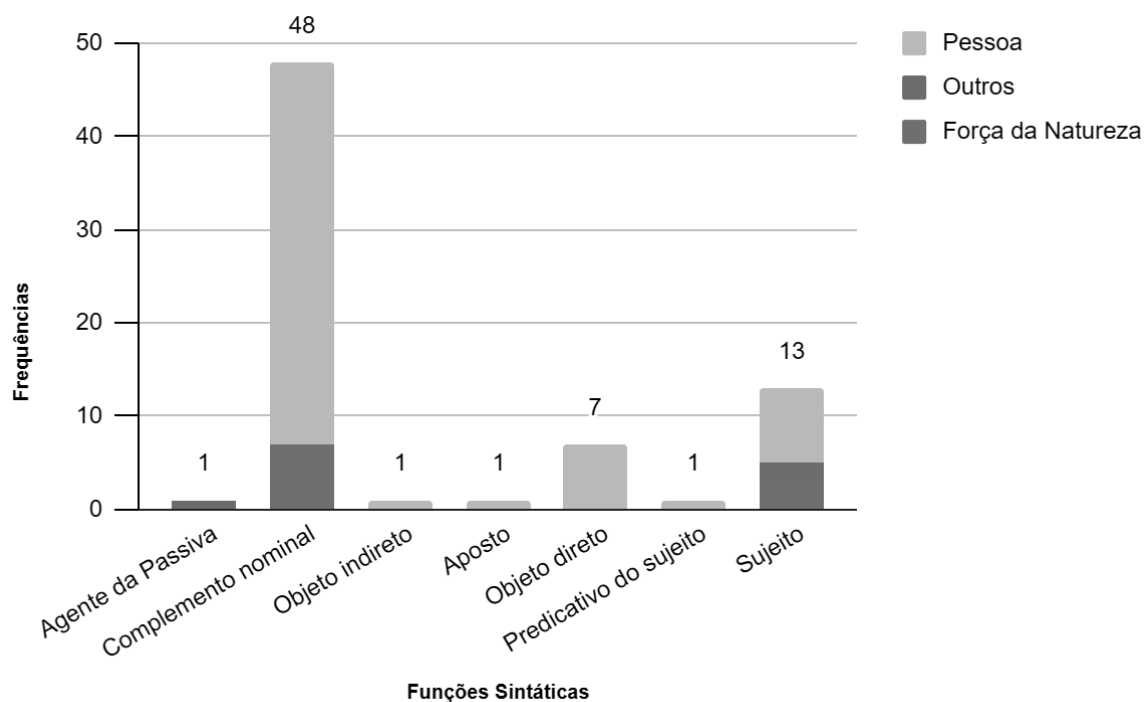
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 64 – Frequências dos níveis das variáveis Funções Sintáticas e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020



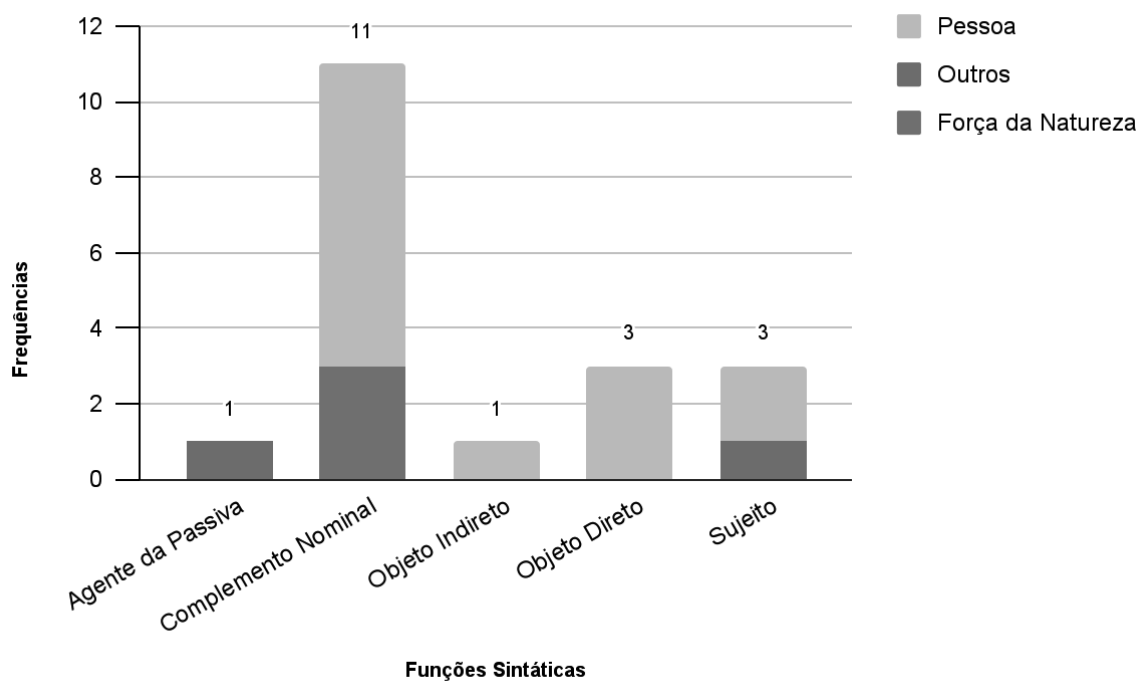
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 65 – Frequências dos níveis das variáveis Funções Sintáticas e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021



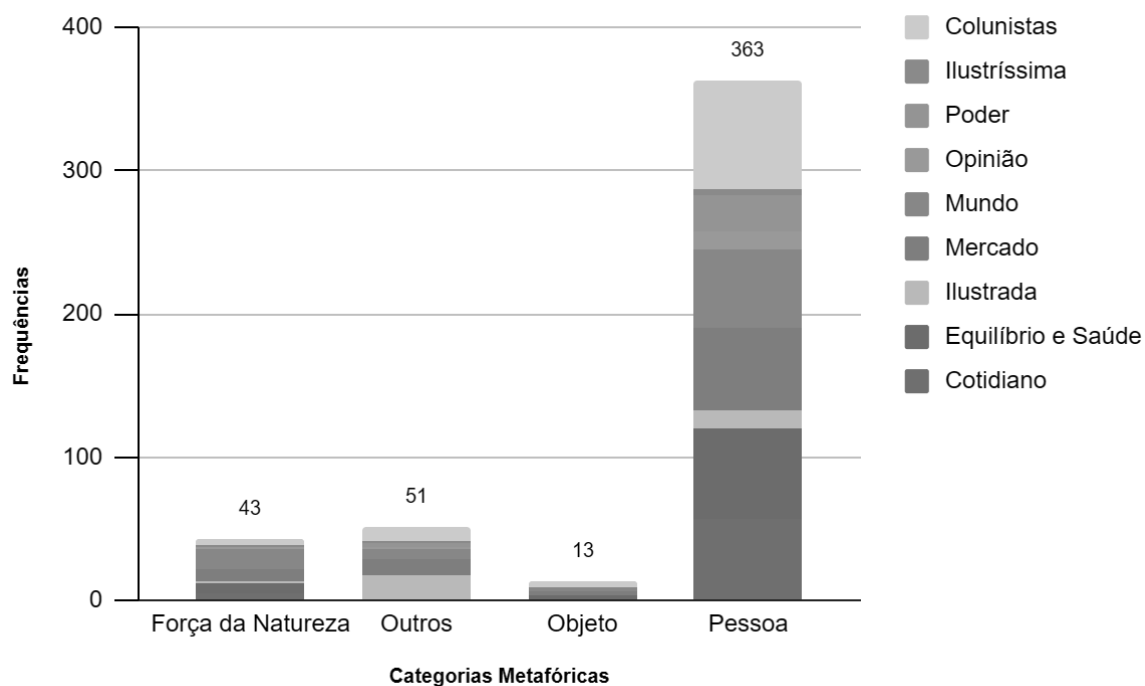
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 66 – Frequências dos níveis das variáveis Funções Sintáticas e Categorias Metafóricas no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022



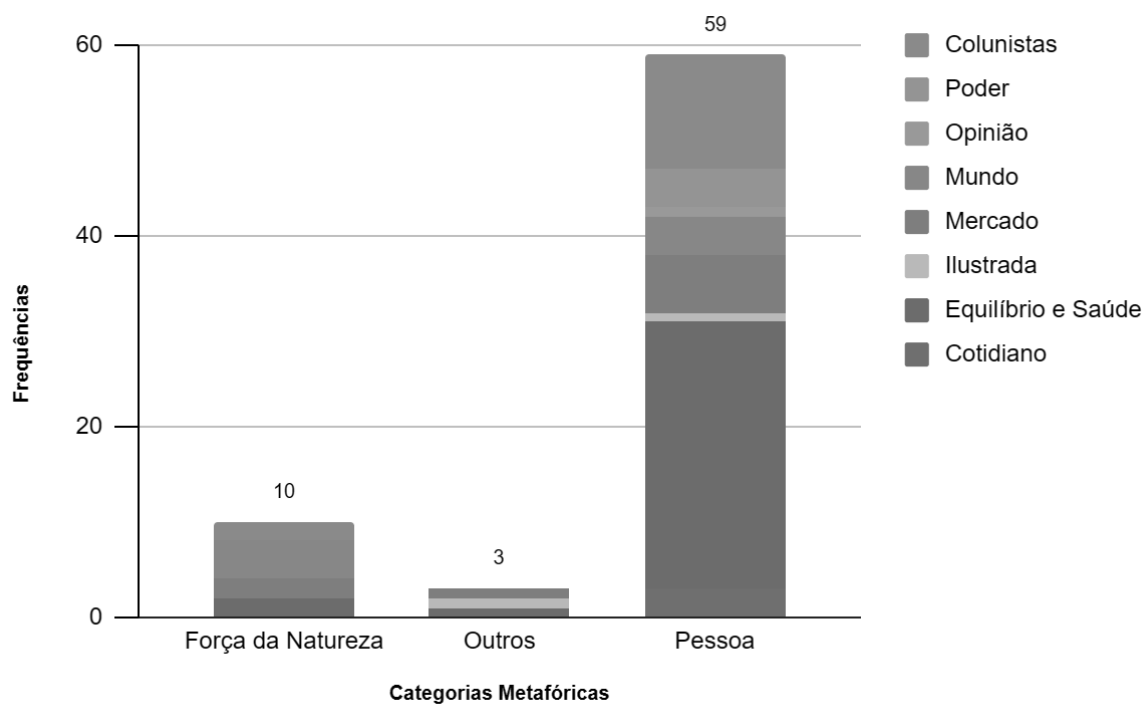
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 67 – Frequências dos níveis das variáveis Categorias Metafóricas e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2020



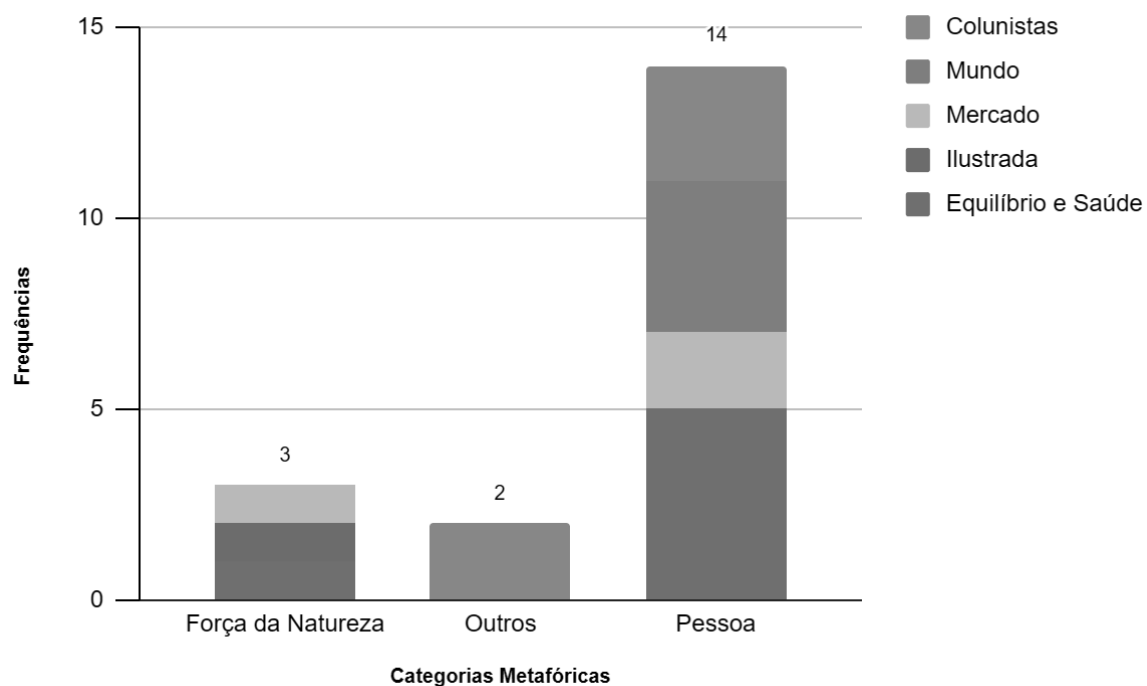
Fonte: a autora (2024).

Gráfico 68 – Frequências dos níveis das variáveis Categorias Metafóricas e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2021



Fonte: a autora (2024).

Gráfico 69 – Frequências dos níveis das variáveis Categorias Metafóricas e Categorias do Jornal no período de 10 de maio a 10 de junho de 2022



Fonte: a autora (2024).